



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL DE FILOSOFIA**



**NÍVIA MARIA ROCHA DUTRA**

**DO CONHECE-TE A TI MESMO À PARRESÍA: O ENSINO DE FILOSOFIA  
NA UNIDADE DE ENSINO BÁSICA CÔNEGO NESTOR CUNHA EM SANTA  
QUITÉRIA DO MARANHÃO**

**SÃO LUÍS - MA**

**2024**

**NÍVIA MARIA ROCHA DUTRA**

**DO CONHECE-TE A TI MESMO À PARRESÍA: O ENSINO DE FILOSOFIA  
NA UNIDADE DE ENSINO BÁSICA CÔNEGO NESTOR CUNHA EM SANTA  
QUITÉRIA DO MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PROF-FILO, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia

Orientadora: Dra. Marly Cutrim de Menezes

**SÃO LUÍS - MA**

**2024**

**NÍVIA MARIA ROCHA DUTRA**

**DO CONHECE-TE A TI MESMO À PARRESÍA: O ENSINO DE FILOSOFIA  
NA UNIDADE DE ENSINO BÁSICA CÔNEGO NESTOR CUNHA EM SANTA  
QUITÉRIA DO MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PROF-FILO, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia

Orientadora: Dra. Marly Cutrim de Menezes

Aprovado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Marly Cutrim de Menezes

Universidade Federal do Maranhão – (PROF-FILO - UFMA)

---

Prof. Dr. Acildo Leite

Universidade Federal do Maranhão – (PROF-FILO - UFMA)

---

Prof. Dr. Aldir Carvalho Filho

Universidade Federal do Maranhão – (UFMA)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rocha Dutra, Nívia Maria.

DO CONHECE-TE A TI MESMO À PARRESÍA : o ENSINO DE  
FILOSOFIA NA UNIDADE DE ENSINO BÁSICA CÔNEGO NESTOR CUNHA  
EM SANTA QUITÉRIA DO MARANHÃO / Nívia Maria Rocha Dutra. -  
2024.

209 p.

Coorientador(a) 1: Acildo Leite.

Coorientador(a) 2: Aldir Carvalho Filho.

Orientador(a): Marly Cutrim de Menezes.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em  
Rede - Mestrado Profissional em Filosofia/cch,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luis, 2024.

1. Conhece-te A Ti Mesmo. 2. Parresía. 3.  
Autoconhecimento. 4. . 5. . I. Carvalho Filho, Aldir.  
II. Cutrim de Menezes, Marly. III. Leite, Acildo. IV.

“É absurdo ignorar a si mesmo quando se aspira a  
conhecer tudo o mais” - Fedro

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus. Aos meus pais, Raimunda Chaves Rocha uma mulher cheia de sabedoria que enfrentou tudo e todos para educar seus filhos e Antonio Santos Dutra.

Aos meus irmãos e sobrinhos especialmente Flávio Dutra Fernandes que fez as correções deste trabalho.

A Marly Cutrim minha querida orientadora.

## RESUMO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa e participante, tem como objetivo analisar as relações entre o ensino de Filosofia no 9º ano do ensino fundamental e o processo de autoconhecimento dos adolescentes. Fundamentada na filosofia socrático-platônica, especialmente no conceito *Conhece-te a ti mesmo*, e na análise crítica de Michel Foucault, com ênfase no conceito de *parresía*, a pesquisa investiga como o ensino de Filosofia pode promover o autoconhecimento dos educandos, valorizando uma educação centrada no sujeito do conhecimento. A pesquisa se baseia na experiência prática dos *Círculos Filosóficos* realizados no município de Santa Quitéria do Maranhão, inspirados nos círculos de cultura de Paulo Freire e no método socrático. Esses círculos criam um espaço dialógico onde os adolescentes são incentivados a problematizar suas próprias vivências e a se reconhecerem como sujeitos ativos na construção de suas histórias e identidades. Na UEB Cônego Nestor Cunha, o ensino de Filosofia é estruturado por duas abordagens centrais: o autoconhecimento socrático-platônico, trabalhado por meio de técnicas de si, e a compreensão crítica proposta por Foucault, que explora como os indivíduos são determinados historicamente. Por meio dessas práticas, os adolescentes são convidados a exercitar a autorreflexão, a meditação, o registro escrito da meditação em diários filosóficos, bem como questionar suas experiências e ressignificar suas narrativas, o que favorece um processo de emancipação pessoal e desenvolvimento crítico. Esta investigação busca, portanto, contribuir para a construção de um ensino de Filosofia que não só valorize o autoconhecimento como também promova o empoderamento dos jovens e sua transformação em sujeitos éticos, capacitando-os como agentes ativos de suas histórias e transformações sociais

**Palavras-chave:** Conhece-te a ti mesmo; parresía; autoconhecimento.

## ABSTRACT

This qualitative and participatory research aims to analyze the relationships between the teaching of Philosophy in the 9th grade of elementary school and the process of self-knowledge among adolescents. Grounded in Socratic-Platonic philosophy, especially in the concept of *Know thyself*, and in the critical analysis of Michel Foucault, with an emphasis on the concept of *parrhesia*, the research investigates how the teaching of Philosophy can promote students' self-knowledge, valuing an education focused on the subject of knowledge. Adolescence, a phase marked by identity formation and existential crises, is often neglected by an educational model that prioritizes the object of knowledge over the development of a deep understanding of oneself. This neglect can result in adolescents becoming distanced from themselves and the world, compromising their sense of belonging and their social relationships. Philosophy, when integrated into the educational context, can offer a transformative response, enabling adolescents to expand their ability to critically interpret both their personal histories and the world around them, fostering a reflective outlook on their own existence. The research is based on the practical experience of the Philosophical Circles held in the municipality of Santa Quitéria do Maranhão, inspired by Paulo Freire's circles of culture and the Socratic method. These circles create a dialogical space where adolescents are encouraged to question their own experiences and to recognize themselves as active subjects in the construction of their stories and identities. At UEB Cônego Nestor Cunha, the teaching of Philosophy is structured around two central approaches: Socratic-Platonic self-knowledge, developed through techniques of the self, and Foucault's critical understanding, which explores how individuals are historically determined. Through these practices, adolescents are invited to engage in self-reflection, question their experiences, and reframe their narratives, fostering a process of personal emancipation and critical development. This investigation, therefore, seeks to contribute to the construction of a Philosophy curriculum that not only values self-knowledge but also promotes the empowerment of young people, enabling them to become active agents in their personal histories and social transformations.

**Keywords:** Know Thyself; Parrhesia; self-knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da cidade Santa Quitéria do Maranhão.....	113
Figura 2 - Unidade de Ensino Básica Cônego Nestor Cunha .....	113
Figura 3 - Percentuais da questão 1 (pré-intervenção) .....	122
Figura 4 - Percentuais da questão 2 (pré-intervenção) .....	124
Figura 5 - Percentuais da questão 3 (pré-intervenção) .....	126
Figura 6 - Percentuais da questão 4 (pré-intervenção) .....	128
Figura 7 - Percentuais da questão 5 (pré-intervenção) .....	130
Figura 8 - Círculo Filosófico na U.E.B. Cônego Nestor Cunha .....	137
Figura 9 - Percentuais da questão 2 (1º círculo) .....	140
Figura 10 - Percentuais da questão 3 (1º círculo) .....	143
Figura 11 - Percentuais da questão 4 (1º círculo) .....	147
Figura 12 - Percentuais da questão 1 (2º círculo) .....	151
Figura 13 - Percentuais da questão 2 (2º círculo) .....	154
Figura 14 - Percentuais da questão 3 (2º círculo) .....	156
Figura 15 - Percentuais da questão 1 (3º círculo) .....	161
Figura 16 - Percentuais da questão 2 (3º círculo) .....	162
Figura 17 - Percentuais da questão 3 (3º círculo) .....	165
Figura 18 - Percentuais da questão 1 (4º círculo) .....	169
Figura 19 - Percentuais da questão 2 (4º círculo) .....	174

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Respostas da questão 1 - pré-intervenção.....	122
Quadro 2 - Respostas da questão 2 - pré-intervenção.....	124
Quadro 3 - Respostas da questão 3 - pré-intervenção.....	126
Quadro 4 - Respostas da questão 4 - pré-intervenção.....	128
Quadro 5 - Respostas da questão 5 - pré-intervenção.....	130
Quadro 6 - Respostas da questão 1 - 1º círculo.....	138
Quadro 7 - Respostas da questão 2 - 1º círculo.....	140
Quadro 8 - Respostas da questão 2 - 1º círculo.....	141
Quadro 9 - Respostas da questão 3 - 1º círculo.....	143
Quadro 10 - Respostas da questão 3 - 1º círculo.....	145
Quadro 11 - Respostas da questão 3 - 1º círculo.....	146
Quadro 12 - Respostas da questão 4 - 1º círculo.....	147
Quadro 13 - Respostas da questão 1 - 2º círculo.....	151
Quadro 14 - Respostas da questão 2 - 2º círculo.....	154
Quadro 15 - Respostas da questão 3 - 2º círculo.....	157
Quadro 16 - Respostas da questão 1 - 3º círculo.....	161
Quadro 17 - Respostas da questão 2 - 3º círculo.....	162
Quadro 18 - Respostas da questão 2 - 3º círculo.....	164
Quadro 19 - Respostas da questão 3 - 3º círculo.....	165
Quadro 20 - Respostas da questão 3 - 3º círculo.....	167
Quadro 21 - Respostas da questão 1 - 4º círculo.....	170
Quadro 22 - Respostas da questão 1 - 4º círculo.....	172
Quadro 23 - Respostas da questão 2 - 4º círculo.....	174
Quadro 24 - Respostas da questão 2 - 4º círculo.....	177
Quadro 25 - Respostas da questão 2 - 4º círculo.....	178
Quadro 26 - Respostas da questão 3 - 4º círculo.....	179

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 A FILOSOFIA DO CONHECE-TE A TI MESMO: De Sócrates a Foucault</b> .....	19
2.1 Sócrates e sua busca pelo conhece-te a ti mesmo .....	20
2.2 Conhece-te a ti mesmo é autoconhecimento? .....	27
2.3 Foucault e a Jornada do Autoconhecimento: Do Gnôthi Seautón à Parresía .....	29
<b>3 A JORNADA DO ENSINO DA FILOSOFIA: Origens na Grécia e no Brasil</b> .....	60
3.1 Desvendando as Raízes: O Ensino da Filosofia na Grécia Antiga como Jornada Rumo ao Autoconhecimento .....	62
3.2 O Ensino de Filosofia no Brasil: Da Alienação ao Empoderamento do Autoconhecimento .....	79
3.3 O nascimento do ensino da filosofia na pedagogia socrática como diálogo, pergunta e autoconhecimento.....	95
<b>4 O AUTOCONHECIMENTO NO CÍRCULO FILOSÓFICO NA U.E.B. CÔNEGO NESTOR CUNHA: Pesquisa participante e análise de dados</b> .....	111
4.1 Caracterização do campo de pesquisa .....	112
4.2 Filosofia como Componente Curricular na UEB Cônego Nestor Cunha .....	116
4.3 Perfil dos participantes da pesquisa: Uma análise detalhada.....	117
4.4 Explorando o eu adolescente: Reflexões sobre o autoconhecimento no Círculo Filosófico. ....	120
4.4.1 Questionário de pré-intervenção .....	121
4.4.2 O Círculo Filosófico .....	133
4.4.2.1 1º Círculo Filosófico .....	138
4.4.2.2 2º Círculo Filosófico .....	149
<b>3º círculo</b>	
4.4.2.4 4º Círculo Filosófico .....	168
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	182
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	198
<b>ANEXO A:</b> Sócrates e o autoconhecimento .....	202
<b>ANEXO B:</b> Sócrates e a meditação .....	203
<b>ANEXO C:</b> O diário de Marco Aurélio: Uma jornada de autoconhecimento .....	204
<b>ANEXO D:</b> Identidade e história .....	206
<b>ANEXO E:</b> Solicitação de autorização para pesquisa – Secretaria Municipal de Santa Quitéria .....	207
<b>ANEXO F:</b> Solicitação de autorização para pesquisa – U.E.B. Cônego Nestor Cunha ...	208

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como propósito, a reflexão sobre um modelo de ensino de filosofia que abrace e promova o processo de autoconhecimento, baseando-se na filosofia Socrático-platônica e sua metodologia dialógica bem como na filosofia de Michel Foucault. A intenção é estabelecê-la como um alicerce, tanto no âmbito filosófico quanto pedagógico, visando enriquecer a conexão entre o indivíduo e o pensamento<sup>1</sup>. O principal objetivo, é reajustar os diálogos filosóficos com adolescentes que estão nos estágios finais do ensino fundamental, visando aprimorar sua experiência educacional.

Para o alcance dessa meta, o primeiro capítulo deste estudo aborda três elementos essenciais. Inicialmente, investiga-se o axioma délfico: *Conhece-te a ti mesmo*, como um método primordial na jornada em busca do autoconhecimento. Surge nesse momento, a figura do jovem Sócrates, imerso em sua busca incessante pela compreensão de si mesmo. Como segundo elemento essa busca é debatida por pensadores contemporâneos, cada um lançando uma luz diferente sobre sua interpretação. Paulo Ghiraldelli contesta a possibilidade de que esse preceito se refira diretamente ao autoconhecimento, enquanto Michel Foucault difere dessa perspectiva. E como terceiro elemento, Foucault identifica três instâncias em que o preceito délfico é mencionado, sendo estes associados ao autoconhecimento, os quais Foucault aborda partindo da obra *Alcebiades I* de Platão e que culmina na descoberta da teoria do cuidado de si que em Sócrates implica no *Conhece-te a ti mesmo*.

Em Foucault também analisaremos a *parresía*, conceito central no pensamento deste filósofo, e que é uma prática de dizer a verdade, caracterizada pela franqueza e coragem de quem fala. Derivado do grego antigo, onde “parrhesía” significa *dizer tudo*, esse termo assume uma importância crucial nas análises de Foucault sobre ética, política e relações de poder. Em suas obras e palestras como *A coragem da verdade; O Governo de Si e dos Outros...* Foucault explora como a *parresía* se manifesta em diferentes contextos históricos e filosóficos, desde a Grécia Antiga com Sócrates até a era moderna.

---

<sup>1</sup> A “conexão entre o indivíduo e o pensamento” refere-se à relação entre a maneira como uma pessoa pensa, reflete, questiona e compreende o mundo ao seu redor. Essa conexão é essencial para o desenvolvimento da consciência, do autoconhecimento e da capacidade de raciocínio crítico. Quando se fala em enriquecer a conexão entre o indivíduo e o pensamento no contexto do ensino de filosofia, está se destacando a importância de ajudar os alunos a desenvolverem habilidades de pensamento crítico e reflexivo, incentivando-os a explorar questões filosóficas, a questionar suposições, a considerar diferentes perspectivas e a formar suas próprias opiniões de maneira informada e fundamentada. A conexão entre o indivíduo e o pensamento envolve capacitar as pessoas a se envolverem de forma mais profunda e significativa com o processo de pensamento e reflexão, o que pode contribuir para o desenvolvimento de cidadãos mais críticos e conscientes.

Veremos como em Foucault, a *parresía* não é meramente uma questão de falar a verdade, mas envolve um risco pessoal significativo para o orador que se compromete a dizer o que considera verdadeiro, independentemente das consequências adversas que possa enfrentar. Esse ato corajoso contrasta com a retórica, que pode distorcer a verdade para agradar ou manipular. Ao analisar a *parresía*, Foucault destaca a relação entre o orador e o ouvinte, enfatizando a responsabilidade ética do primeiro e a receptividade crítica do segundo no processo de autoconhecimento do sujeito.

Assim, a *parresía* se revela não apenas como um instrumento de comunicação, mas como uma prática ética que desafia e potencialmente transforma o indivíduo, bem como as estruturas de poder. Ela exige uma atitude de integridade e autenticidade, onde o indivíduo se coloca vulnerável para expor a verdade, frequentemente em contextos de desigualdade e opressão. A investigação foucaultiana da *parresía* oferece, portanto, uma lente poderosa para entender as dinâmicas de verdade e poder, e a coragem necessária para sustentar o conhecimento de si, bem como a integridade pessoal e coletiva em face da adversidade.

Em seguida, considerando o contexto educacional e a relevância dessa abordagem para os adolescentes, surge a questão da aplicabilidade do pensamento socrático nessa realidade específica. O que será feito no segundo capítulo e terceiro capítulo, onde primeiro iremos explorar a fascinante jornada do ensino filosófico, investigando suas origens na Grécia Antiga. Analisaremos as correntes pré-socráticas, sofistas, platônicas e estoicas, culminando em uma avaliação perspicaz do cenário do ensino filosófico no Brasil. E por fim será feita a análise do ensino socrático proposto por Kohan como condição de possibilidade de um ensino de filosofia para adolescentes na idade contemporânea.

Ao abordarmos como na Grécia Antiga, o ensino de filosofia floresceu a partir da busca pela sabedoria e pelo entendimento da realidade, veremos como os pré-socráticos, com suas explorações sobre a natureza do cosmos e da existência, abriram caminho para os diálogos socráticos, que introduziram o método do questionamento e do exame crítico como ferramentas essenciais para a busca da verdade. Sócrates, por meio da célebre máxima *Conhece-te a ti mesmo*, não somente de forma pioneira, estabeleceu um enfoque no autoconhecimento, mas também lançou os fundamentos da pedagogia filosófica. As raízes dessa jornada estão firmemente plantadas nas filosofias pré-socráticas que floresceram na Grécia Antiga. Os pensadores pré-socráticos, entre eles Tales, Anaximandro, Parmênides, Heráclito, realizaram

uma exploração inovadora das origens e da natureza do cosmos e da existência, abrindo caminho para novas perspectivas.

Suas investigações, inauguraram uma busca pelo entendimento racional do mundo que estava além das explicações mitológicas. Essa abordagem racionalista lançou os alicerces para a filosofia subsequente, emergindo como uma ferramenta poderosa na busca pela compreensão da realidade.

Contudo, a busca incessante pela verdade e pelo conhecimento racional foi seguida de perto pelos sofistas, os quais introduziram uma perspectiva notavelmente contextualista e pragmática. Estes mestres da retórica e da argumentação eram especialistas no ensino de habilidades práticas destinadas a moldar o pensamento e a opinião de maneira influente.

A priorização da retórica e da persuasão, desencadeou debates intensos acerca da verdade e da moralidade, contribuindo para a evolução do pensamento crítico e na fomentação da análise reflexiva.

A filosofia de Platão, por sua vez, surgiu como uma resposta a esses complexos desafios. Na qualidade de discípulo de Sócrates, Platão além de emprestar a própria voz ao mestre, entretanto, morto pelo tribunal ateniense, estabeleceu a renomada *Academia* e forjou sua própria abordagem filosófica. Sua teoria das *Ideias* ou *Formas* bem como seu compromisso com a busca do conhecimento e sua exploração das dimensões éticas da realidade, moldaram profundamente o pensamento ocidental.

Do mesmo modo, a filosofia estoica, que como seguidora da filosofia socrática, trouxe à tona outra dimensão valiosa originada na Grécia, mas também influente em Roma, destacou a autodisciplina, o autocontrole emocional e a aceitação das circunstâncias da vida como vias para a sabedoria e a tranquilidade interior. Os estoicos como Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio, desenvolveram uma filosofia prática que enfatizava a virtude, a ética e o alinhamento com o autoconhecimento.

Após examinar as diversas correntes filosóficas que contribuíram para moldar o ensino de filosofia ao longo do duradouro legado da tradição ocidental, investigaremos sua influência no percurso do ensino da filosofia no Brasil, à medida que os colonizadores europeus desembarcaram por aqui com ideias filosóficas, que inicialmente negligenciaram as perspectivas indígenas e africanas.

Ao longo dos séculos, a filosofia no Brasil adotou diversas formas, permeadas por correntes de pensamento europeias e por contextos políticos e sociais particulares. No entanto,

foi apenas com a consolidação do sistema educacional brasileiro no século XIX que essa busca pelo entendimento se integrou plenamente ao currículo acadêmico. A disciplina começou a ser ministrada em instituições de ensino superior e, gradualmente nas escolas de ensino médio. A maneira como a disciplina tem sido ensinada e compreendida no Brasil tem evoluído ao longo do tempo, refletindo as transformações na sociedade, na política e na própria concepção da área de estudo.

Assim, a trajetória do ensino da filosofia, com suas raízes na Grécia e sua evolução complexa no Brasil, continua a moldar nossa compreensão do pensamento humano e a influenciar a maneira como encaramos as questões fundamentais da vida e do conhecimento. Esse percurso é um convite para a exploração intelectual, a autoconsciência e a busca incessante pela verdade de si – um caminho que nos conecta ao passado, ao presente e ao futuro, enriquecendo nossa visão do ensino da filosofia e sua relação com o mundo, a sociedade e nós mesmos.

Por fim, para aprofundar o estudo da filosofia e suas origens a partir da abordagem socrática, recorreremos a obra “Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar”, escrita por Walter Kohan (2009). De maneira perspicaz, buscamos explorar a intrincada relação entre a disciplina filosófica, o ensino socrático e a prática educativa. Com o autor analisamos o dilema inerente ao ensino da filosofia, que envolve equilibrar a transmissão do pensamento tradicional com o estímulo à reflexão crítica e autônoma por parte dos alunos. Além disso é destacada a importância não apenas de transmitir os conteúdos filosóficos, mas também de fomentar uma postura reflexiva que permita aos estudantes questionar, debater e desenvolver suas próprias perspectivas para que dessa forma, o ensino se torne um espaço dinâmico de construção do pensamento.

Kohan ressalta a limitação da abordagem tradicional no ensino de filosofia, que frequentemente relega aos educandos serem meros receptores de conhecimento, deixando de estimulá-los a explorar o vasto universo filosófico por conta própria. Em resposta a essa lacuna, o autor propõe uma transformação no enfoque pedagógico, colocando em destaque a vivência do pensamento filosófico em vez da mera memorização de conceitos. Uma das principais ênfases está na figura do professor como facilitador do diálogo filosófico, além de sublinhar a importância vital de desafiar as convicções estabelecidas, alinhando-se com a abordagem original de ensino de filosofia inaugurada por Sócrates. Essa abordagem ressalta, assim, a natureza inerentemente investigativa e crítica da disciplina filosofia. Isso capacita os alunos não

apenas a adquirirem conhecimento filosófico, mas também a vivenciarem o filosofar à medida que buscam uma compreensão mais profunda do mundo e de suas próprias identidades.

O ensino da filosofia com suas bases estabelecidas por Sócrates e seus predecessores continua a ser uma jornada dinâmica e enriquecedora que ainda ecoam nas salas de aula, com estudantes e professores mergulhando nos questionamentos filosóficos que permeiam a existência humana. No entanto, no Brasil, a disciplina principalmente no ensino fundamental precisa avançar em desafiar as mentes jovens a explorar questões de ética, cidadania, política, cultura e o autoconhecimento, como apontamos nessa pesquisa, oferecendo uma perspectiva crítica e reflexiva sobre si e sobre o mundo contemporâneo.

Com base nessa análise, a pesquisa almeja propor um resgate da filosofia socrático-platônica e da teoria de Michel Foucault através da importância intrínseca do autoconhecimento no contexto do ensino de filosofia para adolescentes. Pretende, assim, contribuir significativamente para o desenvolvimento de pensamento crítico, autoconsciente e de autodescoberta entre os jovens, capacitando-os a enfrentar desafios intelectuais e pessoais de forma mais consciente e reflexiva.

O que se pode constatar no terceiro capítulo com a pesquisa participante realizada na Unidade de Educação Básica Cônego Nestor Cunha em Santa Quitéria do Maranhão.

Nesse capítulo iniciamos com a caracterização da pesquisa como pesquisa participante seguida da caracterização do campo de pesquisa e do perfil dos participantes para enfim encerrar com a pesquisa propriamente dita na sala do 9º ano “C” matutino.

Destacamos a escolha da pesquisa participante como uma abordagem metodológica que se destaca pela integração ativa dos participantes no processo investigativo. Ao contrário dos métodos tradicionais de pesquisa, onde o pesquisador assume uma posição de observador externo, em nossa experiência, a pesquisa participante destaca uma relação colaborativa e dialógica entre a pesquisadora e os participantes, anunciando um possível ensino de filosofia proposto pelos próprios adolescentes acerca do autoconhecimento filosófico. Essa metodologia é especialmente valorizada nas ciências sociais e humanas, onde o objetivo é compreender profundamente as experiências, perspectivas e contextos das comunidades estudadas.

Apontamos como essa abordagem originada nos trabalhos de pesquisadores como Paulo Freire e Orlando Fals Borda, enfatiza a co-criação do conhecimento. Freire, em particular, sublinhou a importância da conscientização e da participação ativa das comunidades em sua própria transformação social.

A escolha desse enfoque participativo enfatiza não apenas a coleta de dados, mas também o empoderamento dos participantes, incentivando-os a refletir criticamente sobre sua realidade e a atuar para a mudança.

Apontamos na prática como a pesquisa participante envolve uma série de etapas colaborativas, que podem incluir a identificação conjunta dos problemas a serem investigados, o que fizemos através do questionário de pré-intervenção, cuja coleta de dados ocorreu de forma que a análise coletiva dos resultados influenciou todo o desenvolvimento da pesquisa.

Trabalhamos o autoconhecimento no ensino de filosofia com os adolescentes estruturando o conteúdo em quatro aulas. Os métodos de coleta de dados variaram e ocorreram na forma de questionários e da observação participante. O papel do pesquisador foi o de facilitador e mediador, trabalhando em estreita parceria com os participantes para garantir que suas vozes e experiências fossem centralizadas no processo de pesquisa.

As quatro aulas aconteceram em quatro círculos filosóficos, onde se buscou desenvolver uma prática educacional e metodológica para discutir e refletir sobre o autoconhecimento em um ambiente colaborativo e dialógico.

Nos círculos filosóficos os participantes foram incentivados a compartilhar suas perspectivas, ouvir atentamente os outros e construir coletivamente o entendimento sobre si e a influência da sociedade na formação de suas identidades.

O aspecto crucial dos círculos filosóficos foi a criação de um ambiente onde todos os educandos pudessem exercer o diálogo e a escuta com a finalidade de promover o autoconhecimento, ou seja, ajudar os participantes a explorar e compreender melhor suas próprias crenças, valores e identidades.

Na primeira aula trabalhamos o tema: Sócrates e o autoconhecimento. No qual destacamos Sócrates, como uma das figuras mais proeminentes da filosofia ocidental, amplamente reconhecido por sua dedicação à busca do autoconhecimento. Vivendo em Atenas no século V a.C., Sócrates revolucionou o pensamento filosófico com sua abordagem dialógica e seu compromisso inabalável com a investigação moral e ética. Sua célebre máxima, *Conhece-te a ti mesmo* (em grego, *Gnothi Seauton*), insculpida no templo de Apolo em Delfos, tornou-se o lema de sua filosofia, refletindo sua crença de que o autoconhecimento é fundamental para uma vida virtuosa e significativa.

Destacamos que Sócrates acreditava que o autoconhecimento era a base de todas as virtudes. Para ele, conhecer-se era compreender suas próprias limitações, ignorâncias e

potenciais. Através de seu método dialético, conhecido como método socrático ou *elenchus*, Sócrates engajava seus interlocutores em diálogos rigorosos e questionamentos profundos, desafiando suas crenças e exposições. O objetivo desse método não era simplesmente refutar ou desmascarar a ignorância dos outros, mas guiá-los a uma maior clareza e verdade interior. Nessa aula também destacamos o diálogo *Hípias Maior* que retrata a relação de amizade que Sócrates tinha consigo e a qual é fundamental no processo de autoconhecimento.

Na segunda aula, cujo tema era Sócrates e a meditação, vimos que Sócrates é conhecido por praticar *anakhóresis*, um termo que pode ser traduzido como *retirada* ou *recolhimento*. Esse conceito envolve retirar-se do mundo exterior para focar na vida interior e no autoconhecimento. Sócrates frequentemente se afastava da agitação de Atenas para meditar sobre questões filosóficas, refletindo profundamente sobre a natureza da virtude, do conhecimento e da vida boa.

A meditação, em suas muitas formas, é uma prática que visa desenvolver a atenção plena, a clareza mental e o autoconhecimento. Sócrates ensinava a importância de estar plenamente presente e consciente de si mesmo e de suas ações. Em seus diálogos, ele demonstrava uma atenção meticulosa aos detalhes e às nuances das respostas dos interlocutores, e que expressa a meditação que sempre praticava.

Vimos que Sócrates pode ser visto como um precursor da meditação filosófica. Ele utilizava a introspecção e a reflexão profunda para atingir um maior entendimento de si mesmo e do mundo. Sua abordagem meticulosa e seu compromisso com a verdade e a virtude são elementos que ressoam fortemente com as práticas meditativas. Para Sócrates, a meditação filosófica não era apenas um exercício intelectual, mas um meio de viver eticamente. Ele acreditava que o autoconhecimento era essencial para a virtude e que a reflexão profunda sobre os próprios motivos e ações levaria a uma vida mais justa e moralmente correta. E nesse sentido os adolescentes foram incentivados a praticarem a meditação filosófica como meio de autoconhecimento.

Na terceira aula trabalhamos como tema: O diário de Marco Aurélio. O imperador romano que governou de 161 a 180d.C., e que é amplamente reconhecido não apenas por suas habilidades como líder, mas também por sua profunda sabedoria filosófica. Seu legado intelectual mais duradouro é, sem dúvida, o seu diário, conhecido como *Meditações*. Este texto, escrito originalmente em grego e destinado ao seu uso pessoal, oferece uma visão rara e íntima da mente de um dos mais notáveis filósofos-estóicos da história.

Com a escrita de seu diário *Meditações* que são um testemunho de como ele aplicou os princípios estoicos para manter a serenidade e a integridade moral em meio às adversidades, incentivamos os educandos a essa prática de si afim de que estes conhecessem essa técnica de autoconhecimento

Vimos que ao contrário dos diários contemporâneos, que muitas vezes servem como registros de eventos diários ou expressões de sentimentos, as *Meditações* de Marco Aurélio são mais um conjunto de pensamentos filosóficos e exercícios espirituais. O imperador utilizava seu diário como um meio para fortalecer sua mente e seu caráter, revisitando constantemente os ensinamentos estoicos e refletindo sobre como aplicá-los em sua vida diária. Escrever era para ele um exercício de autoaperfeiçoamento. Suas reflexões não apenas iluminaram sua própria jornada de autoconhecimento, mas também continuam a inspirar milhões de pessoas ao redor do mundo a buscar a virtude e a serenidade em suas próprias vidas.

Na última aula trabalhamos o tema: Identidade e história. Baseado na teoria de Michel Foucault, um dos mais influentes filósofos do século XX, que dedicou grande parte de sua obra a explorar as complexas relações entre poder, conhecimento e identidade. Sua abordagem histórica e crítica desafia as concepções tradicionais e nos convida a refletir sobre como as estruturas sociais e discursivas moldam nossa compreensão do eu e do mundo.

Para Foucault, a história não é apenas um relato linear e objetivo dos acontecimentos passados. Em vez disso, ele vê a história como uma construção discursiva, uma narrativa que é continuamente moldada por relações de poder e práticas sociais. Como ele diz a história é a ciência das transformações, ela é sempre uma interpretação sujeita a reavaliações e mudanças conforme novas formas de conhecimento emergem e novos regimes de poder se estabelecem.

Com essa temática os adolescentes puderam se autoconhecerem na perspectiva social de como são moldados pelo neoliberalismo, de como suas identidades são produzidas, construídas e reconfiguradas ao longo do tempo.

Refletimos como Foucault argumenta que a identidade é um efeito de práticas de poder e saber no contexto da modernidade, e como ele identifica uma transformação fundamental na forma como o poder opera. Em vez de se manifestar apenas através da repressão direta, o poder moderno atua através de disciplinas que normalizam e regulam os corpos e as mentes dos indivíduos. Instituições como escolas, hospitais, prisões e fábricas funcionam como dispositivos de vigilância e controle, produzindo sujeitos que internalizam as normas sociais.

Este processo, que Foucault chama de *biopoder*, e que é essencial para a formação da identidade moderna.

Dessa forma encerramos a pesquisa explorando o autoconhecimento filosófico dos adolescentes por meio das técnicas de introspecção e reflexão baseada nas práticas de Sócrates e seus discípulos, bem como nas teorias sociais de Michel Foucault sobre a formação da identidade

## **2 A FILOSOFIA DO CONHECE-TE A TI MESMO: De Sócrates a Foucault**

A filosofia do *Conhece-te a ti mesmo* é uma expressão ancestral que remonta aos antigos gregos, sendo especificamente atribuída aos filósofos Sócrates e Platão. Embora tenham sido pronunciadas há milênios, essas palavras ainda mantêm seu significado e relevância profundamente enraizados na sociedade contemporânea. Especialmente entre os adolescentes, essa filosofia é vital, pois o autoconhecimento é uma necessidade intrínseca nessa fase da vida, crucial para a formação da identidade, já que segundo Erik Erikson, a não formação de identidade implica em uma crise que entre outras coisas pode culminar numa perda “do controle central sobre si próprio” (1972, p. 15), o que por sua vez culmina em não saber quem se é, e o que leva a uma vida sem sentido.

Sócrates, um dos precursores do pensamento ocidental, acreditava que a busca pelo autoconhecimento era o caminho para alcançar a sabedoria e uma vida significativa. A essência dessa filosofia reside em compreender quem somos, o que queremos fazer com nossas vidas, quais são nossas motivações, valores e limitações... Para Sócrates, esse processo de introspecção era essencial para tomar decisões bem fundamentadas e para cultivar uma vida virtuosa.

Transpondo esses princípios para os adolescentes contemporâneos, podemos identificar uma conexão relevante que pode ser explorada no ensino desta disciplina, especialmente no contexto da educação básica, já que a adolescência é reconhecida como um período de intensas descobertas e transformações, durante o qual os jovens estão em busca de compreender sua identidade, as relações sociais e seu papel no mundo. O *Conhece-te a ti mesmo* oferece uma abordagem possível para navegar por essa fase de mudanças tumultuadas.

Em um mundo moderno repleto de distrações digitais e pressões sociais, os adolescentes muitas vezes se veem perdidos em meio a expectativas externas e influências. A filosofia do autoconhecimento os convida a sintonizar suas vozes interiores, a questionar suas motivações

e a desenvolver um senso de autenticidade. Ao explorar suas paixões, talentos e valores, os jovens podem tomar decisões mais conscientes, alinhadas com quem são.

Além disso, o autoconhecimento também tem o potencial de fortalecer a resiliência emocional. À medida que os adolescentes aprendem a reconhecer e entender suas emoções, eles podem lidar de maneira mais saudável com os desafios e as pressões da vida. Essa autocompreensão os capacita a desenvolver habilidades para resolver conflitos, lidar com o estresse e cultivar relacionamentos mais significativos.

Portanto, assim como na época de Sócrates, o processo de autoconhecimento não é uma jornada fácil. Requer introspecção honesta, questionamento constante e uma disposição para enfrentar aspectos desconfortáveis de si mesmo. No entanto, os benefícios são profundos e duradouros, oferecendo aos adolescentes uma base sólida para o crescimento pessoal contínuo.

Contudo, a filosofia do *Conhece-te a ti mesmo* de Sócrates continua a ser um farol de sabedoria para os adolescentes contemporâneos. Ela os convida a mergulhar em seu próprio ser, a abraçar sua autenticidade e a cultivar uma vida com significado e propósito. Ao fazer isso, os jovens podem enfrentar os desafios do mundo moderno com clareza, confiança e uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor.

## **2.1 Sócrates e sua busca pelo conhece-te a ti mesmo**

Sócrates que foi considerado na Idade Contemporânea como a mais conhecida e discutida personalidade filosófica e o terceiro gênio<sup>2</sup> mais criativo entre cem personalidades mundiais de todos os tempos, deixou como seu maior legado a liberdade de consciência fruto da incessante busca pelo conhecimento de si mesmo. E apesar do seu legado figurar entre os grandes da história, essa sua grandeza está contida na vida de um homem simples que pouco difere do desenvolvimento humano dos demais. Hannah Arendt o definiu como “um pensador que tenha permanecido sempre um homem entre homens [...] um cidadão entre cidadãos” (2000, p.126).

Sócrates sempre foi um homem de poucos recursos, nasceu num bairro suburbano de Atenas em 470-469<sup>3</sup> a.C, filho do escultor Sofronisco e da parteira Fenareta. Apesar de sua pobreza, sua maior preocupação não foi a sobrevivência ou, a busca de riqueza, pelo contrário, ele sempre desprezou a riqueza, e desde sua adolescência passou a buscar o sentido de sua

---

<sup>2</sup> BLOOM (2003)

<sup>3</sup> MONDOLFO (1972)

existência se dedicando a “escutar os homens para conhecê-los e incitá-los a conhecerem-se a si mesmos e a serem melhores” (MONDOLFO, 1972, p. 23).

Ao longo deste texto, vamos explorar a ideia de que Sócrates incentivava as pessoas a se conhecerem, pois ao longo de toda a sua vida, ele próprio se dedicou a essa busca incessante de autoconhecimento e aprimoramento pessoal.

Desde a sua infância, Sócrates foi acompanhado por um *daimonion*<sup>4</sup>, ou, gênio, o qual ele chamava de voz interior, que seria como uma espécie de consciência crítica, que sempre o guiou e que como ele disse: “Isso começou em minha infância, sendo o tipo voz” (PLATÃO, Apol. XIX, 31d), ou, uma “constante voz profética de minha divindade guardiã [...] o meu demônio, teria sido contrário, se não fosse para fazer alguma coisa de bem” (*ibidem*, XXXI, 40c). Esse *daimonion* ou demônio, ou “divindade” como consta em Xenofonte (2009, p. 59), ou consciência moral segundo Hannah Arendt (2000), o conduziu também em sua juventude ao caminho da filosofia.

E como um adolescente que busca o sentido da vida, procura compreender quem é e qual é o seu lugar no mundo, “Sócrates se fez devoto do deus do 'Templo' de Apolo e, portanto, da célebre inscrição *conhece-te a ti mesmo*”, tal como afirmou Foucault (2006, p. 212), e disse mais, que “é pelo preceito ‘conhece-te a ti mesmo’ que Sócrates se encaminhou para a filosofia” (*ibidem*), ou conforme Ghirdelli, “Investigar a vida e, por fim, a própria vida, nada mais é do

---

<sup>4</sup> Segundo o professor Dr. Aldir Carvalho Filho (UFMA): A crença em espíritos sobrenaturais um pouco menos antropomorfizados do que os Olímpicos é uma característica muito recuada da religião popular grega; um certo *daimon* está ligado a uma pessoa ao nascer e determina, para o bem ou para o mal, o seu destino (confrontar a palavra grega para felicidade, *eudaimonia*, que tem um bom *daimon*). Heráclito protestou contra esta crença, mas sem grande feito. Na concepção xamanística da *psyche*, *daimon* é um outro nome para a alma, refletindo provavelmente as suas origens divinas e poderes extraordinários. Sócrates está, pelo menos parcialmente, dentro da tradição religiosa arcaica quando fala do seu “algo divino” (*daimonion* *ti*) que o aconselha a evitar certas ações; a sua operação é consideravelmente mais vasta no relato de Xenofonte nas *Mem.* I, 1,4; notável é o uso constante que Sócrates faz da forma impessoal da palavra ou do sinônimo “sinal divino”, talvez a ligeira correção do racionalista daquilo que era uma crença popular contemporânea na adivinhação, mensagens de sonhos divinos, profecias etc., uma crença que Sócrates compartilhava. É provavelmente um erro pensar que Sócrates ou os seus contemporâneos distinguíssem com muito cuidado *daimon* de *theion*, visto que a defesa socrática contra o ateísmo no Apol. 27d, assenta num argumento de que acreditar nos *daimones* é acreditar nos deuses. A ideia do *daimon* como uma espécie de “anjo da guarda” ainda é visível em Platão (*Rep.* 620d), embora uma tentativa de fuga ao fatalismo implícito na crença popular pelo fato das almas individuais escolherem já o seu próprio *daimon* (*Rep.* 617e). Se este *daimon* individual está ou não dentro de nós foi muito discutido na filosofia posterior. Mas uma outra noção, a do *daimon* como uma figura intermédia entre os Olímpicos e os mortais, está também presente em Platão. Os verdadeiros deuses habitavam o *aither* enquanto os *daimones* menores habitavam o *aer* inferior e exerciam uma providência direta sobre as ações dos homens. Plutarco tem uma demonologia altamente desenvolvida, e com o seu típico conservantismo religioso ele delineia o culto desses intermediários recuando até às fontes oriental e grega primitiva. PETERS, F. E. *Termos Filosóficos Gregos: Um Léxico Histórico*. Tradução Beatriz Rodrigues Barbosa. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, 1983.

que o filosofar de Sócrates” (2022, p. 121). Sócrates também foi influenciado pelas relações que manteve em sua juventude.

Com as mais notáveis inteligências da sua época: os músicos Dámon e Connos; o pintor Parrásio; Eurípedes [...] também parece ter relações com Aspásia e todo o círculo de Péricles e muitos outros personagens preeminentes [como também] Arquelau, discípulo de Anaxágoras [...] os antigos filósofos...” (MONDOLFO, 1972, p. 20 - 21).

Sócrates além de ter sido discípulo de Anaxágoras, também teve contato em sua mocidade com Parmênides<sup>5</sup>, pois “a sua paixão juvenil [foi] por conhecer a ciência física e por encontrar uma solução para os problemas naturais que o atormentavam” (*ibidem*, p. 21). Em verdade ele queria entender sua existência e a existência de todas as coisas, como consta no Fédon:

Em minha mocidade senti-me apaixonado por esse gênero de estudos a que dão o nome de *exame da natureza*; parecia-me admirável, com efeito, conhecer a causa de tudo, saber por que tudo vem a existência, por que perece e por que existe. [...] Enfim, e para dizer tudo, não sei absolutamente como qualquer coisa tem origem, desaparece ou existe, segundo este procedimento metodológico. (PLATÃO, Fédon, 96b-d)

Entretanto, a filosofia pré-socrática deixou Sócrates insatisfeito, uma vez que não conseguiu satisfazer suas indagações. Pode-se considerar isso como a primeira frustração de Sócrates, pois os filósofos pré-socráticos, ao concentrarem-se apenas na explicação do cosmos, situado além do alcance humano, negligenciaram o conhecimento de si mesmo, que é imanente e essencial. Xenofonte ilustra esse ponto ao afirmar que Sócrates.

Não discutia como o faz a maior parte dos outros, sobre a natureza do universo, examinando o funcionamento dessa entidade a que os sábios chamam cosmos ou sobre quais as leis que presidem a cada um dos fenômenos celestes. Pelo contrário, apresentava como loucos esses que se perdiam em tais pensamentos. (XENOFONTE, Mem., I, 11-12)

Depois de desapontar-se com os quais ele chamava de “os loucos”, Sócrates vai encontrar em Anaxágoras as respostas que buscava tanto em relação às questões que intrigaram os filósofos da natureza como as que o intrigava em sua juventude. Isso se deve ao fato de que Anaxágoras afirmava que “o espírito é o ordenador e a causa de todas as coisas” (PLATÃO, 97c), o que trouxe grande satisfação a Sócrates. Ele começou a compreender que, para descobrir

---

<sup>5</sup> (PLATÃO, Sofista, 217c)

a causa de tudo, seja o nascimento, a morte ou a existência de algo, era necessário investigar a melhor maneira de como as coisas acontecem ou agem (*ibidem*).

Movido por essa compreensão, Sócrates devorou avidamente todas as obras de Anaxágoras em busca dessa resposta essencial. No entanto, ele também se decepcionou com o pensador, assim como havia se frustrado com os outros filósofos da natureza. Anaxágoras, assim como seus colegas, não conseguia fundamentar sua teoria de maneira satisfatória, pois, embora afirmasse que o espírito era a causa de todas as ações, falhava em conectar de maneira clara essa causa espiritual com a explicação das ações em si.

E, apesar de não ter encontrado as respostas que procurava com a filosofia naturalista, nem com Anaxágoras, Sócrates vai encontrar em parte, na “concepção mística dos órficos e dos pitagóricos” (MONDOLFO, 1972, p. 82), principalmente no que se refere a concepção dualista do ser humano. Pois para estes o homem é composto de corpo e alma (*psyché*) e a vida neste mundo seria apenas uma preparação e purificação para a alma imortal.

O encontro com o orfismo-pitagórico marcou profundamente a vida de Sócrates. Pois, a compreensão de que o ser humano possui uma alma de origem divina e que sendo imortal no plano mortal deve purificar-se para alcançar a imortalidade, será a resposta de sua busca consagrada no conhece-te a ti mesmo, e a qual se transformará em sua filosofia segundo Mondolfo:

No despertar da consciência que a filosofia alcança com Sócrates no exercício de sua tarefa de purificação espiritual e que se afirma com o ditame do oráculo de Delfos: – Conhece-te a ti mesmo. Porém não já no sentido original – “sabes que és mortal e que não deves pensar coisas divinas” – *mas ao contrário, em um sentido procedente das crenças órfico-pitagóricas: “sabes que tens uma alma divina e deves purificá-la de tudo que é indigno da sua natureza e da sua tarefa.* (MONDOLFO, 1972, p. 50)

Sócrates, um buscador incansável do autoconhecimento que utilizou a filosofia como sua ferramenta principal, definiu-a como um meio de purificação da alma. Para ele, quanto mais uma pessoa se dedica à filosofia, mais se aproxima de sua própria essência, purifica-se e, conseqüentemente, aprofunda o conhecimento de si. Assim, ele transformou a filosofia em sua missão de vida e seu objetivo era duplo: melhorar a si mesmo e, ao mesmo tempo, contribuir para o aprimoramento dos outros, como podemos constatar em Platão:

Enquanto tiver alento e capacidade, não deixarei de filosofar e de exortar a qualquer um de vós [...] outra coisa não faço, senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com riquezas, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma, insistindo em que a virtude

não é dada pelo dinheiro, mas o inverso: da virtude é que provém a riqueza e os bens humanos em universal, assim públicos, como particulares [...] ficai certos de que jamais procederei de outra maneira, ainda que tenha de morrer mil vezes. (PLATÃO, Apol., 30b-c)

A jornada de Sócrates em busca do autoconhecimento culminou em uma profunda identificação com a filosofia. Essa conexão fica evidente ao observarmos sua compreensão de si mesmo, uma compreensão que ele não apenas alcançou durante sua vida, mas também compartilhou com outros, guiando-os em sua própria busca através da filosofia, como demonstrado em seu diálogo no “Fedro” (1975).

Nesse diálogo, Sócrates revela que dedicou todo o seu tempo à investigação de si próprio e se comprometeu a destacar a importância da transformação pessoal que a filosofia é capaz de operar na alma humana. Dessa forma, ele não apenas se tornou um exemplo vivo de autoconhecimento, mas também um guia inspirador para aqueles que buscavam entender a si mesmos e aprofundar sua relação com a filosofia.

O conhecimento de si que Sócrates alcançou e que passou a direcionar toda sua filosofia, reflete exatamente a compreensão que ele passou a ter de si mesmo ao investigar a vida e, enfim, a própria vida<sup>6</sup>. Foucault dirá que “Sócrates é o homem do cuidado que também funda a filosofia como a prática do cuidado de si”<sup>7</sup>.

É possível concluir que Sócrates não só se encontrou consigo, como se realizou como pessoa humana, pois só alguém que se realiza, mostra-se satisfeito com a vida e como vive, e é assim que Xenofonte nos apresenta Sócrates tanto nas Memoráveis como na Apologia. Na primeira obra, Sócrates dizia: “Não sabes que até ao dia de hoje eu não trocaria com nenhum outro homem ter vivido melhor nem de modo mais agradável do que eu?” (XENOFONTE, Mem., IV, 6). E na segunda obra relata: “não sabes que até este momento tenho considerado que nenhum homem usufruía de uma vida melhor do que a minha?” (XENOFONTE, Apol., 5).

Como vimos, o conhece-te a ti mesmo é o princípio da filosofia socrático-platônica, a qual marca o início da segunda fase da filosofia grega, tida como a filosofia antropológica, que passa a tratar especificamente das questões relacionadas ao indivíduo. Essa nova filosofia é fundada “como prática do cuidado de si, no contexto de uma espiritualidade em que ainda vida e conhecimento, existência e ontologia estão juntas” (KOHAN, 2011, p. 73), e na qual, o modo

---

<sup>6</sup> (GHIRALDELLI, 2022, p. 121)

<sup>7</sup> (KOHAN, 2011, p. 73); (FOUCAULT, 2006, p. 11).

de filosofar seria o diálogo investigativo da própria vida, o que na modernidade foi definido como elenchus<sup>8</sup> socrático.

Nesse contexto, o modo de filosofar seria o diálogo investigativo da própria vida, um método que, na modernidade, foi definido como socrático. Portanto, essa abordagem filosófica enfatiza a introspecção e o autoexame como caminhos para o conhecimento e a compreensão da existência humana.

O *conhece-te a ti mesmo* não se limita a uma mera conscientização superficial de quem somos, mas vai mais fundo, apontando para a necessidade de compreender nossos propósitos e limitações. A crença de não possuir fraquezas é, paradoxalmente, uma das maiores barreiras, pois impede o crescimento espiritual e o progresso pessoal. A verdadeira sabedoria começa com o reconhecimento da própria ignorância e com a disposição de explorar os desafios e lacunas que escapam à falsa pretensão de sabedoria.

Sócrates nos lembra que o caminho para a verdadeira sabedoria começa com a autoconsciência e a aceitação de nossas próprias imperfeições, tal como nos diz Mondolfo:

“Conhece-te a ti mesmo” significa: adquire consciência do teu fim e das tuas faltas reais; a primeira destas, a que impede toda correção espiritual, é a crença de não ter faltas, isto é, falta de conhecimento de si mesmo e da verdade que se esconde sob a ilusão e pretensão de sabedoria. Saber que não se sabe, quer dizer, adquirir consciência dos problemas e das suas falhas que escapam à pretensa sabedoria: eis aí o primeiro resultado do exame e conhecimento de si mesmo, primeira sabedoria verdadeira. (MONDOLFO, 1972, p. 51)

Uma *tarefa de purificação*, era essa a forma da filosofia socrático-platônica, na qual Sócrates conduzia sua investigação, fazendo com que num primeiro momento seu interlocutor identificasse a própria ignorância, cujo objetivo era tomar consciência de sua condição humana, saber que não era um deus e que por isso mesmo não detinha o conhecimento verdadeiro. Daí a importância de adquirir a consciência de que não possui sabedoria, de saber que não se sabe,

---

<sup>8</sup> Elenchus, também chamado de método elenctico, é uma técnica de questionamento e argumentação socrática que visa aprofundar a compreensão, revelar contradições nos argumentos e levar a um maior autoconhecimento. O termo deriva do grego “ἐλεγχος” (elenkhos), que significa “refutação” ou “exame crítico”. O elenchus envolve perguntas e respostas cuidadosamente formuladas, onde o questionador, geralmente Sócrates, guia o interlocutor a reconhecer contradições em suas crenças. O objetivo não é derrotar o interlocutor, mas incentivá-lo a examinar suas crenças, promovendo compreensão e autocrítica. Esse método socrático é fundamental na filosofia e pedagogia, promovendo a busca pelo conhecimento, clarificação de ideias e autorreflexão. O elenchus é uma parte essencial do legado de Sócrates e ainda influencia o pensamento e a educação contemporâneos.

o que se explica pelo sentido original da inscrição de Delfos, “sabei que és mortal e que não deves pensar coisas divinas” (MONDOLFO, 1972, p. 50).

O método de Sócrates tem como objetivo afastar a opinião (doxa) em busca do conhecimento (episteme). Ele acreditava que somente quando a falsidade fosse descartada, a verdade poderia emergir. Portanto, seu método investigativo consiste em duas etapas: a ironia e a maiêutica.

O primeiro estágio do método investigativo de Sócrates, frequentemente referido como “Ironia”, envolve o processo de refutação pelo filósofo em relação ao seu interlocutor. Como mencionamos anteriormente, o objetivo aqui é revelar a ignorância do interlocutor. Esse estágio precede o segundo, conhecido como “Maiêutica”, que pode ser comparado à habilidade de partejar ideias. Da mesma forma que a mãe de Sócrates, Fenareta, atuava como parteira, auxiliando as mulheres no parto, Sócrates se via como um parteiro de ideias, ajudando os homens a darem a luz pensamentos e conceitos. Entretanto, essa assistência só se torna possível após a fase inicial de refutação na ironia, como argumentado por Mondolfo.

A refutação representa, pois, a etapa preliminar necessária para encaminhar o espírito à descoberta da verdade; somente o espírito purificado e libertado do erro pode realizar uma investigação verdadeira, desenvolvendo corretamente a sua capacidade intrínseca. A investigação torna-se então, para Sócrates, o exercício de um poder congênito que, antes de tudo, tem que ser libertado do obstáculo que lhe opõem os preconceitos e os erros a fim de que possa dar à luz o seu produto genuíno: assim, depois da refutação, apresenta-se a segunda parte do método socrático, a maiêutica ou arte do parto. (MONDOLFO, 1972, p. 59)

A técnica da maiêutica envolve guiar o interlocutor na descoberta do conhecimento desejado, partindo da premissa de que as ideias estão inatas nele, ou seja, que o conhecimento já existe em seu interior, aguardando apenas ser lembrado. Isso fica evidente no diálogo “Teeteto” de Platão, onde esse conceito é exemplificado.

Sócrates – A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto. Porém a grande superioridade de minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber [...] porém os que tratam comigo, suposto que alguns, no começo pareçam de todo ignorantes, com a continuação de nossa convivência,

quantos a divindade favorece, progridem admiravelmente, tanto no seu próprio julgamento como no de estranhos. (PLATÃO, Teet., 150c-d)

Assim, Sócrates revela a natureza da sua abordagem filosófica, frequentemente referida como “maieutica”. Ele se considerava “estéril” em matéria de sabedoria, reconhecendo suas próprias limitações intelectuais, mas acreditava que sua habilidade estava em ajudar os outros a desenvolver seu próprio julgamento e discernimento.

Além disso, Sócrates ressalta que sua abordagem envolve um processo de investigação e aprofundamento do conhecimento por meio da reflexão e da busca pela verdade. Ele não impunha opiniões próprias, mas incentivava os outros a examinar e desenvolver suas próprias perspectivas.

O diálogo Teeteto reflete a humildade intelectual de Sócrates e sua ênfase na importância do questionamento e do diálogo como ferramentas para a busca da verdade e do conhecimento. Haja vista, que “Sócrates foi o homem que descobriu o conceito” (ARENDR, 2000, p. 128). E que resumindo, isto significa nunca se permitir esquecer o movimento da vida e a busca pela virtude inspirada pelo conhecimento de si contido no preceito délfico, *conhece-te a ti mesmo*, que como ele aponta é a essência da sabedoria.

## **2.2 Conhece-te a ti mesmo é autoconhecimento?**

Mas, o que Sócrates entende por conhecer-se a si mesmo? Estaria ele falando em autoconhecimento ou, qual seria o significado do termo para ele?

Para Paulo Ghiraldelli, “cumprir com o ‘conhece-te a ti mesmo’, como era a primeira regra do ‘deus do templo’ (assim como Sócrates se referia), pouco tinha de moderno, no sentido nosso da palavra ‘autoconhecimento’, pois não se tratava de levar a cabo uma investigação de tipo psicanalítica” (2022, p.30). O que Sócrates queria dizer, segundo Ghiraldelli, era que, “O homem é sua alma e não um composto de alma e corpo. ‘Conhece-te a ti mesmo’ é antes de tudo um lema para encontrar a alma” (2022, p.123). A concepção de Ghiraldelli, de certa forma, está de acordo com o que vimos acima, de que a compreensão que Sócrates tem do ser humano, tem raízes no orfismo, e como estes, ele afirma que o ser humano possui uma essência que o define, e essa essência é sua alma.

Em Alcebiades I, Sócrates diz: “É a alma, portanto, que nos recomenda conhecer quem nos apresenta o preceito: conhece-te a ti mesmo” (Platão, Alceb I., XXVI, 130e). Ele mostra que para conhecer-se é preciso conhecer a alma, mesmo porque, “o homem é alma” (Platão,

Alceb I., XXVI, 130c). E mais à frente na mesma obra, ele questiona, “Porém de que modo alcançaremos o conhecimento perfeito da alma? Sabido isso, ao que parece, conhecer-nos-emos a nós mesmos” (2015, Alceb I., XXVI, 132c). Contudo, é fundamental entendermos o que Sócrates entende por alma, já que a concepção grega de alma não é a mesma do período contemporâneo.

Quando se pensa em alma no contexto atual, logo nos reportamos a uma concepção religiosa do termo, mais precisamente a cristã, porém, não é essa a concepção grega do termo.

Para os gregos, alma (Ψυχή), ou, psyché, deriva do verbo *psýchein* e significa soprar, emitir um sopro, apresentando semelhanças quanto a etimologia em latim (anima), ou seja, sopro, ar. Contudo, em ambos os casos, seria princípio vital do pensamento, o que anima o homem ou animal, e que segundo, Ademir Silva Junior,

É o princípio vital, o princípio da vida de si mesmo, o sopro da vida e como o vento, não tem cheiro, não tem cor, é invisível, não podemos tocar. Só temos a sua presença pelos efeitos que causa. É definida como aquela que tem capacidade de mover a si mesmo, e animada em si mesma em contrapartida ao corpo sem a alma que seria inanimado. (SILVA, 2016, p. 38)

Portanto, *a alma seria a priori ao corpo* e o que o move, seria esta, a essência do homem, o que não difere do conceito de Sócrates, para quem “a alma é a inteligência do homem” (MONDOLFO, 1972, p. 101). Esta concepção platônico-socrática também aparece na obra: *O Sofista*, de Platão, quando o Hóspede explicando a Teeteto sobre o que seria um corpo dotado de alma, no qual, diz: “só participamos da geração por intermédio do corpo, como é com a alma por meio do pensamento” (PLATÃO, Sofista, XXXV, 248a). Ou no diálogo *Protágoras* quando Sócrates indaga Hipócrates se este entregaria sua alma aos cuidados dos sofistas, fazendo referência aos estudos que este estava disposto a fazer com o referido sofista.

Pois resolveste entregar tua própria alma aos cuidados de um homem que, conforme disseste é sofista; mas o que seja, de fato, sofista, muito me admiro se o souberes. Ora, se ignoras isso, também não poderás saber a quem entregas tua alma, nem se é para teu bem ou para mal. (PLATÃO, Protágoras, IV, 312c)

Sendo a alma racional, conhecê-la implicava também um processo racional, tal como Sócrates aponta neste diálogo quando Hipócrates lhe pergunta “de que se alimenta a alma, Sócrates?” (*Ibidem*, V, 313c). E este responde: “de conhecimentos é claro” (*ibidem*). E, apesar de neste diálogo Sócrates criticar a forma racional sofisticada de ensinar a virtude, o que iremos detalhar apenas no segundo capítulo, será no Alcibíades I, que Sócrates aponta como se deveria

dar este processo de conhecimento da alma: “E com relação à alma, meu caro Alcebíades, se ela quiser conhecer-se a si mesma, não precisará também olhar para a alma e, nesta, a porção em que reside a sua virtude específica, a inteligência, ou para o que lhe for semelhante?” (PLATÃO, *Alceb. I*, XXVIII, 133b). Para exemplificar como poderia se dar essa forma de conhecer-se, Sócrates vai realizar a comparação com o olhar, pois, quando uma pupila se espelha em outra pupila, ela enxerga a si mesma e assim a alma sendo a inteligência do homem, para conhecer-se deveria voltar-se sobre si mesma no que fundamenta sua excelência, a sabedoria.

Convém neste momento, entender o contexto do diálogo de Alcebíades I, que “foi considerado durante muito tempo na Antiguidade – por filósofos como Albino, Jâmblico, Proclo e Olimpiodoro – uma excelente introdução à filosofia de Platão” (KOHAN, 2011, p. 55), e vamos analisá-lo do ponto de vista de Michel Foucault que não só concorda com estes, como o denomina a *parresía*, o ‘dizer verdadeiro’ socrático.

### **2.3 (ou 2.2.1) Foucault e a Jornada do Autoconhecimento: Do Gnôthi Seautón à Parresía**

Michel Foucault (2006), ao analisar a obra Alcebíades I, a definiu como a teoria do cuidado de si, e como o “traçado de todo um percurso da filosofia de Platão” (p.93), indo desde a interrogação socrática até elementos do último Platão... É como se o texto que mesmo sendo aporético, tivesse sido refeito na velhice de Platão. Essa análise feita por Foucault, consta num conjunto de doze aulas ministradas no Collège de France entre 1981 e 1982 e que resultou na obra *A hermenêutica do sujeito*.

Nessa obra a questão central gira em torno da forma histórica da relação entre sujeito e verdade. Foucault aborda a relação entre a hermenêutica (a interpretação de textos) e a formação do sujeito humano na tradição filosófica e histórica. O que seria uma interpretação da verdade acerca do sujeito, ou a interpretação verdadeira do sujeito na história do ocidente. Foucault se concentra na maneira como a noção de “sujeito” se desenvolveu ao longo do tempo, particularmente na Grécia Antiga, e como os indivíduos são moldados por práticas de autenticidade e autoconhecimento (conhecimento de si).

Na obra *Dizer a verdade sobre si*, Foucault estabelece que seu objetivo com a obra *A hermenêutica do sujeito* seria “esboçar uma história dos diferentes meios graças aos quais, em nossa cultura, os seres humanos desenvolveram um conhecimento de si” (Foucault, 2022, p. 28). Na referida obra também conhecida como as conferências, Foucault investiga como a

noção de “cuidado de si” desempenha um papel central na constituição do sujeito na cultura ocidental, analisando textos de filósofos antigos, como Platão, os estoicos e epicuristas, ele argumenta que a filosofia socrático-platônica bem como as escolas filosóficas de raiz socrática, desempenharam um papel importante na formação da ética e da identidade do sujeito.

Tanto a obra *A hermenêutica do sujeito*, como a obra *Dizer a verdade sobre si*, fazem parte dos estudos de Michel Foucault sobre a história das ideias, o poder e a subjetividade, e oferece uma perspectiva única sobre como a cultura e o pensamento influenciam a construção do sujeito humano ao longo do tempo.

Foucault inicia a obra, *A hermenêutica do sujeito*, destacando que sua análise das relações entre sujeito e verdade na antiguidade, se justifica no princípio do cuidado de si. No entanto, ao estabelecer a relação entre o conhece-te a ti mesmo e o cuidado de si justifica que a escolha da noção de cuidado de si é uma escolha paradoxal e sofisticada já que:

Todos sabemos, todos dizemos, todos repetimos, e desde muito tempo que a questão do sujeito (questão do conhecimento do sujeito, do conhecimento do sujeito por ele mesmo) foi originariamente colocada em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição délfica do *gnôthi seautón* a fórmula fundadora da questão das relações entre sujeito e verdade. (FOUCAULT, 2006, p. 5)

Foucault descobre em Sócrates e Platão, mais precisamente na fórmula do *gnôthi seautón* (o conhece-te a ti mesmo), que a busca filosófica do ser humano pelo conhecimento da verdade era inicialmente a verdade sobre si, que os antigos buscavam, ou seja, a filosofia primeira era uma filosofia do autoconhecimento e o sentido filosófico do conhece-te a ti mesmo<sup>9</sup> seria o cuidado de si em vista do cuidado com o outro. Vamos examinar de forma mais detalhada como Foucault chega a essa interpretação.

Primeiro Foucault estabelece duas definições para o conhece-te a ti mesmo. A primeira, se refere à sua formulação original presente no templo de Delfos e para tanto ele utiliza a interpretação de dois autores uma de 1901, a de Roscher e a outra de 1954 a de Defradas.

Na interpretação de Rocher o conhece-te a ti mesmo significava: “No momento que vens colocar questões ao oráculo, examina bem em ti mesmo as questões que tens a colocar, que queres colocar” (FOUCAULT, 2006, p. 6). Na de Defradas “seria o princípio [segundo o qual] é preciso continuamente lembrar-se de que, afinal, é-se somente um mortal e não um deus, devendo-se, pois, não contar demais com a própria força nem afrontar-se com as potências que

---

<sup>9</sup> (FOUCAULT, 2006, p. 5)

são da divindade” (*ibidem*). Temos aí, portanto, duas definições religiosas sobre o oráculo de Delfos.

A segunda definição, a qual Sócrates teria adotado, difere notavelmente da anterior, como enfatizado por Michel Foucault em *A hermenêutica do sujeito*. Este renomado pensador destaca uma clara distinção entre as duas interpretações. De acordo com ele, Sócrates conferiu a essa expressão um significado que transcende o contexto religioso. Assim, segundo Foucault, em Sócrates “o significado filosófico da frase 'conhece-te a ti mesmo' é, na verdade, o conhecimento de si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 5).

Portanto, segundo a análise de Foucault, o *gnôthi seautón* (o conhece-te a ti mesmo) em seu significado filosófico, possui três referências que ao mesmo tempo que diferem entre si convergem para um mesmo significado, isso posto ao longo da análise do diálogo *Alcebiades I*, sendo que a última seria a que melhor define o preceito délfico no sentido socrático, e que segundo ele é o ponto de relação entre o conhece-te a ti mesmo e o cuidado de si.

A primeira referência, aparece no início do diálogo, quando Sócrates questiona Alcebiades que querendo ser o conselheiro de Atenas mostra-se alheio tanto de si como do que se propõe a fazer, cabendo-lhe a reflexão do conhecimento de si mesmo e do que pretende de fato com sua vida.

Sócrates diz a Alcebiades, há que fazer esta comparação: queres entrar na vida política, queres tomar nas mãos o destino da cidade [...] é preciso que reflitas um pouco sobre ti mesmo, que conheças a ti mesmo. Vemos então aparecer a noção, o princípio: *gnôthi seautón* (referência explícita ao princípio délfico). Porém é interessante notar que esse aparecimento do *gnôthi seautón*, antes de qualquer noção de cuidado de si, ocorre de uma forma fraca. Trata-se meramente de um conselho de prudência” (FOUCAULT, 2006, p. 46).

Para Foucault, quando Sócrates diz aqui que Alcebiades precisa se conhecer ao reconhecer sua ignorância, sua inferioridade; já que não possui riqueza nem educação suficiente para assumir o governo da cidade; ele quer dizer que Alcebiades precisa de um saber de uma *tékhne* que o permitiria compensar sua inferioridade. Porém, como ele diz, é uma definição fraca, um conselho de prudência que não define em sua totalidade o preceito délfico e, estaria direcionado a uma necessidade de reconhecimento de si, da compreensão de si como resultado de uma autorreflexão, ou seja, autoconhecimento.

Sócrates aconselha Alcebiades a considerar seu próprio conhecimento e compreensão de si antes de se envolver na vida política e tomar decisões que afetarão a cidade. A primeira

referência ao *gnôthi seautón* é uma alusão ao conhecimento de si mesmo como base para a sabedoria e a tomada de decisões prudentes.

Michel Foucault destaca que, nesse contexto, o *gnôthi seautón* é introduzido de maneira inicial e fraca, não incorporando ainda a noção de *cuidado de si* que mais tarde se tornaria central em sua filosofia. Em vez disso, Sócrates apresenta isso como um conselho de prudência, sugerindo que, antes de liderar a cidade, é sensato entender a si mesmo e suas próprias limitações.

Foucault ilustra como as ideias filosóficas evoluíram ao longo do tempo, com o *gnôthi seautón* marcando um estágio inicial no desenvolvimento da compreensão de si mesmo e da ética, que posteriormente seria aprimorado e modificado em diferentes contextos filosóficos. É um exemplo de como a história da filosofia e da ética está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da cultura e da sociedade ao longo dos séculos.

A segunda referência ao preceito *gnôthi seautón*, Foucault diz se tratar de uma questão metodológica, pois ao dizer “é preciso conhecer-te a ti mesmo’ [...] o que está referido neste *seautón*? [...] é preciso ocupar-se com a própria alma [...] Quando o Alcebiades chega à fórmula ‘o que é o eu com que se deve ocupar? – ora é a alma’ (*ibidem*, p. 67). E, segundo Foucault, Platão nesse momento se serve da noção *khêsis*, para dizer o que é o *eu* de Alcebiades, deixando claro que essa alma, não é “a alma-substância, mas a alma-sujeito<sup>10</sup>” (*ibidem*, p. 71). Aqui também o emprego do termo teria por referência o autoconhecimento, como podemos constatar abaixo:

Pode-se dizer que, quando Platão se serviu da noção de *khêsis* para buscar qual é o eu com que nos devemos ocupar, não foi, absolutamente, a alma-substância que ele descobriu, foi a alma-sujeito. E a noção de *khêsis* precisamente será reencontrada ao longo de toda a história do cuidado de si e de suas formas. Será particularmente importante nos estoicos. Estará no centro, creio de toda teoria e prática do cuidado de si em Epicteto. Ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo. (FOUCAULT, 2006, p. 71)

---

<sup>10</sup> Segundo o professor Dr. Aldir Carvalho Filho (UFMA): Pressupor que os gregos antigos tinham uma elaborada noção de subjetividade, como a dos modernos, é um tema extremamente controverso. Mas se torna crucial se quisermos insistir que deve haver uma continuidade entre o *elenchus* e o ensino contemporâneo de filosofia [...] Foucault é o intelectual que destaca bem a ambiguidade do termo: sujeito é o próprio si, mas apenas enquanto é SUPORTE e SUBMISSÃO, fazendo com que um SI responda aos outros pontos da rede de poder. O CUIDADO DE SI deveria, de certo modo, limpar as submissões não desejadas... e manter apenas aquelas que fossem escolhidas pelo próprio... sujeito...

Nesta segunda referência, Michel Foucault explora a evolução da noção de “khrêsis” (cura de si) ao longo da história do pensamento, com foco particular na transição de uma concepção de alma como substância para uma compreensão da alma como sujeito.

Foucault argumenta que, quando Platão explorou a ideia de “khrêsis” em sua busca por compreender o eu com o qual deveríamos nos preocupar, ele não estava, na verdade, revelando a alma como uma substância imutável, mas sim o “sujeito da alma”. Isso implica que o foco não estava apenas na essência do ser, mas na consideração do indivíduo como um sujeito em constante evolução, influenciado por suas ações, relacionamentos com os outros e atitudes em geral.

Foucault também observa que a noção de “khrêsis” é recorrente ao longo da história do “cuidado de si”, sendo particularmente importante na filosofia estoica. Os estoicos, como Epicteto, colocaram o “khrêsis” no centro de suas teorias e práticas do “cuidado de si”. Ocupar-se consigo mesmo, de acordo com Foucault, envolve assumir o papel de “sujeito de”, abrangendo uma variedade de situações, como agente instrumental, participante em relações com os outros e executor de ações e atitudes pessoais, além de ser o sujeito da relação consigo mesmo.

Foucault destaca a complexidade da evolução do pensamento filosófico em relação ao cuidado de si e à natureza mutável do entendimento do “eu” ao longo da história. Mostra como a filosofia e a ética se desenvolvem em resposta a diferentes contextos culturais e sociais, adaptando-se para melhor compreender e lidar com a complexidade da experiência humana.

Nesta segunda menção ao *conhece-te a ti mesmo* feita por Sócrates no *Alcebiades I*, conforme observado por Foucault, há uma referência ao eu como sujeito existente, uma pessoa cujos comportamentos e atitudes, ao serem ponderados e refletidos internamente, levam ao autoconhecimento. Vemos, portanto, aí o uso do *gnôthi seautón* pela segunda vez diferindo do sentido clássico do termo, porém citado por Sócrates, o que nos mostra o preceito sendo utilizado na investigação filosófica do sujeito como forma de autoconhecimento.

E a terceira referência do termo *gnôthi seautón*, é a de que o conhecimento de si consiste no cuidado de si, ou seja na *epiméleia heautoû*. E essa definição segundo Foucault é onde o termo aparece em todo seu esplendor e plenitude, tal como vimos, é nela que consiste a filosofia socrático-platônica, ou seja, a filosofia do autoconhecimento, já que “o platonismo [...] concebia o conhecimento e o acesso à verdade somente a partir de um conhecimento de si, que

era o reconhecimento do divino em si mesmo<sup>11</sup>” (FOUCAULT, 2006, p. 97). Nesta definição o *conhece-te a ti mesmo* agrega o caráter divino do termo, conhecer-se é saber que a condição do conhecimento de si, se faz no conhecimento do divino, o que implica o cuidado de si e que pode ser visto com o desfecho ao final da obra *Alcebíades I*, pois como disse Foucault, o diálogo apresentou um benefício e um efeito com seu movimento que era

Convencer Alcebíades de que deve ocupar-se consigo mesmo, definir para Alcebíades aquilo com que deve ocupar-se – sua alma; explicar a Alcebíades como deve ocupar-se com sua alma – voltando seu olhar para o divino onde se acha o princípio da sabedoria [de sorte que] quando ele olhar na direção de si mesmo, descobrirá o divino; e nele descobrirá conseqüentemente, a própria essência da sabedoria (dikaiosýne); ou, inversamente, quando olha na direção da essência da sabedoria (dikaiosýne), verá ao mesmo tempo o elemento divino, elemento divino que é aquele em que ele se conhece e se reconhece, pois que é no elemento da identidade que o divino reflete o que eu sou. Por conseguinte, ocupar-se consigo ou ocupar-se com a justiça dá no mesmo e todo o diálogo, partindo da questão “como poderei tornar-me um bom governante?”, consiste em conduzir Alcebíades ao preceito “ocupa-te contigo mesmo” e, desenvolvendo o que deverá ser este preceito e o sentido que lhe será necessário atribuir, descobrir que “ocupar-se consigo mesmo” é ocupar-se com a justiça. No final do diálogo, é com isso que Alcebíades se compromete. É assim que o texto se desenvolve. (FOUCAULT, 2006, p. 90-91)

Foucault ressalta a intrincada interligação entre as questões do autoconhecimento, a busca pelo divino e a compreensão da justiça. Ele enfatiza a natureza do autoconhecimento à maneira de Sócrates, destacando que não se trata simplesmente de uma introspecção individual para autoafirmação, mas sim de um processo mais amplo e significativo. O autoconhecimento socrático implicava não só no conhecimento do eu, mas também na descoberta do outro, pois o conhecer-se implicava o compromisso com a justiça, o buscar ser virtuoso para tornar-se um bom governante de si e um bom governante na pólis para o bem dos outros.

Porém é necessário se perguntar, qual o interesse de Foucault com essa investigação, por que ele se detém nessa análise e onde ele quer chegar?

---

<sup>11</sup> Gosto de traduzir isso, contemporaneamente, como um processo em que me permito imaginar versões melhores de mim em várias coisas e aspectos... mas já há tempos desisti de achar que isso fosse divindade... ao contrário, vejo como a mais pura e exclusiva *humanidade*, aquela característica que não compartilho (amos) com nenhum outro ser no Universo... (observação feita pelo Dr. Aldir Carvalho Filho - UFMA)

Margareth Rago, renomada estudiosa de Foucault, participou de um encontro no café filosófico da CPFL<sup>12</sup> com o intrigante tema “Foucault: a filosofia como modo de vida”. Durante sua exposição, destacou que a filosofia desse pensador se concentra no sujeito, não no poder, enfatizando seu principal intento de realizar “uma genealogia do sujeito moderno” (RAGO, 2018), compreendendo assim a origem das práticas que nos moldam.

Com isso, Rago (2018) nos mostra através de Foucault que o autoconhecimento no sentido filosófico não vai na mesma direção da definição psicológica do termo. Pois, se no sentido psicológico conhecer-se implica um encontro consigo, com sua interioridade, para Foucault tal como os gregos, não temos uma interioridade que nos define, nós somos definidos pelas relações de poder. E é por isso que Rago diz:

Foucault está trabalhando com o poder disciplinar, um poder que hierarquiza, segmenta, espacializa, sedentariza. E ele vem dizer que a identidade é uma imposição do estado sobre os sujeitos, de fora para dentro. Que a ideia que nós temos que a identidade é intrínseca ao sujeito, que ele tem uma interioridade, onde o sujeito existe no fundo de si mesmo... Foucault vai dizer que isso é uma representação, uma ideia e que os gregos não pensam absolutamente isso, e que essa ideia vem do século XIX. Então Foucault vem dizer o poder é tão produtivo, o poder produz... Veja como as mulheres são educadas a quererem ser mães, não sei se é um desejo natural, elas são educadas assim. Então Foucault vai dizer minha questão é o sujeito. É fazer a genealogia do sujeito moderno. É saber que mundo é esse. É um diagnóstico do presente. (RAGO, 2018)

Segundo Rago, para Foucault não tem o menor sentido definir o sujeito a partir de sua interioridade, mesmo porque ao fazer a analítica do poder, ele vai definir o sujeito como produto das relações de poder, revelando que a nossa subjetividade é também produzida e não é simplesmente o resultado de nossa particular interioridade. Ele vai dizer que “para o neoliberalismo a produção da subjetividade é fundamental” (RAGO, 2018), mesmo porque é necessário no jogo econômico, corpos dóceis “pessoas economicamente produtivas, mas politicamente submissas” (*ibidem*).

Assim Foucault insere no processo de autoconhecimento filosófico uma novidade que não fora apontada pelos gregos, de que o sujeito por ser produto das relações de poder é resultado de uma época histórica. Portanto, para nos conhecermos é necessário além das práticas

---

<sup>12</sup> Companhia Paulista de Força e Luz realiza o “Café Filosófico CPFL” que é uma iniciativa do Instituto CPFL que utiliza o formato de cafés filosóficos para estimular o pensamento crítico e fomentar discussões sobre questões relevantes. Os temas abordados podem variar amplamente, desde filosofia acadêmica até assuntos contemporâneos que despertam interesse e reflexão.

de si dos gregos, também conhecermos nossa história e nela, como as relações de poder nos moldam.

Por exemplo, o indivíduo contemporâneo, ao buscar compreender a si mesmo, inevitavelmente se depara com a necessidade e a influência do contexto subjetivo moldado pelo neoliberalismo. Michel Foucault, ao empreender uma hermenêutica do sujeito moderno, inicia sua análise questionando que tipo de identidade foi engendrada pelo capitalismo neoliberal. Ele indaga: “Que tipo de subjetividade está sendo produzida? Não a subjetividade de um sujeito com direitos legais, mas a de um sujeito movido por interesses, competitivo, capaz de se enxergar como um empreendedor de si mesmo” (RAGO, 2018).

Essa é a identidade que os indivíduos contemporâneos internalizaram, adotando-a como própria. Somente ao compreender essa dinâmica é possível vislumbrar uma ruptura com esse paradigma da modernidade. O entendimento da subjetividade forjada pelo neoliberalismo é crucial para desafiar e transformar os padrões que moldaram a autopercepção dos sujeitos modernos.

O que Foucault está dizendo de forma clara é que “nós podemos ser outros para além de nós mesmos” (RAGO, 2018), pois o pensamento que Foucault desenvolve de que: “nós somos, de onde a gente vem, de onde vem essas práticas que nos constituem” (*ibidem*) é produto do capitalismo neoliberal, ou seja, somos produto das relações de poder. Mas o que é necessário fazer após essa compreensão? Cruzar os braços, não é a intensão de Foucault. E é por isso que sua teoria foi desenvolvida como uma busca de respostas e superação dessa realidade, tal como nos mostra Rago.

Foucault acredita que o cuidado de si a partir das práticas da liberdade são uma forma de você se contrapor a esse poder. Lutar contra o empresário de si mesmo e lutar contra o indivíduo competitivo é uma maneira de você se contrapor a essa forma da produção da subjetividade pelo capitalismo neoliberal [...] Então pra Foucault o cuidado de si é uma prática como experiência filosófica. A filosofia é uma prática, uma experiência e ela faz você pensar em você, em ocupar-se, em cuidar de si. (RAGO, 2018)

Rago destaca que a perspectiva de Michel Foucault sobre o “cuidado de si” como uma forma de resistência ao poder, particularmente no contexto do capitalismo neoliberal, faz com que ele argumente que praticar o cuidado de si, por meio das práticas da liberdade, é uma maneira de se opor às formas de poder que moldam a subjetividade no sistema capitalista.

A ideia de “lutar contra o empresário de si mesmo” sugere uma crítica à tendência contemporânea de as pessoas se verem como empreendedoras de suas próprias vidas, sujeitas às lógicas de competição e produtividade impostas pelo neoliberalismo. O cuidado de si, então, torna-se uma forma de resistência contra essas pressões, uma maneira de se distanciar da mentalidade competitiva e da instrumentalização do eu como um recurso a ser explorado.

Além disso, a visão de Foucault é de que o cuidado de si não é apenas uma prática pessoal, mas também uma experiência filosófica. Isso implica que, ao se engajar no cuidado de si, as pessoas não apenas buscam melhorar suas vidas individualmente, mas também se envolvem em uma reflexão mais profunda sobre questões filosóficas relacionadas à subjetividade, liberdade e poder.

Assim, a concepção de Foucault de que o cuidado de si como processo de autoconhecimento a partir da filosofia não é apenas uma questão individual, mas é também uma forma de resistência política e uma prática filosófica que desafia as formas dominantes de poder e subjetividade no contexto do capitalismo neoliberal.

Contudo, é também necessário perguntar: como se dá na prática esse autoconhecimento filosófico? Como o sujeito de fato chega a essa compreensão de si mesmo?

E vai ser por esse motivo que Foucault vai se interessar por Sócrates, que ele vai atualizar o pensamento de Sócrates na contemporaneidade. Tal como ele diz claramente na obra *Dizer a verdade sobre si*: “Meu objetivo é analisar a história da hermenêutica de si no quadro dessa governamentalidade” (FOUCAULT, 2022, p. 31). E para isso ele parte da obra de Platão, *Alcebiades I*.

Foucault observa em *Alcebiades I*, que Sócrates está tentando persuadir Alcebiades a se conhecer a si mesmo, a se preocupar consigo mesmo e, por consequência, com a justiça. Isso envolve uma série de etapas: primeiro, convencer Alcebiades de que ele deve ocupar-se consigo mesmo, estabelecendo que a alma é o objeto desse cuidado. A seguir, Sócrates orienta Alcebiades sobre o cuidado da alma, instruindo-o a dirigir sua atenção para o divino, onde reside o princípio da sabedoria. Em outras palavras, Sócrates está guiando Alcebiades a seguir o caminho da filosofia para se conhecer melhor. Ao sugerir que ao focar no divino, Alcebiades será capaz de olhar para dentro de si mesmo e, assim, descobrirá não apenas a divindade, mas também a essência da justiça (*dikaiosýne*).

Contudo como seria esse olhar para si, esse conhecer-se nos moldes socráticos? Para isso Foucault recorre a passagem do *Alcebíades I*, onde Platão mostra que esse processo pode ser comparado da seguinte forma.

Quando o olho de alguém se olha no olho de outro alguém, quando um olho se olha em outro olho que lhe é inteiramente semelhante, o que ele vê no olho do outro? Vê-se a si mesmo. Portanto, uma identidade de natureza é a condição para que um indivíduo possa conhecer o que ele é. A identidade de natureza é, se quisermos, a superfície de reflexo onde o indivíduo pode reconhecer-se, conhecer o que ele é [...] ora, o que mostra essa comparação, que é bem conhecida, aplicada a alma? Mostra que a alma só se verá dirigindo seu olhar para um elemento que for da mesma natureza que ela, mais precisamente, olhando o elemento da mesma natureza que ela, voltando seu olhar, aplicando-o ao próprio princípio que constitui a natureza da alma, isto é, o pensamento e o saber (to phronêin, to eidénai). É voltando-se para este elemento assegurado no pensamento e no saber que a alma poderá ver-se. (FOUCAULT, 2006, p. 88)

Foucault, aborda a ideia da introspecção e do autoconhecimento através da filosofia reproduzindo o diálogo entre Sócrates e Alcebíades, quando Sócrates usa a metáfora interessante relacionada aos olhos e à identidade de natureza. O que sugere que, da mesma forma que um olho vê sua própria imagem refletida no olho de alguém que é igual a ele, a alma só pode conhecer a si mesma olhando para um elemento de sua própria natureza.

Essa metáfora enfatiza que o conhecimento de si mesmo segundo Sócrates é alcançado quando a alma se volta para seu elemento intrínseco e essencial, que é o pensamento e o saber. O ato de refletir sobre o próprio pensamento e conhecimento, ou seja, a filosofia, permite à alma compreender sua própria natureza e, assim, conhecer-se a si mesma.

O ponto central aqui, é que, para alcançar um verdadeiro autoconhecimento, a alma deve se conectar com seu próprio elemento intrínseco, que é o pensamento e o saber. Isso implica que o caminho para entender a natureza da alma é através da autorreflexão e da contemplação de nossos processos mentais, aprofundando o conhecimento de si. Portanto, Foucault nos lembra da importância da autorreflexão como um meio de autodescoberta e entendimento de nossa própria natureza e identidade, contudo sem esquecer o outro, que é também determinante nesse processo.

Foucault, contudo, revela que o autoconhecimento em Sócrates, não visa apenas ao conhecimento intelectual, mas também à transformação ética do indivíduo, é isso o que está contido no conceito de cuidado de si, a *epiméleia heautoû*. Para ele o que Sócrates está fazendo é demonstrar como a busca pela sabedoria, a reflexão sobre si mesmo e a compreensão da justiça

estão intrinsecamente ligadas. No final do diálogo, Alcebíades vai se comprometer com esse preceito de *ocupar-se consigo mesmo*, de ocupar-se com a transformação de si a favor da justiça.

Para Foucault a *epiméleia heautoû* (o cuidado de si) é realmente o quadro, o solo, o fundamento a partir do qual se justifica o imperativo do *conhece-te a ti mesmo* (FOUCAULT, 2006, p. 11). Ou seja, o *gnôthi Seautón*, significa que o sujeito deve se conhecer, mas esse conhecer-se é para que chegue a *epiméleia heautoû*, para que cuide de si mesmo e dos outros, como podemos observar no diálogo *Alcebíades I*, quando Sócrates diz: “Alcebíades, o que é certo é que, conhecendo-nos, ficaremos em condições de saber como cuidar de nós mesmos, o que não poderemos saber se nos desconhecemos” (PLATÃO, *Alceb I.*, XXIV, 129a). E Foucault para especificar essa terceira referência aponta três significados do cuidado de si, o que por sua vez além de confirmar a particularidade do autoconhecimento socrático contido no *conhece-te a ti mesmo* nos aponta os caminhos percorridos por Sócrates e seus discípulos para chegar ao conhecimento de si.

- Primeiramente, o tema de uma atitude geral, um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. A *epiméleia heautoû* é uma atitude – para consigo, para com o outro, para com o mundo.
- Em segundo lugar, a *epiméleia heautoû* é também uma certa forma de atenção, de olhar [...] há um parentesco da *epiméleia heautoû* com *meléte* que quer dizer ao mesmo tempo, exercício e meditação [...]
- Em terceiro lugar, a noção de *epiméleia* [...] também designa algumas ações, ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos [...] são por exemplo as técnicas de meditação [...] exame de consciência. (FOUCAULT, 2006, p. 14-15)

Foucault está falando das técnicas de si, as quais Sócrates, bem como os estoicos e epicuristas praticaram para se conhecerem a si mesmos. E apesar de Sócrates as ter praticado, será com os estoicos e epicuristas que elas deixarão de ser simples atividade de conhecimento e se tornarão prática de si, ou seja, “exercício e treino” (FOUCAULT, 2006, P.106), nessas respectivas escolas.

Ao explorar a noção de *epiméleia heautoû*, que pode ser interpretada como “cuidado de si” ou “autocuidado”, Foucault destaca três aspectos principais dessa postura:

Em primeiro lugar, ela é concebida como uma atitude geral em relação à vida e à interação com o mundo. Representa uma maneira específica de enxergar as coisas, de agir e de se relacionar com os outros, abarcando tanto o cuidado consigo mesmo quanto com os demais e o mundo em que vivemos.

Em segundo lugar, a *epiméleia heautoû* está intrinsecamente relacionada à atenção e à reflexão. Requer uma análise mais profunda de si mesmo e do ambiente circundante. Foucault estabelece uma conexão entre essa atitude e a prática de *meléte*, que combina exercício e meditação, sugerindo que o autocuidado não se limita apenas a ações práticas, mas também demanda contemplação e reflexão sobre a própria existência.

Por fim, a *epiméleia heautoû* está associada a ações específicas de autocuidado, nas quais as pessoas se envolvem em atividades que as auxiliam a assumir responsabilidade por si mesmas, a se transformar, purificar e modificar. Isso inclui técnicas como meditação e autoexame, que visam promover o crescimento pessoal e a autotransformação.

Essas técnicas como dito acima que foram utilizadas por Sócrates e seus seguidores como meio para chegar ao autoconhecimento filosófico, no entanto essas práticas não foram uma invenção destes; os pitagóricos já praticavam *epiméleia heautoû*, contudo será em Sócrates e Platão e posteriormente com seus seguidores que teremos o cuidado de si reduzido ao conhecimento de si, tal como podemos observar em Foucault.

Antes mesmo da emergência da noção de *epiméleia heautoû* no pensamento filosófico de Platão, está atestada, de modo geral e, particularmente nos pitagóricos, uma série de técnicas que concernem a algo como o cuidado de si. Neste contexto geral das técnicas de si, não se deve esquecer que até mesmo em Platão, e ainda que seja verdade – como buscarei lhes mostrar – que todo cuidado de si é para ele, por ele, reduzido à forma do conhecimento e do conhecimento de si, encontram-se numerosos indícios destas técnicas. Encontramos, por exemplo, de modo muito claro, a técnica da concentração da alma, da alma que se recolhe, que se reúne. No *Fédon*, por exemplo, está dito que é preciso habituar a alma, a partir de todos os pontos do corpo, a se reunir em si mesma, a refluir sobre si, a residir em si mesma tanto quanto possível [...] encontramos também atestada em Platão, ainda no *Fédon*, a prática do isolamento, da *anacróresis*, do retiro em si mesma, que se manifestará essencialmente na imobilidade [...] É a famosa imagem de Sócrates evocada no *Banquete*. Sócrates, que como sabemos, era capaz de permanecer só, imóvel, ereto, os pés na neve, insensível a tudo que se passava ao seu redor. Encontramos também em Platão a evocação de todas aquelas práticas de rigidez, de resistência à tentação. É a imagem de Sócrates, ainda no *Banquete*, deitado ao lado de Alcebíades e conseguindo dominar o seu desejo. De resto, creio que a difusão destas técnicas de si no interior do pensamento platônico foi apenas o primeiro passo de todo um conjunto de deslocamentos, de reativações de organização e reorganização destas técnicas naquilo que viria a ser a grande cultura de si na época helenista e romana. Encontramos este gênero de técnicas, é claro, nos neoplatônicos e nos neopitagóricos. Mas também nos epicuristas. Como veremos, nós as encontramos nos estoicos. (FOUCAULT, 2006, p. 62-63)

Foucault aqui aborda a presença de técnicas de autoconhecimento no pensamento filosófico, especialmente em relação à tradição pitagórica e platônica e sua evolução ao longo da história helenística e romana.

O pensador ainda mostra que essas técnicas não são uma inovação de Sócrates ou Platão, mas algo que pode ser rastreado nas tradições filosóficas anteriores, como o pitagorismo. Isso implica que a reflexão sobre o autocuidado já estava presente na filosofia antes de Platão.

Contudo, Sócrates é citado como um exemplo notável de alguém que praticava essas técnicas como meio de autoconhecimento e que deixou para seus seguidores esse legado, tal como sua capacidade de permanecer imóvel e resistir a tentações como é ressaltado no *Banquete*, mais especificamente quando Alcebiades falando de Sócrates diz:

Concentrado numa reflexão, logo se detivera desde a madrugada a examinar uma ideia, e como esta não lhe vinha, sem se aborrecer ele se conservava de pé, a procurá-la. Já era meio-dia, os homens estavam observando, e cheios de admiração diziam uns aos outros: Sócrates desde a madrugada está de pé ocupado em suas reflexões! Por fim alguns dos jônios, quando já era de tarde, depois de terem jantado – pois era então o estio – trouxeram para fora os seus leitos e ao mesmo tempo que iam dormir na fresca, observavam-no a ver se também a noite ele passaria de pé, até que veio a aurora e o sol se ergueu; a seguir foi embora, depois de fazer uma prece ao sol. (PLATÃO, *Banq.*, 220c-d)

No relato de Alcebiades vemos um Sócrates que passa um longo período, desde a madrugada até a manhã seguinte, imerso em pensamentos e reflexões sobre uma ideia específica. Sócrates estava tão concentrado em sua busca pelo entendimento que ele permaneceu de pé, sem se aborrecer com a dificuldade de encontrar a resposta. Isso ilustra uma longa prática da técnica de meditação, bem como a dedicação de Sócrates à filosofia e sua disposição para investir tempo e esforço profundos na busca de conhecimento.

E foi a partir de Sócrates que essas técnicas ultrapassaram Platão, e foram reativadas e reorganizadas em diferentes tradições filosóficas subsequentes, incluindo os neoplatônicos, neopitagóricos, epicuristas e estoicos. Isso sugere que o autocuidado como autoconhecimento, ou o autoconhecimento como autocuidado desempenharam um papel contínuo na filosofia helenística e romana.

Foucault destaca a presença de técnicas de cuidado de si em tradições filosóficas antigas, com ênfase na continuidade dessas práticas ao longo do tempo e em diferentes escolas de pensamento. Ele também aponta para a importância do autocuidado como parte da cultura intelectual e filosófica da antiguidade, mostrando que em Sócrates essa era a filosofia do conhecimento de si.

E Sócrates não apenas adotou essa busca como sua missão de vida, mas também incentivou fervorosamente os outros a fazerem o mesmo, direcionando-os para a exploração do

conhecimento de si e o cuidado com o eu e os outros, em vez de perseguir desmedidamente bens materiais e riquezas, como podemos constatar em todo o diálogo Apologia de Sócrates, a qual veremos mais à frente.

Foucault ressalta a importância do cuidado de si como uma pedra angular da existência humana. Essa abordagem engloba a forma como percebemos o mundo ao nosso redor, exige uma atenção cuidadosa e uma reflexão constante sobre nossa própria existência, e nos impulsiona a adotar ações concretas que nos conduzam na direção de nos tornarmos versões aprimoradas de nós mesmos.

Contudo, para que o sujeito inicie com as práticas de si, ele precisa primeiramente superar o que os gregos irão nomear como o estado de *Stultitia*, “na medida que ela se define por esta não relação consigo” (FOUCAULT, 2006, p. 165), ou seja, nesse estado “o indivíduo não quer seu próprio eu” (*ibidem*). É o que podemos chamar de momento anterior ao autoconhecimento filosófico. Antes do indivíduo se conhecer a si mesmo, ele é definido como um *stultu*.

Citando Sêneca, Foucault (2006, p. 161) afirma que este é o “pior estado em que se pode estar”, pois nesse estado o indivíduo encontra-se perdido de si mesmo. Mesmo porque “O *stultus* é aquele que não tem cuidado consigo mesmo” (*ibidem*, p. 162). Assim, Foucault além de definir o sujeito *stultu* como disperso no tempo ele o caracteriza da seguinte forma:

Como se caracteriza o *stultus*? Referindo-nos particularmente àquele texto do começo do De tranquillitate, podemos dizer que o *stultus* é, antes do mais, aquele que está à mercê de todos os ventos, aberto ao mundo exterior, ou seja, aquele que deixa entrar em seu espírito todas as representações que o mundo exterior lhe pode oferecer. Ele aceita estas representações sem as examinar, sem saber analisar o que elas representam. O *stultus* está aberto ao mundo exterior na medida em que deixa estas representações de certo modo misturar-se no interior de seu próprio espírito – com suas paixões, seus desejos, sua ambição, seus hábitos de pensamentos, suas ilusões, etc. – de maneira que o *stultus* é aquele que está assim à mercê de todos os ventos das representações exteriores e que, depois que elas entram em seu espírito, não é capaz de fazer a separação, a *discriminatio* entre o conteúdo destas representações e os elementos que chamaríamos, por assim dizer, subjetivos, que acabam por misturar-se com ele. Este é o primeiro caráter do *stultus* [...] Em segundo lugar, querer como convém é querer absolutamente (*Absolute*). Isto significa que o *stultus* quer várias coisas ao mesmo tempo, coisas divergentes sem serem contraditórias. Ele não quer uma e absolutamente só uma. O *stultus* quer algo e ao mesmo tempo o lastima. É assim que ele quer a glória e, ao mesmo tempo, lastima por não levar uma vida tranquila, prazerosa, etc. Em terceiro lugar, o *stultus* é aquele que quer, mas quer com inércia, quer com preguiça, sua vontade se interrompe sem parar, muda de objetivo. Ele não quer sempre. Querer livremente, querer absolutamente, querer sempre: é isto o que caracteriza o estado oposto à *stultitia*. Já a *stultitia* é esta vontade de algum modo limitada, relativa, fragmentária e cambiante. (FOUCAULT, 2006, p. 162-164)

Foucault está aqui se referindo a dois textos de Sêneca, a carta 52 a Lucílio e De Tranquillitate, onde este define o que é a stultitia e por sua vez, o sujeito stultu. A carta 52 de Sêneca a Lucílio é uma das cartas incluídas em “Epistulae Morales ad Lucilium” (Cartas Morales a Lucílio), uma coleção de 124 cartas escritas por Sêneca ao seu amigo Lucílio. Essas cartas fornecem conselhos filosóficos e éticos sobre uma variedade de tópicos.

Na Carta 52, Sêneca discute a seleção de companheiros. Ele ressalta a importância de encontrar indivíduos que partilhem valores e virtudes semelhantes. Sêneca aconselha Lucílio a optar por pessoas com qualidades elevadas que possam fomentar o crescimento mútuo. Ele diferencia entre amigos verdadeiros e simples companhias sociais, sublinhando que a qualidade supera a quantidade na amizade.

Além disso, Sêneca aborda a ideia de solidão voluntária e como ela pode ser benéfica para o desenvolvimento pessoal. Ele argumenta que é melhor ficar sozinho do que em más companhias e que a solidão pode oferecer uma oportunidade para a reflexão e aprimoramento interior.

As cartas de Sêneca a Lucílio são valiosas fontes de sabedoria estoica e oferecem importantes reflexões sobre a ética e a filosofia de vida do autor. Elas são uma leitura fascinante para aqueles interessados na filosofia estoica e na busca de uma vida virtuosa.

A obra “De Tranquillitate” (Sobre a Tranquilidade da Alma), é um de seus diálogos filosóficos nos quais ele explora questões relacionadas à tranquilidade da mente, autocontrole e a busca da sabedoria estoica para lidar com as adversidades da vida. A obra reflete os princípios fundamentais da filosofia estoica, que enfatiza a importância da razão, da virtude e da aceitação serena do que está além do nosso controle.

Michel Foucault, no livro “A Hermenêutica do Sujeito”, partindo de Sêneca discute a noção de *stultus* (tolo ou estúpido em latim) em relação à ética antiga, mais especificamente em relação a textos como o “De tranquillitate” (Sobre a Tranquilidade da Alma). Aqui estão algumas interpretações-chave sobre o indivíduo *stultu*:

1º. Abertura ao mundo exterior:

Foucault descreve o *stultus* como alguém que está aberto a todas as influências externas, absorvendo sem discernimento todas as representações que o mundo oferece. Essas representações entram em sua mente e se misturam com suas paixões, desejos, ambições e ilusões.

2º. Incapacidade de discriminar:

O *stultus* não é capaz de fazer a separação entre o conteúdo dessas representações externas e seus elementos subjetivos. Ele se torna vulnerável, incapaz de discernir claramente entre o que é externo e o que é interno, entre as influências do mundo e seus próprios estados mentais.

3°. Vontade fragmentada e divergente:

O *stultus* quer várias coisas ao mesmo tempo, mesmo que esses desejos sejam divergentes, sem serem necessariamente contraditórios. Por exemplo, ele pode desejar glória, mas ao mesmo tempo lamentar a falta de uma vida tranquila e prazerosa.

4°. Inconstância da vontade:

A vontade do *stultus* é caracterizada pela inércia e preguiça. Sua vontade é interrompida, muda de objetivo e não é constante. Ele não mantém uma vontade contínua e consistente.

5°. Contraste com o estado oposto:

Foucault destaca que o oposto da *stultitia* é caracterizado pela capacidade de querer livremente, querer absolutamente e querer sempre a si mesmo. Isso implica uma vontade que é livre, consistente e permanente, em contraste com a vontade fragmentada e inconstante do *stultus*.

Essa análise de Foucault sobre o *stultus* revela sua preocupação com a natureza da vontade, a influência das representações externas e a capacidade de discernimento e escolha na ética antiga. Esses conceitos são fundamentais para a compreensão da formação do sujeito ético na tradição filosófica que Foucault explora.

Um ilustrativo exemplo de um sujeito *stultus* é, como já vimos, Alcebíades, o destacado jovem ateniense e ambicioso político, cuja interação com Sócrates vimos acima sendo retratada no diálogo platônico *Alcebíades I*. Em cuja obra, o filósofo Sócrates confronta Alcebíades, que aspira a se tornar o conselheiro de Atenas, enquanto argumenta que, apesar das ambições políticas de Alcebíades, ele carece do conhecimento necessário para governar a si mesmo, o que por sua vez o impede de orientar-se eficazmente, bem como, os destinos de outros.

Foucault descobre com os gregos que a saída desse estado de *stultitia* só é possível com a *parresía* “que pode ser compreendida, genericamente, como franqueza, abertura do coração, abertura do pensamento, etc.” (2006, p. 209).

Ele destaca a importância da *parresía* na superação do estado de *stultitia*, termo como visto, utilizado por Foucault para descrever a ignorância ou a falta de sabedoria. A *parresía* é

apresentada como a chave para a saída desse estado, conforme observado por ele em sua análise da cultura grega.

Foucault na obra *A coragem da verdade* (1983-1984) diz que chegou a *parresía* “a partir da velha questão, tradicional no próprio cerne da filosofia ocidental, das relações entre sujeito e verdade [...] isto é: a partir de que práticas e através de que tipo de discursos se procurou dizer a verdade sobre o sujeito?” (2011, p. 5). Essa de forma particular é a meta principal da teoria de Foucault. Ainda na mesma obra, só que mais à frente, ele diz: “procurei encarar essa mesma questão das relações sujeito/verdade sob uma outra forma: não a do discurso em que se poderia dizer a verdade sobre o sujeito, mas a do discurso de verdade que o sujeito é capaz de dizer sobre si mesmo” (*ibidem*). Ou seja, Foucault reconhece que é importante o sujeito se conhecer, porém, para esse sujeito completar o ciclo do conhecimento de si, ele precisa ir além dessa compreensão e ser capaz de dizer a verdade sobre si. Isto faz lembrar Paulo Freire, quando diz que o oprimido só se liberta ao recuperar sua palavra e dizer a si mesmo numa relação dialógica (FREIRE, 2022).

A chegada a esse estágio, de dizer a verdade sobre si, marca a saída do estado de *stultitia*, contudo, como vimos acima, essa saída não é fácil, e é por isso que Foucault vai dizer que nesse processo de dizer a verdade sobre si, é necessário “um personagem constantemente apresentado como o parceiro indispensável [...] o outro. (FOUCAULT, 2011, p. 6). Isso porque na *stultitia*, como vimos acima, o indivíduo não tem relação consigo, e por isso mesmo precisa de um outro que o auxilie nesse processo.

O que Foucault está querendo dizer é que o *stultu* precisa de um mediador, alguém que direcione sua consciência e esse alguém é o filósofo *parresiasta*.

A questão que então se coloca é a seguinte: qual é, pois, a ação do outro que é necessária à constituição do sujeito por ele mesmo? De que modo vem ela inscrever-se como elemento indispensável no cuidado de si? O que é, por assim dizer, esta mão estendida, esta “educação” que não é uma educação, mas outra coisa ou uma coisa mais que educação? Ora podemos logo imaginar, o mediador que desde logo se apresenta, o operador que vem aqui impor-se na relação ou na edificação da relação do sujeito consigo mesmo, este mediador, este operador, seguramente o conhecemos. Ele mesmo se apresenta, impõe-se ruidosamente, proclama que é, unicamente ele, capaz de realizar esta mediação e operar esta passagem da *stultitia* à *sapientia*. Proclama ser o único a fazer com que o indivíduo possa querer a si mesmo – e assim atingir a si próprio, exercer soberania sobre si e, nesta relação, encontrar a plenitude da sua felicidade. O operador que se apresenta é, com certeza, o filósofo [...] Portanto, o filósofo se apresenta, ruidosamente, como o único capaz de governar os homens, de governar os que governam os homens e de constituir assim uma prática geral do governo em todos os graus possíveis: governo de si, governo dos outros. É quem governa os que querem governar a si mesmos e é quem governa os que querem governar os outros. (FOUCAULT, 2006, p. 166-167)

Assim, Foucault levanta questões sobre a relação entre o sujeito e o outro na constituição da identidade e do cuidado de si. Ele questiona o papel do outro na formação do indivíduo e como essa interação se inscreve no processo de autocuidado. Foucault destaca a presença do filósofo como um mediador que se apresenta como capaz de realizar essa mediação e conduzir o indivíduo da ignorância (*stultitia*) à sabedoria (*sapientia*), promovendo assim sua felicidade e plenitude.

Foucault ao fazer essa análise sobre o papel do outro, seja no conhecimento de si, seja no conhecimento do poder e da autoridade na constituição do sujeito e no exercício do cuidado de si, ao mesmo tempo lança luz sobre as dinâmicas de poder que permeiam as relações interpessoais e as práticas de governo, tanto a nível individual quanto coletivo. Portanto, segundo Foucault, esse outro na cultura antiga apesar de variável é fundamentalmente necessário.

O estatuto desse outro é variável, portanto. E seu papel, sua prática [...] é uma direção da alma [...] o modo de vida sob todos os aspectos.

[...] qualquer que seja esse papel, qualquer que seja esse estatuto, qualquer que seja sua função e qualquer que seja seu perfil, esse outro, indispensável ao dizer-a-verdade sobre si mesmo, tem ou antes diz ter, para ser efetivamente o parceiro do dizer-a-verdade sobre si, certa qualificação.

[...] A qualificação necessária a esse personagem incerto, um tanto nebuloso e flutuante é certa prática, certa maneira de dizer, que é precisamente chamada de *parresía* (a fala franca). (FOUCAULT, 2011, p. 7-8)

Foucault, ao discutir a importância do outro na prática de dizer a verdade sobre si mesmo, destaca que o estatuto desse interlocutor pode variar, mas seu papel é fundamental na direção da alma e no modo de vida sob todos os aspectos. Em outras palavras, ele aponta que, independentemente do papel, estatuto, função ou perfil desse interlocutor, é necessário que ele tenha uma certa qualificação para ser efetivamente o parceiro do dizer a verdade sobre si.

Essa qualificação necessária é descrita como a prática da *parresía*, que significa a fala franca ou a coragem de dizer a verdade. A *parresía* implica em uma maneira direta e corajosa de expressar-se, sem medo das consequências, mesmo que isso possa ser desconfortável ou desafiador (FOUCAULT, 2006; 2010; 2011; 2022). Essa prática é essencial para que o outro possa desempenhar seu papel na direção da alma do sujeito e no apoio ao processo de autoconhecimento e autoexpressão.

Foucault (2006), na obra *A hermenêutica do sujeito*, ao introduzir o conceito de *parresía*, destaca a importância da honestidade, da autenticidade, da confiança mútua e da amizade na relação entre o sujeito e o outro, enfatizando que essa prática é indispensável para uma verdadeira troca de experiências e reflexões sobre si mesmo.

Daí a importância que esse outro seja filósofo, ou mestre *parresiasta*, já que segundo Foucault “ninguém está suficientemente em boa saúde (*satis valet*) para sair sozinho deste estado (sair: *emergere*), neste caso, da *stutitia*. É preciso que alguém lhe estenda a mão, e alguém que o puxe para fora” (*ibidem*). Foucault (2006, p. 158) mostra que há “três tipos de mestria, três tipos de relação com o outro enquanto indispensável à formação do jovem”, que são:

Primeiramente, a mestria de exemplo. O outro é um modelo de comportamento, modelo transmitido e proposto ao mais jovem e indispensável à sua formação [...] o segundo tipo é a mestria de competência, ou seja, a simples transmissão de conhecimentos, princípios, aptidões, habilidades, etc. aos mais jovens. Finalmente, terceiro tipo de mestria: é a mestria socrática, sem dúvida, mestria do embaraço e da descoberta, exercida através do diálogo [...] estas três mestrias se assentam todas sobre um jogo entre ignorância e memória. (*ibidem*)

Aqui, Foucault aborda diferentes tipos de mestria para o conhecimento de si, destacando a importância do exemplo, da competência e da abordagem socrática. Vamos analisar cada uma dessas formas de mestria e em seguida vamos relacioná-la a prática de Sócrates mostrando-o como mestre *parresiasta* na filosofia do autoconhecimento:

#### 1. Mestria de Exemplo:

O primeiro tipo de mestria destaca a influência do exemplo como uma ferramenta fundamental na formação do mais jovem. Aqui, o comportamento do outro serve como um modelo a ser seguido, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento e na formação do indivíduo a ser formado.

#### 2. Mestria de Competência:

O segundo tipo de mestria concentra-se na transmissão direta de conhecimentos, princípios, habilidades e aptidões. Essa abordagem destaca a importância do domínio de conteúdos específicos e da capacidade de transmiti-los eficientemente aos mais jovens, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades e conhecimentos.

#### 3. Mestria Socrática:

Esse terceiro tipo de mestria, difere das anteriores ao enfatizar o processo de descoberta e aprendizado por meio do diálogo. Essa abordagem, associada ao método socrático, envolve a exploração conjunta de ideias, questionamentos e reflexões, utilizando o jogo entre ignorância e memória como um meio de promover a descoberta.

A menção ao “jogo entre ignorância e memória” destaca o papel essencial da interação, do questionamento e da busca ativa do conhecimento na mestria socrática. Nesse contexto, Sócrates exercia sua mestria não apenas transmitindo informações, mas desafiando seus interlocutores a explorarem suas próprias ideias e a alcançarem um entendimento mais profundo por meio do diálogo.

Sócrates, embora seja muitas vezes associado ao método socrático de questionamento e diálogo, também pode ser considerado um mestre do exemplo, na medida em que o seu próprio comportamento servia como um modelo influente para aqueles ao seu redor, especialmente seus discípulos mais próximos, como Platão.

A associação de Sócrates com a sabedoria vem principalmente dos relatos de seus discípulos, como Platão. Em *Apologia de Sócrates*, obra de Platão, em que Sócrates menciona o oráculo quando relata seu julgamento em Atenas. Ele afirma que seu amigo Querefonte foi ao Oráculo de Delfos e perguntou se havia alguém mais sábio do que Sócrates. A resposta do oráculo teria sido que não havia ninguém mais sábio do que Sócrates (PLATÃO, Apol., V, 21a).

Sócrates não apenas pregava seus princípios filosóficos, mas vivia de acordo com eles. Ele praticava a moderação, a humildade e a busca constante pela verdade. Seu estilo de vida modesto e desapegado dos bens materiais exemplificava os valores que ele defendia. A maneira como ele enfrentava desafios e adversidades também servia como um exemplo prático para seus seguidores.

A autenticidade de Sócrates era evidente em sua busca inabalável pela verdade, mesmo quando isso o colocava em desacordo com as convenções sociais e as figuras poderosas de Atenas. Sua integridade moral, combinada com sua coragem em enfrentar a morte em defesa de suas convicções, fazia dele um modelo de comportamento ético e autêntico.

Ao contrário de alguns mestres que ensinam por meio de preceitos explícitos, Sócrates exercia sua influência de maneira sutil. Seu método consistia em envolver as pessoas em diálogos penetrantes, questionando suas próprias crenças e incentivando a autorreflexão. Essa abordagem indireta, baseada em exemplos vivos, proporcionava uma forma de aprendizado mais profundo e duradouro.

O próprio Platão, um dos discípulos mais conhecidos de Sócrates, foi grandemente influenciado pelo exemplo de seu mestre. Os diálogos platônicos frequentemente apresentam Sócrates como uma figura de sabedoria e integridade, refletindo a impressão duradoura que seu exemplo teve sobre aqueles que o cercavam.

Sócrates não apenas ensinava por meio de palavras, mas, mais importante, por meio de suas ações e estilo de vida. Seu exemplo proporcionava um modelo vivo para seus seguidores, destacando a importância de viver de acordo com os princípios filosóficos que ele advogava. Tanto a mestria do exemplo, como da competência e mestria socrática, contribuiu significativamente para a formação ética e filosófica daqueles que o consideravam mestre e que buscavam o conhecimento de si.

Sócrates seria o modelo de *parresiasta* citado por Foucault que conduz seus discípulos sempre com um discurso verdadeiro, o qual os possibilita que alcancem a verdade sobre si mesmos, o que implica por sua vez, chegar ao conhecimento de si.

É crucial notar que essa filosofia não se limita ao âmbito individual, mas também se estende para as relações interpessoais e o ambiente que nos cerca. Essa perspectiva holística é exemplificada por Foucault na obra *Dizer a verdade sobre si*, onde ele mostra que Sócrates pôs ser o mestre do cuidado de si, explora a interligação entre a verdade, o eu, e a maneira como nos relacionamos com os outros e com o mundo à nossa volta.

Em primeiro lugar, o próprio Sócrates. Na *Apologia*, nós o vemos apresentar-se a seus juízes como o mestre do cuidado de si. Ele é aquele que interpela os passantes e lhes diz: vós vos ocupais de vossas riquezas, de vossa reputação e de honrarias; mas com vossa virtude e vossa alma não vos preocupais. Sócrates é aquele que zela para que seus concidadãos cuidem de si mesmos. Ora, no que concerne a esse papel, Sócrates diz um pouco mais adiante, na mesma *Apologia*, três coisas importantes: Essa é uma missão que lhe foi confiada pelo deus, e ele não a abandonará antes do último suspiro; é uma tarefa desinteressada, para a qual não pede nenhuma retribuição, cumprindo-a por pura benevolência; enfim, é uma função útil para a cidade, mais útil até que a vitória de um atleta em Olímpia, pois, quando ensinamos as pessoas a ocuparem-se de si mesmas (mais que de seus bens), ensinamo-las também a ocuparem-se da própria cidade (mais que de suas questões materiais).

No lugar de condená-lo, seus juízes fariam melhor se o recompensassem por ter ensinado os outros a cuidar de si mesmos. (FOUCAULT, 2022, p. 32-33)

Foucault ao analisar esse mesmo texto da *Apologia de Sócrates* em sua obra *A coragem da verdade* enfatiza qual seria o objetivo da missão de Sócrates:

O objetivo dessa missão é, claro, zelar permanentemente pelos outros, cuidar dos outros como se fosse seu pai ou irmão. Mas para obter o quê? Para incitá-los a cuidar,

não da sua fortuna, não da sua reputação, não de suas honrarias e dos seus encargos, mas deles mesmos, isto é, da sua razão, da verdade e da sua alma (*phrónesis*, *aletheía* e *psykhé*). Eles devem cuidar de si mesmos [...] e essa é, portanto, a missão de Sócrates [...] Esse outro objetivo é, de fato, fazer que as pessoas cuidem de si mesmas, que cada indivíduo cuide de si [enquanto] ser razoável que mantém, com a verdade, uma relação fundada no próprio ser da sua alma. E é nisso que temos agora uma *parresía* no eixo da ética. (FOUCAULT, 2011, p. 74-75)

A missão de Sócrates portanto, é a de um *parresiasta* ético, como alguém dedicado a ensinar seus concidadãos a cuidarem de si mesmos, a serem virtuosos de maneira altruísta e benevolente. Porém, essa sua proposta estava longe de ser egoísta no sentido moderno. Pelo contrário, o sujeito auxiliado pelo outro através da *parresía* ética, deve cuidar de si, contudo, em vista de melhorar-se, transformar-se para melhor conviver em sociedade, o que seria por sua vez a principal característica do autoconhecimento filosófico.

Aqui é importante abrir um parêntesis e fazer uma análise pertinente para esta dissertação, pois, chegar a esse ponto, de uma *parresía* ética, que começou em com a análise da *parresía* política,<sup>13</sup> culminou no que seria o objetivo maior de Foucault, ou como ele diz, sendo isso o que ele “sempre procurou fazer” (2011, p.9), com sua teoria filosófica, tal como segue:

Empreendendo a análise da *parresía* no campo das práticas políticas, eu me aproximava um pouco de um tema que havia sido afinal de contas constantemente apresentado na análise que eu havia [empreendido] das relações entre sujeito e verdade: o das relações de poder e de seu papel no jogo entre o sujeito e a verdade. Com a noção de *parresía*, arraigada originalmente na prática política e na problematização da democracia, derivada depois para a esfera da ética pessoal e da constituição do sujeito, com essa noção dotada de arraigamento político e derivação moral, temos [...] a possibilidade de colocar a questão do sujeito e da verdade do ponto de vista da prática do que se pode chamar de governo de si mesmo e dos outros [...] Parece-me que examinando a noção de *parresía* podemos ver se ligarem entre si a análise dos modos de veridicção, o estatuto das técnicas de governamentalidade e a identificação das formas de prática de si. A articulação entre os modos de veridicção, as técnicas de governamentalidade e as práticas de si é, no fundo, o que sempre procurei fazer. (FOUCAULT, 2011, p. 9)

Em outras palavras, Foucault, como vimos anteriormente, está traçando uma analítica do sujeito moderno, buscando desmistificar esse sujeito como produto do meio ou das relações de poder. Ele o faz de tal forma que seu estudo serve de base para que esse mesmo sujeito, através da teoria foucaultiana, possa alcançar o autoconhecimento, compreendendo sua

---

<sup>13</sup> Foucault ao empreender o estudo sobre a *parresía* (fala franca), se depara primeiramente com a *parresía* em sua forma política, a qual consistia em fazer uso do direito de fala dos cidadãos seja na assembleia, em uma situação particular com outrem, ou em geral na pólis.

condição e realidade. Isso é similar ao que Rago (2018) discute, referindo-se ao sujeito governado e moldado em uma cultura neoliberal. A filosofia, nesse contexto, oferece ao sujeito a possibilidade de reverter sua situação e transformar a si mesmo. Um exemplo disso é a *parresía* ética, na qual o sujeito se torna capaz de dizer a verdade sobre si mesmo, assumindo, dessa forma, o governo de si e dos outros.

Assim podemos perceber que a análise de Foucault sobre Sócrates como mestre parresiasta também situa Foucault como um mestre parresiasta.

Foucault (2011) faz isso, primeiramente apresentando Sócrates como o “mestre *parresiasta* do cuidado de si” na Apologia, destacando como ele interpela as pessoas a refletirem sobre suas prioridades ao lhes dizer sempre a verdade. Ele os lembra de que estão ocupados com preocupações materiais, como riquezas, reputação e honrarias, mas frequentemente negligenciam a virtude e a saúde da alma. Sócrates atua como um guia que motiva seus concidadãos a considerarem seu próprio bem-estar.

Além disso, Foucault ressalta que Sócrates, considera essa missão como uma responsabilidade divinamente confiada, algo que ele levará até o seu último suspiro. Ele não busca recompensas materiais ou ganhos pessoais em troca de seu ensinamento; ao contrário, ele desempenha esse papel por puro desejo de beneficiar os outros.

Seu papel específico não é dizer o ser da natureza e das coisas. Na análise da *parresía*, vamos encontrar perpetuamente essa oposição entre o saber inútil que diz o ser das coisas e do mundo, e o dizer-a-verdade do *parresiasta* que sempre se aplica, aponta para indivíduos e situações a fim de dizer o que estes são na realidade, dizer aos indivíduos a verdade deles mesmos que se esconde a seus próprios olhos, revelar sua situação atual, seu caráter, seus defeitos, o valor de sua conduta e as consequências eventuais da decisão que eles viessem a tomar. O *parresiasta* não revela a seu interlocutor o que é. Ele desvela ou o ajuda a reconhecer o que ele, interlocutor, é. (FOUCAULT, 2011, p. 18)

Michel Foucault, ao abordar essa ideia de *parresía* como um conceito grego que significa “falar livremente” ou “falar a verdade”, destaca que o papel específico da *parresia* não é descrever o ser das coisas ou da natureza, mas sim revelar a verdade sobre os indivíduos e as situações em que estão inseridos para que estes saibam quem são. Ou seja, o *parresiasta* fala a verdade a seu interlocutor, ainda que esta venha a feri-lo.

Ele contrasta esse tipo de discurso com outros tipos de conhecimento que podem ser considerados “inúteis” porque apenas descrevem a essência das coisas, sem necessariamente trazer à tona a verdade sobre a realidade das pessoas e das circunstâncias em que vivem.

O *parresiasta*, de acordo com Foucault, não está interessado em apenas informar seu interlocutor sobre o que ele é, mas em ajudá-lo a reconhecer sua própria verdade, muitas vezes obscurecida por suas próprias perspectivas ou pelo contexto social em que se encontra. Isso implica revelar aspectos da situação atual, do caráter, defeitos e potenciais consequências das decisões que a pessoa pode tomar.

Portanto, Foucault destaca a importância da *parresía* como uma forma de falar a verdade que não apenas desvela a realidade, mas também ajuda os indivíduos a confrontarem e reconhecerem suas próprias e verdadeiras naturezas, promovendo uma espécie de autoconhecimento e consciência crítica. E essa *parresía* que Foucault define como ética, e que a define a partir de Sócrates, ele a compreende como a própria filosofia.

Em conclusão gostaria de dizer o seguinte. Vemos esboçar-se aqui, creio eu, uma outra *parresía* que não deve ser exposta ao perigo da política, por um lado porque ela tem uma forma totalmente diferente, porque é incompatível com a tribuna e as formas de retórica próprias do discurso político, e, por outro lado, porque poderia ser reduzida ao silêncio, quer procure se manifestar numa democracia, quer numa oligarquia. [Mesmo assim], essa *parresía* que é preciso preservar do risco político é útil a cidade. E é o que repete incansavelmente Sócrates ao longo de toda Apologia: estimulando vocês a cuidar de si mesmos, é à cidade inteira que sou útil. E se protejo minha vida é precisamente no interesse da cidade. É do interesse da cidade proteger o discurso verdadeiro, a veridicção corajosa que estimula os cidadãos a cuidar de si mesmos. Enfim a filosofia – como veridicção corajosa, como *parresía* não política, mas numa relação essencial com a utilidade da cidade – vai se desenvolver ao longo do que poderíamos chamar de grande corrente dos cuidados e das solitudes. [...] O que enfim aparece como tema fundamental desse discurso corajoso e filosófico, como objetivo maior dessa *parresía*, desse dizer-a-verdade filosófico e corajoso, é o cuidado de si, articulado na relação com os deuses, na relação com a verdade e na relação com os outros. De modo que o que perpassa, me parece, todo esse ciclo da morte socrática, é o estabelecimento, a fundação, em sua especificidade não política, de uma forma de discurso que tem como preocupação, que tem como cuidado, o cuidado de si. (FOUCAULT, 2011, p. 78)

É por isso que Sócrates é o modelo de *parresiasta* para Foucault, porque a partir dele temos a filosofia do cuidado de si, a qual ensina as pessoas a cuidarem de si mesmas, um serviço que não se encerra em si mesmo, mas que alcança os outros e é altamente benéfico para a cidade. Ele afirma que essa sua filosofia promove a virtude e o bem-estar individual, o que, por sua vez, contribui para o aprimoramento da comunidade como um todo. É, por isso que na Apologia, Sócrates, argumenta que os juízes deveriam recompensá-lo por seu ensinamento, pois, ao cuidar de si mesmos, os cidadãos também aprendem a cuidar de sua cidade, priorizando questões morais e éticas em vez de interesses puramente materiais.

Assim podemos afirmar, portanto, que o autoconhecimento na tradição socrática, embora envolva tanto uma relação do sujeito sobre si mesmo, como reflexão de si e sobre si, não se deve confundir com o individualismo ou egoísmo no sentido moderno. Pois o cuidado de si, que implicava um ocupar-se consigo era em função de uma transformação ética do sujeito para que este pudesse melhor cuidar da cidade de forma justa.

Não é à toa que Foucault destacou a mestria socrática; ele estava interessado em como as práticas de cuidado consigo e o conhecimento pessoal eram fundamentais para o desenvolvimento moral e ético do indivíduo, especialmente em seu estudo das técnicas de autodomínio na filosofia antiga. Ele argumentava que o autocuidado por meio do autoconhecimento era essencial para a formação do sujeito moral. Por isso, Foucault ressalta que o eixo central da *parresía* é o *conhece-te a ti mesmo*, onde reside a importância de compreender como esses conceitos se entrelaçam na busca pela compreensão de quem somos e no cultivo de uma ética pessoal.

Temos aí, de maneira mais que evidente, maciça, fácil de identificar na cultura antiga, todo um jogo de práticas implicando o dizer a verdade sobre si mesmo [...] temos aí certa tendência que consiste em analisar essas formas de práticas do dizer-a-verdade sobre si mesmo relacionando-as de certo modo a um eixo central que é, evidentemente – o que é perfeitamente legítimo –, o princípio socrático do “conhece-te a ti mesmo”[...] esse preceito, tão arcaico, tão antigo na cultura grega e romana, e que encontramos regularmente associado, nos textos platônicos e [mais] precisamente nos diálogos socráticos, ao *gnôthi seautón*. (FOUCAULT, 2011, p. 6)

Na verdade, Foucault iniciou a análise da *parresia* em sua obra *A Hermenêutica do Sujeito*. Nessa obra, ele inicia sua reflexão sobre a relação entre o *conhece-te a ti mesmo* e o cuidado consigo mesmo a partir do diálogo *Alcebíades I*. Embora tenhamos mencionado isso anteriormente, é necessário revisitar essa ideia mais uma vez. Alcebíades ao longo desse diálogo tem Sócrates como o mestre *parresiasta* que lhe diz a verdade, que o conduz a verdade sobre si mesmo, ou seja, Alcebíades precisa se conhecer para ser capaz de dizer a verdade sobre si. Ele quer se tornar governante, mas para isso ele precisa se tornar governante de si mesmo, para depois o ser dos outros.

Assim podemos observar que o movimento desse diálogo mostra o movimento da filosofia socrática rumo ao conhecimento de si, já, que Alcebíades impelido pelo preceito délfico do *conhece-te a ti mesmo*, fez todo um percurso filosófico em direção a si mesmo, chegando a uma compreensão de si, e não só da sua ignorância como também, da necessidade de cuidar de si ao ocupar-se consigo, que implicava por sua vez, em ocupar-se com a justiça,

com a qual ele se compromete. Tal como nos mostra Foucault (2006), onde Alcebíades conduzido pela filosofia através de Sócrates, se abre ao conhecimento do divino, o que permite que sua alma atinja a sabedoria (*sophrosýne*), e retorne a si com a capacidade de refletir, seja distinguir o bem do mal, seja governar a cidade ou a si mesmo.

Abrindo-se ao conhecimento do divino, o movimento pelo qual nos conhecemos, no grande cuidado que temos de nós mesmos, permitirá que a alma atinja a sabedoria, se estiver em contato com o divino, se o tiver apreendido, se tiver podido pensar e conhecer este princípio de pensamento e de conhecimento que é o divino, a alma será dotada de sabedoria (*sophrosýne*). Dotada de *sophrosýne* a alma poderá, neste momento, retornar ao mundo aqui de baixo. Saberá distinguir o bem do mal, o verdadeiro e o falso. Saberá então conduzir-se como se deve, saberá governar a cidade. (FOUCAULT, 2006, p. 89-90)

Portanto, quando Sócrates empregou a filosofia como meio de orientar Alcebíades na busca do conhecimento de si mesmo, isto alinhado com a visão platônica, nessa perspectiva, a filosofia é o veículo que capacita a alma a elevar-se ao ponto de compreender sua essência, notadamente sua excelência, a sabedoria, e o poder do pensamento. Isso permite que a alma, revestida de *Sophrosýne*, adquira a capacidade de navegar eficazmente neste mundo, seja discernindo entre o bem e o mal, seja no governo de si ou dos outros, ou no controle de suas próprias ações. Consequentemente, a filosofia socrática emerge como uma filosofia que, ao proporcionar o conhecimento de si, direciona o indivíduo para uma integração mais significativa na sociedade.

Contudo, é importante destacar que esse caráter da filosofia se perdeu ao longo da história, e atualmente não temos mais uma filosofia do cuidado de si, pois a filosofia do autoconhecimento passou à teoria do conhecimento. Segundo Foucault “a noção de cuidado de si foi pouco a pouco eliminada do pensamento e da preocupação filosóficos” (FOUCAULT, 2006, p. 35).

A compreensão de Foucault dessa perda do cuidado de si na história da filosofia é o motivo do seu retorno aos gregos, não que seja isso a preocupação central dele, mas no sentido de que Foucault realiza uma genealogia do sujeito moderno e ao identificar o sujeito moderno como aquele produzido pelo capitalismo neoliberal, faz com que ele retorne aos gregos buscando uma resposta ao mesmo tempo que uma saída filosófica. Já que segundo ele com o momento cartesiano, a filosofia passa à teoria do conhecimento e o sujeito perde espaço para o conhecimento e somente ele, tal como nos diz Foucault:

Podemos dizer que entramos na idade moderna (quero dizer, a história da verdade entrou no seu período moderno) no dia em que admitimos que o que dá acesso à verdade, é o conhecimento e tão somente o conhecimento. É aí que, parece-me, o que chamei de “momento cartesiano” encontra seu lugar e sentido, sem que isto signifique que é de Descartes que se trata, que foi exatamente ele o inventor, o primeiro a realizar tudo isto. Creio que a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele. (FOUCAULT, 2006, p. 22)

Michel Foucault, está discutindo aqui o conceito de verdade na *idade moderna*, ele ressalta a transição para o que ele chama de idade moderna da história da verdade, e seu ponto central é que, nesse período, o conhecimento torna-se o principal meio de acesso à verdade, enquanto o sujeito fica como que esquecido, “nos preocupamos com a verdade, aliás, mais do que conosco” (FOUCAULT, 2012, p. 274), ou seja, a filosofia do autoconhecimento, ou do cuidado de si, fica esquecida. Vejamos isso em mais detalhes:

Quando Foucault fala em *Idade Moderna da História da Verdade* está sugerindo que ao longo da história, houve diferentes concepções e métodos para determinar o que é verdadeiro. Ele acredita que a ideia de verdade passou por transformações ao longo do tempo e que a *idade moderna* marca uma nova fase nessa evolução. Faltando assim uma concepção de quem seria o sujeito moderno.

Foucault (2006) também ressalta que na modernidade, o conhecimento é o principal acesso ao que é verdadeiro, destacando assim a importância do saber como meio primordial para se alcançar a verdade na era moderna. Isso implica que sistemas de conhecimento, como a ciência e a razão, tornaram-se os principais árbitros do que é considerado verdade. Isso também desconsidera o que poderíamos chamar de uma filosofia do autocuidado ou do autoconhecimento filosófico.

Para Foucault a referência ao *momento cartesiano*, está associando à ideia de que o conhecimento é fundamental para a busca da verdade. Esse termo faz alusão ao filósofo René Descartes, que é conhecido por sua frase “Cogito, ergo sum” (Penso, logo existo), um marco na filosofia moderna que destaca a importância do pensamento crítico e da razão. Contudo, não significa que é de Descartes que se trata, que foi exatamente ele o inventor, o primeiro a realizar tudo isto: Foucault esclarece que o *momento cartesiano* não se limita ao trabalho de Descartes, e que ele não está afirmando que Descartes foi o único responsável por essa mudança de paradigma. Em vez disso, ele está apontando para uma mudança mais ampla na maneira como a verdade, ou seja, a filosofia como essa busca pela verdade, é concebida na idade moderna. De forma mais específica, Foucault está abordando a transição pela qual a filosofia passa, de

filosofia do cuidado de si, ou autoconhecimento para teoria do conhecimento, bem como da importância desse resgate na contemporaneidade.

Em outra obra de Foucault, cujo título é *O governo de si e dos outros*, de 1983, ele deixa bem claro qual é o projeto geral de sua filosofia, ao dizer:

O que procurei fazer foi uma história do pensamento. E por “pensamentos” queria dizer uma análise do que se poderia chamar de focos de experiência, nos quais se articulam uns sobre os outros: primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis. (FOUCAULT, 2010, p. 4)

Nessa mesma página da obra, Foucault explica que essa história do pensamento não seria uma história das mentalidades, ou melhor, “uma análise dos comportamentos efetivo às expressões que podem acompanhar esses comportamentos” (FOUCAULT, 2010, p. 6), nem tampouco seria uma análise das ideologias. Mais à frente no mesmo capítulo ele volta a explicar o que seria essa história do pensamento: “o percurso que procurei seguir e que era necessário, honestamente, que eu tentasse reconstruir para vocês, nem que tão só para fazer um balanço...” (*ibidem*, p. 7). Nesse exato momento, o texto sofre um interrupção, pois Foucault é interrompido por um ruído, e justamente antes de concluir o que de fato isso significaria, assim sua exposição se desvia de seu objetivo, no entanto, é possível recuperá-lo, já que nesse exato momento do texto há uma nota de rodapé que explica o que Foucault pretendia concluir. Segue a nota:

Que sentido dar a essa empreitada?  
São sobretudo seus aspectos ‘negativos’, negativistas que aparecem ao primeiro olhar. Um negativismo historicizante, já que se trata de substituir uma teoria do conhecimento, do poder ou do sujeito pela análise de práticas históricas determinadas. (FOUCAULT, 2010, p. 7)

Foucault deixa claro que não pretende fazer de sua filosofia uma teoria do conhecimento. Portanto, a crítica que ele já havia feito na obra *A hermenêutica do sujeito*, ele a retoma neste texto, não de forma tão explícita como vimos acima, onde ele argumenta, que na “idade moderna da história da verdade” (FOUCAULT, 2006), o conhecimento se tornou o principal meio de acesso à verdade, representando uma mudança significativa nas concepções anteriores. E que é preciso enfatizar mais uma vez, que ele não atribui essa mudança exclusivamente a Descartes, mas usa o *momento cartesiano* como um símbolo dessa transição.

Foucault que é conhecido por sua análise crítica das estruturas de poder e conhecimento, está aqui refletindo sua perspectiva sobre como o conhecimento e a verdade na filosofia se

entrelaçam na história do pensamento humano. E como a Filosofia ao centralizar no conhecimento pura e simplesmente favoreceu um desvio que dificultou a identificação desse sujeito moderno. O que de certa forma, Foucault se propôs a retomar, ao fazer a genealogia desse sujeito moderno.

Assim, Foucault, através de sua análise epistêmica como uma investigação crítica sobre os sistemas de conhecimento e as condições de produção do saber na idade moderna, examinou como o conhecimento é produzido, legitimado e disseminado, além de como ele está ligado ao exercício de poder na sociedade contemporânea. E através dessa análise, ele fez o resgate desse sujeito moderno como produto do contexto neoliberal, configurado pelas relações de poder como um de seus produtos.

E através dessa análise, Foucault empreendeu uma investigação crítica dos sistemas de conhecimento e das condições que moldam sua produção em diversas épocas e contextos sociais. Ele examinou cuidadosamente como o conhecimento é gerado, validado e disseminado, destacando sua intrincada relação com o exercício de poder na sociedade contemporânea. Por meio desse escrutínio, Foucault resgata a figura do sujeito moderno como um produto do contexto neoliberal, onde as relações de poder desempenham um papel central na sua configuração.

O capitalismo transformou o corpo orgânico e a vida no centro de suas estratégias de poder. Ao contrário da disciplina, que individualiza e atua no homem-corpo considerado como máquina, a biopolítica envolve estratégias globais de gerenciamento da vida e dos processos biológicos e tem como alvo a população enquanto homem-espécie. As questões ligadas à vida passam a serem geridas pelo Estado, como os índices de natalidade, mortalidade, sexualidade, epidemias, pandemias e higiene. Dessa forma, a biopolítica age sobre a população com o objetivo de assegurar e aprimorar a existência. (Barros, 2019, p. 9)

Barros citando Foucault destaca a transição do poder disciplinar para a biopolítica no contexto do capitalismo. No modelo disciplinar, o foco estava na individualização e controle dos corpos como máquinas, visando a eficiência e produtividade. No entanto, com a ascensão da biopolítica, as estratégias de poder se expandem para além do nível individual, passando a gerenciar a vida e os processos biológicos da população como um todo.

Nesse sentido, o Estado passa a exercer um papel mais amplo na gestão da vida, intervindo em questões como natalidade, mortalidade, sexualidade e saúde pública. A biopolítica busca não apenas controlar, mas também assegurar e aprimorar a existência da população, moldando suas condições de vida de acordo com determinados objetivos políticos

e econômicos. Segundo Barros, Foucault chamou a isso de biopolítica, o que “seria fruto de uma das principais mudanças políticas da modernidade: a estatização do biológico e a entrada da vida nos cálculos e dispositivos de poder” (2019, p.8).

A biopolítica, para Foucault, representa uma forma de poder que atua sobre a vida e os processos biológicos da população, buscando não apenas controlar, mas também gerir e regular a existência humana em seus aspectos mais amplos. Mesmo porque o capitalismo não apenas molda as relações econômicas, mas também influencia profundamente as dinâmicas sociais e políticas, incluindo a forma como a vida humana é governada e administrada em níveis populacionais. Contudo, segundo Foucault, o sujeito que é governado pode também governar-se a si mesmo, basta que compreenda a ligação entre o modo de manipulação e conhecimento de si pelos outros e a condução e conhecimento de si mesmo através das práticas de si, incluindo a *parresía*.

O espaço aberto pelo conceito de biopolítica conferiu novos contornos à genealogia do poder. Ao analisar os mecanismos de poder ligados à gestão da vida da população, Foucault voltou sua atenção para fenômenos de maior escala, o que marcou a expansão da sua noção de poder. No curso Segurança, território e população, Foucault apresenta o poder em termos de condução da conduta, ou seja, a forma pela qual um indivíduo ou grupo interfere na conduta do outro, exercendo sobre ele um governo. Mais do que práticas políticas, como administrar um território ou um Estado, governar possui um sentido ético-político é tomado como a relação do indivíduo consigo mesmo e com os outros. “O ponto de contato do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios. Pode chamar-se a isto o governo.” (FOUCAULT, 1993, p. 208-209 *apud* BARROS, 2019, p. 10). (BARROS, 2019, p. 10)

E chegar a essa compreensão é fundamental para Foucault, já que é através dela que podemos desmascarar a noção de *governamentalidade* que é “um poder de conduzir a conduta do outro e que também incita o indivíduo a conduzir a sua conduta. Para Foucault, sobretudo, será o neoliberalismo que vai trazer essa racionalidade” (RAGO, 2018). Para Rago, Foucault desenvolveu essa ideia ao longo de sua pesquisa sobre o poder, a política e as práticas de controle social, como uma forma do sujeito superar a dominação e exploração tão características das sociedades capitalistas a partir da modernidade.

Barros (2019) ao escrever sobre o conceito de governamentalidade irá dizer que em Foucault, este, abrange dois eixos: o primeiro como “mecanismos de poder e as práticas de governo” (p. 5), que tem como objetivo a sujeição dos indivíduos; e o segundo “a relação e o governo que o indivíduo estabelece consigo e com os outros” (*ibidem*).

A governamentalidade teria assim, essa dupla característica, referindo-se ao modo como o poder é exercido e como os indivíduos e as populações são governados em sociedades modernas, bem como os indivíduos deveriam se autogovernar para não se deixarem explorar ou dominar... E isso como vimos acima, partindo de uma atualização da filosofia socrático-platônica, da transformação de si em vista da justiça.

Porém, no ano de 1980, Foucault aborda a governamentalidade como a confluência entre práticas políticas e ético-políticas. Dessa forma, o autor define este conceito como o “encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (2004, p. 784 apud BARROS, 2019, p. 16). Assim, está relacionado à construção de subjetividades e à conformação de indivíduos como sujeitos governados. Foucault explora como as pessoas são incentivadas a agir de certas maneiras e a internalizar normas e valores específicos que são promovidos pelo poder, constituindo uma falsa identidade

Segundo Barros (2019, p. 16), “nesse desdobramento das noções de governamentalidade e poder, o indivíduo poderá usar do governo de si como prática de resistência, subvertendo os mecanismos de sujeição, exercendo a arte de não se deixar governar”. Dessa forma, nos estudos foucaultianos a análise do cuidado de si atribui voz e espaço à resistência. E é exatamente para isso, para esse cuidado de si, que tem início com o conhecimento de si, que por sua vez passa pela prática de si, que segundo Foucault, o sujeito contemporâneo precisa despertar, mesmo porque “não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado Sócrático-platônico” (FOUCAULT, 2012, p. 262).

De modo geral, a filosofia de Foucault encontra pontos de convergência com a filosofia socrático-platônica na genealogia do sujeito moderno, oferecendo contribuições significativas para sua construção e transformação. O que podemos denominar como autoconhecimento filosófico, conforme delineado na tradição socrático-platônica, envolve não apenas uma introspecção, mas também a capacidade de cuidar de si, analisar criticamente o próprio pensamento, construir a própria subjetividade, superar o domínio de outrem sobre si e promover o autogoverno e o governo dos outros. Isso se torna crucial, pois, conforme Foucault (2012, p. 266), “se o sujeito sabe ontologicamente o que é e do que é capaz, não pode, a partir desse momento, abusar do seu poder sobre os outros”. O que também podemos constatar com uma das maiores comentadoras de Foucault, Salma Tannus:

Foucault seria o modelo do intelectual específico do qual ele fala tanto [...] Ele extraiu de Sócrates lições para aplicar hoje (lições boas).

A *parresía* não é só lição de Sócrates é também de Foucault para nós. Que ele vê nos gregos muitos defeitos é claro, ele nunca quis trazer os gregos para hoje, ele diz claramente – que os gregos não eram tão bom assim. O que ele fez foi destacar algumas coisas dentro daquele contexto – que ele contextualiza e faz a gente pensar hoje. Então quando ele parte da análise da *parresía* para a atitude crítica e a nossa postura diante dos governos, isso é hoje. (MUCHAIL, 2022)

Assim Foucault como Sócrates, é para nós, o filósofo *parresiasta* que dizendo a verdade acerca desse sujeito moderno, o auxilia no conhecimento de si e por sua vez no exercício livre de seu autogoverno.

### **3 A JORNADA DO ENSINO DA FILOSOFIA: Origens na Grécia e no Brasil**

A filosofia, com suas profundas indagações e reflexões sobre a existência humana e o universo, trilha uma jornada de conhecimento que remonta às antigas civilizações. Nesta trajetória, é fundamental analisar suas origens na Grécia e no Brasil, destacando sua íntima ligação com o autoconhecimento e examinando sua evolução no contexto educacional ao longo do tempo.

O presente capítulo tem como objetivo aprofundar a compreensão do ensino da filosofia, abordando três momentos específicos. No primeiro e no segundo tópico do estudo, será feita uma análise da origem e da relação dessa disciplina com o autoconhecimento, buscando aprofundar a compreensão das raízes históricas e filosóficas. No terceiro momento, será estabelecida uma conexão histórica entre a Grécia e o Brasil, com o intuito de examinar de que forma a filosofia foi incorporada ao currículo educacional brasileiro ao longo do tempo e analisar o desenvolvimento de sua aplicação, especialmente no contexto do ensino para adolescentes. Ao abordar esses dois momentos-chave, o capítulo traça uma linha de conexão entre a origem da filosofia e sua evolução, culminando em uma análise da experiência brasileira. Essa abordagem não segue uma sequência cronológica linear, mas busca destacar os aspectos mais relevantes e significativos da jornada educacional.

Essa perspectiva permitirá uma visão mais abrangente e contextualizada do ensino da filosofia, proporcionando uma reflexão mais aprofundada de sua relação com o autoconhecimento e sua aplicação ou não no cenário educacional brasileiro.

Na Grécia Antiga, berço da filosofia ocidental, encontramos os alicerces do ensino filosófico através dos pensadores que perpassaram os períodos: pré-socráticos, dos sofistas, do socrático com a figura emblemática de Sócrates e o do helenismo. É nesse cenário que se estabelece o

fundamento da filosofia ocidental, culminando na busca pelo autoconhecimento através da reflexão filosófica, especialmente representada por Sócrates.

A filosofia grega emergiu como um instrumento para explorar questões existenciais e compreender o lugar do ser humano no mundo. Sócrates, por exemplo, defendeu a ideia de que o conhecimento de si mesmo é um ponto de partida crucial para uma vida significativa. Através de diálogos socráticos, os indivíduos eram desafiados a questionar suas crenças e valores, promovendo assim a introspecção e a autorreflexão.

A filosofia também se enraizou na busca pela verdade, na exploração do conhecimento e na análise crítica do mundo ao redor. Pensadores como Platão e Aristóteles expandiram o escopo da filosofia ao explorar áreas como a ética, a política, a metafísica e a epistemologia, contudo nesta dissertação não trataremos da filosofia de Aristóteles.

O autoconhecimento continuou a ser uma pedra angular do pensamento filosófico, pois como disse Foucault, se referindo a filosofia na Antiguidade, “A preocupação mais importante da filosofia girava em torno de si” (FOUCAULT, 2012, p. 273), ao se referir a via da filosofia como conhecimento de si.

A trajetória da filosofia, no entanto, expandiu-se para novos horizontes através da disseminação do conhecimento ao longo das fronteiras. No âmbito educacional brasileiro, a filosofia foi progressivamente integrada ao currículo, deixando de lado esta característica peculiar dos passos da tradição grega. Durante o período colonial, as primeiras escolas jesuítas trouxeram consigo a introdução de conceitos filosóficos no sistema educacional. Entretanto, ao longo do tempo, tornou-se evidente uma notável ausência na ênfase dada ao desenvolvimento do autoconhecimento dentro da educação e essa lacuna persistiu até os dias atuais.

Com a instituição dos cursos de Filosofia no Brasil ao longo do século XIX e a subsequente incorporação da disciplina nos currículos escolares durante o século XX, é notável que, embora o ensino da filosofia tenha sido direcionado de forma a servir como instrumento de alienação e controle pela elite branca sobre as populações indígenas e africanas, a própria filosofia encontrou ocasiões de insurgência. Ela desempenhou seu papel de análise crítica e impulsionou movimentos contestatórios diante da ordem estabelecida. Isso se traduziu na disponibilização de ferramentas essenciais para que os jovens pudessem questionar o contexto social que os cercava e aprimorar suas capacidades analíticas e argumentativas.

Assim sendo, a trajetória do ensino da filosofia desde seus primeiros passos na Grécia até sua integração ao currículo educacional brasileiro é marcada por momentos que variam entre

a busca de autoconhecimento e de compreensão do mundo ao seu redor, entremeados por períodos de negligência que conduzem à manipulação e à alienação dos estudantes.

Contudo, a conexão histórica entre Grécia e Brasil destaca como a filosofia evoluiu e se adaptou ao longo dos séculos, enriquecendo a educação de adolescentes e incentivando a formação de cidadãos pensadores e críticos. Porém é necessário o resgate do ensino da disciplina como meio para o autoconhecimento a fim de que continue a iluminar o caminho para a autorreflexão, o questionamento e a construção de um conhecimento sólido sobre a natureza humana e a sociedade.

### **3.1 Desvendando as Raízes: O Ensino da Filosofia na Grécia Antiga como Jornada Rumo ao Autoconhecimento**

Para abordar o nascimento do ensino de filosofia, faz-se necessário refletir sobre seu princípio e origem na Grécia. É importante esclarecer que não se defende nesta dissertação que a filosofia seja uma prática exclusivamente ocidental, mas é um fato histórico que a filosofia se consolidou como prática acadêmica na Grécia e como apontado por Lyotard (2013), o princípio que a move, é antes de tudo o desejo do homem de conhecer o próprio homem, uma vez que a curiosidade sobre si mesmo, sobre sua existência e lugar no mundo, foi o que motivou os primeiros filósofos em sua busca pela origem de tudo tal como também nos diz Souza, ao afirmar que:

Os filósofos pré-socráticos buscam a *arché*, ou seja, o elemento originário que teria dado origem à multiplicidade dos fenômenos que compõem a *physis*, a natureza. Quando o primeiro pré-socrático afirma: tudo teve a sua origem na água, cria a primeira teoria científica e filosófica do ocidente. A afirmação de Tales de Mileto é sustentada pelo pensamento teorizante; através deste, busca a unidade primordial de todas as coisas. (SOUZA, 2010, p. 33)

Tales, assim como Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Pitágoras e outros, transcenderam as fronteiras do pensamento ao forjar uma intrincada cosmologia que buscava iluminar os segredos do universo através do conceito do logos. Este empreendimento, por sua vez, lançou as bases de um novo paradigma para perceber e compreender a realidade. Com efeito, esse período marcou o surgimento da filosofia e o estabelecimento da primeira escola filosófica, liderada pelos pré-socráticos. Embora suas intenções difiram do enfoque antropológico de Sócrates, elas ao mesmo tempo constituem seus alicerces.

Esses primeiros pensadores direcionaram sua atenção para o cosmos, ansiando desvendar a totalidade da existência por meio da observação da natureza. Essa jornada de exploração cosmológica, embora tenha dado origem a um novo entendimento nascente, acabou inadvertidamente diminuindo a importância da introspecção pessoal, colocando-a em segundo plano. Sua visão, enquanto abrangente no âmbito cósmico, apresentou-se limitada e confinada no que tange à compreensão de sua própria essência.

No entanto, mesmo com suas fronteiras delimitadas, a empreitada destes pioneiros encetou um passo inaugural na busca do saber, pavimentando o caminho para a futura interpretação de suas experiências no seio do mundo. Seu legado reside não apenas no panorama cosmológico que delinearam, mas também no catalisar da inquisição humana que, em última análise, engendrou um valioso alicerce para a reflexão filosófica, conduzindo as gerações posteriores na senda do autoconhecimento e da compreensão profunda da existência.

Como exemplo temos a Escola Filosófica de Parmênides (Jaeger, 1994, p. 221), situada na antiga cidade grega de Eleia que se ergue como um marco notável no mundo do pensamento clássico. Fundada pelo filósofo Parmênides de Eleia do final do século VI a.C., essa escola desencadeou debates e reflexões profundas sobre a natureza da realidade, a natureza do ser e a relação entre o mundo sensível e o mundo das ideias.

Parmênides, um mestre da lógica e do raciocínio abstrato, é lembrado principalmente por sua obra poética intitulada *Sobre a Natureza*. Nesse poema, ele delineia uma visão única da realidade que contrasta com as perspectivas de seus contemporâneos. Sua filosofia essencialmente postula a ideia de que a realidade é uma única e imutável substância, o *Ser*, que é eterno, homogêneo e indivisível. Jaeger (1994) nos aponta que foi ele quem nos indicou os dois caminhos principais por onde a filosofia iria se conduzir:

Parmênides é o primeiro pensador que levanta conscientemente o problema do método científico e o primeiro que distingue com clareza os dois caminhos principais que a filosofia posterior há de seguir: a percepção e o pensamento. O que não conhecemos pela via do pensamento é apenas “opinião dos homens”. Toda salvação se baseia na substituição do mundo da opinião pelo mundo da verdade. Parmênides considera esta conversão como algo violento e difícil, mas grande e libertador. Põe na exposição do seu pensamento um ímpeto grandioso e um *páthos* religioso que transcende os limites do lógico e lhe confere uma emoção profundamente humana. [...] Em tudo que Parmênides escreveu palpita a emocionante experiência desta conversão da investigação humana ao pensamento puro. (JAEGER, 1994, p. 221)

Jaeger apresenta uma compreensão da contribuição da Escola de Parmênides para o desenvolvimento do pensamento filosófico. O autor ressalta o papel do filósofo como o pioneiro

na exploração consciente do método científico e na distinção crucial entre os dois caminhos principais que a filosofia subsequente seguirá: percepção e pensamento.

O pensamento de Parmênides destaca a clara diferenciação entre o conhecimento derivado da reflexão profunda e as simples opiniões humanas. Ele reforça a concepção de que a autêntica compreensão é edificada pela troca do efêmero mundo das opiniões pelo sólido reino da verdade. Esse processo de substituição é retratado como um ato tanto intenso quanto desafiador, porém igualmente magnífico e emancipador. Isso ressalta a natureza transformadora da busca pelo conhecimento verdadeiro, que implica desafiar as noções convencionais e mergulhar no âmago das realidades mais profundas que envolvem o ser humano.

A menção ao *ímpeto grandioso* e ao *páthos religioso* na exposição do pensamento de Parmênides evoca uma dimensão emocional e espiritual que transcende os limites do racional. Isso destaca a profundidade de sua jornada filosófica e a maneira como sua busca pelo entendimento da realidade atinge a essência da experiência humana.

Além disso, Jaeger menciona a conversão da investigação humana ao pensamento puro, ressaltando a importância de uma mudança fundamental na abordagem filosófica. Isso implica uma transição da exploração empírica para a contemplação abstrata e racional, indicando a influência duradoura da perspectiva de Parmênides na história da filosofia e do ensino de filosofia.

A influência da Escola de Parmênides transcendeu fronteiras geográficas, exercendo um impacto profundo na filosofia grega subsequente. Sua influência estendeu-se até mesmo a Sócrates, com quem teve um diálogo pessoal marcante, apesar da juventude deste último na época do encontro. O impacto foi tão notável que Sócrates registrou: “Foi uma discussão memorável” Platão (Sofista, 217c).

Nas raízes do pensamento filosófico, nascentes como rios de indagação e busca pela compreensão do mundo, encontramos as escolas pré-socráticas como os berços do intelecto humano, onde as sementes do conhecimento foram meticulosamente plantadas e os primeiros traços de educação filosófica começaram a florescer.

Nessas escolas primordiais, os visionários pioneiros, não somente ousaram desvendar os mistérios do cosmos, mas também lançaram os alicerces iniciais para a construção de uma estrutura educacional formal.

O método educacional das escolas pré-socráticas era fundamentalmente baseado na comunicação oral e na interação, o que espelhava de forma intrínseca a natureza dialógica da filosofia que estava sendo desenvolvida na época.

A educação nas escolas pré-socráticas não se restringia apenas à compreensão do cosmos. Ela abrangia uma ampla gama de disciplinas, desde a matemática e a geometria, até a ética e a política (Jaeger, 1994). Os alunos eram imersos em um ambiente intelectual vibrante, onde a busca pelo entendimento abrangia tanto as complexidades do mundo natural quanto as sutilezas das interações humanas.

Além disso, essas escolas tinham uma profunda conexão com a natureza e a observação direta do mundo ao seu redor. A investigação da realidade estava intimamente ligada à contemplação da natureza e dos fenômenos naturais. Era como se os alunos estivessem aprendendo não apenas com palavras, mas também com a própria tessitura da existência.

O ensino nas escolas pré-socráticas, assim, trazia consigo um senso de maravilhamento e busca inquisitiva, características que se tornaram fundamentais para a própria essência do pensamento crítico. Essas escolas, com sua ênfase no diálogo, na observação e na exploração intelectual, pavimentaram o caminho para a filosofia posterior e para a educação como a conhecemos hoje. Elas nos lembram que, desde os primórdios da civilização, a busca pelo conhecimento e pela compreensão sempre foi intrínseca à nossa natureza humana. Apesar da inegável importância dos precursores no progresso do conhecimento, é evidente que a educação e a filosofia seguiram trajetórias distintas, convergindo mais tarde no cenário da filosofia socrática. No entanto, segundo Jaeger (1994), foi com a chegada dos sofistas que ocorreu a primeira virada significativa em direção ao domínio filosófico-antropológico.

Para os gregos, a origem do ensino, da educação se deu no tempo de Sófocles, e foi chamada de Paidéia, um “movimento espiritual de incalculável importância”, [...] que teve seu marco inicial com os sofistas, definidos como o “fenômeno da história da educação” (JAEGER, 1994, p. 335).

Jaeger mais adiante argumenta que os sofistas surgem “quando se fez sentir a necessidade de uma nova formação capaz de satisfazer os ideais do homem da polis” (ibidem, p.336). Isso ocorre porque, enquanto o aristocrata recebia uma instrução baseada no ideal de nobreza, o cidadão da polis necessitava de uma preparação que fosse além da transmissão profissional do pai para o filho. Dessa forma, essa nova formação não seria mais orientada pelos ideais da nobreza, mas sim pelos ideais do estado, e a areté política não estaria mais reservada

apenas à elite ateniense ou aos de sangue divino, mas acessível a todo cidadão da pólis, conforme será explicado a seguir.

Foi das necessidades mais profundas da vida do estado que nasceu a ideia da educação, a qual reconheceu no saber a nova e poderosa força espiritual daquele tempo para a formação de homens, e a pôs a serviço dessa tarefa. Não tem importância para nós, agora, a apreciação da forma democrática da organização do estado ático, da qual surgiu, no século V, este problema. Fosse como fosse, não há dúvida que o ingresso da massa na atividade política, causa originária e característica da democracia, é um pressuposto histórico, necessário para se colocarem conscientemente os problemas eternos que com tanta profundidade o pensamento grego se colocou naquela fase da sua evolução e legou à posteridade.

[...] do problema das relações Estado-espírito, pressuposto necessário à existência da sofística. (JAEGER, 1994, p. 337-338)

Nesse contexto, emergem os sofistas, representantes de uma nova excelência baseada no conhecimento. Derivados da palavra grega *sophós* - que significa sábio – dirigiam sua atenção às interações tanto individuais quanto sociais. É importante ressaltar, no entanto, que o escopo educacional desses pensadores se restringia aos líderes da comunidade, não alcançando a totalidade da pólis. Os sofistas estabeleciam uma espécie de academia particular com objetivos políticos claros, onde seus discípulos adquiriam proficiência na arte da retórica. O propósito central era aprimorar a habilidade de construir discursos persuasivos, capacitar os cidadãos a convencerem seus compatriotas e a prevalecerem sobre seus opositores na ágora.

[...] a eles acorriam os que desejavam formar-se para a política e tornar-se um dia dirigentes do Estado. Para satisfazer as exigências da época, não podiam tais homens limitar-se a cumprir, como Aristides, o antigo ideal político da justiça, tal como se exigia de um cidadão qualquer. Não deviam limitar-se a cumprir, mas tinham de criar as leis do Estado e, além da experiência que se adquire na prática da vida política, era-lhes indispensável uma inteligência universal da essência das coisas humanas. (JAEGER, 1994, p. 339).

Os membros da corrente sofista, também almejavam adquirir conhecimento político e aspiravam a se tornar futuros líderes estatais. No entanto, em contraste com figuras como Aristides, que anteriormente personificavam o ideal político da justiça ao nível do cidadão comum, as demandas da época exigiam mais. A responsabilidade desses indivíduos não se limitava apenas à execução das tarefas, mas também se estendiam à criação das próprias leis do Estado. Para alcançar esse patamar, era crucial não apenas ter experiência prática na arena política, mas também possuir uma compreensão abrangente da essência das questões humanas.

Assim os sofistas se tornaram uma fonte de educação vital para aqueles que almejavam se destacar na esfera política e desbravar novos caminhos na governança e legislação.

A educação proposta pelos sofistas, ou mestres da sabedoria como se intitulavam, era para a eloquência, o conteúdo dos discursos se limitava ao Estado e seus assuntos, a *areté política* que ensinavam era intelectualismo retórico, o que fazia de seus educandos hábeis oradores nas assembleias... Essa era a grande crítica de “Platão, para quem o princípio de todo conhecimento filosófico é a dúvida socrática sobre a possibilidade de ensinar a virtude” (JAEGER, 1994, p. 341).

O que também se pode constatar na obra de Platão, *Protágoras*, é um diálogo que se desenrola entre Sócrates e Hipócrates durante sua visita ao sofista. Nesse contexto, Sócrates busca compreender a área em que Hipócrates deseja se especializar junto a ele, e o sofista responde que essa área é a prudência nas relações familiares, já que essa competência permitiria a Hipócrates “administrar eficazmente sua própria casa e, no âmbito público da cidade, tornar-se habilidoso em liderança e discussões sobre assuntos cívicos” (Platão, Prot., 319a).

No entanto, o verdadeiro interesse de Sócrates no diálogo, reside na exploração da viabilidade de ensinar a virtude. Ele indaga a Protágoras sobre se este se refere à arte da política e à promessa de formar cidadãos exemplares, “te referes a arte da política e que prometes formar bons cidadãos” (*ibidem*). Nesse ponto, o filósofo defende seu ponto de vista, centralizando o argumento na dúvida, que ele considera como uma forma de intelectualismo. Isso decorre do entendimento socrático de que a virtude não é suscetível ao ensino direto<sup>14</sup>.

Nesse diálogo, Platão retrata a interação entre Sócrates, Protágoras e Hipócrates, destacando as perspectivas de ensino da virtude e a abordagem filosófica de Sócrates, que enfatiza a natureza complexa da virtude e sua relação com o conhecimento.

A relação entre Sócrates e os sofistas é marcada por uma mistura intrigante de respeito mútuo, divergências filosóficas e debates intensos. O mesmo, embora não tenha se identificado

---

<sup>14</sup> Uma desconfiança que um educador contemporâneo não pode assumir. Precisamos identificar virtude não como uma qualidade permanente do caráter, mas como um conjunto de práticas para conduzir qualquer ação. Assim, imagine-se que um professor de piano desconfia que não é possível ensinar a um aluno que seja um pianista virtuoso. Nesse caso, ele nem deveria começar a ser professor de piano. O mesmo não vale para qualquer ensino. (Observação feita pelo Dr. Aldir Carvalho Filho – UFMA)

como um sofista, compartilhou muitos pontos de contato com esse grupo de pensadores<sup>15</sup>, ao mesmo tempo em que também se distanciou de suas abordagens.

Apesar da renomada reputação dos sofistas como mestres itinerantes que ofereciam instrução abrangente em áreas como retórica, política e ética, enfatizando a persuasão e habilidades argumentativas, altamente valorizadas na vida pública e política da Grécia Antiga, uma das críticas fundamentais de Sócrates em relação a eles envolvia o fato de pretenderem ensinar virtudes em troca de pagamento. Essa perspectiva é amplamente evidenciada em diversos diálogos platônicos, como “Sofista”, “Hípias”, “Górgias”, “A República” e outros. A título de exemplo podemos constatar isso no diálogo *Protágoras*, onde Sócrates diz a Hipócrates:

O sofista, Hipócrates, não será, porventura, uma espécie de mercador, ou de traficante de virtualhas para alimentar a alma? A mim, pelo menos, é o que eles parecem ser. [...] Poderás comprar conhecimentos sem perigo nenhum, não só de Protágoras como de qualquer outro sofista. (PLATÃO, *Protág.*, 313c-e)

Sócrates, ou Platão se passando por ele, mostra que sua abordagem às questões morais e filosóficas muitas vezes se chocava com as ideias dos sofistas. Enquanto os sofistas afirmavam que a verdade era relativa e podia ser moldada pela retórica, ele acreditava em uma busca objetiva pela verdade, mesmo que isso envolvesse uma análise rigorosa e autoquestionamento constante.

Apesar dessas diferenças, Sócrates e os sofistas compartilhavam o interesse pelo questionamento e pela reflexão crítica. Muitos dos diálogos de Sócrates, registrados por seus discípulos como Platão, refletem sua abordagem de questionamento socrático. Tal método, frequentemente colocava o seu interlocutor em uma posição desconfortável, não com o intuito de constranger, mas sim para conduzi-lo em direção a uma compreensão mais profunda e consciente das suas próprias crenças e convicções.

Além do mais os sofistas foram fundamentais na construção da filosofia socrática-platônica, deixando um legado duradouro na história da filosofia. E é exatamente isso que Jaeger aponta na obra *Paidéia*, ao dizer que “do ponto de vista histórico, a sofística é um

---

<sup>15</sup> Há até quem diga que foi o sofista mais famoso, tão famoso que Platão quis trazê-lo para o seu campo filosófico e não deixá-lo junto aos outros sofistas, como mais um Górgias, etc... Naquele contexto, parecia fundamental tornar Sócrates um “antissofista”... (comentário do Dr. Aldir Carvalho Filho – UFMA)

fenômeno tão importante como Sócrates e Platão. Além disso não é possível concebê-los sem ela” (JAEGER, 1994, p. 341).

Jaeger ressalta a relevância significativa da sofística como um fenômeno histórico de igual importância em relação a Sócrates e Platão. Ele destaca que a sofística não apenas coexistiu com esses renomados filósofos, mas também desempenhou um papel fundamental na configuração do contexto intelectual e filosófico da Grécia Antiga. A afirmação de que não é possível conceber os dois pensadores, sem a influência da sofística enfatiza como esse movimento filosófico desafiou, complementou e interagiu com suas ideias.

Ao equiparar a importância histórica da sofística à de Sócrates e Platão, Jaeger (1994), sugere que esses três elementos são intrinsecamente entrelaçados no tecido do pensamento grego antigo. Isso convida à reflexão sobre como a sofística, com seu foco na retórica, no relativismo e na persuasão, moldou o cenário intelectual em que Sócrates explorou sua abordagem de questionamento socrático e Platão desenvolveu suas teorias filosóficas complexas.

Para Jaeger (1994), há uma interdependência dessas três correntes de pensamento, demonstrando que cada uma delas contribuiu para a formação do panorama filosófico geral da época. Ela sugere que a sofística, embora muitas vezes tenha sido vista como uma antítese da filosofia socrática e platônica, na verdade, desempenhou um papel crucial na evolução dessas correntes de pensamento e na compreensão mais profunda da natureza humana, da verdade e do conhecimento. Assim, Jaeger ressalta a complexidade e a interconexão das ideias filosóficas da sofística, sobre Sócrates e Platão, incentivando estes a uma apreciação mais ampla e holística das influências que moldaram suas filosofias no sentido antropológico na Grécia clássica. Contudo para Jaeger os sofistas só provocam essa influência sobre a filosofia platônica, porque antes são influenciados pelo próprio contexto sociopolítico da época:

O empenho em ensinar a *areté* política é a imediata expressão da mudança fundamental que se opera na essência do Estado. Tucídides descreveu com genial penetração a transformação enorme que o Estado ateniense sofreu quando do seu ingresso na grande política. A transição da estrutura estática do velho Estado para a forma dinâmica do imperialismo de Péricles levou todas as forças ao mais elevado grau de tensão e interpenetração, tanto no plano interno como no externo. A racionalização da educação política não passa de um caso particular da racionalização da vida inteira, que mais do que nunca se baseia na educação e no êxito. Isto não podia deixar de exercer influência na valoração das qualidades do Homem. [...] Era a primeira vez que o aspecto intelectual do homem se situava vigorosamente no centro [...] nesse sentido, os seus pressupostos pedagógicos eram tão justos como a dúvida racional de Sócrates. (JAEGER, 1994, p. 341)

A chegada dos sofistas à cena intelectual da Grécia Antiga trouxe consigo não apenas uma revolução na forma de ensino, mas também um impacto profundo no próprio Sócrates e em suas investigações filosóficas. O encontro com as ideias sofísticas provocou um despertar marcante neste, para a questão antropológica, levando-o a uma reflexão profunda sobre a natureza humana e sua relação com o conhecimento, a virtude e a verdade.

Antes do advento dos sofistas, Sócrates já era conhecido por seu interesse no autoconhecimento e na busca pela verdade. No entanto, o diálogo com esses pensadores ampliou seus horizontes e o confrontou com a diversidade de perspectivas e crenças presentes na sociedade grega. As técnicas retóricas adotadas por eles, focadas na persuasão e manipulação das opiniões, instigaram o filósofo a considerar mais profundamente as bases de crença dos indivíduos e como essas crenças moldavam seu entendimento do mundo. Ao interagir com essa corrente de pensamento, o pensador foi desafiado a aprofundar seu método de questionamento. Ele começou a explorar não apenas a superfície das opiniões das pessoas, mas também as raízes subjacentes dessas opiniões. Os sofistas, ao defenderem a relatividade da verdade, o forçaram a examinar a natureza do conhecimento humano e a buscar um fundamento mais sólido para a compreensão.

Esse despertar antropológico em Sócrates levou-o a desenvolver seu método distintivo de investigação, conhecido como “ironia socrática” e “maiêutica”. Como observado no primeiro capítulo, a ironia socrática envolvia questionar a sabedoria autoproclamada das pessoas, levando-as a perceber a extensão de sua própria ignorância. Por meio da maiêutica, Sócrates buscava extrair conhecimento latente das mentes das pessoas, revelando que elas possuíam respostas dentro de si mesmas.

A influência dos sofistas na abordagem socrática para a questão antropológica também se refletiu na importância que Sócrates atribuía à virtude e à excelência moral. Enquanto os sofistas exploravam as habilidades retóricas para a conquista do sucesso social, Sócrates enfatizava a busca da virtude como um caminho para uma vida significativa e ética. Portanto, o encontro de Sócrates com essa corrente filosófica foi um ponto de virada em sua jornada, levando-o a um profundo despertar para a questão antropológica. Essa interação enriqueceu seu método de questionamento, moldou seu compromisso com a busca da verdade interior e influenciou sua ênfase na virtude como um pilar fundamental da existência humana.

Dessa forma segundo Jaeger, a antropologia iniciada com os sofistas destaca duas modalidades distintas que irão também influenciar a própria antropologia socrática, que seria: “a transmissão de um saber enciclopédico e a formação do espírito em seus diversos campos” (1994, p. 342), ou seja, a formação humana que nada mais era do que a formação espiritual proposta por eles, tratava do espírito como o meio através do qual o *Homem* compreende o mundo das coisas e se refere a ele. E é por isso que Jaeger afirma que:

Ao lado da formação meramente formal do entendimento, existiu igualmente nos sofistas uma educação formal no mais alto sentido da palavra, a qual não consistia já numa estruturação do entendimento e da linguagem, mas partia da totalidade das forças espirituais. É Protágoras quem a representa. A poesia e a música eram para ele as principais forças modeladoras da alma, ao lado da gramática, da retórica e da dialética. É na política e na ética que mergulham as raízes desta terceira forma de educação sofística. (JAEGER, 1994, p. 342)

Aqui Jaeger lança luz sobre uma faceta menos discutida da educação sofística, destacando uma educação formal de natureza mais abrangente e profundamente enraizada no desenvolvimento espiritual. Ele destaca que, além da formação intelectual tradicional, os sofistas também cultivavam uma educação mais holística, exemplificada pela perspectiva de Protágoras.

A ênfase de Protágoras na poesia e na música como forças modeladoras da alma ressalta a importância da arte e da expressão criativa na formação de indivíduos completos. Ao abraçar elementos culturais como poesia e música, os sofistas buscavam não apenas instruir intelectualmente, mas também moldar os aspectos emocionais e espirituais dos indivíduos. Isso reflete uma compreensão mais ampla da educação, que vai além da mera aquisição de conhecimento para englobar o cultivo da sensibilidade, da ética e do senso estético.

A menção à política e à ética como raízes dessa abordagem educacional sofística, ressalta a interconexão entre a formação do caráter moral e a educação mais ampla. Os sofistas, através de sua ênfase na retórica e na persuasão, reconheciam a importância da capacidade de argumentar e influenciar em contextos políticos e sociais. No entanto, essa habilidade não era apenas um meio de manipulação, mas também uma ferramenta para a construção de uma base ética sólida. A educação sofística, conforme retratada por Protágoras, procurava equipar os indivíduos não apenas com habilidades retóricas, mas também com uma compreensão profunda das implicações morais de suas ações.

Jaeger (1994) destaca a complexidade do ensino sofístico, oferecendo uma visão mais rica e abrangente dessa abordagem. Ao integrar elementos artísticos, éticos e políticos, os sofistas, como Protágoras, buscavam criar um sistema educacional que nutrisse não apenas a mente, mas também a alma e o caráter dos indivíduos, contribuindo assim para uma compreensão mais profunda e integrada do ser humano. Essa proposta pedagógica também é abordada por Sócrates no diálogo *A República*, quando, em conversa com Glauco e Adimanto, discute como será “a história de educação de nossos homens. [...] Que educação lhes daremos? Será difícil encontrar outra melhor do que a já encontrada no decurso do tempo, a saber: Ginástica para o corpo e música para a alma” (Platão, Rep., II, 336e).

Neste diálogo, Platão oferece uma visão abrangente e influente sobre a formação ideal que se alinha com a estrutura de sua utópica cidade-estado, *A República*, onde podemos constatar semelhanças com o modelo de formação do espírito dos sofistas. Apesar das diferentes filosofias entre os sofistas e a visão platônica, existem algumas semelhanças notáveis em suas propostas educacionais, especialmente no que diz respeito ao papel na formação do cidadão ideal e da sociedade. Segue abaixo cinco pontos em comum:

1º A ênfase na formação do caráter: Tanto os sofistas quanto Platão reconheciam a importância de moldar o caráter dos indivíduos por meio da educação. Enquanto os sofistas se concentravam em habilidades práticas como retórica e persuasão para o sucesso social e político, Platão também via a educação como um meio de cultivar virtude e justiça nos cidadãos.

2º A influência da música e da poesia: Tanto Platão em *A República* quanto os sofistas reconheciam o poder dessas formas artísticas na formação moral e emocional dos indivíduos. Enquanto os sofistas as utilizavam para aprimorar a retórica e a persuasão, Platão acreditava que essas expressões artísticas deveriam ser cuidadosamente selecionadas e censuradas para cultivar virtudes e valores na sociedade.

3º A ênfase na formação de líderes: Tanto os sofistas quanto Platão estavam interessados em criar líderes competentes e influentes. Enquanto os sofistas focavam em desenvolver habilidades de liderança e retórica, Platão, em *A República*, propunha uma educação rigorosa para os guardiões da cidade, uma classe governante filosoficamente educada que deveria guiar a sociedade.

4º A busca pela verdade e pelo conhecimento: Embora com abordagens distintas, tanto os sofistas quanto Platão compartilhavam o reconhecimento da importância fundamental dessa busca. Enquanto os sofistas destacavam a natureza relativa da verdade e a habilidade na

argumentação, Platão concebia a filosofia como uma jornada incessante em direção ao conhecimento absoluto, visando à compreensão das *Formas eternas*.

5° A preparação para a vida pública: Tanto os sofistas quanto Platão acreditavam que a educação deveria preparar os indivíduos para a vida pública e política. Os sofistas ensinavam habilidades práticas de argumentação e persuasão para o envolvimento na esfera política, enquanto Platão propunha uma educação que preparasse os governantes filosoficamente educados para guiar a cidade.

Embora os sofistas e a visão platônica em *A República* possuam abordagens filosóficas distintas, suas propostas educacionais compartilham algumas semelhanças fundamentais, como a ênfase na formação do caráter, a influência da música e da poesia, a preparação para a vida pública e a busca da verdade e do conhecimento. Essas semelhanças destacam a importância geral atribuída à educação filosófica na formação de cidadãos ideais e na construção de uma sociedade virtuosa e justa.

No cerne da educação proposta por Sócrates em *A República* está a busca da verdade, da justiça e da virtude. Ele argumenta que os guardiões da cidade, a classe governante, devem ser educados de maneira única, com um treinamento filosófico que os capacite na tomada de decisões justas e sábias.

Na visão de Souza (2010, p. 34), “O pensamento socrático é uma pedagogia que busca formar a consciência moral para a vida pública, para o exercício da cidadania”. O que também podemos constatar no comentário de Michel Foucault sobre o diálogo *Alcebiades I*, ao dizer que “Alcebiades enquanto jovem aristocrata, alguém que por status, deve um dia dirigir a cidade, e são pessoas como ele que devem ocupar-se consigo mesmos” (2006, 102). Isto porque o diálogo representa o modelo de ensino de Sócrates que se baseia no autoconhecimento. Alcebiades deve se conhecer para que cultivando as virtudes se transforme num político a serviço dos outros na pólis.

Também Jaeger (1994), destaca uma interessante convergência entre os pressupostos pedagógicos dos sofistas e a abordagem de Sócrates baseada na dúvida racional. Ao sugerir que esses dois enfoques são igualmente “justos”, ao apontar para a validade e a importância de ambas as perspectivas no contexto do pensamento filosófico da Grécia Antiga.

A *justiça* atribuída a ambos os enfoques pedagógicos, reside na maneira como cada um abordava a formação do conhecimento e da sabedoria. Os sofistas, ao enfatizarem a retórica e a persuasão, capacitavam os indivíduos a se destacarem na esfera pública e política, o que era

uma necessidade prática na sociedade grega. Sócrates, por sua vez, promovia uma abordagem mais introspectiva e filosófica, levando as pessoas a questionarem suas próprias convicções e a buscar um entendimento mais profundo de si mesmas e do mundo ao seu redor.

Assim, ao examinarmos essas duas abordagens sob a perspectiva de justiça, é proposto por Jaeger (1994) que ambas desempenharam papéis distintos e igualmente valiosos no desenvolvimento intelectual e ético da sociedade na Grécia antiga. Enquanto os sofistas forneciam ferramentas práticas para influência e persuasão, Sócrates instigava incansavelmente a busca pela verdade e autoconhecimento. Ambas essas perspectivas enriqueceram significativamente o panorama filosófico e educacional da época, moldando profundamente a maneira pela qual os gregos antigos abordavam questões de aprendizado, comunicação e moralidade. Essas influências continuaram com os discípulos de Sócrates, ou seja, com “as filosofias cínicas, epicurista, estoica, que se apresentavam como artes do viver” (FOUCAULT, 2006, p. 102), nessas escolas se ensinava aos jovens o autoconhecimento. Foucault dirá que nessas “escolas onde se aprendia a cuidar de si” (FOUCAULT, 2022, p. 70).

Para não comentar todas essas escolas, nos deteremos na filosofia estoica<sup>16</sup>. A palavra *estoicismo* deriva do Pórtico de Estoa, onde Zenão e seus seguidores costumavam se reunir para discutir suas ideias filosóficas. A filosofia estoica também continuadora do pensamento socrático se destacou por sua ênfase na virtude, na autodisciplina e no controle emocional como meios de alcançar a felicidade e a tranquilidade interior, independentemente das circunstâncias externas.

Os estoicos se veem como sucessores dos cínicos. E de fato o são na medida em que desenvolvem muitos aspectos da crítica cínica aos costumes e enfatizam o aspecto prático da filosofia. De Heráclito retomam a noção do Lógos e o caráter crítico de seu pensamento. Consideram Sócrates o exemplo máximo onde se realiza uma filosofia voltada para a construção de um homem integralmente forte e livre, repercutindo muitos temas do pensamento socrático, como, por exemplo, a questão da piedade. (ARRIANO, 2012, p. 5)

---

<sup>16</sup> O estoicismo que teve origem na Grécia Antiga e floresceu durante a época do Império Romano, remonta ao século III a.C., com a figura de Zenão de Cítio, um filósofo grego que fundou a escola estoica em Atenas. No entanto, a filosofia estoica só se tornou verdadeiramente proeminente e influente com os ensinamentos de figuras posteriores, como Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio.

Os estoicos acreditavam que o universo era governado por uma razão cósmica, muitas vezes chamada de *Logos*, que ordenava tudo de acordo com um plano divino<sup>17</sup>. Eles promoviam a valorização das adversidades da vida e a adoção de uma postura de serenidade perante os desafios. Argumentavam que o sofrimento não decorria somente dos eventos em si, mas das nossas respostas emocionais perante eles. O que podemos constatar através das palavras de Epiteto, onde este afirma que:

Não são as coisas que nos perturbam, mas a forma como interpretamos seu significado.  
Para de se atemorizar com noções irrefletidas, reações impulsivas e com suas impressões sobre como as coisas são!  
As pessoas e as coisas não são como desejamos que sejam nem o que parecem ser.  
São aquilo que são. (LEBELL, 2018, p. 28)

Lebell (2018), usando as palavras de Epiteto enfatizou a distinção entre aquilo que podemos controlar (nossas próprias atitudes e ações) e aquilo que está além do nosso controle (eventos externos). Ele sustentou que a felicidade está intrinsecamente ligada à habilidade humana de cultivar uma postura de desapego em relação às circunstâncias externas, direcionando a atenção para o aprimoramento das virtudes morais internas.

Sêneca, anterior a Epiteto, que fora um estoico romano do século IV, já havia desenvolvido essas ideias em suas obras, enfatizando a importância da autodisciplina, da moderação e do autocontrole. Ele também discutiu a necessidade de se desapegar das preocupações materiais e do desejo excessivo, a fim de alcançar a tranquilidade mental, como ele diz na obra *Sobre a brevidade da vida*: “Talvez a tranquilidade em meio às provocações exponha mais ainda o vigor da sabedoria, tal como a maior prova de um general potente em armas e homens é sua segurança prudente no território dos inimigos” (SÊNeca, 2017, p. 36).

Marco Aurélio, o imperador romano, seguindo essa mesma linha escreveu seus pensamentos pessoais no livro *Meditações*, onde explorou suas lutas e reflexões sobre a aplicação das ideias estoicas em sua própria vida.

---

<sup>17</sup> E é talvez exatamente essa marca de nascença – o compromisso com o divino – o que torna muito suspeita tal filosofia num mundo laico, aberto, plural... talvez seja por seu compromisso com uma ORDEM tão fechada que ela tem se prestado atualmente a um falseamento e falsificação por meio de coaches do capitalismo, e se tornou tão difundida popularmente, nas mídias, buscando legitimar de forma aparentemente menos “religiosa” e mais “filosófica” (ao modo das doutrinas do “arquiteto zen”, só que pelo lado do Ocidente) a submissão ao trabalho e à produção no sistema capitalista do mérito e a ênfase na capacidade de suportar e nunca se sublevar... (comentário do Dr. Aldir Carvalho Filho – UFMA)

5. Não ajas contra tua vontade, nem de maneira insociável, nem sem reflexão, nem arrastado em sentidos opostos. Não trates de mascarar teu pensamento. Nem sejas demasiadamente eloquente, nem multifacetado. Mais ainda, sê o deus que em ti habita, protetor e guia de um homem venerável, cidadão, romano e chefe que a si mesmo designou seu posto como um homem que guarda um chamado para deixar a vida, bem desprovido de ataduras, sem ter necessidade de juramento, nem tampouco de pessoa alguma na qualidade de testemunha [...].

6. Se no percurso da vida humana encontras um bem superior à justiça, à verdade, à moderação, à valentia e, em suma, a tua inteligência que se basta a si mesma, naquelas coisas nas quais te facilita agir de acordo com a reta razão, e de acordo com o destino das coisas repartidas sem seleção prévia; se percebes, digo, um bem de maior valor que esse, dirige-te a ele com toda a alma e desfruta do bem supremo que descobriste. (MARCO AURÉLIO, 2011, p. 16-17)

Assim, o estoicismo, que teve sua origem na Grécia Antiga como uma escola filosófica com raízes socráticas, surge como uma força impulsionadora na jornada em busca da sabedoria, virtude e autoconhecimento, influenciando pensadores de todas as épocas.

A ênfase dessa corrente filosófica, na ética, autotransformação e conquista da virtude não cessou com o passar dos séculos; ao contrário, suas premissas ecoam vigorosamente em diversas vertentes da filosofia contemporânea e da psicologia. Tanto o estoicismo quanto a filosofia socrática perduraram ao longo do tempo, legando um impacto profundo no ensino filosófico como veículo para a jornada de autoconhecimento.

Tomemos Epiteto como exemplo, um dos principais filósofos estoicos da antiguidade, que exemplificou de maneira notável como o estoicismo se destacou como uma corrente que via o autoconhecimento como um dos pilares fundamentais para a busca da sabedoria e da virtude. Epiteto enfatizou a importância do exame crítico de si mesmo e do entendimento das próprias reações emocionais como um caminho para o crescimento pessoal. Para ele, não era apenas um exercício intelectual, mas sim um meio prático de viver de forma mais consciente e equilibrada. Ao colocar o foco na autorreflexão e no controle das emoções, Epiteto e outros estoicos demonstraram como pode ser uma ferramenta eficaz para aprofundar o autoconhecimento e, assim, alcançar uma vida mais plena e significativa.

Sharon Lebell em uma nova interpretação da Arte de Viver de Epiteto reuniu os principais ensinamentos desse estóico, no *Manual clássico da virtude, felicidade e sabedoria*, mostrando como ele definia sua filosofia e seu ensino para o autoconhecimento, como forma de melhorar a própria vida, o que podemos observar abaixo.

Procure saber em primeiro lugar, quem você é e do que é capaz. Assim como não se pode criar grandes coisas em um instante, também leva tempo aperfeiçoar nossos talentos e atitudes. Estamos sempre aprendendo, sempre crescendo. É bom aceitar

desafios. É dessa forma que progredimos para o nível seguinte de desenvolvimento intelectual, físico ou moral. Ainda assim, não se iluda: se você tentar ser alguém ou alguma coisa que não é, vai atrofiar seu verdadeiro eu? e acabar não desenvolvendo os potenciais em que você teria se destacado naturalmente. Dentro da ordem divina, cada um de nós tem um chamado especial. Escute o seu e siga-o fielmente. (LEBELL, 2018, p. 87)

Segundo Lebell, Epiteto destaca a importância de compreender a si mesmo e reconhecer nossos próprios talentos e limitações. Para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal levam tempo e esforço, assim como a criação de algo grandioso não acontece instantaneamente. A ideia de aceitar desafios como uma forma de progredir e alcançar novos níveis de desenvolvimento é enfatizada, mas com um aviso crucial: não tente ser alguém que você não é, pois isso pode impedir o florescimento de seus verdadeiros potenciais.

Tanto as escolas estoicas, como as epicuristas ensinavam o autoconhecimento através das práticas de si, como também já vimos no primeiro capítulo.

Foucault (2006, p. 101-103) estabelece três diferenças entre essas escolas e o ensino da filosofia a lá Sócrates, exposto no *Alcebíades I*.

No diálogo platônico:

1º Alcebíades é tomado como a figura do adolescente que deve ocupar-se consigo, deve cuidar de si.

2º Ele deve se ocupar consigo para exercer o poder político na pólis, ou seja, para cuidar dos outros.

3º O cuidado de si se refere ao conhecimento de si.

Portanto, em Sócrates, o adolescente deve buscar o autoconhecimento para exercer o cuidado com os outros.

Já nas escolas da idade imperial, o legado socrático sofre algumas alterações:

1º Não só o jovem deve ocupar-se consigo, mas todos, independente da idade.

2º O cuidado de si não é mais em vista de governar os outros. Se cuida de si por si mesmo, para enfrentar a vida e o “povir” (FOUCAULT, 2022, p.89)

3º O cuidado de si consiste em exercícios, treinos. Também designa um conjunto de práticas, em que algumas remetem a atos de conhecimento de si (FOUCAULT, 2006, p. 104-105).

Nesse contexto, essas escolas sempre buscaram a compreensão do sujeito por si mesmo e pelo entendimento da intrincada interação com o mundo, continuando a inspirar e a enriquecer as reflexões sobre a natureza humana e sua conexão com a realidade.

Essas escolas desenvolveram uma abordagem filosófica que enfatizava a busca pelo autoconhecimento, pela sabedoria, virtude e serenidade interior como meio para alcançar uma vida plena e significativa. Nelas, como em Sócrates, a virtude é o único bem verdadeiro, nossa felicidade está diretamente relacionada à nossa capacidade de viver de acordo com a razão e a natureza.

Vejam os alguns aspectos-chave dessa relação profunda entre mestre e discípulos em relação ao autoconhecimento.

1. Exame de si mesmo: acreditavam que a introspecção e a autoanálise eram fundamentais para compreender nossas próprias virtudes e vícios. Somente quando compreendemos nossas fraquezas podemos trabalhar para superá-las e fortalecer nossas virtudes.
2. Aceitação de limitações: Conhecer a si mesmo também envolve reconhecer nossas limitações e imperfeições. Ambos ensinavam que aceitar nossos pontos fracos com humildade é essencial para o crescimento pessoal. Isso nos ajuda a evitar a autossabotagem e a focar nossos esforços em áreas onde podemos fazer a diferença.
3. Domínio das emoções: Ambos ensinavam a importância de controlar nossas emoções. O autoconhecimento nos permite identificar as emoções que nos influenciam e desenvolver estratégias para lidar com elas de maneira saudável.
4. Adaptação às circunstâncias: Conhecer a si mesmo nos ajuda a entender nossas preferências, paixões e objetivos pessoais. Com esse entendimento, podemos adaptar nossas expectativas às circunstâncias da vida e encontrar satisfação em nossa jornada, mesmo quando enfrentamos adversidades.
5. Definição de valores: Através do autoconhecimento, argumentavam que podemos identificar e priorizar nossos valores mais profundos. Isso nos permite viver uma vida mais alinhada com nossos princípios e, assim, encontrar um senso mais profundo de propósito e significado.

Assim, o ensino de filosofia inspirado em Sócrates se tornou um guia para o autoconhecimento e essencial para alcançar uma vida mais sábia, virtuosa e serena. Já que ao nos conhecermos, podemos navegar pelas complexidades da existência com maior clareza, resiliência e autenticidade. Isso nos permite viver de acordo com nossos valores e alcançar um estado de tranquilidade interior, independentemente das circunstâncias externas.

### **3.2 O Ensino de Filosofia no Brasil: Da Alienação ao Empoderamento do Autoconhecimento**

Já o ensino de filosofia no Brasil demanda uma compreensão mais profunda de sua história e evolução ao longo do tempo. Neste contexto, vamos analisar e avaliar como a filosofia esteve associada ao ensino jesuítico; se em algum momento esteve relacionada à proposta original do ensino socrático-platônico e se realmente progrediu como pensamento crítico e reflexivo para se tornar uma ferramenta essencial na sociedade brasileira.

Segundo Geraldo Balduino Horn, em seu livro *Ensinar Filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos* (2017, p.22), a filosofia teve sua chegada no Brasil trazida pelos jesuítas, em uma época em que a Igreja Católica tinha grande influência no país. Inicialmente, a filosofia tinha um caráter messiânico e confundia-se com a catequese, limitando-se a converter a população indígena e africana ao cristianismo e a reconduzir o colono desgarrado que chegava como degredado no Brasil. Essa limitação da filosofia se deu pelo fato de os jesuítas terem como principal objetivo fortalecer a Igreja Católica contra os possíveis hereges e infiéis, além de claro manter boa relação com a coroa portuguesa.

Contudo, a colonização não foi feita só por religiosos, e a maioria dos homens que segundo Costa, “imigraram para o Brasil no século XVI eram conduzidos pelo sentimento de aventura e lucro” (1960, p. 19), mesmo porque o tipo de colonização empreendida pelos portugueses se baseava no modelo de exploração, e para eles, sua estadia no país era temporária e objetivava o enriquecimento rápido com vistas ao retorno à metrópole.

Isso acabou gerando uma negação da própria cultura local e todo o esforço tendia a uma identificação com a cultura europeia. Essa identificação influenciou decisivamente a forma como a filosofia foi ensinada e compreendida no Brasil, assumindo um tom colonizador e assimilacionista.

Nesse processo, a filosofia foi vista como um instrumento de aperfeiçoamento da cultura europeia, em detrimento da cultura local. De fato, a filosofia brasileira teve um início marcado pela identidade com as culturas europeias dominantes, o que limitou sua capacidade de reflexão e crítica.

Para Cruz Costa (1960, p. 19), o processo de colonização se deu simultaneamente à criação dos primeiros colégios de ordens religiosas. E o grupo religioso de maior destaque foram os jesuítas, destinados a cuidar da educação da elite.

Foi principalmente nos colégios dos discípulos de Santo Inácio que receberam instrução humanística, os poucos afortunados filhos dos primeiros senhores de *engenho*, os proprietários de canaviais e fabricantes de açúcar dos fins do século XVI e princípios do século XVII, assim como os filhos dos funcionários do reino, administradores da colônia. A par da posse da terra, – e logo também da escravaria, isto é, do instrumento de trabalho dessa terra – Constituía verdadeiro *signal de classe* possuir uma educação humanística. (COSTA, 1960, 19)

Ter uma formação humanística, mais do que um sinal de classe, e isso, ao lado da posse da terra e da escravaria, compunha um verdadeiro atestado de prestígio social. A instrução estava restrita a uma parcela privilegiada da sociedade, e essa formação humanística funcionava como uma forma de legitimação desse sistema classista. Além disso, esse ensino era orientado para o modelo europeu e importado dos colégios jesuítas, o que limitava a influência e a adaptação de outras perspectivas pedagógicas e culturais.

O ensino de filosofia no Brasil teve um início marcado pela falta de criticidade, limitado a um pequeno grupo privilegiado, enquanto os indígenas e negros tinham acesso a um ensino voltado para a catequese e, portanto, a serviço da colonização. Esse paradoxo da não-criticidade revela uma das facetas da história do ensino de filosofia no país, que começou sob forte influência da educação jesuítica e com um viés eurocêntrico, o que culminou na construção de uma cultura livresca, onde escrever e pensar era imitar.

Cultura livresca, pois ela nos vinha toda feita da Europa. Era sinal, então, de grande saber, a simples reprodução das ideias mais recentemente chegadas. O filoneísmo e, também, uma grande e as vezes desequilibrada admiração por tudo quanto era estrangeiro, caracterizou desde cedo as manifestações da vida intelectual no Brasil. Todo nosso esforço tendia a uma identificação com a cultura europeia. As correntes imigratórias que vieram depois acentuariam essa tendência. A nossa cultura filosófica tem sido, assim em grande parte, simples glosa do pensamento europeu. (COSTA, 1960, p. 20)

Com isso podemos identificar a influência da cultura europeia na formação da identidade intelectual brasileira, especialmente no que se refere à filosofia, porém essa influência não se limitou apenas ao processo racional, mas também marcou a tal ponto a personalidade<sup>18</sup> dos brasileiros a ponto do eu se confundir com outrem, nesse caso o europeu. Como a cultura livresca era importada da Europa, reproduzir as ideias mais recentes trazidas de

---

<sup>18</sup> Dizer que essa identificação com a cultura europeia marca a personalidade brasileira, não significa negar a identidade negra e indígena. Pelo contrário a influência desses povos na cultura brasileira supera a influência europeia. No entanto nesta pesquisa queremos enfatizar o pensamento de Costa de que nossa cultura filosófica originária se caracterizou como simples glosa do pensamento europeu.

lá era considerado sinal de grande conhecimento. Esse filoneísmo e admiração exagerada pelo estrangeiro foram marcantes na história intelectual brasileira, que acabou desprezando seus próprios valores e pensamentos em prol de uma identificação com a cultura europeia. Resquícios desses comportamentos que podemos observar ainda nos dias atuais. Contudo, a perda de identidade nesse processo de formação do pensamento nacional tinha suas raízes “naturalmente da herança portuguesa, curioso reflexo que é, por sua vez, do pensamento europeu” (COSTA, 1960, p. 20).

A herança portuguesa é composta por diversos elementos culturais advindos do passado histórico do país, que incluem a colonização de territórios ao redor do mundo e os contatos com outras nações e culturas. Por sua vez, essa herança reflete o modo de pensar e agir da Europa, já que Portugal esteve em contato direto com muitos países europeus durante sua história e absorveu várias influências em sua cultura e pensamento. Essa ideia expressa sugere que a cultura portuguesa é um produto dessa história, que por sua vez reflete a influência do pensamento e cultura europeia. Essa conexão histórica e cultural entre Portugal e Europa pode ser identificada em muitos aspectos da cultura e da vida cotidiana dos portugueses.

Costa (1960, p. 20), nos diz que para compreender os aspectos originais do processo de formação do pensamento nacional precisamos partir da herança portuguesa que por sua vez é reflexo do pensamento europeu. Apesar do caráter ideológico do humanismo jesuítico o legado filosófico de Portugal está ligado anteriormente a uma visão prática da realidade que é justamente fundamentado pelo “caráter comercial e cosmopolita da vida portuguesa dos fins do século XV e começos do século XVI [...] Tal foi o que caracterizou o pensamento português até ao momento do descobrimento” (*ibidem*, p. 21), ou seja,

Se foi o fator econômico a mola propulsora da expansão europeia, e se o Brasil é um dos resultados dessa expansão, era natural que na concepção de vida e dos valores que se vêm formando ao longo da história brasileira – que foi e é ainda, em grande parte, uma história colonial – preponderasse uma concepção do mundo e da vida marcada pelo econômico. Daí acentuar-se ainda mais o sentido imediatista só aparentemente idealista da filosofia no Brasil. (COSTA, 1960, p. 23)

Costa aponta para a influência do fator econômico na história da expansão europeia que teve o Brasil como um dos seus resultados. Esse processo histórico deixou marcas na concepção de vida e nos valores que foram e ainda são forjados na sociedade brasileira, em grande parte uma história colonial. Essa influência econômica pode ter acentuado um sentido imediatista,

aparentemente idealista, na filosofia brasileira, pois esta tem se concentrado em questões mais relacionadas ao cotidiano e às necessidades práticas do que a questões abstratas ou teóricas.

E quando se fala em questões práticas, não é no sentido da filosofia brasileira se ocupar de temas que expõem diretamente as contradições sociais, econômicas e políticas do país, voltando-se para uma reflexão mais imediata e concreta, não é nesse sentido, mais sim no sentido de se deter “mais ao fato que à sua cuidadosa interpretação, mais a sensibilidade do que ao esforço da razão, traduz-se numa visão que, na falta de termo mais adequado, poderíamos chamar de prática” (*Ibidem*, p. 20-21).

O caráter ideológico do pensamento português, que se tornaria predominantemente livresco, seria posteriormente consolidado com a chegada dos jesuítas durante o período da Reforma, abafando o humanismo retórico-renascentista. Nesse contexto, a colonização do Brasil ocorre em meio a um panorama histórico marcado pelas raízes da cultura lusitana, e, segundo Costa (1960), o país enfrentava um momento de crise. No entanto, isso não significa que a cultura brasileira ficou limitada ao legado português. Como afirma Costa, “não teria sido apenas a herança que nos deu esse traço. Ele resulta também das próprias condições do nosso desenvolvimento histórico” (COSTA, 1960, p. 23).

O ensino de filosofia no Brasil até meados do século XVIII, segundo Costa (1960, 24) é peripatético e medieval, ou seja, se baseia na escolástica, que teve sua origem durante a Idade Média enfatizando a reflexão sobre questões metafísicas e teológicas, não sendo capaz de desenvolver nos homens um espírito crítico e, isso mesmo depois da expulsão dos jesuítas em 1759 por Pombal.

Pombal, ministro de D. José I, instituiu as “aulas régias” em substituição à estrutura administrativa de ensino dos jesuítas e, pela primeira vez, convocou leigos para ministrá-las. Mas a situação não mudou em suas bases, pois esses professores eram filhos de proprietários rurais formados pelos colégios jesuítas, portanto, continuadores daquela ação pedagógica. Embora parcelado, fragmentário e de baixo nível, o ensino orientou-se ainda para os mesmos objetivos religiosos e livrescos dos jesuítas; realizou-se através dos mesmos métodos pedagógicos, com apelo à autoridade e à disciplina estreitas, tendendo impedir a criação individual e a originalidade. Quanto ao ensino da filosofia, continuou também no mesmo estilo livresco e escolástico. (CARTOLANO, 1985, p. 25)

A implementação das aulas régias representou uma mudança marcante na organização educacional, porém não resultou em uma alteração substancial no método de ensino da filosofia. Este permaneceu arraigado ao estilo livresco e escolástico dos jesuítas, mantendo um padrão

que priorizava a discussão de questões metafísicas e teológicas. Tal abordagem pode ter contribuído para a perpetuação de um ensino antiquado e restrito no Brasil ao longo do tempo.

Ainda no século XVIII, após a expulsão dos jesuítas do reino,

[...] as ideias políticas e filosóficas da França começam a chegar através da própria Universidade de Coimbra, influenciando nossos intelectuais e despertando neles o anseio pela independência política: Ideias de igualdade, de liberdade, de independência, de uma religião natural e até mesmo ideais de um anticristianismo começam a ser defendidos e buscados. As convicções tradicionais da fé católica e da monarquia absoluta são ferrenhamente criticadas. (CARTOLANO, 1985, p. 23)

As ideias políticas e filosóficas francesas que influenciaram intelectuais portugueses despertaram neles o desejo por independência política. Essas ideias, como igualdade, liberdade e independência, bem como a busca por uma religião natural e uma crítica ferrenha à fé católica e à monarquia absoluta, são prova de uma mudança significativa de pensamento e de uma crescente demanda por mudanças sociais e políticas na sociedade portuguesa da época.

É importante destacar que as ideias que surgiram na Europa durante esse período histórico não foram restritas a um único país ou região, mas foram compartilhadas e influenciaram o pensamento e as ações de muitas pessoas e grupos ao redor do mundo. A busca pela autonomia política emergia como um dos princípios fundamentais desse período, com várias nações e grupos engajados em sua conquista.

As ideias francesas sobre igualdade, liberdade e independência também tiveram um impacto significativo na história do Brasil, que se encontrava sob o domínio de Portugal na época. Os conceitos que surgiram na Europa influenciaram fortemente o movimento que levaria à independência do Brasil em 1822, o que é uma prova eloquente do poder das ideias e do impacto que elas podem ter na sociedade. Esses novos pensamentos que começaram a penetrar no cenário brasileiro eram os dos enciclopedistas.

Essas ideias vulgarizadoras da ciência e da filosofia eram difundidas através da **Enciclopédia**, que foi publicada de 1750 a 1780. Aparentemente apenas um dicionário – **Enciclopédia** ou **Dicionário Racional das Ciências, Artes e Ofícios** – editado por Diderot e d’Alembert, foi, na realidade, o veículo de difusão das ideias iluministas: “com certa prudência e habilidade infiltrava os pensamentos críticos e atacava a Igreja e todas as convicções vigentes” (MARIAS, s/d: 262, *apud*, CARTOLANO, 1985, p. 23). Dentre as ideias divulgadas pelos enciclopedistas, estavam as de Descartes, matemático e filósofo francês do século XVII. (CARTOLANO, 1985, p. 23-24)

As concepções dos enciclopedistas eram diversas, mas todas buscavam criticar e questionar a tradição que vinha desde a Idade Média e o Antigo Regime, incluindo a Igreja Católica, o absolutismo monárquico e outras instituições tradicionais. Entre os conceitos defendidos estava a filosofia de Descartes, que tinha como destaque a ideia do Cogito, a qual afirmava que o conhecimento do ser humano se fundamenta no seu próprio pensamento.

É interessante notar que a Enciclopédia não só divulgava as ideias iluministas, mas também as criticava e questionava. No entanto, ela foi uma das melhores maneiras de disseminação das ideias concebidas pelos estudiosos do século XVIII, que influenciaram fortemente o pensamento e ação política da época, tendo por objetivo criticar e transformar as instituições tradicionais e permitir uma nova visão de mundo. E no Brasil, ainda que por um momento, a filosofia deixou de ser livresca para cumprir seu papel reflexivo e crítico.

O enciclopedismo significou, portanto, naquela época, ato de subversão, de infiltração de ideias contrárias à ordem estabelecida em Portugal e nas colônias. E pelo crime de Enciclopedismo prendeu-se, em 1794, muita gente no Brasil, principalmente em Minas Gerais, por ocasião dos levantes contra a cobrança dos quintos, durante o ciclo da mineração. (CARTOLANO, 1985, p. 24)

O Enciclopedismo, uma importante corrente de pensamento do Iluminismo, exerceu influência em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, onde contribuiu para o movimento da Inconfidência Mineira durante o século XVIII. As autoridades portuguesas viam essa corrente como uma ameaça à ordem estabelecida e preocupavam-se com seu impacto na sociedade. A prisão de muitas pessoas no Brasil exemplifica o quão perigosa essas ideias foram aos olhos daqueles que detinham o poder. No entanto, o Enciclopedismo continuou a evoluir e influenciar a sociedade, mesmo diante da repressão.

A ideia de prender as pessoas por crime de Enciclopedismo evidencia o quanto essa corrente filosófica foi vista como uma ameaça ao establishment da época. As autoridades portuguesas temiam que tais ideias subversivas pudessem minar sua autoridade e o poder que exerciam no Brasil. No entanto, os ideais desse movimento resistiram a essa perseguição e continuaram a influenciar o pensamento e a ação política no Brasil e em outras partes do mundo.

No contexto histórico do Enciclopedismo, a adoção do ecletismo francês foi uma alternativa para combater esses ideais sem recorrer necessariamente à perseguição, prisão ou morte de seus seguidores. O ecletismo surgia como uma corrente filosófica que propunha uma

síntese conciliatória entre as diversas correntes filosóficas e ideológicas, oferecendo uma alternativa ao racionalismo e ao liberalismo do Iluminismo.

Dessa forma, o ecletismo, com seu caráter conciliatório e moderado, foi adotado por muitos grupos sociais que não se identificavam com os ideais iluministas, como a nobreza e a igreja. Em alguns casos, ele foi utilizado como instrumento de propaganda e de defesa da ordem estabelecida, como forma de combater a disseminação dos ideais revolucionários que ameaçavam a estabilidade social e política da época.

No Brasil, o ecletismo foi adotado em um contexto de crise das antigas correntes filosóficas e políticas, tendo como principal expoente Victor Cousin. Ele propagou a ideia de que a filosofia deveria ser uma aliada da religião e propôs uma síntese conciliatória entre as diversas correntes filosóficas da época. Essa doutrina foi adotada pela elite rural conservadora do país, sendo vista como uma fé preparatória que deixava espaço para o cristianismo e seus dogmas.

O ecletismo francês, impregnado do romantismo da época, propunha, num momento de crise das velhas correntes filosóficas e políticas, uma direção conciliadora entre os vários sistemas. Victor Cousin foi o grande expoente da tendência ecletista na França e inspirou entre nós os trabalhos de Gonçalves de Magalhães; como diz Taine (1888: 307, citado em Costa, 1967: 74; *apud*; Cartolano, 1985, p. 27), acaba-se “apresentando a filosofia como uma aliada afetuosa e indispensável da religião e de todo ecletismo como uma fé preparatória que deixe ao cristianismo lugar aos dogmas e todo o seu alcance sobre a humanidade”. Essa doutrina estava de acordo com os ideais monárquico-constitucionais da jovem aristocracia rural conservadora brasileira. (CARTOLANO, 1985, p. 27-28)

O ecletismo cumpriu sua função de descaracterizar a filosofia de seu caráter crítico ao propor uma direção conciliadora entre os vários sistemas que estavam em crise naquela época, especialmente no contexto brasileiro, ao buscar ser uma fé preparatória que deixasse espaço para o cristianismo e seus dogmas. Essa doutrina estava de acordo com os ideais monárquicos e conservadores da jovem aristocracia rural brasileira. Contudo na segunda metade do século XIX as coisas mudariam no Brasil, já que segundo Costa essa será

Uma das fases mais importantes da história cultural do Brasil. É nesse período sobretudo de 1870 a 1880, que se dão, no dizer de Silvio Romero, “as mais fundas comoções da alma nacional” (1900, *apud*, COSTA, 1960, p. 40). Até então nada fora exatamente examinado e criticado: o catolicismo não sofrera abalo; a filosofia católica acomodara-se ao ecletismo, o império não sofrera críticas sérias e, sobretudo, “a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários, a mais indireta opugnação” (*ibidem*). E é então que, “por um movimento

subterrâneo, que vinha de longe, a instabilidade de todas as cousas se mostrou...”  
(*ibidem*). (COSTA, 1960, p. 40)

A partir desse período, o Brasil vai passar por um momento de mudança cultural profunda, será agitado tanto por novas ideias como por mudanças no setor econômico como o “fim do tráfico negreiro, e logo a decadência das lavouras tradicionais do norte iriam mudar a orientação política, social e econômica do país” (*ibidem*). Começam a surgir correntes que expressam o espírito filosófico como o positivismo que irá questionar as estruturas tradicionais que haviam prevalecido até então. E esse será segundo Costa (1960), outro momento crucial para compreender a formação da identidade cultural brasileira e seus desdobramentos históricos.

O positivismo, uma corrente filosófica criada por Auguste Comte, teve grande influência no Brasil durante o período republicano. Defendia a ciência como a única forma válida de conhecimento e propunha a adoção de um método científico para resolver problemas sociais e políticos.

No Brasil, o positivismo ganhou popularidade na década de 1880, com a Proclamação da República e a adoção do lema Ordem e Progresso, inspirado nas ideias positivistas de Comte. Representava uma alternativa às ideias liberais que dominavam a elite brasileira, propondo um Estado forte e centralizado, garantindo ordem e estabilidade política e social.

A influência dessa corrente no Brasil pode ser vista não apenas na política, mas também na cultura e na educação. A escola positivista defendia a importância da educação técnica e a formação de uma elite intelectual capaz de liderar o país em direção ao progresso e desenvolvimento.

O positivismo também influenciou a literatura brasileira, especialmente no movimento literário conhecido como *Parnasianismo*. Os poetas parnasianos buscavam a objetividade e a perfeição formal em suas obras, inspirados pela crença no progresso e na ciência.

No entanto, esta corrente também foi alvo de críticas e resistências, especialmente por conta de sua visão autoritária e centralizadora do Estado. Mesmo assim, seu impacto no Brasil pode ser sentido até os dias de hoje, na influência de suas ideias na cultura e educação do país.

Desde a Proclamação da República, a inclusão da filosofia na grade curricular brasileira tem oscilado entre a obrigatoriedade, a facultatividade e a opção, em diferentes períodos e reformas educacionais. Ao longo dessas mudanças, verificaremos a alternância do status da disciplina.

Segundo Cartolano (1985), a primeira dessas reformas foi a de Benjamin Constant de 1890, que retirou a filosofia do currículo escolar obrigatório. Seguida da reforma Epitácio Pessoa em 1901, em que a filosofia volta ao currículo; a próxima reforma foi a de Rivadávia Corrêa em 1911 em que a filosofia é excluída do currículo; no entanto na reforma de Carlos Maximiliano em 1915 a filosofia passa a ser de caráter facultativo, voltando a ser obrigatória com a reforma de Rocha Vaz em 1925. A próxima reforma aconteceu na era Vargas, foi a de Francisco Campos em 1932, na qual a filosofia passou a ser obrigatória apenas na 2º série na preparação do curso de direito e no ciclo complementar ministrada junto com a psicologia em preparação para os cursos de medicina, odontologia, engenharia... Em 1942 aconteceu a reforma de Gustavo Capanema, a partir da qual o ensino de filosofia passou a ocupar maior espaço no currículo, contudo só num primeiro momento, pois logo em seguida as aulas do ensino de filosofia foram reduzidas novamente pelas portarias Capanema. Altere para: Já em 1961 ela perde o caráter de obrigatoriedade e passa a ser optativa, dez anos depois, a lei 5.692/71 responsável por reformar o ensino básico a exclui do currículo. Em 1982 a lei 7.044/82 propiciou a volta da filosofia aos currículos, porém houve uma disparidade da lei para sua prática. O mesmo ocorreu em 1986 quando passa a ser optativa nos currículos, porém segundo Alves (2002), de forma controlada e mínima. Em 1999 a filosofia volta às escolas como temas transversais, para em 2008, com a lei 11.684/08 recuperar seu caráter de obrigatoriedade ainda que seja só no ensino médio e por um curto espaço de tempo, já que em 2017 a filosofia volta a perder seu caráter de disciplina obrigatória com a lei 13.415/17 passando a ser referendada como estudos e práticas nos itinerários formativos.

Nesse percurso das reformas do ensino da filosofia na história do Brasil há três momentos de destaque que são determinantes para essa disciplina em sua forma institucionalizada.

O primeiro se dá após a Revolução de 30, quando o modelo econômico no Brasil consolidou a transição do modelo agroexportador para o de substituição de importações. Com essa mudança, a infraestrutura econômica do país foi modificada, o que provocou a diversificação da produção e exigiu novas funções para a escola, bem como para o ensino de filosofia.

A revolução de 30 consolidou a passagem do modelo econômico agro-exportador para o de substituição de importações. As modificações na infra-estrutura econômica, provocando a diversificação da produção, determinaram novas funções para a escola que foi, então, chamada a fornecer treinamento e qualificação de mão-de-obra para a

indústria. Mas, ao lado dessa formação técnica dirigida aos operários, a escola continuou a ser propedêutica, acadêmica e elitista, em atendimento às exigências da sua maior demanda social. (CARTOLANO, 1985, p. 54-55)

A escola passou a ter a responsabilidade de fornecer treinamento e qualificação de mão-de-obra para a indústria, mas, ao mesmo tempo, continuou a ser valorizada com a formação acadêmica propedêutica e elitista. Isso sugere que a elite brasileira sempre estabeleceu o controle da expansão escolar e do ensino da filosofia através das reformas educacionais fazendo com que a escola permanecesse como uma instituição de reprodução das ideias dominantes, mantendo a educação para além da formação técnica e especializada.

Assim, a instituição educacional, ao se ajustar às mudanças contemporâneas, também carregava consigo as marcas de seu passado elitista e propedêutico, desafiando a necessidade de transformações mais profundas na forma como a educação era pensada e oferecida para a população brasileira. E assim como a elite controlava a escola, também controlava o ensino de filosofia, fazendo deste seu objeto de alienação, como se observou acima e é possível destacar em praticamente todo século XX, especialmente na era Vargas e em todo o período da ditadura civil militar, nesta última a filosofia fora substituída pela educação moral e cívica.

[...] A educação moral e cívica dos jovens procurava incentivar o patriotismo, o nacionalismo e o civismo, tão importantes para aquele momento de oscilação política na direção do país (vivíamos sob o governo de Vargas). Nesse sentido o ensino de filosofia, fragmentado como era em diversos “ramos” ou “disciplinas” filosóficas, vinha responder às solicitações da realidade social, política e cultural da época, contribuindo, de sua parte, para a inculcação de uma certa concepção de mundo, aceita e defendida pelo grupo que estava no poder. (CARTOLANO, 1985, p. 61)

Na era Vargas o ensino de filosofia era objeto de inculcação da concepção alienada de mundo da elite brasileira. Nesse período o Brasil vivia o contexto das “disputas ideológicas entre católicos e liberais em torno de alguns princípios educacionais (laicização e democratização do ensino, co-educação dos sexos)” (CARTOLANO, 1985, p. 57). E nesse panorama surge duas reformas educacionais: A primeira foi a Reforma Francisco Campos em 1932, consolidada pelo Decreto nº 21.241, de 4 de Abril,

Na exposição de motivo [...] Francisco Campos escreveu que a finalidade exclusiva do ensino secundário era a formação do homem para a atividade nacional, e não apenas a matrícula nos cursos superiores. O ensino secundário deveria inculcar no espírito do sujeito todo um conjunto de hábitos, atitudes e comportamentos. (MONTERO, 2014, p. 17)

Estava claro que o ensino de filosofia havia mais uma vez na história brasileira se desviado de seu caráter originário, bem como de seu caráter crítico e reflexivo. Enquanto o mais significativo nessa reforma era a criação do regime seriado e a frequência obrigatória.

Dez anos depois surge uma nova reforma ainda no governo Vargas, foi a Reforma de Gustavo Capanema em 1942, que não foi muito diferente da de Francisco Campos, pois também esta continuava com as mesmas funções de moldar as consciências das massas incutindo o patriotismo, nacionalismo... Segundo Romanelli (1984, p. 157, apud, MONTERO, 2014, p. 19), as principais funções do ensino secundário, seria:

- a) Possibilitar uma cultura geral e humanística;
- b) Alimentar uma ideologia política definida em termos de patriotismo e nacionalismo de caráter fascista;
- c) Dar condições para o ingresso no ensino superior;
- d) Formação de lideranças.

Essas duas reformas, assim como as anteriores, foram moldadas não apenas pelo poder político, mas também pelo contexto histórico e econômico da época. Conforme apontado por Cartolano (1985), examinar as reformas educacionais equivale a investigar a evolução das ideias, o que envolve uma interação entre filosofia e história. Para compreender verdadeiramente essas reformas, é imprescindível situá-las no contexto no qual surgiram. Portanto, analisar essas reformas à luz da história possibilita não apenas entendê-las, mas também estabelecer conexões com os contextos culturais, políticos e sociais nos quais se originaram.

É importante, pois, que a filosofia, que a reflexão filosófica, se faça acompanhar de uma história das ideias correspondente, de modo que os problemas levantados pelo pensamento sejam estudados a partir e em função de um contexto específico, que os ajude esclarecer. (CARTOLANO, 1985, p. 57).

Cartolano, ressalta a importância da contextualização histórica para a compreensão da filosofia e sua reflexão crítica sobre questões pertinentes à sociedade. De acordo com ela, é imprescindível que a história das ideias acompanhe a reflexão filosófica, de modo que a análise dos problemas levantados pelo pensamento seja realizada em função de um contexto específico que os ajude a serem esclarecidos.

Essa concepção enfatiza a necessidade de articulação entre as ideias filosóficas e os acontecimentos históricos que as influenciaram. Isso permite um entendimento aprofundado e

crítico dos problemas sociais, políticos e culturais que afetam a educação e por conseguinte o ensino de filosofia como vimos na era Vargas e que se prolongou ainda por mais duas décadas.

No período da Ditadura Militar no Brasil, que abrangeu de 1964 a 1985, ocorreram mudanças significativas no ensino de filosofia. Durante esse tempo, foram implementadas reformas que resultaram na remoção da disciplina do currículo escolar por um período prolongado. Nesse período, reformas foram empreendidas, resultando na exclusão da filosofia do currículo escolar por um longo período da história. Essa ausência deixou uma marca indelével, fruto da ideologia da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento (DSND), sobretudo por meio da Lei 5.692/71, responsável pela mencionada exclusão da filosofia do currículo. Bem como pela inclusão de outras disciplinas que substituíram a filosofia como Educação Moral e Cívica (EMC), Organização Social e política Brasileira (OSPB) e Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB).

Mas isso não significava que tais disciplinas comportassem os conteúdos filosóficos, muito pelo contrário, mas era essa a ideia veiculada como justificativa para não incluir a filosofia no currículo. A educação Moral e Cívica por exemplo, veiculava valores fundados na moral católica e no civismo, destacando o aprimoramento do caráter, a dedicação à família e, principalmente, o culto da obediência a lei. (MONTERO, 2014, p. 23)

Durante o regime da Ditadura Civil Militar no Brasil, a exclusão da filosofia do currículo escolar através da Lei 5.692/71 não apenas representou a supressão da liberdade de pensamento, mas também constituiu um cerceamento do conhecimento essencial. A filosofia é uma disciplina fundamental para promover a reflexão crítica e consciente sobre a sociedade, suas estruturas políticas, econômicas e culturais.

Ao retirar a filosofia do currículo, o objetivo era claro: impedir o desenvolvimento de uma consciência crítica entre os estudantes, perpetuando assim a dominação e a manipulação ideológica por parte das autoridades. A exclusão da disciplina representou, portanto, um ataque direto à liberdade de pensamento e à formação de cidadãos críticos e conscientes.

Por fim, o terceiro momento relevante para a história do ensino de filosofia no Brasil é o período que compreende a instituição da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em 1996 e as modificações que está sofreu até os dias atuais.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é uma importante legislação que define as diretrizes e bases da educação brasileira. O primeiro projeto da LDB (PL 1.258/88) foi apresentado à Câmara Federal após a promulgação da Constituição de 1988. No entanto, ficou emperrado

durante o governo de Fernando Collor de Mello e somente foi aprovado oito anos depois, em 20 de dezembro de 1996, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

A LDB para ser aprovada em 1996 precisou antes ser alterada para que atendesse os interesses da política educacional do governo atual que “foi marcada por interesses privatistas e sob o ideário neoliberal. (ALVES 2002, apud, PAIVA; Piol, 2015, p. 237). Em seu original a LDB da Câmara, lei n. 1.258/88 garantia à filosofia e à sociologia o caráter de disciplina obrigatória (*ibidem*). No entanto, na LDB aprovada ficou determinado em seu art. 36, § 1º, inciso III que, ao final do ensino médio, o educando demonstrasse “domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (*ibidem*). E ao tirar a obrigatoriedade da filosofia, segundo Montero (2014), esta passou a ter uma presença inócua, inofensiva...

Presença inócua porque o discurso da importância da filosofia não se traduz em uma presença efetiva dessa disciplina nos currículos do Ensino Médio. Por um lado, a presença da filosofia está presente na lei, mas, ao analisarmos mais atentamente, percebemos que não nos é possível afirmar com precisão como se dá a inclusão da filosofia no currículo do Ensino Médio, se como uma disciplina específica, obrigatória, ou se a filosofia deve ser trabalhada de forma transversal em outras disciplinas<sup>19</sup>. (MONTERO, 2014, p. 27-28)

Mais uma vez na história do Brasil o ensino de filosofia perde seu caráter originário e deixa de ser uma ferramenta crítica e reflexiva para a compreensão e transformação do mundo, se tornando seu próprio paradoxo, dessa vez como presença inócua.

E uma coisa era certa, com a nova LDB, os estabelecimentos de ensino poderiam incluir ou não a filosofia em seu currículo, já que nessa perspectiva se defendia o ensino transversal da mesma e foi o que aconteceu, mesmo porque a decisão pela não obrigatoriedade, tinha por pretexto dois argumentos para o veto:

a) A inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia implicaria incremento orçamentário impossível de ser arcado pelos estados e municípios; b) Não haveria suficientes professores formados para fazer frente às novas exigências da obrigatoriedade da disciplina. (FAVERO et al., 2004, p. 260, *apud*, Montero, 2014, p. 29)

---

<sup>19</sup> É lamentável a concepção pedagógica de que TODO ensino deve ser feito por meio de DISCIPLINAS, estanques e organizadas numa GRADE CURRICULAR com HORAS DEDICADAS. Enquanto não houver uma séria rediscussão sobre isso, a educação brasileira vai ser o lodaçal em que afundam tantos e a fonte de insatisfação e a ausência de solução para as vidas das pessoas e para os problemas do país. (Comentário do professor Dr. Aldir Carvalho Filho – UFMA)

A história do ensino de filosofia no Brasil é também marcada pela constante e insistente luta dos profissionais da área, que nunca desistiram de tê-la como disciplina obrigatória no currículo e foi o que continuou acontecendo após a aprovação da LDB 9.394/96, a luta continuou até a promulgação da Lei nº 11.684, de 02 de Junho de 2008, que alterou o art. 36 da referida lei e incluiu a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias. Contudo, ter a filosofia como disciplina obrigatória não fez a luta cessar, mesmo porque,

Falta justificá-la nos bancos escolares e, para além deles, nos espaços sociais, nos meios alternativos, na mídia do século XXI, nos presídios, nos cafés e salões, enfim, onde se puserem seres humanos a buscarem o sentido de suas vidas. Que bem poderia começar a ser na escola. (PAIVA; PIOL, 2015, p. 240).

Essas constantes mudanças e instabilidades na presença da filosofia no ensino brasileiro refletem diferentes concepções de educação e de formação dos indivíduos, bem como disputas políticas e culturais do país ao longo do tempo. Foi somente a partir da Lei 11.684 de 2008 que o ensino de filosofia se tornou obrigatório em todas as escolas de ensino médio do país, mostrando a importância da disciplina como parte integrante da formação do pensamento crítico dos estudantes.

Em 2016 houve uma nova mudança no quadro político do Brasil com um novo golpe engendrado pela direita, fazendo com que esta voltasse ao poder com o mesmo ideário neoliberal e privatista do governo Fernando Henrique que como vimos fora responsável por barrar o processo legal da obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia no currículo, e esse golpe que levou Michel Temer ao poder foi também decisivo para a vitória de Jair Messias Bolsonaro como presidente eleito. Em ambos os governos, a filosofia e a sociologia deixaram novamente de serem disciplinas obrigatórias, no primeiro através da Medida Provisória nº. 746/16, e no segundo com a sanção da Lei 13.415 de 16 de Fevereiro de 2017, conhecida como a *lei da reforma do Ensino Médio*.

No governo Temer a Medida provisória nº. 746 de 22 de Setembro de 2016 que alterou a LDB 9394/96 propunha a Reforma do Ensino Médio, a qual foi vista por Caetano (2019), como “uma redação elitista e impositiva, isto é, um texto construído sem o processo de escuta” (CAETANO, 2019, *apud*, BARROS, 2021, p. 7), e segundo Frigotto (2016), a Medida Provisória acentua ainda mais as distinções e disparidades referentes às escolas públicas e privadas, tendo como consequência a vantagem formativa para alunos da rede privada de ensino (FRIGOTTO, 2016, *apud*, BARROS, 2021, p. 9), já que a referida Medida não teria implicações

sobre a arquitetura curricular da rede privada de ensino e esta por sua vez teria uma maior carga horária no que se refere aos componentes curriculares.

Barros (2021), expôs três categorias de análise para a compreensão da medida provisória 746/16: “1º) na alteração da carga horária; 2º) arquitetura curricular e 3º) lugar da filosofia no currículo.” (*ibidem*).

Para alteração da carga horária, a Medida Provisória 746/16 em seu Art. 1º, modificaria os Arts. 24 e 36 da LDB 9394/96 que passariam ambos a ter as respectivas alterações:

Parágrafo único. A carga horária mínima anual de que trata o inciso I do caput deverá ser progressivamente ampliada, no ensino médio, para mil e quatrocentas horas, observada as normas do respectivo sistema de ensino e de acordo com as diretrizes, os objetivos, as metas e as estratégias de implementação estabelecidos no Plano Nacional de Educação.

[...] A carga horária destinada ao cumprimento da Base Nacional Comum Curricular não poderá ser superior a mil e duzentas horas da carga horária total do ensino médio, de acordo com a definição dos sistemas de ensino. (BRASIL, 2016, *apud*, BARROS, 2021, p. 9-10)

A ideia de Reforma do Ensino Médio é resultado do Projeto de Lei 6.840 de 27 de novembro de 2013, o qual ao propor essa mudança tinha como uma das principais propostas a ampliação do tempo dedicado às aulas, passando de oitocentas horas para mil e quatrocentas horas, o que garantia um aumento significativo no número de aulas (BARROS, 2021, p. 4) e não uma redução. Contudo, apesar de a MP 746/16 também sugerir um acréscimo na duração das atividades escolares, na prática o que se observou foi uma diminuição do tempo destinado ao cumprimento da Base Comum Curricular. A partir da Medida Provisória, a carga horária total do ensino médio não poderia exceder mil e duzentas horas, quando anteriormente era de oitocentas horas por ano.

A segunda categoria de análise que seria a arquitetura curricular na MP 746/16 fica proposta em seu Art. 1 como alteração dos incisos I a V do Art. 36 da LDB 9.394/96 com a seguinte redação:

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos específicos, a serem definidos de atuação profissional:

I – linguagens;

II – matemática;

III – ciências da natureza;

IV – ciências humanas; e

V – formação técnica e profissional.

§ 1º Os sistemas de ensino poderão compor os seus currículos com base em mais de uma área prevista nos incisos I a V do caput. (BRASIL, 2016, S/P, apud, BARROS, 2021, p. 11)

Essa alteração no currículo implica mais em retrocesso do que progresso na formação fundamental dos jovens, haja vista que segundo Barros, não havia uma preocupação de fato com os reais problemas que afetam a Educação Básica, como o atual estado da maioria das escolas públicas que se encontram sucateadas com uma alarmante falta de estrutura em seu contexto geral, enquanto que essa reforma tinha “em mira o atendimento das demandas do mercado e, como beneficiários grupos privatistas ligados a educação” (2021, p.11).

E como resultado e intensão dessa reforma temos a terceira categoria fruto dessa mudança no currículo, a partir da qual se gerou o fim da obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia no ensino médio e que apesar das reivindicações, mobilizações de parlamentares, de estudantes e da comunidade em geral o que se conseguiu foi a obrigatoriedade da filosofia e sociologia como estudos e práticas na MP 746/16, aprovada no Senado Federal em 13 de fevereiro de 2017 e que foi convertida na Lei 13. 415 em 16 de fevereiro de 2017.

Em sua redação a Lei 13.415/17 prevê, em seu Art. 35 – A, § 2º, que “A Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” (BRASIL, 2017, *apud*, BARROS, 2021, p. 14). A redação do texto, ao apresentar a inclusão da filosofia na forma de estudos e práticas, a deixa em desamparo, uma vez que não há garantias de que esta, assim como a sociologia, arte e educação física sejam integradas à Base Nacional Comum Curricular na forma de componentes específicos, abrindo margem para sua diluição na forma de abordagens de estudos de temas gerais presentes nos itinerários formativos. (BARROS, 2021, p. 14)

Como foi visto acima a medida provisória 746/16 tinha por objetivo, o fim da obrigatoriedade do ensino de filosofia e sociologia, no entanto houve uma significativa mobilização e luta pela permanência dessas disciplinas no currículo, o que foi conquistado, porém não como pretendido, ficando a obrigatoriedade restrita a estudos e práticas na parte dos itinerários formativos.

O Projeto de Lei 6.840/13, que tinha como objetivo principal estabelecer uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em todo o território brasileiro, incluindo a obrigatoriedade da disciplina de filosofia no currículo, infelizmente sofreu um revés durante o processo legislativo. Mais uma vez, a filosofia perdeu sua condição de disciplina obrigatória, o

que resultou em prejuízos para a qualidade da educação pública e para a promoção do pensamento crítico e reflexivo entre os jovens.

Nesse cenário, como podemos ver é inegável que o ensino de filosofia ao longo de sua história no Brasil sofreu prejuízos significativos, não apenas em termos de qualidade educacional, mas também no que diz respeito à sua capacidade de promover uma formação mais humanística. Essa formação que deveria capacitar os jovens a pensarem de forma crítica e reflexiva sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca contribuindo para a construção de uma identidade sólida e consciente não aconteceu. Então podemos nos perguntar: Seria possível nos dias atuais um ensino de filosofia no Brasil nos moldes da pedagogia socrática?

Veremos isso no próximo tópico.

### **3.3 O nascimento do ensino da filosofia na pedagogia socrática como diálogo, pergunta e autoconhecimento**

Para discutir como o ensino da filosofia pode promover o autoconhecimento em adolescentes, vamos começar examinando a análise feita por Walter Kohan (2009), que ressalta a importância de Sócrates como pioneiro no ensino da filosofia.

Embora os sofistas e a filosofia platônica tenham oferecido contribuições significativas para a interpretação da realidade, explorando não apenas seu aspecto físico, mas também a complexa interação entre a ação humana e o mundo, com o objetivo de alcançar uma compreensão mais profunda e consciente tanto do indivíduo quanto de sua relação com a sociedade, é segundo Kohan, Sócrates que se destaca como uma figura intrigante, representando uma entrada essencial para a jornada do ensino filosófico.

Sócrates desempenha um papel singular ao conduzir-nos rumo à exploração do ensino filosófico como um meio para a autoconsciência, através do profundo processo de autoexame. Em vez de meramente contemplar os fenômenos externos, ele nos convoca a mergulhar nas profundezas de nossa própria consciência. Assim, ele se torna um ponto de partida enigmático, lançando as bases para a busca de conhecimento intrínseco e discernimento por meio da investigação do conhece-te a ti mesmo. Nesse sentido, inaugura uma era de questionamento intelectual que se desdobra em um trajeto único de descoberta pessoal por meio da filosofia. Portanto, é através da influência marcante de Sócrates que a filosofia adquire uma dimensão mais profunda, tornando-se um instrumento para a exploração do eu e da relação intrincada com o mundo que nos cerca.

Ao desafiar sua própria sabedoria e afirmar que sua única certeza era a falta dela, Sócrates estabeleceu os alicerces para uma investigação interna que ultrapassou os limites do conhecimento superficial. Esse enigma, frequentemente resumido na conhecida expressão *só sei que nada sei*, nos instiga a uma busca constante pela compreensão de nossas próprias convicções, impulsos e restrições. O convite de Sócrates para nos voltarmos para dentro e questionarmos a fundo nossas próprias convicções, desencadeia um processo de autoexame crítico que busca desvendar camadas ocultas de nossa consciência. Dessa forma, o paradoxo socrático (KOHAN, 2009), não apenas desafia a presunção de conhecimento absoluto, mas também serve como um catalisador poderoso para a busca de autenticidade e clareza interior, conduzindo-nos a um nível mais profundo de autoconhecimento e reflexão.

Foi por meio dessa busca, que Sócrates conferiu à filosofia um caráter antropológico, contrariando os físicos, que direcionavam suas perguntas ao cosmos na tentativa de compreender o ser humano. Ele, por sua vez, optou por questionar o próprio ser humano, na esperança de que este pudesse encontrar respostas por meio do conhecimento de si mesmo. É por isso que segundo Kohan (2009), não será nem com os pré-socráticos, nem com os sofistas, mas com Sócrates e no momento de sua apologia que nasce a filosofia e seu ensino:

De modo mais preciso, se a filosofia e seu ensino nascem com a vida de Sócrates, a escritura da filosofia, sua transmissão, nasce com o relato que termina com sua condenação à morte na *Apologia de Sócrates*. Ali, Sócrates afirma para si um lugar de exterioridade ante os modos de poder e saber próprios dos tribunais. (KOHAN, 2009, p. 19)

Kohan deixa bem claro em seu livro que a figura de Sócrates apresentado por ele não é a da figura histórica, mas a filosófica que “nos ajuda a pensar, a nós que damos voltas em torno da filosofia, sua aprendizagem e seu ensino” (*ibidem*). É por isso que ele vai partir da Apologia, local em que Sócrates expõe de forma detalhada sua filosofia.

Para entender como e porque nasce com Sócrates a filosofia e seu ensino na narração do referido diálogo. É necessário retomar segundo Kohan, a citação da ida de Querofonte ao templo de Delfos.

Sabeis perfeitamente como era Querofonte e como se apaixonava quando empreendia alguma coisa. Assim de uma feita, estando em Delfos, atreveu-se a consultar o oráculo [...] Perguntou, de fato, se havia alguém, mais sábio do que eu. Ora, a Pítia respondeu que ninguém era mais sábio do que eu. (PLATÃO, Apol., 21a)

Kohan vai enfatizar que a resposta da Pítia desencadeia uma busca em Sócrates, iniciando não apenas a tarefa de um filósofo, mas também de um professor de filosofia. Essa busca consiste em encontrar sentido por meio da autoindagação e do questionamento dos outros. E é exatamente o que Sócrates vai fazer, pois este fica intrigado ao ouvir a resposta do oráculo, pois reconhece que a Pítia não mente, mas também tem consciência de sua própria falta de sabedoria. Por isso, decide interrogar aqueles que são considerados sábios: “primeiro, os políticos (Apol., 21b-e), depois os poetas (21e-22c) e finalmente os trabalhadores manuais (22c-e)” (KOHAN, 2009, p. 22). O que podemos analisar em detalhes na fala do próprio Sócrates.

Passei a investigar o caso deste modo: Fui ter com um indivíduo considerado sábio, certo de que ali ou nenhures conseguiria desmentir o oráculo e declarar-lhe: Este homem é mais sábio do que eu; no entanto afirmaste que eu era o mais sábio dos homens. Passei, portanto, a examiná-lo. Não há necessidade de declinar-lhe o nome; era um de nossos políticos. Mas ao examiná-lo atenienses, aconteceu o seguinte: no decurso de nossa conversação, quis parecer-me que ele se passava por sábio para muita gente, mas principalmente para ele mesmo, quando, em verdade estava longe de sê-lo. De seguida, procurei demonstrar-lhe que ele se considerava sábio sem o ser, do que resultou atizar contra mim seu ódio e de muitas pessoas presentes. (PLATÃO, Apol., 21c-d)

O que ocorre no exame e interrogação dos políticos, ocorre semelhante com os poetas e artesãos. Os políticos, acreditavam possuir sabedoria, embora na realidade não a tivessem assim como os poetas e artesãos. E será nesse ponto que Sócrates chegará à conclusão de que o oráculo está correto ao afirmar que ele é o mais sábio, pois ele reconhece sua própria ignorância, ao passo que os outros permanecem alheios a ela.

Segundo Kohan (2009, p. 24), o ato de interrogar a si e em seguida, políticos, poetas e artesãos, bem como a descoberta de sua ignorância e a dos outros, são práticas profundamente ligadas ao nascimento da filosofia, bem como do ensino da filosofia. Primeiro porque o mito da ignorância é também o mito da filosofia, já que a ignorância revela que a filosofia não é um saber, mas uma relação com o saber e segundo, porque o ato de interrogar a si e aos outros deve ser a prática constante do professor de filosofia.

Kohan (2009) observa que Ânito, Meleto e Licão, os três adversários selecionados para confrontar a filosofia, também representam potenciais desafios para os professores de filosofia, pois simbolizam três grupos sociais distintos: a esfera política, a poesia e a técnica. Esses grupos sociais podem ser entendidos como três possibilidades a serem enfrentadas pelos professores de filosofia em sua jornada:

A política é a possibilidade de ver no ensino da filosofia uma projeção social concreta e acabada, uma produtividade comprometida com a transformação do estado de coisas; é a extensão de um sentido, utilidade ou produto tangível em sociedades feridas de injustiças como as nossas; a política é o duplo da filosofia na pólis, e tornar-se um político é a primeira tentação de um professor de filosofia; a poesia é a própria dimensão estética da filosofia, a que mais especificamente a aproxima da arte, do desinteresse e do sublime; é a consumação da palavra na própria palavra; a poesia é o duplo da filosofia na linguagem; tornar-se um poeta é a tentação última de um professor de filosofia. Finalmente, a técnica é a sedução de um método que torne a filosofia produtiva, eficaz, desde a própria didática até uma finalidade ditada pelo mercado, pela ciência ou desde qualquer outro marco externo; é o domínio de uma ordem que pretende regular-se a si mesma e, em particular ao próprio pensamento; a técnica é o duplo instrumental da filosofia, e converter-se em um técnico é a tentação persistente de um professor de filosofia. (KOHAN, 2009, p. 23-24)

Kohan defende que a política, a poesia e a técnica desempenham papéis significativos na filosofia, e que essas dimensões também representam tentações para os filósofos. A política oferece a possibilidade de que o ensino da filosofia tenha um impacto social concreto e produtivo em sociedades injustas, tornando-se assim a primeira tentação enfrentada pelos professores de filosofia. Por outro lado, a poesia surge como a última tentação, pois representa a dimensão estética da filosofia, aproximando-a da arte e incentivando a busca pelo sublime. Como diria Josef Piper (2021); que bebe na fonte de Platão e Sócrates; nos falta a capacidade de ver a vida como os artistas, mesmo porque segundo ele, nenhum ser humano consegue ver o que está visível e acessível a seus olhos. Já a técnica é aquela que podendo oferecer métodos produtivos e eficazes à filosofia traz também consigo a sedução de ordenar e regular o pensamento além de instrumentalizá-lo. Dessa forma Sócrates é aquele que além de nos inspirar ao permitir essa percepção é também o exemplo para tal superação nos embates externos e internos, mesmo porque a filosofia mais do que um saber que o sustenta é sua missão, ou seja, consiste em:

Um princípio de vida, algo que principia, dá início à sua vida, seu corpo o transpira, é algo muito mais forte que sua vontade ou sua consciência às quais excede: trata-se do significado e do sentido de viver de determinada maneira, de levar uma vida de acordo com a filosofia que ele mesmo inventa. (KOHAN, 2009, p. 27)

Kohan destaca que Sócrates, ao estabelecer os fundamentos da filosofia e seu método de ensino com base em suas experiências pessoais, deixa evidentes, ao longo de sua Apologia, os princípios que orientam sua prática filosófica. Esses princípios, se tornam uma fonte de orientação para aqueles que, assim como Sócrates, se dedicam à busca do conhecimento filosófico e ao ato de filosofar.

Assim Kohan identifica na Apologia, “quatro formas verbais ligadas ao infinitivo filosofar (*philosophhein*)” (*ibidem*, p. 28), e que apontam três chamados aos professores de filosofia. E que nesta dissertação ousamos estender a todos os outros que se relacionam com a filosofia, como os *adolescentes*.

A primeira é a já mencionada, o particípio plural que indica “os que filosofam” (tôn *philosophoúnton*). Na Apologia (28e), torna a aparecer uma forma do particípio, nesse caso singular, e também relacionada ao mandato divino. Sócrates está analisando se não seria vergonhoso dedicar-se a algo que o levaria a morte. (KOHAN, 2009, p. 28)

Essa análise de Sócrates na Apologia (28e-29<sup>a</sup>) leva-o à conclusão de que, se ele obedeceu às ordens de seus chefes militares nas batalhas de Potidéia, Anfípolis e Délio sem considerar os riscos, seria injusto não atender ao chamado do deus que o incumbiu da missão de filosofar, examinando a si mesmo e aos outros. Tal exame de si mesmo e dos outros, que faz parte da busca pelo autoconhecimento é considerado o primeiro passo fundamental para um professor de filosofia praticar e ensinar seus educandos a praticarem, como fez Sócrates.

Mesmo porque o acesso a verdade só pode prescindir de uma experiência de exame de consciência, de meditação, o que se dá a partir do examinar-se a si mesmo.

Já “Os outros dois aparecimentos da palavra filosofar estão em uma mesma passagem da Apologia, um do infinitivo *philosophhein* em 29c, e outro do particípio *philosophôn*, em 29d. Ali Sócrates joga com os seus acusadores” (KOHAN, 2009, p. 29), como podemos constatar em Platão.

Ainda mesmo que me dissésseis: Sócrates, não daremos atenção a Ânito, vamos absolver-te, com a condição de parares com essa investigação e não te dedicares de hoje em diante à filosofia; porém se fores mais uma vez apanhado nessas práticas, morrerá por isso; se me absolvésseis, como vos disse, sob essa condição, eu vosalaria nos seguintes termos: Estimo-vos, Atenienses, e a todos prezo, porém sou mais obediente aos deuses do que a vós, e enquanto tiver alento e capacidade, não deixarei de filosofar e a de exortar a qualquer um de vós que eu venha a encontrar, falando-lhe sempre na minha maneira habitual [...] não te envergonhas de só te preocupares com o dinheiro e de como ganhar o mais possível [...] e à maneira de aperfeiçoar a alma, disso não cuidas, nem cogitas?. (PLATÃO, Apologia, 1980, p. 58)

Assim o segundo chamado de Sócrates ao professor de filosofia, consiste na inversão dos valores dominantes, deixando de cuidar do que já é cuidado para passar a dedicar atenção ao que está abandonado e desvalorizado. Essa ideia representa um desafio para os professores que devem buscar superar a visão tradicional e hierarquizada do conhecimento para valorizar novas perspectivas e práticas educacionais. O que se trata de uma inversão proposta por

Sócrates no que se refere ao modo de ensinar filosofia, já que o conteúdo proposto por ele é a reflexão da própria vida e de como se vive e para isso o ensino de filosofia não pode relegar a busca dos educandos de conhecer a si mesmos.

E por fim, o terceiro chamado consta de quatro ações que o filosofar exige de Sócrates, tal como ele diz:

E se algum de vós protestar que cuida, não o largarei de pronto nem me afastarei dele, mas o interrogarei, examinarei e arguirei a fundo. No caso, porém, de convencer-me de que é carente de virtude, embora diga o contrário, repreendê-lo-ei por dar pouca importância ao que é de mais valor e ter em alta estima o que de nada vale. (PLATÃO, Apol., 29e-30a)

As quatro ações mencionadas anteriormente; interrogar, examinar, refutar e censurar aqueles que não valorizam o que é realmente importante na vida; correspondem à abordagem de Sócrates para reinventar o ensino da filosofia. Em vez de ser um mero conjunto de informações, Sócrates encarava a filosofia como uma relação com o conhecimento e a vida, como uma busca que envolvia não apenas ele mesmo, mas também os outros. Diferentemente dos filósofos da natureza (físicos) que buscavam respostas no mundo exterior, Sócrates dedicava-se a questionar e explorar a própria vida humana. Seu estilo de ensino e filosofia de vida tornou-o amplamente reconhecido e influente, ao orientar seus alunos a navegarem pela existência.

Esses três preceitos se estendem aos apaixonados pela sabedoria, sejam eles professores ou alunos de filosofia. Sócrates personificou essa abordagem em sua própria vida, atraindo um grande séquito, especialmente entre os mais jovens, por sua prática filosófica vivencial. No entanto, essa popularidade acabou contribuindo para sua condenação, pois foi acusado de corromper a juventude. Em resposta, foi solicitado a explicar como suas ações e ensinamentos influenciavam o comportamento dos mais novos. Apesar disso, o legado de Sócrates continua a atrair indivíduos dessa faixa etária até os dias de hoje. Mas o que exatamente ele ensina para despertar tanto interesse entre eles? Kohan argumenta que:

Em um contexto em que o saber é uma possessão estimada como objeto de desejo para dominar as instituições da pólis, Sócrates o retira de seu lugar e o reinventa ali onde se joga a vida. Também redireciona seu foco: do exterior para o interior; dos bens de troca para o pensamento; das propriedades para si mesmo. (KOHAN, 2009, p. 34)

Sócrates, além de redirecionar o valor do conhecimento para a vivência, também centraliza sua atenção em si mesmo. Dessa forma, ele transforma sua própria existência em uma filosofia viva, refletindo sobre sua vida e examinando tanto a si quanto aos outros. E não há nada que atraia mais os jovens do que a oportunidade de refletir sobre a vida e sua própria jornada existencial, como bem diz, Erik Erikson (1972), e mais, segundo ele, a maior busca do ser humano é por si mesmo e isso começa na adolescência.

Infelizmente o ensino de filosofia hoje se perdeu de sua origem, e segundo Kohan, essa “acusação deve ser levada a sério pelos professores de filosofia de nosso tempo. A filosofia se multiplicou em concepções, sentidos e instrumentos, muitos já bastante distantes daqueles afirmados por Sócrates” (2009, p. 34). Portanto, é necessário que o ensino de filosofia continue redirecionando para a vida o seu lugar do saber, bem como seu foco, para que o ensino de filosofia para adolescentes, os permita o exame e a constante busca pelo conhecimento de si.

Kohan (2009), insiste em enfatizar que a filosofia para Sócrates não é um saber, mas uma relação com o saber, mesmo porque a frase célebre do filósofo é, só sei que nada sei. No entanto, esse reconhecimento de sua ignorância nunca o paralisou a ponto deste desistir de perseguir o saber, pelo contrário, reconhecer sua ignorância o recolocou numa constante busca, e “É isso que a filosofia “ensina”, ou permite aprender, antes e agora: O valor de certa relação com o saber, que dá lugar a um modo de vida marcado pelo exame e o cuidado de si” (KOHAN, 2009, p. 36), seja para o professor que aprende com Sócrates, como para os jovens a quem o professor de filosofia dialoga, ou “ensina”. Essa consciência de não possuir o conhecimento, de reconhecer a própria ignorância, cria um vínculo, não uma posse, com o saber e a filosofia. Portanto, o papel do professor de filosofia é ocupar uma posição de não detentor do conhecimento, mas sim de busca e relação com o saber. Seguindo a abordagem dialógica de Sócrates, seu objetivo é sempre o autoconhecimento.

Aqui se apresenta outra pergunta crucial para esta dissertação e para os professores de filosofia: como seria o ensino da filosofia para Sócrates?

Para compreender o que significava fazer ou ensinar filosofia para Sócrates, é preciso compreender o paradoxo que caracteriza tanto o nascimento da filosofia como seu ensino. E de acordo com Kohan (2009, p. 67), Sócrates é considerado esse paradoxo, por deixar para seus seguidores uma tripla tensão: ele afirma não ser mestre de ninguém, não reconhece estar transmitindo nenhum saber e não gera escolas. Assim a tensão presente nesse contexto é intrigante, principalmente quando se considera a reputação de Sócrates como o mestre dos

mestres, cujos ensinamentos deram origem a inúmeras escolas filosóficas fundadas por seus discípulos.

A palavra paradoxo tem suas raízes no grego paradoxos, que é formada pela união de para e doxa, denotando, respectivamente, junto e opinião. Esse conceito vai além e amplia a própria noção de opinião, contrariando-a. Sócrates exemplifica esse fenômeno de forma marcante; sua conduta paradoxal se manifesta ao recusar-se a ser reconhecido como mestre, enquanto sua abordagem filosófica se fundamenta no diálogo e na busca pelo conhecimento, ao invés de impor doutrinas e verdades preconcebidas.

Sócrates, enquanto um paradoxo, é um modelo e uma poderosa ferramenta filosófica que nos auxilia a compreender que nossas certezas podem ser desconstruídas, ressaltando a importância do questionamento na busca pelo conhecimento, ou autoconhecimento. Sua figura, representa esse paradoxo de maneira exemplar, uma vez que seu enfoque no diálogo e sua recusa em ser visto como um mestre o transformam em um símbolo do questionamento filosófico.

Ao desafiar seus interlocutores com perguntas que problematizam o próprio pensamento, Sócrates estimulava o pensamento crítico e autônomo, o que pode ser considerado um exemplo de ensino e aprendizagem baseado no diálogo e no questionamento constante. Desse modo, sua abordagem contribuiu para o desenvolvimento da filosofia na Grécia antiga e deixou um legado que influencia ainda hoje a prática educativa.

E mais precisamente, Kohan (2009) vai responder o que seria ensinar filosofia para Sócrates ao compilar seis antinomias que configuram o enigma-paradoxo que é Sócrates, seguindo a linha de Wolff<sup>20</sup> e um texto que Derrida<sup>21</sup> escreveu para um colóquio.

A primeira antinomia: “*A autonomia necessária e impossível*” (KOHAN, 2009, p.70).

Para Kohan, não há ensino de filosofia sem “autonomia da própria filosofia diante de outros saberes e poderes; autonomia do professor ante os marcos institucionais que o regulam; autonomia de quem aprende ante a quem ensina e os outros aprendizes” (*ibidem*, p. 70-71). Essa antinomia presente em Sócrates pode ser explorada em três formas que fornecem um suporte ao ensino de filosofia nas escolas, com ênfase em propósitos filosóficos que podemos chamar de genuínos, e não apenas em motivações econômicas, sociais e políticas, como é comumente atribuído à filosofia.

---

<sup>20</sup> WOLFF, F. L' être, l'homme, le disciple. Paris: PUF, 2000.

<sup>21</sup> DERRIDA, J. Le droit a la philosophie. Paris: Galilée, 1990.

Um exemplo é a justificativa política de que o ensino de filosofia contribui para a formação de cidadãos conscientes. Essa justificativa está diretamente relacionada à primeira forma mencionada, pois ela assegura a legalidade da filosofia frente à política, ao dizer que “entre a filosofia e a política instituída só há oposição, Sócrates rechaça toda e qualquer intromissão que pretenda ditar alguma lei para o pensamento filosófico” (*ibidem*, p. 71). O que é possível constatar no *Górgias*:

Creio ser um dos poucos atenienses, para não dizer o único, que se dedica a verdadeira arte política, e que ninguém mais senão eu, presentemente a pratico. Visto nunca entabular conversação com qualquer pessoa com o intuito de adquirir-lhe as boas graças e só ter em mira o que é mais útil, não o mais agradável... (PLATÃO, *Gorg.*, 521d)

Aqui, Sócrates desafia a lógica da política convencional ao buscar estabelecer uma abordagem mais filosófica. Ele argumenta que verdadeiramente praticar a política significa não aderir às práticas políticas daqueles que se consideram políticos.

A segunda perspectiva argumenta que tanto Sócrates quanto figuras como Nietzsche e J. Rancière-Jacotot rejeitariam a ideia de institucionalizar a filosofia. Apesar de serem críticos contundentes de Sócrates, nesse ponto específico, compartilham da mesma convicção. De acordo com Kohan, nem esses críticos nem Sócrates acreditavam na existência de uma instituição que pudesse verdadeiramente emancipar a filosofia. Assim, ser um professor de filosofia no estilo socrático implica em questionar a própria viabilidade dessa missão e resistir à sua formalização institucional.

Em resumo, Kohan argumenta que a filosofia tem o compromisso de transformar o pensamento, o que faz com que o ensino e a aprendizagem dessa disciplina sejam oportunidades para transformar nossos pensamentos e abordagens em relação ao mundo. É fundamental ressaltar que a filosofia não deve ser sujeita a moldes ou controle institucional, uma vez que nenhuma instituição é capaz de compreender e abraçar integralmente sua essência emancipatória. Isso implica que os professores de filosofia no estilo socrático precisam resistir às práticas institucionais que restringem sua disciplina e questionar a própria natureza do ensino filosófico.

Por fim, a terceira forma diz que “a tensão não só se dá entre a filosofia e o mundo exterior, mas também no próprio interior da filosofia” (KOHAN, 2009, p. 73), isto é, entre o pensamento filosófico atual e o passado, bem como entre o docente e as correntes de

pensamento filosófico contemporâneas. Isso se deve ao fato de que em Sócrates, a prática filosófica não é apenas um conhecimento, mas constitui uma relação com o saber.

[...] o fato de Sócrates ensinar que a filosofia consiste em uma relação com o saber, coloca uma questão que tem impacto sobre algumas oposições já clássicas entre professores de filosofia: história da filosofia *versus* problemas filosóficos; habilidades *versus* conteúdos; obras de filósofos *versus* DVDs, jornais, vinhetas em geral, etc. Sócrates se torna muito relevante nesse terreno. Por um lado, ensina que a filosofia não radica em um saber, mas em uma afinidade com o seu contrário a ignorância. Por outro lado, a função da ignorância é sempre uma e a mesma: pôr a si mesmo em questão, em relação com o modo de vida que se leva e porque se vive dessa maneira. Se a própria vida não está em jogo, pouco importa se se conhece isto ou aquilo, se se aprende determinada habilidade, se se sabe reproduzir um modo interessante de problematização. (Kohan, 2009, p. 73)

Kohan levanta questões cruciais neste breve trecho que não devem passar despercebidas, demandando uma análise cuidadosa em suas nuances. Dentro do próprio âmbito da filosofia, a autonomia buscada no ensino filosófico é tanto essencial quanto ilusória, conforme apontado por Kohan. Essa ilusoriedade se manifesta devido às divergências intrínsecas à própria disciplina filosófica, como destacado por Foucault ao discutir a transformação da filosofia ao longo do tempo. Partindo de uma filosofia do autoconhecimento com Sócrates, a modernidade testemunha uma transição para uma teoria do conhecimento, abandonando a reflexão sobre a arte de viver para se concentrar exclusivamente no conhecimento em si. Portanto, no contexto do ensino de filosofia, surge a recorrência dessa mesma questão fundamental: a abordagem pedagógica deve priorizar o conteúdo e o conhecimento em si ou fomentar a reflexão sobre si mesmo e a experiência no mundo, tal como Sócrates fazia?

A filosofia Socrática nos apresenta uma perspectiva inovadora para o ensino da filosofia, na qual a busca pelo conhecimento nos confronta com a nossa própria ignorância. Ao mesmo tempo, essa busca nos impulsiona a nos questionarmos e investigarmos a nossa própria existência. Essa abordagem pode ser observada no primeiro capítulo desta dissertação, onde foi mencionado como a filosofia socrática promove o autoconhecimento. Sócrates utilizou a filosofia como um instrumento para compreender a si mesmo, colocando-se em questionamento e explorando sua própria vida. Essa investigação revelou-se como um caminho para uma maior aproximação e entendimento de si mesmo. E, o professor de filosofia pode desenvolver na sala de aula.

Depois de analisarmos, que para o ensino de filosofia é necessário autonomia, mesmo que isto segundo Kohan também seja impossível, cabe nos perguntarmos: o que se vai transmitir

nesse processo de ensino? É por isso que a segunda antinomia é a de “*transmitir o intransmissível*” (KOHAN, 2009, p. 75), mesmo porque essa é a lógica pedagógica, quem ensina deve transmitir algo a alguém, contudo não se deve reduzir o ensino de filosofia a mera transmissão de conteúdos, já que,

Sócrates parece sugerir que, em filosofia, nada há para transmitir a não ser um gesto que, em si mesmo não pode ser transmitido. Sócrates sai a viver a sua vida, a exercitar seu gesto filosófico e nesse gesto começa e termina o pôr-se em cena pedagógico da filosofia ou, melhor, de uma educação filosófica. É “só” um gesto, uma relação com o conhecimento, e não um corpo de conhecimento – ainda que seja em sentido contrário – o que inaugura e dá sentido à prática de um professor. (KOHAN, 2009, p. 75)

Esse nada a transmitir ao mesmo tempo é muito a ser transmitido, já que se trata da experiência filosófica, como dizia Derrida (1990, p. 518, apud KOHAN, 2009, p. 75), ou, do caráter da pedagogia filosófica de Sócrates, de como ele habita o pensamento e ensina seus interlocutores a fazerem o mesmo, ou seja, pensar por si mesmo e a si mesmo, e que segundo Kohan (2009), Sócrates oferece ao menos duas possibilidades de pensar a transmissão filosófica. A primeira,

“ele mesmo exemplifica no Mênon, quando tenta mostrar que nada ensina: aquele que determina antecipadamente o lugar de chegada do outro, que sabe o que o outro deve saber e como alcançá-lo, que pensa antecipadamente o que o outro deve pensar. (KOHAN, 2009, p. 76)

Ao citar o Mênon, Kohan mostra que tudo que Sócrates ensina é uma maneira de buscar o saber, mesmo porque o saber está no sujeito e este só precisa alcançá-lo em si mesmo, e é por isso que Sócrates vai dizer a Mênon que “não há ensino, mas apenas reminiscência” (PLATÃO, Menão, 82a). E para provar o que diz pede a Mênon “chama um dos servidores que te acompanham, para que eu faça com ele a demonstração” (*ibidem*). E Sócrates continua “preste agora atenção ao que te parece que vai acontecer: se ele vai recordar-se ou se aprenderá comigo” (*ibidem*, 82b-c). E após a demonstração, Sócrates diz: “Como deves ter visto, Menão, eu não ensino nada; limito-me a interrogá-lo. Neste momento ele julga saber qual seja o comprimento do lado de um quadrado de oito pés. Não te parece que ele está certo disso?” (*ibidem*, 82e). Durante a demonstração, Sócrates não ensina nada diretamente, apenas utiliza perguntas para conduzir o servo a uma resposta que já está em sua própria mente. Ao final, Sócrates conclui

que sua técnica não é de ensino, mas sim de questionamento e diálogo, oferecendo ao servo a oportunidade de reconhecer e utilizar seus conhecimentos de forma autônoma e consciente.

Essa perspectiva de transmitir o intransmissível por meio do diálogo e do questionamento, em vez de impor o conhecimento, é uma prática importante na educação que valoriza o educando como protagonista do seu próprio aprendizado. Dessa forma, Sócrates já reconhecia a importância de incentivar a busca pelo conhecimento, e não apenas transmiti-lo de forma autoritária, sendo uma fonte inspiradora também para a educação contemporânea.

A outra possibilidade de transmissão emitida por Sócrates também se encontra no Mênon, onde ele fala que “quem ensina não tem pontos fixos, problematiza o pensar do outro porque antes o faz com o próprio pensar; põe-se a si mesmo em questão no ato de ensinar” (KOHAN, 2009, p. 76-77).

O que Kohan nos desafia a refletir é a transmissão do intransmissível, que ocorre através do questionamento e do diálogo no ato de ensinar, bem como se estende ao colocar-se a si mesmo em questão, ou seja, no buscar o conhecimento de si. Não se trata de o professor seguir esse método e ter a garantia de seu sucesso. Kohan reconhece, assim como Sócrates, que a sabedoria não é uma posse, mas uma busca constante e o papel do professor de filosofia é provocar no educando esse desejo de buscar-se a si mesmo.

É fascinante observar que, ao destacar o que significa ensinar filosofia segundo a perspectiva de Sócrates, Kohan revela não apenas a relação entre professor e ensino da filosofia, mas também a relação entre o educando e a própria filosofia. Essa dupla relação leva a uma reflexão crítica, que pode levar à autoconsciência tanto do professor quanto do educando, o que significa que em última instância, o ensino da filosofia envolve o autoconhecimento do sujeito e a emancipação do pensamento. Assim, ensinar filosofia de acordo com Sócrates exige um compromisso mútuo entre o professor e o aluno, que envolve não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a reflexão crítica e a construção de um pensamento livre e autônomo.

Dessa forma, a abordagem de Sócrates valoriza o diálogo e a reflexão como ferramentas fundamentais no processo de aprendizagem, e incentiva o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico no educando. Isso faz parte de uma prática educativa democrática e igualitária que valoriza a contribuição de todos os envolvidos no processo, e não apenas a do professor como detentor absoluto do conhecimento.

A terceira antinomia do ensino de filosofia é “*Saber ou ignorar?*” (KOHAN, 2009, p. 77), pois, ao mesmo tempo que a filosofia nasce como um tipo específico de conhecimento, ela também se caracteriza em Sócrates com “uma relação íntima com o contrário do saber, a ignorância: o único que ela sabe é que seu saber não vale tanto; que ela, em verdade, ignora o que os outros saberes dizem saber” (*ibidem*). Tal antinomia do ensino de filosofia é uma questão fundamental que permeia a própria natureza da filosofia como um tipo específico de conhecimento. Por um lado, a filosofia surge como um saber que busca compreender a realidade além das aparências, questionando as verdades estabelecidas e buscando a verdade por meio do diálogo e do pensamento crítico. Por outro lado, a filosofia também se caracteriza por uma relação íntima com o contrário do saber: a ignorância. Sócrates, por exemplo, defendia que o único saber real é saber que nada se sabe, ou seja, estar ciente da própria ignorância. Contudo, ele desafiava seus interlocutores a questionar suas próprias crenças e a buscar sempre ir além do que se sabe.

Essa tensão entre saber e ignorância é o que torna o ensino de filosofia uma antinomia, pois ao mesmo tempo em que busca compreender a realidade de uma forma mais profunda, também reconhece as limitações do conhecimento humano e a necessidade constante de questionar e revisar nossas próprias ideias. Portanto, chegar ao conhecimento de si que era o fim último da proposta do ensino socrático implicava em primeiramente reconhecer a própria ignorância, já que ensinar filosofia envolve não apenas transmitir um conjunto de conhecimentos estabelecidos, mas também estimular o pensamento crítico e o questionamento constante de si.

Ao analisar a quarta antinomia: “*O método e sua ausência*” (KOHAN, 2009, p. 79), podemos nos questionar de antemão se haveria de fato no ensino socrático um método para conhecer-se a si mesmo?

Kohan argumenta que, embora seja necessário seguir um método no ensino de filosofia, não existe um único *método filosófico*, mas sim uma pluralidade de abordagens. Mais do que uma escolha metodológica, a filosofia se caracteriza por sua relação específica com cada método. Assim, para Kohan, a essência da filosofia não reside no método em si, mas na maneira como ela se relaciona com ele.

Em outras palavras, a filosofia é definida pela sua capacidade intrínseca de questionar e refletir criticamente sobre diferentes métodos e perspectivas, buscando a verdade e um conhecimento mais profundo de si mesma. Segundo Kohan, independentemente do método

utilizado, o principal objetivo de Sócrates é incentivar seus interlocutores a pensar e a refletir sobre si mesmos. Nesse sentido, Kohan cita o diálogo platônico *Laques* para ilustrar essa perspectiva.

Ao conversarem com Sócrates, seus interlocutores fatalmente se verão enfrentados a pensar e a ocupar-se de si mesmos. Pode-se mudar o lugar, pode adequar-se a estratégia, podem transformar-se as perguntas, mas interessa que o caminho disposto permita a cada um encontrar-se consigo mesmo no pensamento e pôr em questão o espaço que ali se habita para, finalmente, problematizar o modo como se vive. (KOHAN, 2009, p. 80)

Esse diálogo é um clássico da filosofia que nos ensina muito sobre o autoconhecimento. Neste diálogo, encontramos uma discussão aprofundada sobre a virtude da coragem e o seu papel na vida humana. Através do diálogo, Platão nos mostra que o conhecimento de si é fundamental para alcançar a coragem e outras virtudes.

Portanto, embora seja importante ter uma abordagem metodológica clara no ensino de filosofia, é ainda mais importante estar atento a finalidade a que se destina o método, o que no caso de Sócrates é a problematização da própria vida e do conhece-te a ti mesmo, através da abertura ao diálogo e à reflexão crítica que possibilita o desenvolvimento do pensamento filosófico e a busca constante pela verdade e pelo conhecimento mais profundo de si mesmo, tal como consta no *Laques*.

O protagonista do diálogo, *Laques*, é um general ateniense que demonstra preocupação com a falta de coragem entre seus conterrâneos. Ele busca orientação de Sócrates sobre como pode ensinar coragem aos seus filhos e concidadãos. Sócrates, por sua vez, questiona *Laques* sobre a essência da coragem e o que a torna uma virtude.

Então, que nosso primeiro esforço, *Laques*, seja no sentido de indicar o que é a coragem, depois do que nossa próxima etapa será investigar de que maneira nossos jovens poderão obtê-la, tê-la adicionada a eles, na medida em que essa adição possa ser realizada mediante atividades e estudos. Tenta exprimir o que peço, nomeadamente o que é a coragem. (PLATÃO, 2016, p. 183)

Após a resposta de *Laques*, Sócrates argumenta que não é suficiente ter a coragem física de enfrentar o perigo, mas é crucial também ter a audácia de se autoconhecer e reconhecer sua própria ignorância. Ele argumenta que a introspecção é fundamental para uma coragem genuína e para o desenvolvimento das virtudes em geral. Afinal, apenas aqueles que estão cientes de

suas limitações e estão constantemente em busca de aprendizado e crescimento podem verdadeiramente alcançar a bravura e outras virtudes.

Este ensinamento de Sócrates nos mostra que o conhecimento de si é o ponto de partida para qualquer busca filosófica mais profunda. Assim, o autoconhecimento inerente à sua doutrina visa moldar um indivíduo virtuoso. Da mesma forma que ele, é essencial que questionemos nossas próprias convicções e estejamos abertos a modificar nossas perspectivas à medida que expandimos nosso entendimento sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Pois somente ao reconhecermos nossas limitações e cultivarmos nossas virtudes é que conseguiremos progredir rumo à verdadeira sabedoria.

A quinta antinomia, intitulada “Dentro e fora dos muros” (KOHAN, 2009, p. 81), destaca o perigo da institucionalização da filosofia e enfatiza a importância de uma filosofia que esteja conectada à vida cotidiana. Nessa antinomia, é retomada a reflexão presente no diálogo *Laques*, onde Sócrates estabelece uma relação íntima entre a filosofia e as experiências cotidianas das pessoas.

Nesta antinomia, Kohan nos mostra que embora a filosofia tenha sido tradicionalmente considerada uma disciplina que é isolada e restrita aos muros da academia, nas últimas décadas, o cenário tem mudado significativamente e isso se deve ao aumento considerável de iniciativas que buscam trazer a filosofia para fora dos espaços acadêmicos e para o cotidiano das pessoas. Essas iniciativas, como “o café filosófico, a filosofia com crianças, a filosofia clínica, as universidades populares de filosofia, a filosofia nas prisões, o cine e filosofia e o *philodrama*, têm se mostrado eficazes em tornar a filosofia mais acessível e relevante para todos” (KOHAN, 2009, p. 81). Ao trazer a filosofia para o cotidiano das pessoas, por meio de iniciativas que possibilitam o diálogo e a reflexão sobre a vida e o mundo, é possível tornar a filosofia mais próxima das questões da vida dos educandos. E mais uma vez, Sócrates seria nosso precursor nessa abertura, já que ele,

Mostra não só que essa abertura é possível, mas também necessária; ambas as condições são consubstanciais à própria prática da filosofia. Sócrates não rechaça nenhum interlocutor, nenhum espaço, nenhum convite; a filosofia está apegada às questões da vida. Por outro, é sempre uma e a mesma atividade: examinar, perguntar, confutar... O que Sócrates parece sugerir neste ponto é que o filosofar e a filosofia vão juntos... são dois aspectos de uma e mesma atividade. (KOHAN, 2009, p. 81-82)

Portanto, em Sócrates reside a propensão de levar o pensamento além dos limites da academia, o que é benéfico e significativo para a disciplina. Através dessas iniciativas, é viável

democratizar o acesso ao pensamento filosófico, estimular a reflexão crítica e fomentar o diálogo entre diversas visões, estabelecendo assim uma conexão entre o pensamento e as questões do dia a dia. Em resumo, a integração do pensamento filosófico à sociedade é uma tendência progressiva.

Essas novas iniciativas e interlocutores da filosofia apresentam um momento importante para a disciplina. Elas visam aproximar a filosofia do público em geral e torná-la mais acessível e relevante para as questões cotidianas.

Elas também possibilitam o diálogo entre diferentes perspectivas filosóficas e entre a filosofia e outras áreas do conhecimento, enriquecendo ainda mais o debate e a reflexão sobre as grandes questões da vida.

E por fim a sexta antinomia: “*Transformar e descolonizar*” (KOHAN, 2009, p. 83). Kohan chama aqui nossa atenção para olharmos o ensino de filosofia ao longo da história da América latina e percebermos como este ensino esteve a serviço tanto da dominação (colonização), como da descolonização. Bem como olharmos para Sócrates como aquele que “sugere que a filosofia tem um compromisso com a transformação do pensamento” (KOHAN, 2009, p. 83). Ou seja, como aquele que nos ensina que tanto ensinar como aprender filosofia “são uma oportunidade para transformar o que pensamos e com isso o modo em que vivemos e somos” (*ibidem*). E, apesar da filosofia ser uma ferramenta com a característica de uma faca de dois gumes, a prática de um ensino de filosofia fundamentado no paradoxo-Sócrates e em seu convite de nos conhecermos e nos transformarmos pode ser muito positiva, além de ser uma possibilidade para a descolonização.

Como discutido no segundo tópico sobre a evolução do ensino de filosofia no Brasil, observamos como ao longo da história ele foi usado como uma ferramenta de colonização. Hoje, é imperativo reverter esse cenário, transformando o ensino de filosofia em uma ferramenta para a descolonização.

E, Kohan nos mostra que isso é possível através dessa antinomia, já que tanto o ensino quanto a aprendizagem de filosofia são oportunidades para transformar nossos pensamentos e, por consequência, a forma como vivemos e interagimos com o mundo. É através da filosofia que podemos identificar as formas como as tradições culturais e as ideologias influenciam nossos pensamentos e hábitos, e, assim, podemos abrir espaço para questioná-las e desafiar normas injustas. Nesse sentido, ela pode ser vista como uma ferramenta poderosa para a emancipação e a transformação social.

Em síntese, a filosofia emerge como uma ferramenta para desafiar os padrões convencionais de pensamento e impulsionar a mudança social. Considerando que o ensino da disciplina nas Américas refletiu essa dinâmica de dominação, ao nos inspirarmos no legado de Sócrates, podemos empregar o ensino desta disciplina como um meio para fomentar o autoconhecimento dos alunos. Esse processo, por sua vez, é fundamental para a transformação dos indivíduos e de suas próprias abordagens de pensamento, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A viabilidade de um ensino de filosofia seguindo os princípios socráticos será explorada no terceiro capítulo desta dissertação, que se baseia na experiência conduzida na Unidade de Educação Básica Cônego Nestor Cunha, em Santa Quitéria do Maranhão.

#### **4 O AUTOCONHECIMENTO NO CÍRCULO FILOSÓFICO NA U.E.B. CÔNEGO NESTOR CUNHA: Pesquisa participante e análise de dados**

Este capítulo tem como objetivo detalhar os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, assim como os resultados obtidos a partir da pesquisa participante, que se concentrou na investigação de um potencial método de ensino de filosofia centrado no processo de autoconhecimento filosófico para a turma do ensino fundamental do 9º ano “C”, na Unidade de Educação Básica Cônego Nestor Cunha.

Inicialmente, realizaremos a caracterização dos procedimentos metodológicos da pesquisa participante, adotados nesta dissertação, partindo das quatro etapas fundamentais segundo (SCHUTTER, 1986, p. 195-196, *apud*, BRANDÃO, 2006, p. 107) que implicam:

- A aproximação do grupo e a inserção do pesquisador como ente político na situação dada;
- O momento de observação e coleta de dados;
- A pesquisa e organização dos dados; e
- A comunicação sobre os resultados no grupo ou na comunidade para sua análise e discussão.

Para tanto, destacamos o tipo de pesquisa, os instrumentos utilizados e a seleção dos participantes da pesquisa. Em seguida, apresentaremos a análise dos dados obtidos através da aplicação dos instrumentos de pesquisa, contextualizando os participantes e expondo suas percepções sobre o processo de autoconhecimento filosófico no ensino de filosofia.

A interpretação e análise dos dados serão conduzidas com base na fundamentação teórica discutida previamente, que inclui tanto a filosofia socrático-platônica quanto a análise desta feita por Michel Foucault.

A pesquisa de caráter qualitativo, é delineada pela combinação de uma investigação teórico-conceitual, fundamentada na análise de textos filosóficos, antropológicos e pedagógicos, com uma investigação empírica focada na pesquisa participante.

Optamos por adotar a metodologia da pesquisa participante, por implicar necessariamente “a participação, tanto do pesquisador no contexto, grupo ou cultura que está a estudar, quanto dos sujeitos que estão envolvidos no processo da pesquisa” (SOARES; FERREIRA, 2006, p. 96), já que nosso objetivo é compreender a perspectiva dos próprios adolescentes em relação à proposta de um ensino de filosofia voltado para o seu processo de autoconhecimento.

No que se refere aos instrumentos de pesquisa para impulsionar a investigação empírica na U.E.B. Cônego Nestor Cunha, direcionamos nossos esforços para um questionário de pré-intervenção, além da observação participante durante o círculo filosófico. Nosso objetivo era aprofundar a compreensão das perspectivas dos envolvidos no estudo, especialmente no contexto da elaboração de uma série didática voltada às aulas de filosofia para promover o autoconhecimento de adolescentes no ensino fundamental.

#### **4.1 Caracterização do campo de pesquisa**

O campo de pesquisa foi a Unidade de Educação Básica Cônego Nestor Cunha<sup>22</sup> pertencente a rede municipal de ensino de Santa Quitéria do Maranhão, situada na rua João de Deus s/n, bairro Folgueirão.

O município tem cerca de 25.764 habitantes (IBGE 2020). Possui um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,555 (IBGE 2010), cuja posição é de 148º em relação aos outros municípios do estado e o qual é considerado baixo em relação aos outros municípios da federação.

---

<sup>22</sup> Cônego Nestor Cunha foi um padre colegiado da diocese de Brejo, assassinado em São Bernardo por questões de terra em 1974. O padre estava ao vivo em um programa de rádio quando um soldado de polícia entrou no estúdio e fez os disparos contra ele. Há comentários de que a morte foi encomendada por coronéis da época que se incomodaram com o posicionamento do cônego em favor dos lavradores locais.

Figura 1. Localização da cidade Santa Quitéria do Maranhão



Fonte: Family Search<sup>23</sup>

Figura 2. Unidade de Ensino Básica Cônego Nestor Cunha



Fonte: Google Maps<sup>24</sup>

A instituição foi selecionada, devido à longa experiência da pesquisadora como professora no local por 9 anos. Foi nesse ambiente, que surgiu o problema de pesquisa,

---

<sup>23</sup> Disponível em: < [https://www.familysearch.org/pt/wiki/Santa\\_Quitéria\\_do\\_Maranhão,\\_Maranhão,\\_Brasil\\_-\\_Genealogia](https://www.familysearch.org/pt/wiki/Santa_Quitéria_do_Maranhão,_Maranhão,_Brasil_-_Genealogia) > Acesso em 04 mai 2024

<sup>24</sup> Disponível em: <https://maps.app.goo.gl/kbDsMhG4fbZFBwmE8>> Acesso em 04 mai 2024

observando o desinteresse dos alunos pelos conteúdos ministrados em sala de aula. Notou-se que esses conteúdos não despertavam o interesse dos adolescentes, que estão mais focados em compreender a si mesmos e nas relações interpessoais do que na dinâmica tradicional de sujeito e objeto predominante na escola atualmente.

A constatação que obtive ao longo de todo o período de atuação na docência é que não identifiquei práticas em diversas disciplinas que possibilitassem aos alunos se perceberem e refletirem sobre si mesmos de maneira aprofundada. Essa crítica está alinhada aos posicionamentos de especialistas em educação, como Paulo Freire, que há muito tempo destaca a importância de um sistema educacional que capacite os estudantes para a autorreflexão e o autoconhecimento.

Esta passagem, absolutamente indispensável à humanização do homem brasileiro, não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo. (FREIRE, 2022, p. 80)

Freire é categórico ao afirmar nesta sua primeira obra sobre educação, que a primeira coisa a se levar em consideração no processo educativo é fazer deste, uma práxis significativa para os educandos.

Este estabelecimento de ensino foi inaugurado em 1980 como Colégio Cônego Nestor Cunha e assim permaneceu até 2018, passando em 2019 a U.E.B. Cônego Nestor Cunha. De 1980 à 2001, este colégio municipal, mesmo em condições precárias, atendia ao 1º e 2º graus, o que corresponde atualmente como o ensino fundamental e ensino médio, no 2º grau funcionava o magistério que preparava os professores para o ensino da 1ª a 4ª série, e o 4º ano adicional preparava os professores que atuavam da 5ª a 8ª série. A partir de 2002 o ensino médio passou a ser da competência do estado e a funcionar em um outro prédio com o mesmo nome de Cônego Nestor Cunha, cujo o nome atual é Centro Educa Mais Cônego Nestor Cunha. Em 2023, na U.E. B. Cônego Nestor Cunha o ensino fundamental está funcionando nos três turnos com 438 educandos matriculados e na EJA no turno noturno temos 186 educandos matriculados.

O quadro de professores do turno matutino é composto por 22 professores: Ariedson Viana Lima da Língua Portuguesa; Antônio Vieira de Araújo, professor de História; Adierton Ricardo Lima Viana, professor de História; Brenda Araujo Silva, professora de Artes; Daniele Viana Araujo, professora de História; Eliezer Araujo do Nascimento, professor de Geografia;

Francílio Azevedo Pereira, professor de Matemática; Francisco Sousa Lima, professor de Ciências; Francisco das Chagas Viana Barbosa, professor de História e Educação Física; Gerson de Araujo Freitas, professor de Álgebra e Geometria; Hérica Soares Silva, professora de Matemática; Jessia Maria Teixeira dos Santos Silva, professora de Educação Física; Josephnildes Viana Silva, professor de Educação Física; Luciano de Araujo Santos, professor de Ciências; Lindete Viana Pontes, professora de Matemática; Moacir Carlos Rodrigues Nunes, professor de Português e matemática; Maria da Conceição Gomes Silva, professora de Arte; Solange Fontenele Carvalho, professora de Redação; Wane Paiva de Araujo, professora de Ciências; Nívia Maria Rocha Dutra, professora de Filosofia; Albertino Cardoso Oliveira e Maria de Lourdes Sousa Bastos, ambos professores de apoio.

A estrutura física do prédio conta com 11 salas de aula, uma sala de diretoria, uma secretaria com banheiro, que também serve de espaço para os professores, uma cantina, um depósito, uma dispensa, um auditório que pertence ao polo da UAB, mas é muito utilizado pela UEB Cônego Nestor Cunha, dois banheiros (um feminino e um masculino), um pátio descoberto e uma sala de informática, atualmente desativada.

A escola possui um projeto pedagógico (PP) desde 2019, que define como sua missão “servir com excelência, por meio da educação, formando cidadãos éticos, solidários e competentes” (U.E.B. CÔNEGO NESTOR CUNHA, 2019, p. 17). Em consonância com essa proposta pedagógica, esta dissertação se propõe a capacitar os adolescentes para que possam tomar controle de seu próprio desenvolvimento, dando passos no que se refere ao conhecimento de si. Isso implica fornecer ferramentas e conhecimentos que permitam aos estudantes não apenas adquirir informações, mas também desenvolver habilidades críticas e emocionais necessárias para a vida.

A compreensão de si e dos outros implica um ensino voltado para o autoconhecimento, destacando a importância de entender a si mesmo, reconhecer suas emoções, forças e fraquezas, o que é crucial para o desenvolvimento pessoal. Compreender os outros é igualmente vital, pois ajuda na própria compreensão e na vida em sociedade. Isso abrange habilidades de comunicação, empatia e cooperação. Além disso, é fundamental capacitar o indivíduo para a responsabilidade social, formando cidadãos que não apenas vivem em sociedade, mas também se esforçam para melhorá-la, seja por meio de ações voluntárias, participação política ou outras formas de engajamento.

Nesta pesquisa, pretendemos refletir uma visão holística da educação, que vai além da simples transmissão de conhecimento e cuja pretensão é formar indivíduos completos, capazes de viver com autonomia, consciência de si mesmos e dos outros, e um senso de responsabilidade social. Esse enfoque está alinhado com teorias educacionais modernas, como as de Paulo Freire, que enfatizam a educação integral, o aprendizado ao longo da vida e a preparação para os desafios futuros em uma sociedade complexa e em constante mudança. E isto alinhado com a proposta pedagógica da escola que propõe, que “sua prática educativa se dará de forma contextualizada, dialógica e crítica com vistas a transformar o mundo” (*ibidem*, p.16).

#### **4.2 Filosofia como Componente Curricular na UEB Cônego Nestor Cunha**

O ensino de filosofia na UEB Cônego Nestor Cunha começou desde a fundação da instituição em 1980. No entanto, essa disciplina não era oferecida para os alunos do 1º grau, que corresponde ao ensino fundamental. A filosofia era ministrada apenas para os alunos do 2º grau, especificamente para aqueles no curso de magistério. O primeiro professor de filosofia do município foi o pároco, Pe. Américo de Oliveira Henriques, que possuía graduação em filosofia.

Contudo, ele atuou como professor por apenas dois anos, pois se tornou oposição política ao grupo que estava no poder municipal. Apesar disso, a disciplina de filosofia continuou no currículo do magistério, mas passou a ser ministrada por um docente sem formação específica na área.

Segundo relatos de educandos do padre, os conteúdos que este ministrava, não eram propriamente filosóficos. Em sua maioria o que ele ensinava eram conteúdos teológicos. O que se seguiu com os professores que vieram depois.

O ensino de filosofia no ensino fundamental só aconteceu de fato em 2015, tendo como primeiras professoras: Nívia Maria Rocha Dutra e Raimunda Nonata Castro Silva. Ambas graduadas em filosofia. A primeira era professora do turno vespertino e a segunda do turno matutino.

Com essas professoras, o ensino de filosofia passou a ser ministrado com conteúdos filosóficos em vez de religiosos, como acontecia anteriormente. A professora Nonata adotou a coleção de filosofia do autor cearense Raimundo Nonato Nogueira: no 6º ano, “Filosofia: Investigando o Pensar”; no 7º ano, “Filosofia: Investigando a Ciência e a Lógica”; no 8º ano, “Filosofia: Investigando a Ética e a Sexualidade”; e no 9º ano, “Filosofia: Investigando o Mundo da Prática”.

A professora Nívia iniciou seu trabalho com o livro “Temas de Filosofia” de Maria Lucia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins. A partir de 2019, passou a utilizar a coleção “Filosofia e Vida” de Gabriel Chalita. Atualmente, além da coleção de Gabriel Chalita, ela também utiliza o livro “Filosofia: Fundamentos e Métodos” de Marcos Antonio Lorieri. Além disso, a professora trabalha com obras de Platão e de autores do estoicismo e do epicurismo.

#### **4.3 Perfil dos participantes da pesquisa: Uma análise detalhada**

Os participantes escolhidos para a pesquisa foram os adolescentes da turma do 9º ano “C”, do turno matutino do ano de 2023. Os educandos foram previamente convidados a participar da pesquisa, ficando todos cientes das condições para a participação, o que culminou com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Toda a turma aceitou que a pesquisa fosse feita no horário das aulas, contudo só quatorze (14) pais e educandos assinaram os termos de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Por essa razão, nossa pesquisa estará centrada nestes 14 educandos, apesar de nossos esclarecimentos, alguns pais tiveram medo de assinar os termos.

A maioria desses educandos, em torno de 90% são da cor parda, o restante são brancos, a idade destes adolescentes variam entre 13 e 15 anos. E quanto a localidade, a maioria em torno de 70%, são da zona urbana, divididos entre os bairros: Passarada, Folgueirão, Bairro Novo, Centro e Cidade de Deus, 30% são de comunidades rurais e um aluno se mudou para a cidade vizinha (São Bernardo), porém, continua frequentando a escola.

Quanto a realidade social da família dos educandos, consta no PP da escola que:

A maior parte dos alunos encontra-se situado na renda mínima, sobrevivendo de serviços informais que não geram uma renda fixa ou a garantia dos direitos trabalhistas como carteira de trabalho assinada. Um outro dado que demonstra a renda desta comunidade é o número considerável de famílias atendidas por programas sociais, relatados na ficha de matrícula como: bolsa família. (UEB. CÔNEGO NESTOR CUNHA, 2019, p. 12)

O texto destaca uma realidade preocupante sobre a situação socioeconômica de muitos estudantes, mostrando que a maioria dos pais e responsáveis pertence à camada de renda mais baixa. A dependência de serviços informais, sem garantias trabalhistas, acentua a instabilidade financeira enfrentada por essas famílias. A menção ao Bolsa Família ressalta a importância dos programas sociais para assegurar condições mínimas de subsistência. Essa realidade sublinha a

necessidade de políticas públicas focadas na inclusão social e econômica, além de investimentos em educação para oferecer oportunidades de ascensão social aos estudantes. No entanto, em relação às ações do poder público local, ainda estamos avançando lentamente na implementação dessas medidas.

Outro dado importante destacado no PP da escola é o nível de escolaridade dos pais e responsáveis desses educandos, que segundo o documento:

Faz-se importante também observar o baixo nível de escolaridade das famílias da comunidade escolar, que apresenta um grande número de analfabetos, os quais conseguem, ainda com certa dificuldade, assinarem o próprio nome. A maioria possui apenas o ensino fundamental incompleto, poucos possui [possuem] o nível médio ou superior. (*ibidem*)

Este cenário revela outra face da realidade enfrentada pela comunidade escolar, destacando o baixo nível de escolaridade presente nas famílias. A alta proporção de analfabetos e a dificuldade que alguns enfrentam para assinar seus próprios nomes destacam os desafios educacionais e sociais enfrentados por esse grupo. Além disso, a predominância de indivíduos com apenas o ensino fundamental incompleto, indica uma lacuna educacional que pode afetar não apenas os estudantes, mas também o desenvolvimento socioeconômico das comunidades em que vivem.

Além de dados usados do PP, foram feitas visitas nas casas dos educandos, já que uma das exigências da pesquisa participante é que o pesquisador deve participar da vida daqueles que são pesquisados.

Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações. Os processos e as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica, pois é o fluxo e a integração orgânica dos acontecimentos de tal dimensão, aquilo que em boa medida explica uma realidade social. (GABARRON e LANDA, 1994, p.28-44 *apud* BRANDÃO, 2006, p. 34-35)

Nas visitas, observei que a maioria desses adolescentes vivem em condições bastante humildes, com alimentação insuficiente; alguns passam fome e outros têm apenas uma refeição e, ou um lanche por dia. Além disso, o consumo de frutas e verduras é uma raridade para a maioria deles.

Quanto ao lazer, ele se limita ao uso do celular (embora muitos não tenham acesso à internet), ao futebol e a alguns jogos de mesa como baralho, dama e dominó. Um Educando

mencionou que sua maior diversão é ter um grupo de amigos com quem pode conversar e rir. Poucos desses jovens têm condições de frequentar lanchonetes, pizzarias ou sorveterias.

Durante as visitas, constatei que a maioria desses jovens, residem com os avós. Normalmente, são filhos de pais separados ou cujos pais trabalham em outros estados. Na cidade, as oportunidades de emprego são limitadas ao setor público municipal, à agricultura familiar e ao comércio local, onde neste em especial são comumente pagos salários abaixo do mínimo nacional.

Durante essas visitas, constatei que o tráfico de drogas é muito forte nos bairros Passarada, Folgueirão, Cidade de Deus e Bairro Novo, e de alguma forma, as famílias desses adolescentes têm relações com o mundo das drogas, seja vendendo ou consumindo. Nenhum dos adolescentes pesquisados relatou fazer uso de drogas químicas; porém um número significativo destes disse ter um tio ou um irmão mais velho que usava. Quanto ao restante dos pesquisados, um número significativo já havia consumido álcool de alguma forma, seja cerveja, cachaça ou tiquira (um álcool derivado da mandioca, comum na região).

Durante essas visitas, pude observar que os adolescentes enfrentam desafios significativos em suas vidas. Além disso, estão numa fase em que compreender o que se passa em suas mentes, corpos e emoções é uma tarefa árdua. Muitos deles expressaram frustração pela falta de compreensão de seus pais, que, apesar de quererem ajudar, parecem incapazes de compreender as necessidades dessa fase.

Nesse contexto, muitos adolescentes procuram respostas nas igrejas evangélicas ou católicas próximas a eles. No entanto, alguns afirmam que, mesmo frequentando essas igrejas, se sentem desamparados devido à abordagem dessas instituições em relação à adolescência. Ao invés de receberem orientação e apoio, muitos relatam que se sentem culpabilizados pelos seus pensamentos e sentimentos.

A escola, por sua vez, não parece oferecer o suporte necessário para lidar com as complexidades emocionais e psicológicas dessa fase da vida. Assim, muitos adolescentes se veem em um estado de desamparo, buscando compreensão e orientação em lugares que, infelizmente, nem sempre conseguem fornecer.

Erik Erikson que pesquisou os adolescentes por 20 anos, nos ajuda a entender essa fase. Segundo o autor, a adolescência é uma fase marcada pela “crise de identidade” (1972, p. 14). Crise esta que o autor comparou com o que acontecia com soldados de guerra: “eles tinham perdido, em grande parte, o controle central sobre si próprios” (*ibidem*, p. 15). Isso para dizer

que algo parecido acontece com os adolescentes que nessa fase se encontram em um quadro de confusão mental, mesmo porque estão num processo de formação de identidade. E ao falar de identidade, Erikson quer dizer que, “estamos tratando de um processo ‘localizado’ no âmago do indivíduo e, entretanto, também no núcleo central da sua cultura coletiva, um processo que estabelece, de fato, a identidade dessas duas identidades” (*ibidem*, p. 21).

Com isso, Erikson destaca a complexidade do processo de formação pessoal, tanto a nível individual quanto coletivo. Ao afirmar que esse desenvolvimento está enraizado no âmago do indivíduo, sugere-se que a formação pessoal é profundamente influenciada pelas experiências, valores e características únicas de cada pessoa. Simultaneamente, ao mencionar o “núcleo central de sua cultura coletiva”, enfatiza-se a influência da cultura, sociedade e comunidades nas quais o indivíduo está inserido. Ao trabalharmos o autoconhecimento no Círculo Filosófico levamos em consideração essas duas dimensões da identidade segundo Erikson.

É crucial destacar que, para o autor, a formação pessoal não se limita a um fenômeno isolado, mas está intrinsecamente ligada ao contexto cultural mais abrangente. Portanto, o processo de desenvolvimento da identidade, tanto individual quanto coletiva, é interconectado. A forma como um indivíduo se identifica e é reconhecido por sua comunidade reflete uma complexa interação entre elementos pessoais e culturais. Em última análise, essa interação define e modela as identidades individuais e coletivas, influenciando como as pessoas se percebem e são percebidas dentro de seus contextos culturais.

E é exatamente esta a proposta desta pesquisa, que os educandos no ensino de filosofia possam problematizar sua própria realidade, analisá-la e compreenderem-se a si e seu mundo para intervir nele. Como vimos no primeiro capítulo foi isso que Sócrates e Foucault fizeram através de suas filosofias, levando os jovens a autorreflexão e ao conhecimento de si. E é isso que colocamos em prática na sala de aula e que veremos no tópico que segue.

#### **4.4 Explorando o eu adolescente: Reflexões sobre o autoconhecimento no Círculo Filosófico.**

Antes de iniciar a pesquisa propriamente dita, realizamos um processo preliminar essencial para a participação dos jovens em todo o estudo. Após várias visitas aos seus ambientes cotidianos, aplicamos um questionário de pré-intervenção. O objetivo principal desse

questionário foi ouvir atentamente suas perspectivas e necessidades, ajustando o delineamento da pesquisa com base em suas contribuições.

Durante as visitas, foi possível observar diretamente o contexto e as condições em que os adolescentes vivem. Tais observações, foram fundamentais para construir uma relação de confiança, essencial para a coleta de dados genuínos e significativos. A partir dessas interações, tornou-se evidente que a escuta ativa dos jovens era crucial para captar suas vozes e garantir que a pesquisa refletisse fielmente suas realidades e preocupações.

O questionário de pré-intervenção foi cuidadosamente elaborado para ser acessível e compreensível, garantindo que todos os participantes pudessem expressar suas opiniões e sentimentos de forma clara. As perguntas abordaram a temática do autoconhecimento e seus interesses pessoais em relação ao tema, bem como desafios enfrentados e expectativas para o futuro. Através dessas respostas, foi possível identificar padrões e peculiaridades que orientaram a formulação das hipóteses de pesquisa e a definição dos métodos a serem utilizados.

Além disso, essa etapa inicial permitiu aos adolescentes sentirem-se valorizados e reconhecidos como sujeitos ativos no processo de pesquisa, apesar da tímida participação dos educandos. Ao serem ouvidos, eles contribuíram para moldar o foco e a abordagem do estudo, o que não apenas enriquecia a qualidade dos dados coletados, mas também fortalecia o compromisso dos participantes com o projeto.

Por fim, a aplicação do questionário de pré-intervenção foi uma estratégia fundamental para garantir que a pesquisa fosse relevante e sensível às necessidades dos adolescentes envolvidos. Essa abordagem participativa não só melhorou o delineamento da pesquisa, mas também promoveu um ambiente de colaboração e confiança entre os pesquisadores e os jovens, elementos essenciais para o sucesso e a validade do estudo.

#### **4.4.1 Questionário de pré-intervenção**

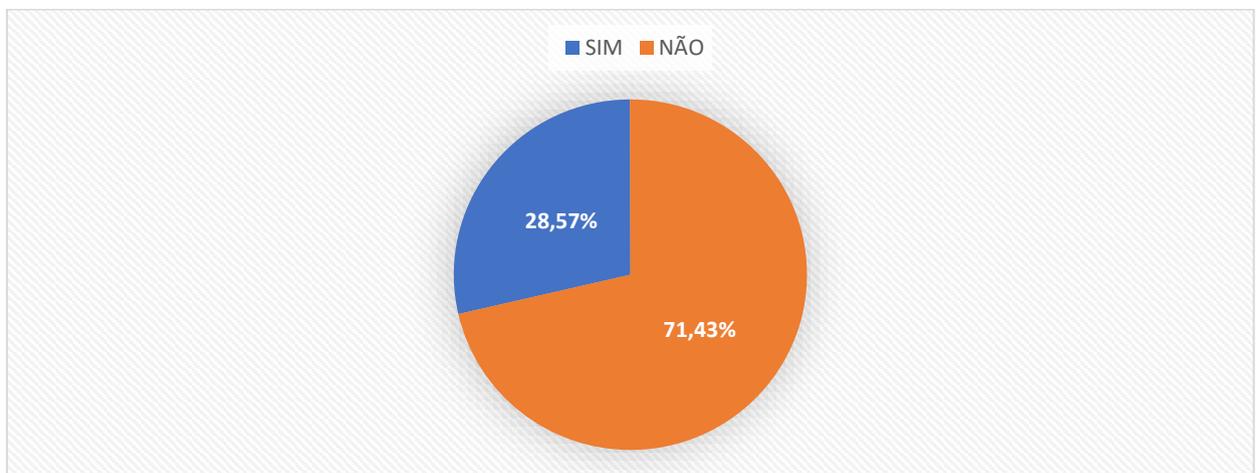
Na presente seção, exploraremos as análises decorrentes dos registros da pesquisa realizada. As observações feitas suscitaram reflexões significativas, proporcionando colaborações valiosas para embasar transformações na prática educacional em filosofia. Para mergulharmos na análise dos dados começamos pelos questionários de pré-intervenção.

Com base no exposto e ciente que nossa pesquisa participante se constrói com a participação dos sujeitos da pesquisa, que no nosso caso são os adolescentes do 9º ano “C” da UEB. Cônego Nestor Cunha, começamos a análise da segunda etapa da pesquisa, que envolve

a aplicação do questionário de pré-intervenção, direcionadas a 14 alunos, mas como dissemos acima nem todos responderam todas as questões. Assim iniciamos o processo de análise apresentando a primeira questão fechada, com a análise das respostas dos estudantes conforme o gráfico abaixo:

Questão 01: Você sabe o que é o autoconhecimento?

Figura 3 - Percentuais da questão 1 (pré-intervenção)



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os que disseram sim, estes comentaram:

Quadro 1 - Respostas da questão 1 - pré-intervenção

<b>Você sabe o que é o autoconhecimento?</b>
----------------------------------------------

<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 2	“Autoconhecimento é entender a si mesmo e suas emoções”
Educando 4	“Autoconhecimento é um processo de compreender a si mesmo, suas emoções e pensamentos.”
Educando 5	“Autoconhecimento é conhecer a si mesmo e saber o que se quer.”
Educando 8	“Autoconhecimento é se conhecer.”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos apresentam diferentes níveis de profundidade e abrangência na definição de autoconhecimento.

O relato do educando 2, apresenta uma definição bastante concisa e direta. Ele enfatiza a importância de compreender a si mesmo e as próprias emoções, o que é um aspecto essencial do autoconhecimento.

No relato do educando 4, é apresentada uma resposta mais completa, destacando que o autoconhecimento é um processo contínuo. Ao explorar a compreensão das emoções e pensamentos, o indivíduo aborda aspectos cruciais da introspecção e da autorreflexão, promovendo uma visão mais holística, em consonância com a abordagem socrático-platônica, como observado no diálogo *Fédon*, quando Sócrates questiona Símiias “Não é, por conseguinte, no ato de raciocinar, e não de outro modo, que a alma apreende, em parte, a realidade de um ser?” (PLATÃO, Féed., 65c), Platão ao sugerir que o processo de raciocínio é fundamental para a alma, argumenta que é por meio do raciocínio, que a alma pode compreender a si mesma o que vem de encontro com o comentário do educando 4.

No relato do educando 5, apresenta-se uma definição que inclui um componente de orientação e propósito, sugerindo que o autoconhecimento também envolve clareza sobre os próprios objetivos e desejos. Isso é uma adição valiosa, pois liga o autoconhecimento a ações e decisões práticas na vida e o que nos remonta a visão de Foucault de que o “conhecimento de si está relacionado a capacidade do sujeito se transformar no que ele quer ser” (FOUCAULT, 2022).

No relato do educando 8 foi mencionada uma definição correta, simples e genérica. O que demonstra que o educando, bem como os anteriores, já teve contato de alguma forma com o termo autoconhecimento e seu significado. Embora falte profundidade e detalhes que poderiam enriquecer a compreensão do conceito. Esta definição poderia ser melhorada e será

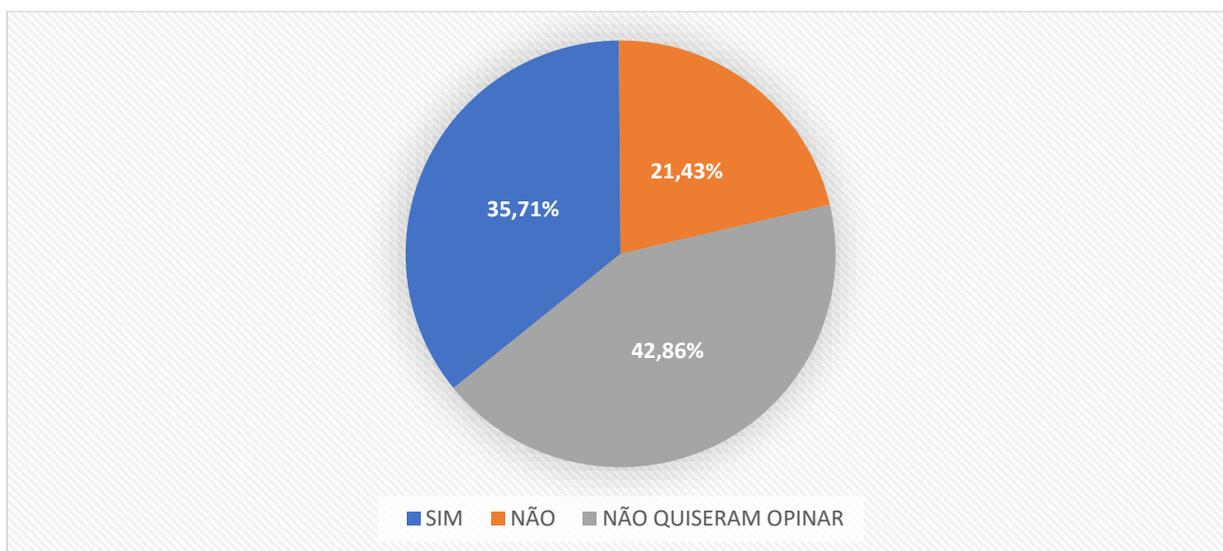
no Círculo quando explorarmos como e por que o autoconhecimento é importante, e quais aspectos específicos da pessoa são relevantes para esse processo.

A maioria dos educandos não estava familiarizada com o termo “autoconhecimento”. No entanto, em conversas posteriores com alguns deles, ficou evidente que enquanto o termo específico era desconhecido, expressões similares como “conhecimento de si” não só eram familiares, mas também despertavam interesse entre os jovens para reflexões em sala de aula.

As respostas dos adolescentes que analisamos acima, variam em termos de detalhamento e abrangência. Enquanto algumas são mais sucintas, outras trazem elementos adicionais que enriquecem a compreensão do autoconhecimento. Todas, porém, convergem para a ideia central de conhecer a si mesmo, o que é fundamental neste passo inicial.

Questão 02: Você considera que o autoconhecimento é importante a ponto de ser trabalhado em sala de aula? Justifique seu posicionamento.

Figura 4 – Percentuais da questão 2 (pré-intervenção)



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre os que disseram sim, fizeram os seguintes comentários:

Quadro 2 - Respostas da questão 2 - pré-intervenção

<b>Você considera que o autoconhecimento é importante ponto de ser trabalhado em sala de aula? Justifique seu posicionamento</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 1	“O autoconhecimento é uma habilidade essencial para o desenvolvimento pessoal, emocional e muito importante para o estudante se conhecer melhor, o que ajuda a melhorar sua autoestima e autoconfiança.”
Educando 6	“A busca por entender quem somos de verdade e o que nos motiva nos ajuda a melhorar como indivíduos.”
Educando 9	“Ajuda muito os alunos que não se conhecem direito”
Educando 12	“Tenho muito desejo em me conhecer e acho que é fundamental que na sala de aula se trabalhe o autoconhecimento.”
Educando 14	“É muito importante trabalhar o autoconhecimento em sala de aula, porque ajuda os alunos em geral a terem mais conhecimento sobre si.”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos sobre a importância do autoconhecimento e sua relevância para ser trabalhado em sala de aula refletem uma percepção positiva e consciente da importância dessa habilidade.

O educando 01 em seu relato, apresenta uma resposta abrangente e detalhada. O educando reconhece o autoconhecimento como uma habilidade fundamental para o desenvolvimento pessoal e emocional. Ele destaca que a autocompreensão pode melhorar a autoestima e a autoconfiança dos estudantes, sugerindo que trabalhar essa habilidade em sala de aula pode trazer benefícios significativos para o bem-estar e o desempenho dos adolescentes.

No relato do educando 06 é dado o enfoque da importância de compreender a verdadeira essência e motivações pessoais. O educando vê o autoconhecimento como um caminho para o aprimoramento pessoal, indicando que essa busca é vital para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

O educando 09, foi mais específico e direto, apontando que o autoconhecimento pode ser particularmente benéfico para aqueles que ainda não têm uma compreensão clara de si mesmos. Isso sugere que a prática do autoconhecimento na sala de aula pode ser um suporte crucial para estudantes em momentos de auto exploração e descoberta.

O educando 12, apresenta uma resposta pessoal e reflete uma motivação intrínseca. O educando expressa um forte desejo de se conhecer melhor e acredita que a escola deve

proporcionar essa oportunidade. Isso indica que há um interesse genuíno entre os estudantes em explorar e desenvolver o autoconhecimento.

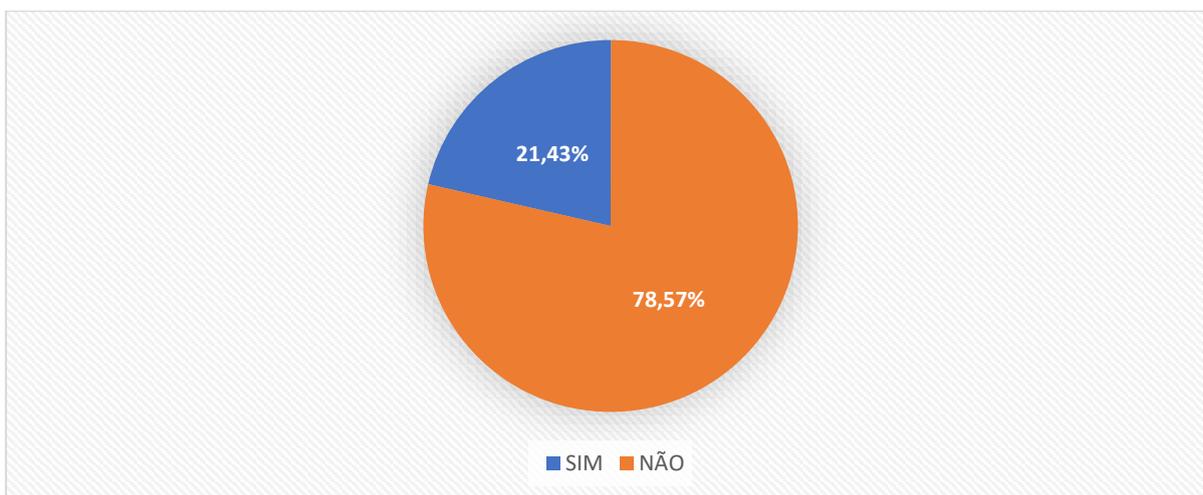
O educando 14, reforça a ideia de que o autoconhecimento é benéfico para todos os alunos, por acreditar que, ao trabalhar essa habilidade em sala de aula, os estudantes podem desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos, o que pode contribuir para seu crescimento pessoal.

As respostas dos educandos refletem uma clara valorização do autoconhecimento e reconhecem sua importância no contexto educacional. Eles apontam benefícios como melhora da autoestima, autoconfiança, e desenvolvimento pessoal. Essa percepção positiva sugere que integrar o autoconhecimento ao currículo escolar poderia atender a uma necessidade genuína dos estudantes, promovendo seu crescimento integral. Mesmo porque a fase da adolescência é um momento propício para isso como o próprio Sócrates aconselhava o adolescente Alcebíades: “Sócrates, como lembramos, recomendava a Alcebíades que aproveitasse a juventude para ocupar-se consigo mesmo: aos cinquenta anos seria tarde demais” (FOUCAULT, 2022, p. 52).

Dentre os que disseram não, estes não quiseram comentar.

Questão 3: Você se conhece? Justifique se desejar.

Figura 5 - Percentuais da questão 3 (pré-intervenção)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que disseram sim, estes comentaram:

Quadro 3 - Respostas da questão 3 - pré-intervenção

<b>Você se conhece? Justifique se desejar.</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 2	“Me conheço por meus defeitos e qualidades”
Educando 5	“Eu sei quem sou”
Educando 8	“Tenho consciência de quem sou”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos sobre se eles se conhecem refletem diferentes níveis de autopercepção.

O educando 2, indica um nível de autoconhecimento baseado na percepção das próprias características, tanto positivas quanto negativas. Reconhecer defeitos e qualidades é um passo importante no autoconhecimento, pois demonstra que o estudante tem uma visão equilibrada e realista de si mesmo. No entanto, essa percepção poderia ser aprofundada ao explorar como essas características influenciam seu comportamento e interações com os outros.

O educando 5, afirma de forma assertiva e sugere uma forte convicção de autoconhecimento. No entanto, a resposta é bastante geral e não oferece detalhes sobre os aspectos específicos da identidade do estudante. Para uma compreensão mais completa, seria útil saber em que áreas ele se sente mais confiante sobre quem é, e se há aspectos de si mesmo que ele ainda está explorando.

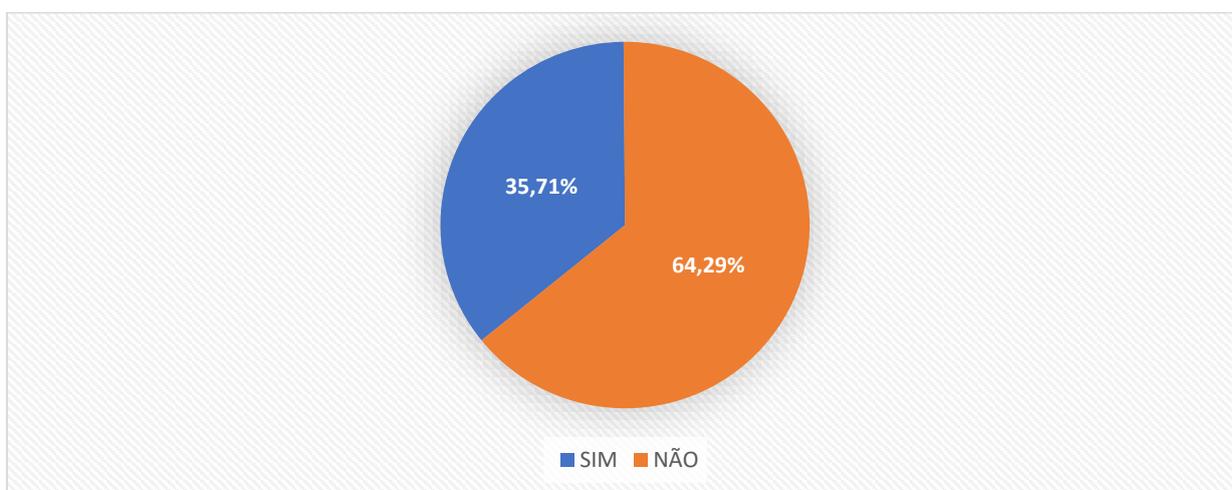
O educando 8, apresenta uma resposta similar à resposta do anterior, esta declaração indica uma percepção clara de si mesmo. O uso da palavra *consciência* sugere um nível de reflexão e compreensão sobre a própria identidade. No entanto, assim como na resposta anterior, a falta de detalhes torna difícil avaliar a profundidade desse autoconhecimento. Seria interessante explorar quais aspectos específicos dessa consciência são mais destacados pelo estudante.

No entanto, as respostas revelam que os estudantes têm diversas formas de expressar seu autoconhecimento. Enquanto alguns reconhecem suas qualidades e falhas, outros demonstram uma visão mais abrangente de si mesmos. Cada uma dessas respostas serve como ponto de partida para discussões mais profundas em sala de aula sobre a importância de explorar e entender a própria identidade de forma integral.

Quanto aos que disseram não se conhecerem é compreensível e até esperado que seja assim. Especialmente na fase inicial da adolescência, como apontado por Erick Erickson (1972), eles estão no processo de formação de sua identidade. Nesse período crucial, os jovens estão navegando pelas águas turbulentas da auto-exploração, tentando decifrar quem são e onde se encaixam no mundo. As mudanças físicas, emocionais e cognitivas que ocorrem durante a adolescência podem criar um cenário de confusão e incerteza. Portanto, é natural que alguns jovens ainda não tenham uma compreensão completa de si mesmos. Este é um momento de descoberta e autodescoberta, um processo que pode levar tempo e experiência para se desenvolver plenamente. No Círculo Filosófico nos propomos a oferecer apoio e encorajamento a esses jovens enquanto eles embarcam nesta jornada desafiadora rumo ao autoconhecimento.

Questão 4: Para você a filosofia poderia trabalhar a temática autoconhecimento? Comente

Figura 6 – Percentuais da questão 4 (pré-intervenção)



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre alguns que disseram sim, estes comentaram:

Quadro 4 - Respostas da questão 4 - pré-intervenção

<b>Para você a filosofia poderia trabalhar a temática autoconhecimento? Comente</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>

Educando 1	“Acho que sim, pois a filosofia busca conhecer tudo, e conhecer a nós mesmos é algo muito necessário para o ser humano.”
Educando 2	“A filosofia oferece uma ótima oportunidade para podermos explorar o autoconhecimento. Através da reflexão da filosofia assim os alunos podem investigar mais sobre sua identidade, consciência e ética que pode promover uma compreensão mais profunda de nós mesmos.”
Educando 4	“É através da filosofia que os alunos podem questionar e explorar conceitos fundamentais relacionados à natureza humana como: identidade; ética e propósitos de vida.”
Educando 5	“Os alunos que não se conhecem vivem numa escuridão, a filosofia que reflete sobre o ser humano pode nos ajudar a sair desse escuro, como diz no mito da caverna de Platão”
Educando 8	“Trabalhar o autoconhecimento é algo muito interessante para a filosofia. Pois, nos ajuda a ter mais conhecimento sobre quem nós somos, ajuda a nos encontrarmos verdadeiramente”

Fonte: Elaborado pela autora

As sugestões dos adolescentes sobre a integração do autoconhecimento nas aulas de filosofia são ricas e mostram uma compreensão da relevância dessa disciplina para o desenvolvimento pessoal.

No relato do educando 1, é destacado a universalidade da filosofia e a sua busca por conhecimento abrangente, incluindo o autoconhecimento. A visão de que entender a si mesmo é fundamental ressoa com a filosofia socrático-platônica que valoriza *o conhece-te a ti mesmo* como um princípio essencial do conhecimento de si.

O educando 2, sublinha o papel da reflexão filosófica no autoconhecimento. Ao explorar identidade, consciência e ética, os educandos podem desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmos, o que é crucial para a formação de uma consciência crítica e bem-informada.

Já o educando 4, enfatiza a capacidade da filosofia de questionar e explorar conceitos fundamentais. Ao abordar temas como identidade, ética e propósitos de vida, a filosofia fornece ferramentas para uma introspecção profunda, essencial para o autoconhecimento.

O educando 5, faz referência direta, ao mito da caverna de Platão. Ele ilustra como o autoconhecimento pode ser libertador, tirando-nos da *escuridão* da ignorância. A filosofia é vista como uma luz que guia para a compreensão de si mesmo e do mundo ao redor.

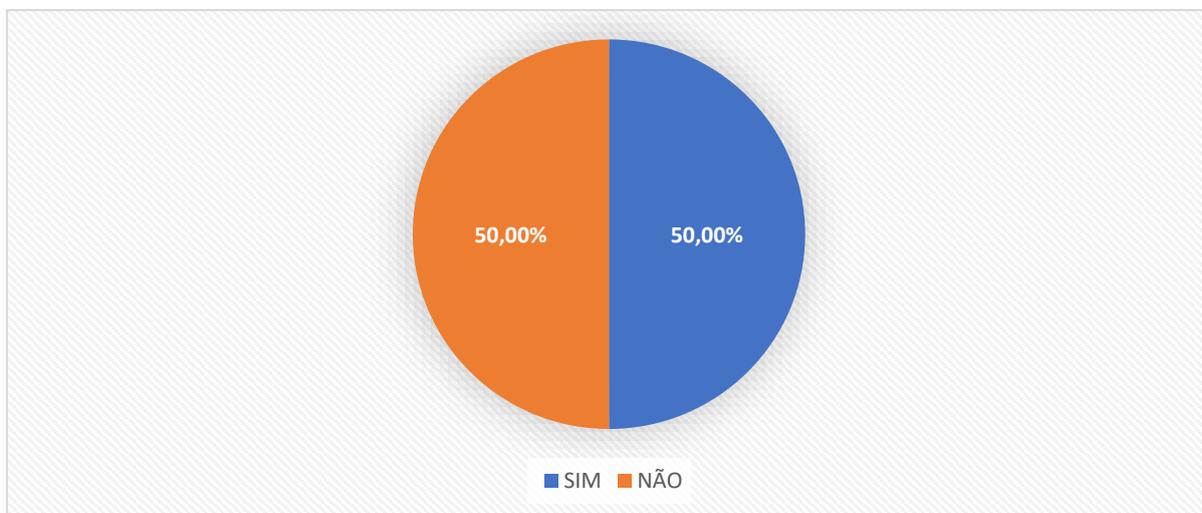
O educando 8, foca na importância do autoconhecimento dentro do contexto filosófico para uma verdadeira descoberta pessoal. O estudante reconhece que a filosofia é uma

ferramenta poderosa para entender melhor quem somos e, conseqüentemente, nos encontrarmos de maneira mais autêntica.

Em geral, as sugestões dos adolescentes refletem uma percepção clara de que a filosofia é uma disciplina vital para o autoconhecimento. Eles identificam corretamente que a filosofia proporciona uma estrutura para questionar, refletir e entender aspectos profundos da natureza humana, o que é essencial para a formação de uma identidade sólida e uma vida ética e consciente.

Questão 5: Você tem alguma sugestão para os debates no círculo filosófico que possam te ajudar no processo de autoconhecimento? Justifique se desejar.

Figura 7 – Percentuais da questão 5 (pré-intervenção)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que disseram sim, estes comentaram:

Quadro 5 - Respostas da questão 5 - pré-intervenção

<b>Para você a filosofia poderia trabalhar a temática autoconhecimento? Comente</b>
-------------------------------------------------------------------------------------

<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Estudante 2	“Busca da felicidade; o que significa viver uma vida boa? como fazer escolhas? conscientização e emoções.”
Estudante 4	“O que é uma vida ética? o que é identidade e o que são valores?”
Estudante 5	“Como me relacionar comigo mesmo? Como lidar com meus pensamentos e emoções?”
Estudante 6	“Como conhecer-se a si mesmo? como fazer autorreflexão?”
Estudante 8	“O que me faz ser do jeito que sou? Como ser eu mesmo?”
Estudante 12	“Trabalhar com algum filósofo que fale sobre autoconhecimento.”
Estudante 14	“Trabalhar alguma técnica de autoconhecimento.”

Fonte: Elaborado pela autora

As sugestões dos educandos sobre temas a serem trabalhados no autoconhecimento são diversas e revelam um interesse profundo e abrangente sobre diferentes aspectos do autoconhecimento. Vamos analisar cada uma delas:

O educando 2, revela um interesse em explorar o conceito de felicidade e como ele se relaciona com a vida boa. Isso inclui a compreensão de como fazer escolhas que levam a uma vida satisfatória e o papel da conscientização e das emoções nesse processo. Este tema é essencial, pois a busca pela felicidade é um dos motores da vida humana e entender como as escolhas influenciam essa busca é fundamental para o autoconhecimento. No 2º e 3º Círculo filosófico essa sugestão foi contemplada nas práticas de si, já que segundo Foucault (2006, p. 168), se chega a felicidade pela prática de si.

O educando 4, sugere uma abordagem mais filosófica, focada na ética, identidade e valores. Entender o que é uma vida ética e como nossos valores e identidade influenciam nossas ações e decisões é crucial para um autoconhecimento profundo. Esses temas ajudam a refletir sobre como queremos viver e o que consideramos importante na nossa existência. Este tema também foi contemplado em todos os Círculos Filosóficos, já que esta era uma meta do estoicismo como apontou Foucault “Galeno diz que o conhecimento de si nos torna homens de bem” (2022, p. 48).

O educando 5, sugere um foco no relacionamento intrapessoal e na gestão dos próprios pensamentos e emoções. Esse tema é vital, pois a maneira como nos relacionamos conosco impacta diretamente nosso bem-estar e capacidade de enfrentar desafios. Aprender a lidar com pensamentos e emoções é uma habilidade fundamental para a saúde mental e emocional. No 1º

Círculo filosófico essa temática será objeto de nossa reflexão ao trabalharmos a relação de amizade intrapessoal.

O educando 6, propõe uma investigação sobre as técnicas e métodos de autorreflexão e autoconhecimento. Entender e praticar a autorreflexão é essencial para desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmo, permitindo um crescimento pessoal contínuo. Essa temática também será contemplada durante todos os Círculos Filosóficos.

O educando 8, busca focar na compreensão das forças e fatores que moldam a nossa personalidade e autenticidade. Este tema é crucial, pois conhecer as influências externas e internas que nos moldam ajuda a desenvolver uma identidade mais autêntica e coerente com nossos valores e desejos. No 4º Círculo esse tema será contemplado na perspectiva foucaultiana.

O educando 12, sugere a abordagem do autoconhecimento através das obras de filósofos que se dedicaram a esse tema. Isso pode enriquecer a compreensão do autoconhecimento com perspectivas históricas e teóricas, oferecendo uma base sólida e diversa de pensamentos e ideias. Essa temática também foi contemplada durante todos os Círculos Filosóficos.

O educando 14 propõe algo mais voltado a prática, focando em técnicas específicas de autoconhecimento. Isso é extremamente útil, pois oferece ferramentas concretas que os estudantes podem aplicar no seu dia a dia para melhorar sua compreensão de si mesmos. Essa sugestão será contemplada no 2º e 3º Círculo, quando trabalharmos às práticas de si.

Todas essas sugestões foram contempladas no Círculo Filosófico, pois revelaram uma ampla gama de interesses que abrange desde a filosofia e ética até práticas concretas de autoconhecimento e gestão emocional, as quais estão alinhadas com a fundamentação teórica tanto da filosofia socrático-platônica quanto da filosofia de Michel Foucault. Ao final do Círculo Filosófico percebemos que incorporar esses temas no currículo de autoconhecimento proporcionou aos estudantes uma compreensão abrangente e multifacetada de si mesmos, promovendo um crescimento pessoal e emocional saudável.

O questionário de pré-intervenção foi elaborado como meio para uma escuta prévia dos educandos, onde estes pudessem se manifestar livremente e a pesquisadora tivesse um marco de referência para o desenvolvimento da pesquisa participante, que por sua vez tem na escuta dos participantes um caráter de obrigatoriedade (BRANDÃO, 2006, p. 17). Assim, partindo do questionário de pré-intervenção, de que os adolescentes em sua maioria expressaram a extrema

necessidade de um conteúdo em sala de aula que os auxilie no processo de autoconhecimento toda esta pesquisa concentrou-se nesta problemática.

Assim, com o objetivo de aplicar em sala de aula o autoconhecimento filosófico desenvolvemos quatro temáticas a serem trabalhadas no Círculo Filosófico. Porém antes de detalharmos nossa pesquisa, convém esclarecermos o que é o Círculo Filosófico.

#### **4.4.2 O Círculo Filosófico**

O Círculo Filosófico que é uma experiência pioneira que desenvolvemos na U.E.B. Cônego Nestor Cunha, e que será o chão de nossa pesquisa se baseia nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, o qual, o explica em sua obra *Educação como Prática de liberdade*.

De acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pareceu-nos fundamental fazermos algumas superações na experiência que iniciávamos. Assim, em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o *Círculo de Cultura*. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o *Coordenador de Debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, *programação compacta*, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado. (FREIRE, 2022, p. 135)

Assim era o Círculo de Cultura proposto por Freire, que ele apresenta como uma proposta de superação das práticas tradicionais de ensino, baseando-se nas teses desenvolvidas anteriormente. O autor argumenta que, em vez de uma escola tradicional, que muitas vezes é associada à passividade, deve-se criar um Círculo de Cultura. Este conceito promove um ambiente mais dinâmico e participativo, adequado para uma fase de transição na educação.

A substituição do professor tradicional pelo Coordenador de Debates representa uma mudança significativa, destacando a importância de facilitar discussões e trocas de ideias em vez de simplesmente transmitir conhecimento. Em vez de aulas discursivas, o autor propõe o diálogo como método de ensino, valorizando a interação e a construção coletiva do conhecimento.

Os educandos e as educandas, tradicionalmente vistos como receptores passivos de informação, são reimaginados como participantes ativos em grupos, enfatizando a importância da colaboração e do engajamento. O modelo tradicional de avaliação e currículos rígidos é substituído por uma programação compacta e codificada em unidades de aprendizado, que são mais flexíveis e adaptáveis às necessidades dos participantes.

Baseado nesse modelo do Círculo de Cultura criamos o Círculo Filosófico, com algumas diferenças, como a de que em nosso caso o Círculo não acontecia fora da escola, mas na própria sala de aula; o conteúdo trabalhado se restringia ao filosófico... Entre os pontos comuns, nossa proposta, como a de Paulo Freire desafia a estrutura educacional convencional, promovendo uma abordagem mais participativa, dialógica e centrada no sujeito, que facilita o autoconhecimento e o desenvolvimento crítico dos educandos.

Nossa intenção era promover uma educação diferenciada que superasse o antigo modelo tradicionalista, centrado apenas nos conteúdos e que, em geral, relega a segundo plano o estudante. No modelo tradicional, a relação com o conhecimento ocorre no esquema sujeito versus objeto, onde o aluno não é o foco central do estudo. Já no Círculo Filosófico, temos uma abordagem que inclui a relação sujeito versus sujeito, fundamentada também nas ideias de Paulo Freire, que diz que “a educação precisa propor a reflexão sobre si mesmo” (FREIRE, 2022, p. 80), e esse é na verdade nosso objetivo central.

Contudo, o autoconhecimento que trabalhamos no Círculo Filosófico não é no sentido psicológico do termo, mas sim no sentido filosófico do cuidado de si, fundamentado nas ideias socrático-platônicas e nos conceitos de Michel Foucault, por meio de duas vias: uma individual e outra coletiva.

A via individual do autoconhecimento, conforme a filosofia socrático-platônica, a epicurista e a estoica, envolve as práticas de si, que são “exercícios espirituais, escrita de si, dieta, exercícios físicos, retiros (*anakorese*), se retirar em si, não se deixar afetar pelos pensamentos negativos, e para você ter essa força, a amizade é fundamental” (RAGO, 2018).

E a via coletiva, fundamentada na teoria de Michel Foucault que expande essa ideia ao afirmar que o autoconhecimento não pode ser plenamente alcançado sem considerar a vida do sujeito em sociedade, mesmo porque “para o neoliberalismo – a produção da subjetividade é fundamental” (RAGO, 2018).

Foucault também argumenta que não é possível cuidar de si sem se conhecer e como o indivíduo é moldado por contextos históricos, culturais e sociais, o entendimento de si mesmo deve incluir uma análise crítica dessas influências externas.

Certamente. Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado socrático-platônico –, mas é também o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2012, p.262-263)

Isto para dizer que, no sentido foucaultiano, conhecer-se implica aprender a cuidar de si. E para alcançar esse autoconhecimento, os gregos desenvolveram técnicas ou práticas de si que incluíam meditação, leitura filosófica, escrita de diários, entre outras. Além disso, Foucault destaca a influência do contexto histórico-social sobre as identidades.

Para abordar esses aspectos com os adolescentes em nossa pesquisa, o Círculo Filosófico se baseou nos três pontos importantes das técnicas de si, conforme apontado por Foucault (2006, p. 607): “a importância da escuta [...] da escrita [...] e igualmente, dos retornos sobre si”.

O ponto central do Círculo Filosófico é o diálogo. Para garantir seu bom funcionamento, os adolescentes foram incentivados a praticar a escuta em três etapas: primeiro, a escuta dos filósofos, com cada encontro iniciando com a leitura e releitura de um texto filosófico; em seguida, a escuta de si mesmos, por meio da meditação; e, por fim, a escuta dos outros, no coletivo do Círculo.

A escrita também foi um elemento essencial do Círculo Filosófico. Após a leitura e meditação do texto, os adolescentes eram convidados a escreverem antes do debate. Eles escreviam sobre suas percepções, pois, segundo Foucault, “a leitura assim concebida como exercício, experiência, e não havendo leitura senão para meditar, a leitura seja imediatamente ligada à escrita” (FOUCAULT, 2006, p. 431).

Assim o Círculo filosófico aconteceu em dois momentos, um individual, onde o adolescente fez a leitura e escrita do texto e um outro coletivo, onde pôde socializar suas experiências.

Após a leitura e escrita dos textos, os adolescentes realizaram reflexões sobre si mesmos em dois momentos distintos. O primeiro de fala no coletivo, onde fizeram suas observações acerca de seus apontamentos. O segundo, individual, em casa, onde realizaram um “exercício de memorização daquilo que foi aprendido” (FOUCAULT, 2006, p. 608). A memorização servirá como meio para interiorizar o conhecimento necessário.

É importante destacar que o autoconhecimento trabalhado no Círculo Filosófico, não pretende levar o sujeito a se descobrir em sua interioridade, mesmo porque Foucault vai:

Dizer que a identidade é uma imposição do estado sobre os sujeitos, de fora para dentro – que a ideia que nós temos que a identidade é intrínseca ao sujeito, que ele tem uma interioridade, onde o sujeito existe no fundo de si mesmo – Foucault vai

dizer que isso é uma representação, uma ideia e que os gregos não pensam absolutamente isso. (RAGO, 2018)

Nossa concepção de identidade é semelhante, pois entendemos a identidade como uma construção, sem características intrínsecas ao sujeito ou uma interioridade essencial. Foucault argumenta que os gregos antigos não compartilhavam essa noção de interioridade. Para ele, a ideia de uma interioridade onde o sujeito “existe no fundo de si mesmo” é uma representação moderna que serve a certos mecanismos de poder, ao invés de refletir uma verdade ontológica sobre a natureza humana.

Portanto, no Círculo Filosófico, trabalhamos a identidade como um produto das relações de poder e das práticas discursivas, ao invés de uma essência imutável e pré-existente dentro do indivíduo. Assim, os adolescentes não buscaram um eu perdido em seu interior, mas se voltaram para dentro, aproximando-se de si mesmos com o intuito de se conhecerem e se transformarem: “Tal conhecimento de si não tem por objetivos a constituição da verdade (de discursos verdadeiros) sobre nós mesmos; seu objetivo é controlar o processo pelo qual adquirimos discursos verdadeiros, nos integramos conosco e nos transformamos graças a eles” (FOUCAULT, 2022, p. 115).

Todo esse percurso que os adolescente seguiram durante o Círculo Filosófico foi para que eles pudessem dizer a verdade sobre si, o que Foucault caracterizou como *parresía*, cujo conceito se refere ao ato de dizer a verdade de maneira franca e corajosa, sem se preocupar com as consequências negativas para si mesmo. Ao concluir o Círculo Filosófico, os adolescentes deveriam ter essa como sua principal prática no autoconhecimento, sendo capazes de reconhecer e expressar sua verdade, seus sentimentos, pensamentos, gostos e desejos.

Foucault, ainda nos ensina, que para ter acesso à *parresía*, é necessário um mestre *parresiasta* que acompanhe o jovem, diga-lhe a verdade sobre si mesmo e o ajude no desenvolvimento das técnicas de autoaperfeiçoamento, como vimos no primeiro capítulo “Sócrates é o parresiasta [...] sua função de parresiasta, sua missão de ir interpelar as pessoas, puxá-las pela manga e dizer ‘cuide um pouco de si mesmo’” (FOUCAULT, 2011, P. 26), assim como “Foucault é também parresiasta” (MUCHAIL, 2022). E tendo estes como mestres *parresiastas*, os adolescentes serão guiados por suas verdades, serão ajudados a vencer “sua cegueira sobre o que são, sobre si mesmos” (FOUCAULT, 2011, p. 16)

Para tanto, no Círculo Filosófico foi priorizado um discurso ético e verdadeiro, para que os adolescentes conseguissem nesse espaço dialógico, através dos autores como Sócrates e

Foucault serem direcionados na busca do autoconhecimento, já que “*Parrhesía* é a abertura do coração, é a necessidade, entre os pares, de nada esconder um ao outro do que pensam e se falar francamente” (FOUCAULT, 2006, p. 169). Com essa disposição foi feito o que Foucault chama de *pacto parresiástico* um compromisso ético entre a professora e os educandos de serem sinceros consigo e com os outros.

Essa pesquisa, portanto, na UEB. Cônego Nestor Cunha aconteceu durante os debates no Círculo Filosófico, os quais se realizaram no 9º ano “C”, no 3º horário, na disciplina de filosofia, todas as segundas-feiras, com duração de 50 minutos.

Figura 8: Círculo Filosófico na U.E.B. Cônego Nestor Cunha (2023)



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Como foi mencionado acima, o objetivo do Círculo Filosófico era promover o autoconhecimento dos educandos por meio da filosofia. De acordo com a fundamentação teórica, desenvolver o autoconhecimento na perspectiva da filosofia socrático-platônica e das ideias de Michel Foucault implicava trabalhar práticas que incentivassem os adolescentes a se voltarem para si mesmos. Esse processo de autorreflexão busca a conscientização pessoal e a compreensão do contexto histórico-social em que estão inseridos. Com isso em mente, o Círculo Filosófico foi estruturado em quatro temáticas principais, que serão detalhadas a seguir, através da análise dos dados de 14 educandos.

#### 4.4.2.1 1º Círculo Filosófico

No 1º Círculo Filosófico, trabalhado no dia 07/08/2023 cujo tema gerador era: Sócrates e o autoconhecimento (anexo 1).

O primeiro Círculo Filosófico proporcionou uma introdução ao processo de autoconhecimento. Em um texto breve, exploramos como Sócrates praticava um processo de introspecção através do diálogo interior e da interação com os outros. Referimos também à obra platônica *Hípias Maior*, que exemplifica a prática da autorreflexão e do diálogo socrático. Neste diálogo entre Sócrates e Hípias, observa-se a profunda relação de auto amizade de Sócrates, caracterizada pela reflexão constante que promovia seu autoconhecimento.

No primeiro círculo, os adolescentes foram incitados a tomar Sócrates como um mestre *parresiasta*, alguém que os guia na jornada do autoconhecimento, tal como fez com o jovem Alcebiades. Sócrates, por meio de seus ensinamentos, torna-se uma figura central que os acompanha na trajetória rumo ao conhece-te a ti mesmo.

Em grupo o texto foi lido pelos educandos, apesar destes já terem lido e escrito sobre o texto em casa. Pois como já foi explicado anteriormente, em cada círculo se trabalha a escuta, a escrita e o diálogo. Assim iniciamos o debate com a seguinte questão:

Questão 1: O que me chamou a atenção no texto?

Apenas 57,14% dos educandos comentaram.

Quadro 6 - Respostas da questão 1 - 1º círculo

<b>O que me chamou a atenção no texto?</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 2	“Que Sócrates acreditava que o verdadeiro conhecimento e sabedoria surgia do reconhecimento da própria ignorância. Então para me conhecer preciso reconhecer minha ignorância, não entendi?”
Educando 3	“O lema socrático “Conhece-te a ti mesmo”. Dá pra perceber que Sócrates buscava o autoconhecimento”
Educando 5	“No texto fala que para me conhecer, preciso fazer exame de consciência. E como se faz isso?”
Educando 8	“Eu gostei quando ele disse que precisamos ser amigo de nós mesmos para nos conhecermos, acho que isso é verdade.”
Educando 9	“O método socrático envolvia diálogos intensos e questionamentos profundos, nos quais Sócrates discutia questões morais, éticas e filosóficas.”
Educando 11	“Eu ainda não entendi o que é autoconhecimento”

Educando 13	“Achei interessante quando diz no texto: Sócrates acreditava que a reflexão constante sobre si mesmo e sobre suas ações levaria a uma vida virtuosa e justa. Acho que se nos conhecermos podemos ser uma pessoa melhor.”
Educando 14	“Entendi que Sócrates pode nos ajudar a melhorar a relação conosco.”

Fonte: Elaborado pela autora

Em geral, os comentários dos educandos apresentam temas recorrentes relacionados ao conceito de autoconhecimento proposto por Sócrates. Convém analisarmos:

Os educandos 2 e 11, mostram dificuldade em compreender completamente as ideias de Sócrates sobre autoconhecimento.

O educando 2 questiona a relação entre o reconhecimento da ignorância e o autoconhecimento.

O educando 11 expressa uma confusão geral sobre o conceito de autoconhecimento.

Os educandos 3 e 13 percebem a ênfase de Sócrates no autoconhecimento e refletem sobre sua importância.

O educando 3 destaca o lema *Conhece-te a ti mesmo* como central no pensamento socrático.

O educando 13 associa o autoconhecimento à melhoria pessoal e à vida virtuosa.

O educando 5 pergunta sobre métodos práticos, como o exame de consciência, para alcançar o autoconhecimento.

O educando 9 menciona o método socrático de diálogos e questionamentos profundos como um caminho para o autoconhecimento.

Os educandos 8 e 14 falam sobre a importância de cultivar uma boa relação consigo mesmo.

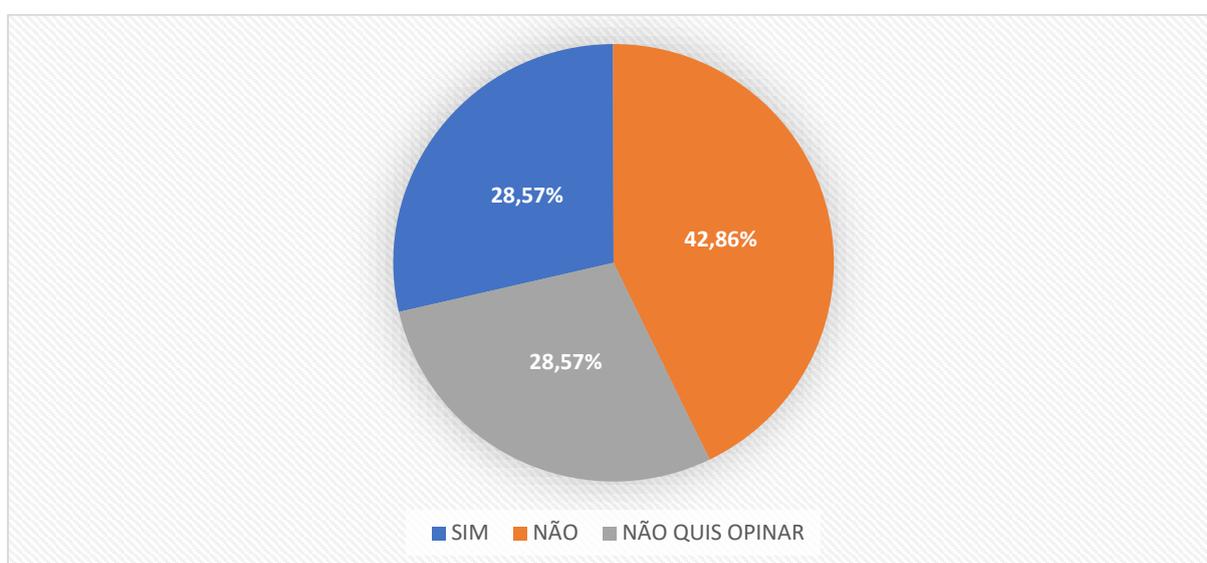
O educando 8 valoriza a ideia de ser amigo de si mesmo para se conhecer melhor.

O educando 14 vê nas ideias de Sócrates um caminho para melhorar a relação com o próprio eu.

Os adolescentes revelaram uma mistura de interesse, questionamento e valorização das ideias de Sócrates sobre o autoconhecimento, além de uma busca por entender e aplicar essas ideias na prática cotidiana. Isto revela a necessidade que os jovens possuem de conhecer e entender a si mesmos.

Questão 2: Eu posso dizer que sou amigo de mim mesmo?

Figura 9 – Percentuais da questão 2 (1º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

É importante destacar que, 42,86% disseram que não são amigos de si, e alguns entre estes, tiveram a mesma justificativa de que vivem se autossabotando, 28,57% disseram ser amigo de si mesmo. E 28,57% não opinaram.

Dentre os que disseram não, estes comentaram:

Quadro 7 - Respostas da questão 2 - 1º círculo

<b>Eu posso dizer que sou amigo de mim mesmo?</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 1	“Eu não gosto de mim”
Educando 3	“Não, porque a maioria das vezes eu estou me autossabotando”

Educando 5	“Não, porque muitas vezes nós nos culpamos pelo uma coisa que a gente fez sem querer”
Educando 6	“Não, porque me culpo muito”
Educando 10	“Eu não sou, vivo me sabotando”
Educando 11	“Eu não gosto do jeito que sou”

Fonte: Elaborado pela autora

Esses comentários dos jovens revelam uma série de sentimentos negativos em relação a si mesmos, destacando a falta de amizade e aceitação própria, o que acontece de forma recorrente na adolescência.

Os educandos 1 e 11, expressam claramente que não gostam de si mesmos. Isso indica uma baixa autoestima e uma insatisfação profunda com a própria identidade ou comportamento.

Os educandos 3 e 10, mencionam a autossabotagem como um impedimento para serem amigos de si mesmos. A autossabotagem pode manifestar-se em diversas formas, como procrastinação, autocrítica excessiva ou comportamentos que impedem o próprio sucesso. No caso destes adolescentes foram os dois últimos itens.

Os educandos 5 e 6, falam sobre a culpa. Enquanto o primeiro menciona a culpa por ações não intencionais, o segundo, destaca uma tendência a culpar-se excessivamente. Esses sentimentos de culpa podem estar ligados a uma autocrítica intensa e a dificuldades em perdoar-se por erros.

Essas respostas são preocupantes, pois revelam uma forte autocrítica por parte dos jovens, bem como baixa autoestima e dificuldade em cultivar uma relação positiva consigo mesmos. A maioria dos jovens expressa sentimentos de inadequação, culpa ou rejeição pessoal. Isso sugere que eles enfrentam desafios significativos no desenvolvimento de uma autoimagem saudável e de uma relação amistosa com seu próprio eu.

Segundo Erik Erikson (1972, p. 42), trabalhar o autoconhecimento com esses jovens pode auxiliá-los a reconhecerem e superarem os sentimentos negativos, promovendo um desenvolvimento mais saudável e positivo de sua identidade pessoal.

Dentre os adolescentes que responderam sim, estes comentaram.

#### Quadro 8 - Respostas da questão 2 - 1º círculo

<b>Eu posso dizer que sou amigo de mim mesmo?</b>
---------------------------------------------------

<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 2	“Eu sou amiga de mim mesma, sim porque eu me amo com meus defeitos e qualidades, com meus erros e acertos, sou minha amiga porque só eu mesma sei o que passo e o que já passei da minha história”
Educando 4	“Pode, precisam conhecer a si mesmo, conhecer nossos erros”

Quadro 8 - Respostas da questão 2 - 1º círculo (continuação)

<b>Eu posso dizer que sou amigo de mim mesmo?</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 7	“Eu sou a melhor amiga de mim mesmo, aquele que fez da solidão um lugar onde posso refletir sobre os erros da vida e como aprendizado me tornar uma pessoa maravilhosa”
Educando 8	“Sim! Pois eu me conheço muito bem (não muito). Sei quando estou em boas condições ou não.”

Fonte: Elaborado pela autora

Já estes jovens revelam uma diversidade de perspectivas sobre a amizade consigo mesmos.

O educando 2 expressa uma aceitação profunda de si mesma, reconhecendo e aceitando seus defeitos, qualidades, erros e acertos. Ela valoriza a compreensão única que tem de sua própria história e experiências, o que sugere uma relação saudável e compassiva consigo mesma.

O educando 4 menciona a importância de conhecer a si mesmo e reconhecer os próprios erros. Embora não tenha falado explicitamente sobre ser amigo de si mesmo, ele replica que o autoconhecimento é fundamental para desenvolver essa amizade.

O educando 7 se considera sua melhor amiga, utilizando a solidão como uma oportunidade para refletir sobre os erros e aprender com eles. Isso indica uma maturidade emocional e a capacidade de transformar momentos solitários em oportunidades de crescimento pessoal.

O educando 8 afirma se conhecer bem, embora admita que esse conhecimento não é completo. Ele valoriza a capacidade de reconhecer suas próprias condições emocionais e físicas, o que sugere uma base sólida de autoconhecimento e autocuidado.

Essas respostas indicam uma variação significativa na forma como os jovens se relacionam consigo mesmos:

Os educandos 2 e 7 mostram um nível avançado de autoconhecimento e aceitação, destacando a importância de amar a si mesmo e de usar a reflexão para o crescimento pessoal.

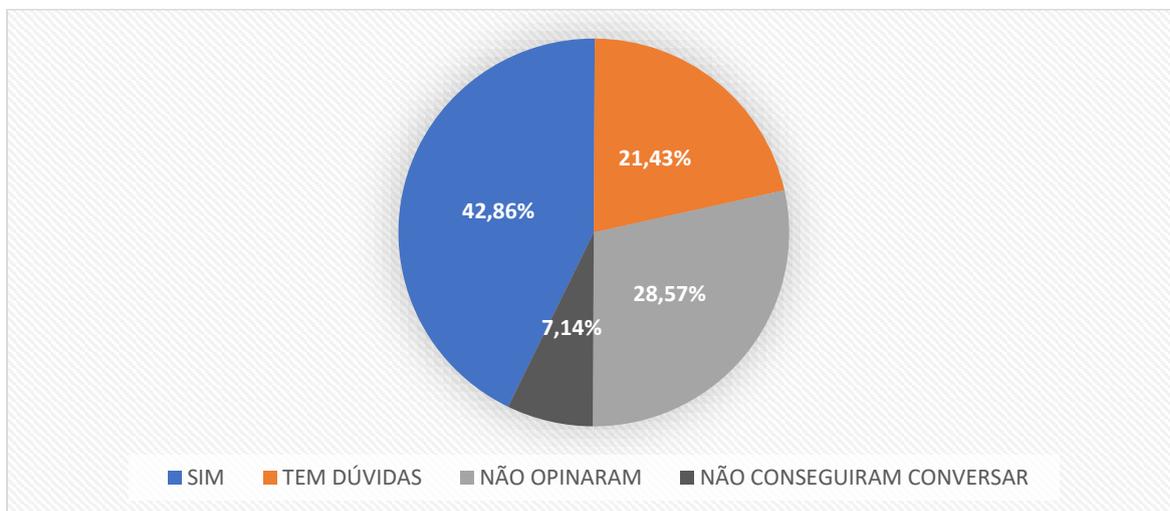
O educando 4 destaca a importância do autoconhecimento e do reconhecimento dos próprios erros, o que é um componente essencial da amizade consigo mesmo.

O educando 8 apresenta um conhecimento prático de suas próprias condições, embora reconheça que ainda há mais para aprender sobre si mesmo.

Essas respostas positivas sugerem que, embora alguns jovens enfrentem desafios significativos na relação consigo mesmos, outros conseguem desenvolver uma relação saudável e de aceitação. Esses jovens revelam possuírem práticas de autoconhecimento, aceitação e crescimento pessoal em suas comunidades, com isso eles contribuíram com os outros jovens no diálogo no Círculo filosófico, oferecendo suporte emocional e recursos para que os outros jovens também despertassem para uma relação amistosa e positiva consigo mesmos.

Questão 3: Eu consigo dialogar comigo mesmo?

Figura 10 – Percentuais da questão 3 (1º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre alguns dos que disseram conseguir dialogar consigo, estes comentaram:

Quadro 9 - Respostas da questão 3 - 1º círculo

<b>Eu consigo dialogar comigo mesmo?</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 2	“Consigo sim porque conversar sozinho com nois mesmo faz bem sentir nosso coração e principalmente dialogar comigo mesma é algo que faço quase todo dia”
Educando 3	“Sim, quando estou sozinho a minha mente cria uma segunda personalidade”
Educando 4	“Precisar se conhecer. Precisa antes de tudo ser amigo de si mesma”

Quadro 9 - Respostas da questão 3 - 1º círculo (continuação)

<b>Eu consigo dialogar comigo mesmo?</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 5	“Sim, se eu quero ficar sozinha e resmungando eu estou conversando comigo mesma ou me culpando de uma coisa que eu fiz”
Educando 6	“Sim eu quero ficar sozinha é porque eu estou conversando comigo ou me culpando de uma coisa que eu não fiz”
Educando 8	“Atualmente sim. Pois discuto as minhas próprias opiniões e chego a saber qual seria a melhor opção”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos adolescentes sobre a capacidade de dialogar consigo mesmos mostram uma variedade de experiências e percepções.

O educando 2 vê o diálogo interno como algo benéfico e positivo, destacando que é uma prática diária que ajuda a sentir o próprio coração. Isso sugere um nível saudável de introspecção e autocompreensão.

O educando 3 menciona que, quando está sozinho, sua mente cria uma *segunda personalidade*. Isso pode indicar uma forma de internalização de diálogos ou até uma técnica para explorar diferentes perspectivas e emoções.

O educando 4 enfatiza a importância de se conhecer e ser amigo de si mesmo antes de qualquer coisa. Embora a resposta não seja diretamente sobre o diálogo interno, implica que esse diálogo é parte crucial do autoconhecimento, tal como fazia Sócrates.

Os educandos 5 e 6 Ambos os jovens associam o diálogo interno com momentos de solidão em que se resmungam ou se culpam por algo. Isso sugere que, para eles, o diálogo interno pode estar ligado a sentimentos negativos ou de autojulgamento.

O educando 8 Este jovem utiliza o diálogo interno para discutir suas próprias opiniões e chegar a conclusões sobre a melhor opção. Isso mostra um uso prático e construtivo do diálogo interno para a tomada de decisões.

Em geral as respostas mostram que os adolescentes têm diferentes formas e motivações para dialogar consigo mesmos o que indica que, enquanto alguns adolescentes utilizam o diálogo interno de forma construtiva e positiva, outros ainda enfrentam desafios, como sentimentos de culpa e autocrítica, o que revela a importância de dar continuidade com o Círculo Filosófico e a pedagogia da filosofia socrática e freiriana, já que estas promovem técnicas de diálogo e estratégias de reflexão positiva. O que constatamos ao final da pesquisa, pois, que ajudou muito no desenvolvimento de um diálogo interno mais saudável e benéfico aos adolescentes, o que comentaremos mais à frente.

Dentre os que disseram terem dúvidas, estes comentaram

Quadro 10 - Respostas da questão 3 - 1º círculo

<b>Eu consigo dialogar comigo mesmo?</b>	
<b>EDUCANDOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Educando 7	“As vezes sim, as vezes não porque a maioria das vezes eu nem me entendo eu mesmo e as vezes tipo fico conversando muito comigo, fico com raiva de mim mesmo quando falo algo errado”
Educando 11	“Eu não sei direito, as vezes converso, mas não me entendo”
Educando 12	“As vezes sim”

Fonte: Elaborado pela autora

Aqui estes jovens revelam incertezas e dificuldades em manter um diálogo interno consistente e compreensível.

O educando 7 expressa que, embora às vezes consiga dialogar consigo mesmo, muitas vezes não se entende e acaba ficando com raiva de si mesmo ao perceber que falou algo errado. Isso sugere uma autocrítica intensa e uma frustração com a própria falta de clareza ou compreensão interna.

O educando 11 indica que, apesar de tentar dialogar consigo mesmo, frequentemente não consegue se entender. Esta resposta sugere uma luta contínua para encontrar clareza e sentido nas próprias reflexões internas.

O educando 12 responde de maneira mais simples, dizendo que às vezes consegue dialogar consigo mesmo. Isso indica uma incerteza geral sobre a consistência e eficácia desse diálogo interno.

Em geral estes adolescentes apontam para uma dificuldade comum entre eles, em manter um diálogo interno eficaz e compreensível. Alguns pontos importantes a destacar são:

- Autocrítica e Frustração: O educando 7 mostra que a dificuldade em entender-se pode levar a sentimentos de raiva e frustração, especialmente quando há uma percepção de ter cometido erros.
- Incompreensão Interna: O educando 11 sente que, mesmo quando tenta dialogar internamente, não consegue obter clareza ou entendimento, indicando uma barreira significativa na autoconcepção.
- Incerteza e Ocasionalidade: O educando 12 parece incerto sobre a frequência e a eficácia de seu diálogo interno, sugerindo que isso não é uma prática constante ou confiável.

O que estes educandos revelam é que a maioria dos adolescentes passam por essa dificuldade tanto em dialogar consigo mesmo, quanto na autoconcepção.

Contudo ao longo da pesquisa revelou-se que a prática do diálogo e da reflexão no Círculo filosófico contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento de habilidades de introspecção e autoconcepção entre os jovens.

E quanto ao educando que disse não conseguir conversar consigo, este comentou

Quadro 11 - Respostas da questão 3 - 1º círculo

<b>Eu consigo dialogar comigo mesmo?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 10	“Eu não consigo dialogar comigo mesma”

Fonte: Elaborado pela autora

A resposta da educanda 10 destaca uma dificuldade significativa em estabelecer um diálogo interno.

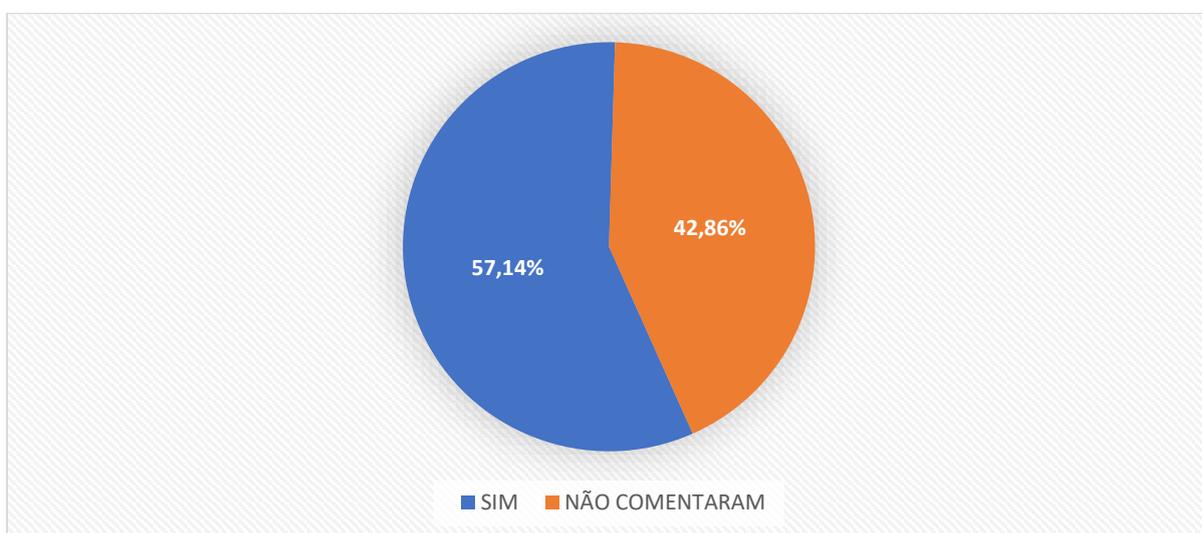
- Dificuldade em Dialogar Internamente:

A educanda 10 expressa claramente que não consegue dialogar consigo mesma. Isso indica uma barreira substancial na prática da introspecção e na capacidade de refletir sobre os próprios pensamentos e sentimentos.

Para a resolução desta dificuldade, seguimos adiante com o Círculo Filosófico como sendo ambiente favorável à reflexão e ao diálogo. Com essas estratégias foi possível ajudar a educanda a superar essas barreiras e a cultivar uma prática saudável de diálogo interno, a qual é crucial para o crescimento pessoal e o bem-estar emocional.

Questão 4: O autoconhecimento é importante para você? Por quê?

Figura 11 – Percentuais da questão 4 (1º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que responderam sim, estes comentaram:

Quadro 12 - Respostas da questão 4 - 1º círculo

<b>O autoconhecimento é importante para você? Por quê?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 2	“Sim, porque pra mim o autoconhecimento é importante a gente conhecer, conviver, dialogar com nois mesmos e outras pessoas é importante também porque significa autoconhecimento e um crescimento pessoal”
Educando 3	“Sim, o autoconhecimento é muito importante para mim”

Educando 4	“O autoconhecimento é uma amizade. Pois aquele que deseja se conhecer a si mesmo que precisamos confiar em nois mesmos”
Educando 5	“Sim porque ele ajuda a entender como eu mesma funciona, ou seja, meu corpo físico ou o meu pensamento, emoções ou sentimentos. Me dá a clareza para entender meus limites e ampliar minha capacidade”
Educando 7	“O autoconhecimento traz só benefícios para qualquer área da sua vida pessoal”
Educando 8	“Eu me conhecendo é muito melhor. Pois somente eu sei o que será bom para mim e assim também tendo minhas próprias escolhas”
Educando 10	“É sim, embora eu ainda não tenho o obtido, o autoconhecimento é essencial para viver uma boa vida”
Educando 12	“Sim o autoconhecimento é muito importante para mim”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos jovens sobre a importância do autoconhecimento revelam uma outra compreensão, para além daquela do questionário de pré-intervenção. O que indica uma apropriação do conceito, bem como de seus benefícios e a valorização dessa prática em suas vidas.

O educando 2 destaca que o autoconhecimento é crucial para conhecer, conviver e dialogar consigo mesmo e com os outros. Enfatiza que isso leva ao crescimento pessoal, mostrando uma percepção ampla dos benefícios do autoconhecimento.

O educando 3 afirma de maneira concisa que o autoconhecimento é muito importante para ele, indicando uma valorização clara dessa prática.

O educando 4 compara o autoconhecimento a uma amizade, afirmando que para se conhecer é preciso confiar em si mesmo. Isso sugere uma visão do autoconhecimento como um relacionamento íntimo e de confiança consigo mesmo.

O educando 5 vê o autoconhecimento como uma ferramenta para entender como ele funciona, tanto fisicamente quanto mentalmente e emocionalmente. Acredita que isso proporciona clareza sobre seus limites e amplia sua capacidade, mostrando uma compreensão holística dos benefícios do autoconhecimento.

O educando 7 acredita que o autoconhecimento traz benefícios para todas as áreas da vida pessoal, destacando a aplicação ampla e os impactos positivos dessa prática.

O educando 8 enfatiza que, conhecendo-se melhor, pode fazer escolhas que são boas para si mesmo. Isso destaca a importância do autoconhecimento na autonomia e na capacidade de tomar decisões informadas.

O educando 10 reconhece que o autoconhecimento é essencial para viver uma boa vida, mesmo que ainda não o tenha plenamente alcançado. Isso mostra uma aspiração para desenvolver essa prática e uma compreensão de sua importância fundamental.

O educando 12 afirma de maneira direta que o autoconhecimento é muito importante para ele, refletindo um consenso geral entre os jovens sobre o valor dessa prática.

Em geral as respostas mostram que os jovens reconhecem amplamente a importância do autoconhecimento. Eles percebem que:

- Fomenta o crescimento pessoal: Vários jovens mencionam o crescimento pessoal como um benefício direto do autoconhecimento.
- Facilita a compreensão de si mesmo: O autoconhecimento ajuda a entender melhor os próprios pensamentos, emoções e limites.
- Contribui para a tomada de decisões informadas: Conhecer-se bem permite fazer escolhas que são mais alinhadas com os próprios valores e necessidades.
- Aumenta a autoconfiança: A relação entre autoconhecimento e confiança em si mesmo é destacada, sugerindo que se conhecer melhor ajuda a construir uma autoestima saudável.
- Impacta positivamente em diversas áreas da vida: O autoconhecimento é visto como benéfico para todas as áreas da vida pessoal.

Tanto o Círculo Filosófico como a proposta da filosofia socrático-platônica promoveram na pesquisa a criação de ambientes de diálogo aberto, o que promoveu espaços onde os jovens puderam compartilhar suas experiências e aprender uns com os outros sobre suas jornadas de autoconhecimento. Com essas estratégias, foi possível ajudar os jovens a aprofundarem seu autoconhecimento, potencializando seus benefícios para uma vida mais equilibrada e realizada.

#### **4.4.2.2 2º Círculo Filosófico**

No 2º Círculo Filosófico, trabalhado no dia 14/08/2023 cujo tema gerador era: Sócrates e a meditação (texto em anexo). Trabalhamos a primeira prática, ou técnica de si, a *anakhóresis*, ou meditação.

Como vimos no primeiro capítulo, na filosofia Socrático-platônica, Foucault identificou algumas técnicas praticadas por Sócrates e seus seguidores para o conhecimento e o cuidado de si, e uma delas é a meditação, a qual podemos constatar na seguinte citação:

Neste contexto geral das técnicas de si, não se deve esquecer que até mesmo em Platão, e ainda que seja verdade – como buscarei lhes mostrar – que todo o cuidado de si é para ele, por ele, reduzido à forma do conhecimento e do conhecimento de si, encontram-se numerosos indícios destas técnicas [...] encontramos também atestada em Platão, ainda no Fédon, a prática do isolamento, da *anakhóresis*, do retiro em si mesmo, que se manifestará essencialmente na imobilidade do corpo: do corpo que resiste, da alma que não se mexe, que está como que fixa em si mesmo, no seu próprio eixo e de onde nada a pode desviar. É a famosa imagem de Sócrates evocada no *Banquete*. (FOUCAULT, 2016, p. 62)

A *anakhóresis*, ou meditação que seria a prática do isolamento ou retiro em si mesmo, envolve a imobilidade do corpo e uma concentração profunda da alma, sugerindo um estado de introspecção e meditação, a qual, também podemos constatar no Fédon “Sócrates, isso se notava ao olhá-lo, tinha o espírito completamente absorto na meditação do argumento que acabara de expor, e o mesmo acontecia com a maioria dos presentes” (PLATÃO, Fédon., 84c). No contexto platônico, isso pode ser visto como uma maneira de alcançar um estado de serenidade e clareza mental, afastando-se das distrações do mundo externo.

Foucault citando os diálogos platônicos onde podemos constatar essa prática, fala no *Fédon* e no *Banquete*, por essa razão selecionamos uma passagem do *Banquete* para refletir essa técnica de si com os adolescentes no Círculo Filosófico afim de que estes desenvolvam também esta técnica de conhecimento de si.

Assim refletimos com os adolescentes a meditação segundo Foucault e Sócrates, e após a leitura do texto experimentamos a prática da meditação. Cada um se apropriou de um pensamento o qual refletia uma disposição de mudança de atitude, com vistas a mudar seu agir, o que implica na transformação gradativa de si mesmo.

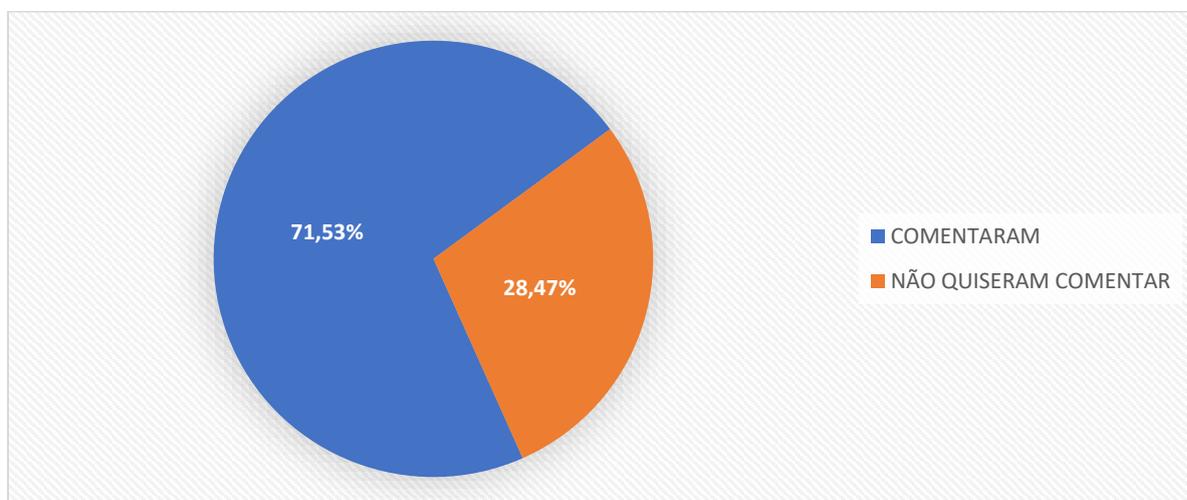
Os adolescentes foram incentivados a continuarem essa experiência de forma individual.

Os educandos que tentaram meditar, relataram que foi muito difícil. Alguns nem tentaram. Expliquei a eles que essa reação era normal e que só com a prática constante eles iriam conseguir meditar por mais tempo. Aproveitei para perguntar se eles achavam que, na primeira vez que Sócrates praticou meditação, ele conseguiu permanecer tanto tempo em silêncio em autorreflexão como narrado no *Banquete*. Alguns disseram que sim, outros que não. Então, esclareci que, assim como eles, Sócrates também passou por um processo, que ele teve dificuldades no início e que foi apenas com o tempo e a prática constante que ele alcançou tal façanha.

Após essa prática da primeira técnica de si, partimos para o debate:

Questão 1: O que você entende por meditação?

Figura 12 – Percentuais da questão 1 (2º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que comentaram, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 13 - Respostas da questão 1 - 2º círculo

<b>O que você entende por meditação?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“A meditação é importante pois pode ajudar a nos conhecer e também a fortalecer a mente”
Educando 2	“Eu entendo que meditar é muito bom esquecer pouco os problemas melhorar a nossa respiração um descanso para o nosso corpo mente e ajudar a se comunicar melhor com nós mesmos”
Educando 3	“Meditação é uma prática de regulação do corpo e mente que treina a focalização da atenção, para alcançar tranquilidade, concentração, redução de estresse e ansiedade”
Educando 4	“Eu entendi que Sócrates fez essa meditação para o conhecimento e dá um sentido na minha vida e de todos”
Educando 5	“Eu entendi que a meditação é um modo de falar com nós mesmo e entender o que queremos”

Quadro 13 - Respostas da questão 1 - 2º círculo (continuação)

<b>O que você entende por meditação?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>

Educando 6	“Meditação é uma ciência que não só nos ajuda a pacificar, equilibrar e harmonizar nossas dimensões mentais, emocionais, energéticas e física como também nos aproxima de nossa dimensão intuitiva e espiritual.”
Educando 7	“Eu entendo que faz bem para aprender mais para saúde até mesmo para curar doenças”
Educando 8	“Meditação é um bom meio para o conhecimento sobre nós mesmos”
Educando 9	“Se nós meditarmos nós podemos ter conhecimento, podemos entender o que pensamos nossas emoções o que nós queremos de verdade”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos adolescentes sobre o que entendem por meditação apresentam uma compreensão variada sobre o tema, refletindo diferentes perspectivas.

O educando 1 destaca a meditação como uma ferramenta para autoconhecimento e fortalecimento mental.

O educando 5 vê a meditação como um diálogo interno que ajuda a entender desejos e necessidades pessoais.

O educando 8 enfatiza o papel da meditação no conhecimento de si mesmo.

O educando 9 conecta a prática à compreensão dos próprios pensamentos e emoções.

Estes educandos perceberam a relação intrínseca entre meditação e autoconhecimento, compreendendo que essa prática era essencial para Sócrates em sua busca pela verdade e pela sabedoria. Ao meditar, Sócrates não apenas silenciava a mente e se distanciava das distrações do mundo exterior, mas também mergulhava profundamente em suas próprias emoções, pensamentos e crenças. Este processo introspectivo permitia-lhe questionar, refletir e alcançar um entendimento mais claro de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Assim, a meditação se revelou como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do autoconhecimento, capacitando os indivíduos a examinarem suas vidas de forma crítica e consciente, em consonância com o célebre preceito socrático, de que “uma vida não examinada não vale a pena ser vivida” (PLATÃO, Apol., 38a).

O educando 2 menciona a meditação como uma forma de esquecer os problemas e melhorar a respiração.

O educando 3 define a meditação como uma prática de regulação que melhora a concentração e reduz o estresse e a ansiedade.

O educando 7 entende a meditação como benéfica para a saúde, inclusive na cura de doenças.

O educando 14 fala sobre a calma e paciência resultantes da meditação, beneficiando corpo e alma.

Apesar de já ter explicado a diferença da meditação no sentido da *anakhóresis* e a meditação convencional, estes jovens ainda as confundiram.

O educando 4 relaciona a meditação ao método socrático de busca pelo conhecimento e sentido de vida.

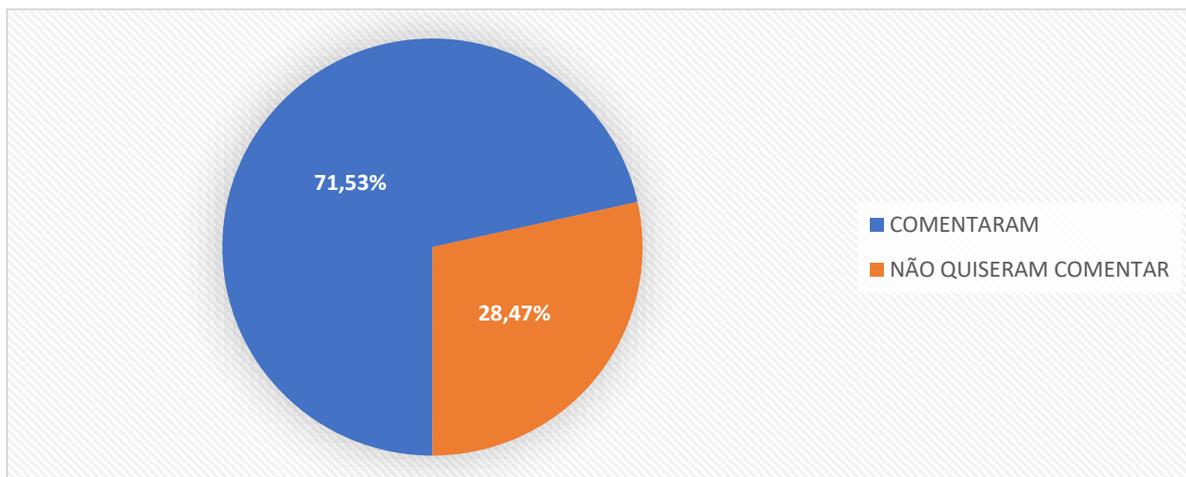
O educando 6 descreve a meditação como uma ciência que harmoniza diversas dimensões do ser, incluindo a espiritual e intuitiva.

Cada resposta reflete uma faceta diferente da meditação, indicando que os adolescentes percebem esta prática não apenas como uma técnica de relaxamento, mas também como um meio profundo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Essas percepções são consistentes contudo, ainda ligadas as abordagens tradicionais e contemporâneas da meditação, que enfatizam benefícios mentais, emocionais, físicos e espirituais.

As respostas indicam uma compreensão diversificada sobre a meditação entre os adolescentes. Contudo, eles reconhecem os benefícios dessa prática para o autoconhecimento como uma técnica de autorreflexão e também como um caminho para o crescimento pessoal e espiritual.

Questão 2: Explique o que Sêneca quis dizer na obra *Sobre a brevidade da vida* ao dizer: “não te envergonhas de destinar para ti somente as sobras da vida e destinar à meditação somente aquela idade que já não serve mais pra nada”.

Figura 13 – Percentuais da questão 2 (2º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que comentaram, obtivemos as seguintes respostas:

Quadro 14 - Respostas da questão 2 - 2º círculo

<b>Explique o que Sêneca quis dizer na obra <i>Sobre a brevidade da vida</i> ao dizer: “não te envergonhas de destinar para ti somente as sobras da vida e destinar à meditação somente aquela idade que já não serve mais pra nada”.</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“Nós temos que começar a meditar agora, não devemos deixar para o amanhã futuro. Não devemos nos envergonhar de praticar a meditação, pois ela beneficiará a nós, não aos outros”
Educando 2	“Que não devemos sentir vergonha das coisas da vida e que não existe idade para fazer meditação”
Educando 3	“Ele quis dizer para gente não se envergonhar de cuidar de nós mesmos”
Educando 4	“Que nós não devemos nos envergonhar da nossa meditação porque a opinião dos outros não importa”
Educando 5	“Diz que nós não devemos nos envergonhar da nossa vida e diz que devemos meditar e esquecer aquelas pessoas que diz que isso é besteira”
Educando 6	“Sêneca defende que as pessoas devem viver de acordo com a razão e a virtude e não se deixar levar pelos prazeres efêmeros e pelas distrações do dia a dia”
Educando 7	“Ele quis dizer não se envergonha de ti mesmo ele diz também que não tem idade para fazer meditação eu faria como Sêneca faz”

Quadro 14 - Respostas da questão 2 - 2º círculo (continuação)

Educando 8	“Não devemos nos envergonhar de praticar a meditação. Pois devemos procurar praticá-la para nos manter em equilíbrio. Meditação não é somente pros mais velhos.”
Educando 9	“É melhor nós fazermos meditação enquanto somos jovens e aproveitar isso porque quando estivermos numa idade mais avançada pode ser que a gente não consiga mais fazer isso”
Educando 14	“Ele quis dizer que você não tem que ter vergonha de meditar”

Fonte: Elaborado pela autora

A própria questão em si era um convite à meditação.

Os comentários dos adolescentes sobre a citação de Sêneca em sua obra *Sobre a Brevidade da Vida*, refletem interpretações sobre a importância da meditação e a necessidade de não adiar o cuidado consigo mesmo. Ou seja, de alguma forma os educandos perceberam a relação entre a meditação e o cuidado de si, e como diz Foucault (2006, p. 13), o cuidado de si nasce com Sócrates.

Os comentários dos educandos foram de encontro ao cuidado de si, que segundo Foucault tem por significado “estar atento a si [...] voltar o olhar para si [...] examinar a si mesmo (é preciso examinar-se: *skeptéon sautón*)” (FOUCAULT, 2006, p. 105). E é exatamente nisso que consiste a prática da meditação de Sócrates e seus seguidores.

O cuidado de si é fundamental na prática da meditação de Sócrates e seus seguidores. Pois para estes, a meditação não era apenas um exercício de introspecção, mas uma disciplina essencial para o desenvolvimento da virtude e da sabedoria. Ao examinar-se constantemente e refletir sobre seus próprios pensamentos, emoções e ações, Sócrates e seus discípulos buscavam uma compreensão mais profunda de si mesmos, promovendo uma vida ética e equilibrada. Assim, a meditação socrática pode ser vista como uma prática integral de cuidado de si, alinhada com a filosofia de Foucault, que enfatiza a importância da autovigilância e do autoconhecimento como caminhos para a liberdade e a autenticidade.

Os educandos 1 e 9, destacam a urgência de começar a meditar agora, em vez de adiar para o futuro. Eles percebem que os benefícios da meditação são pessoais e imediatos, e que a prática deve ser iniciada o quanto antes para aproveitar melhor a vida.

Os educandos 2, 7 e 8, ressaltam que a meditação não tem restrição de idade, e que nunca é tarde demais para começar a praticá-la. Eles entendem que a meditação é uma prática atemporal que pode beneficiar a todos, independentemente da idade.

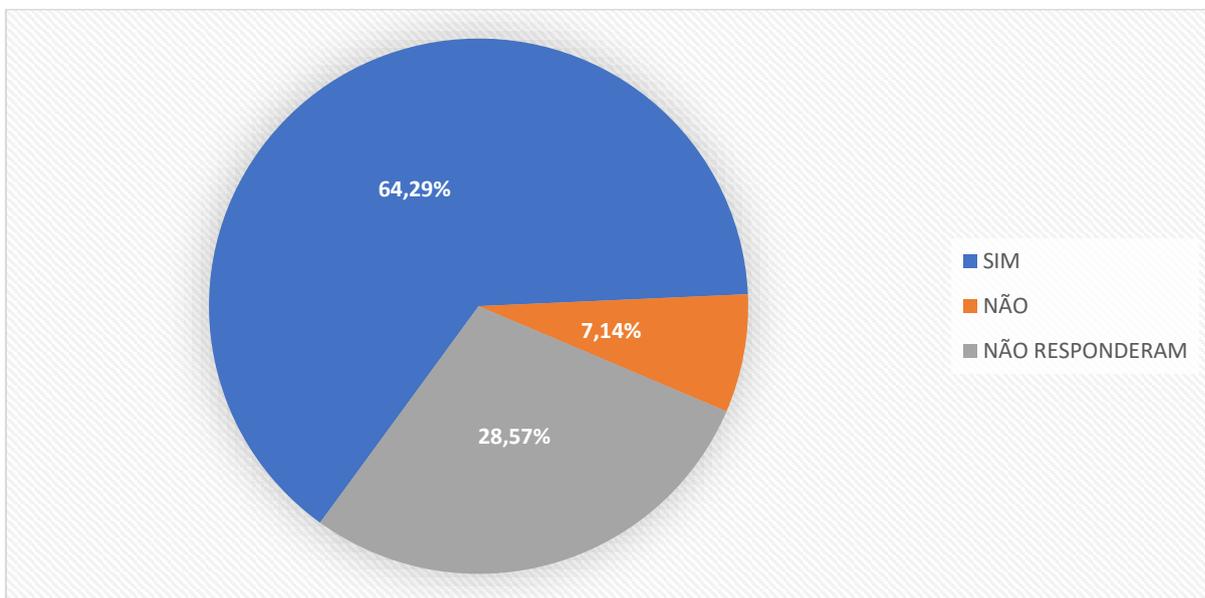
Os educandos 3, 4, 5 e 14, enfatizam que não devemos nos envergonhar de cuidar de nós mesmos e da prática da meditação. Eles argumentam que a opinião dos outros não deve influenciar nossa decisão de meditar, sublinhando a importância do autocuidado e da autossuficiência.

O educando 6, traz uma interpretação mais alinhada com a filosofia estoica de Sêneca, mencionando a necessidade de viver de acordo com a razão e a virtude, evitando distrações e prazeres efêmeros. Esta visão reflete uma compreensão mais profunda do contexto filosófico da citação.

Os educandos em geral captaram a essência do conselho de Sêneca: a importância de dedicar tempo à meditação e ao autoconhecimento desde cedo, sem se deixar influenciar por opiniões externas ou esperar que a vida passe. Eles reconhecem que a prática da meditação é crucial para o equilíbrio e o bem-estar, e que deve ser integrada à rotina diária independentemente da idade.

Questão 3: Sócrates desde jovem praticou a meditação como meio para se conhecer. Você praticaria meditação com o mesmo objetivo de Sócrates?

Figura 14 – Percentuais da questão 3 (2º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre alguns que responderam sim, estes comentaram:

Quadro 15 - Respostas da questão 3 - 2º círculo

<b>Sócrates desde jovem praticou a meditação como meio para se conhecer. Você praticaria meditação com o mesmo objetivo de Sócrates?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 2	“Sim e também pela melhora de meu corpo e mente e melhorar minha respiração”
Educando 4	“Sim porque para Sócrates a meditação é importante para nós mesmo aprender mais tem mais objetivo”
Educando 6	“Sim pois é preciso me conhecer”
Educando 7	“Sim porque é muito importante fazer meditação até para a saúde”
Educando 8	“Vejo o quão importante é praticar [meditação]”
Educando 9	“Sim é melhor pra nos conhecermos é claro que eu tenho que me conhecer ninguém pode me conhecer mais do que eu mesmo”
Educando 14	“Eu praticaria pois eu quero me conhecer”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas da maioria dos adolescentes à pergunta se estes praticariam a meditação com o objetivo de autoconhecimento, como fazia Sócrates, refletem de forma positiva que estes praticariam, o que revela por sua vez, uma diversificada compreensão da importância dessa prática.

O educando 2, entende a meditação não apenas como um meio de autoconhecimento, mas também como uma forma de melhorar a saúde física e mental, destacando a melhora na respiração. Essa perspectiva amplia a visão socrática, integrando benefícios holísticos.

O educando 4, reconhece a importância da meditação para Sócrates e vê valor em aplicá-la para o aprendizado pessoal e objetivos adicionais, sugerindo uma visão multifacetada da prática.

O educando 6, enfatiza a necessidade de autoconhecimento, embora com uma redação simples, mostrando uma compreensão direta da essência da meditação socrática.

O educando 7, destaca a importância da meditação para a saúde, alinhando-se tanto com a visão de Epiteto, como a visão contemporânea de que práticas meditativas podem promover o bem-estar físico e mental. Quanto a isto, encontramos em Foucault, uma passagem que reflete essa prática na escola de Epiteto.

Epiteto diz a propósito de sua escola de filosofia. Concebe-a como um hospital da alma. Vejamos o colóquio 21 do livro II, em que ele censura vivamente seus alunos por terem vindo somente para aprender, como diríamos, “filosofia”, para aprender a discutir, para aprender a arte dos silogismos, etc.: viestes para isto, não para obter vossa cura, com o espírito de vos fazer cuidar (therapeuthesómenei); não foi para isto que viestes; ora, é isto o que deveríeis fazer; deveríeis vos lembrar que estais aqui essencialmente para a cura. (FOUCAULT, 2006, p. 121-122)

Foucault nos mostra que na escola de Epiteto onde se praticava a meditação, os jovens aprendiam primeiro a filosofia do autoconhecimento, o que implicava a cura de si, ou o cuidado de si, para depois aprender a filosofia dos silogismos. O que também estamos nos propondo fazer em cada Círculo Filosófico.

O educando 8 demonstra uma compreensão clara da importância da prática meditativa, indicando uma valorização dos seus benefícios.

O educando 9 reforça a ideia de que a meditação é crucial para o autoconhecimento, afirmando que ninguém pode conhecê-lo melhor do que ele mesmo, o que ressoa com o conceito socrático de que a introspecção é fundamental para entender a si mesmo.

O educando 14 expressa um desejo pessoal de autoconhecimento, alinhando-se diretamente com a motivação de Sócrates para a meditação.

No geral, as respostas indicam que os jovens reconhecem tanto o valor tradicional quanto os benefícios modernos da meditação. Eles veem a prática como um caminho não só para o autoconhecimento, mas também para a saúde e o bem-estar geral, refletindo uma compreensão abrangente e integrada da importância da meditação.

Nosso objetivo com o segundo Círculo Filosófico foi em grande parte alcançado. Pretendíamos apresentar aos adolescentes à prática da meditação, uma técnica antiga e eficaz para o autoconhecimento, tornando-os mais conscientes de seu valor, porém nem todos conseguiram e teve alguns que relataram que nem ao menos tentaram.

#### **4.4.2.3 3º Círculo Filosófico**

No 3º Círculo Filosófico, trabalhado no dia 21/08/2023 cujo tema gerador era: O DIÁRIO DE MARCO AURÉLIO: uma jornada de autoconhecimento (Anexo 3), trabalhamos a segunda técnica de si, a escrita de um diário e que mais precisamente seria o registro escrito da técnica de meditação. Para isso escolhemos como texto, mais precisamente um fragmento do diário de Marco Aurélio, conhecido como a obra *Meditações*, o qual é uma coleção de pensamentos e reflexões pessoais do imperador romano, escritas entre 170 e 180 d.C. enquanto

ele estava em campanha militar e que abrange uma ampla gama de temas, todos centrados na filosofia estoica. Apesar de em cada Círculo trabalharmos a questão da escrita, neste de forma específica aprofundamos essa reflexão para apresentar aos educandos esta técnica eficaz no processo de conhecimento de si, tal como nos aponta Foucault:

Outras práticas menos conhecidas e que deixaram menos vestígios, como esses cadernos de anotações, essas espécies de diários que se recomendava que as pessoas escrevessem sobre si mesmas, seja para coligir e meditar as experiências tidas ou as leituras feitas, seja também para contar a si mesmo, ao despertar, seus sonhos. (FOUCAULT, 2011, p. 5)

Michel Foucault destaca a relevância da escrita na formação e manutenção do conhecimento pessoal e intelectual. Segundo ele existia uma prática cultural de escrita pessoal que envolvia a anotação de leituras, conversas e reflexões, tanto as ouvidas quanto as feitas internamente. Essas anotações, mantidas em cadernos, ou diários conhecidos como *hipomnémata* pelos gregos, serviam como registros de assuntos importantes, como reflexões pessoais sobre si mesmo, que podiam ser relidos e atualizados periodicamente, como podemos constatar.

Havia naquela época uma cultura do que poderíamos chamar de escrita pessoal: tomar notas sobre as leituras, as conversas, as reflexões que ouvimos ou que fazemos com nós mesmos; conservar cadernos de apontamentos sobre assuntos importantes (que os gregos chamavam *hipomnémata*) a serem relidos de tempos em tempos para reatualizar o que continham. (FOUCAULT, 2006, p. 607)

A escrita pessoal funcionava como um meio de fixar o conhecimento adquirido, garantindo que não se perdesse com o tempo e possibilitando a construção de um acervo pessoal de sabedoria e informações.

Manter um diário desses permitia revisitar e refletir sobre ideias previamente registradas, promovendo um processo contínuo de aprendizado e introspecção. O que era na verdade feito após a prática de meditação. Isso sugere que o conhecimento não era visto como algo estático, mas sim como algo dinâmico que poderia e deveria ser revisado e reinterpretado à luz de novas experiências e pensamentos.

E principalmente, a prática de escrever e manter registros pessoais, favorecia o desenvolvimento do autoconhecimento. Ao anotar suas reflexões e revisá-las, o indivíduo poderia acompanhar sua própria evolução intelectual e emocional, identificando padrões de pensamento e comportamento ao longo do tempo.

A ideia da escrita de um diário como técnica de si, era uma prática comum entre os estoicos, e como qualquer técnica de si era usada como meio de conhecimento de si, contudo o objetivo não era o conhecimento pelo conhecimento, mas implicava num jogo de verdade como meio de transformação do sujeito. Foucault nos diz isso, ao dizer que “as técnicas que fazem com que a aquisição da verdade seja capaz de transformar o indivíduo em seu modo de ser e que, reciprocamente, fazem com que o indivíduo, pela transformação de seu modo de ser, seja capaz de adquirir a verdade” (2022, p. 113).

Foucault sugere que as técnicas e práticas para adquirir a verdade têm o poder de transformar o indivíduo em seu modo de ser. Isso implica que o conhecimento e a compreensão da verdade não são apenas processos cognitivos, mas também moldam e alteram o sujeito. Por exemplo, ao adquirir novos saberes, uma pessoa pode mudar suas crenças, comportamentos e atitudes, resultando em uma transformação profunda de si mesma. Esse processo de autoconhecimento leva o sujeito a se tornar uma versão melhor de si.

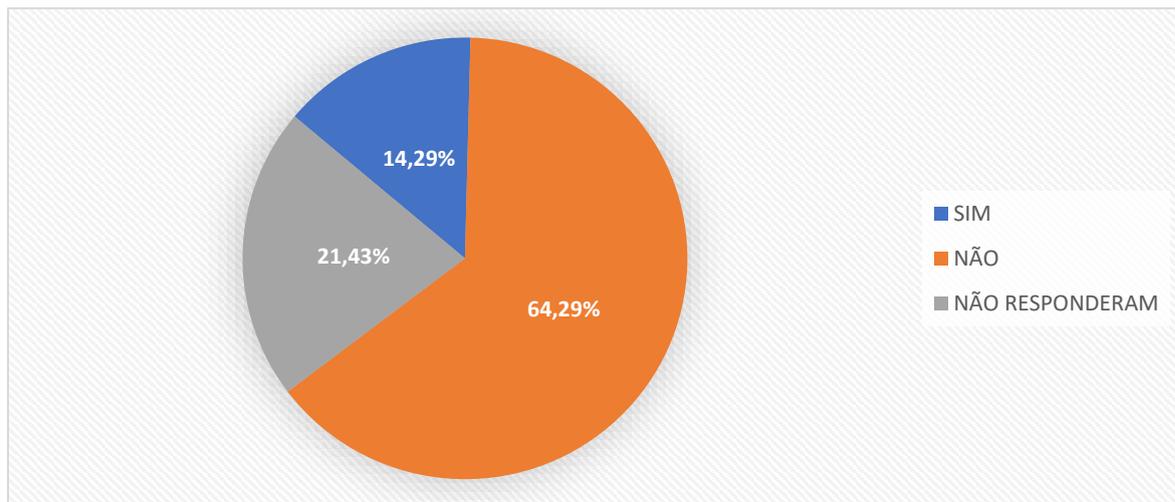
Reciprocamente, Foucault destaca que a transformação do modo de ser do indivíduo é fundamental para a aquisição da verdade. Ou seja, para alcançar a verdade, é necessário que a pessoa esteja disposta a mudar e se adaptar. Esse ponto reflete a ideia de que a busca pela verdade requer um compromisso com o autoconhecimento, a reflexão crítica e a disposição para revisar suas próprias perspectivas e modos de vida.

Ao trazermos essa prática à tona no Círculo Filosófico, sublinhamos a importância da escrita não apenas como um meio de comunicação, mas também como uma ferramenta crucial para o desenvolvimento intelectual e pessoal. A escrita pessoal, portanto, se revela para os adolescentes como um hábito valioso que pode enriquecer a compreensão de si mesmo e do mundo, promovendo uma cultura de aprendizado contínuo e reflexão profunda.

Como nos Círculos anteriores, os educandos já haviam levado o texto para casa, lido, refletido e respondido os questionamentos. Na sala de aula, fizemos uma leitura coletiva do texto e discutimos sobre essa técnica da escrita de um diário. A maioria dos adolescentes nunca tiveram a experiência de escrever um diário ao mesmo tempo acharam um interessante meio de autoconhecimento. Durante o debate, refletimos as seguintes questões:

Questão 1: Você já teve um diário? Como foi essa experiência?

Figura 15 – Percentuais da questão 1 (3º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que responderam sim, estes comentaram:

Quadro 16 - Respostas da questão 1 - 3º círculo

<b>Você já teve um diário? Como foi essa experiência?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 4	“Sim eu já tive um diário o que eu falava era sobre o meu dia e tudo o que fiz. A minha experiência foi bacana eu falava o meu dia a dia.”
Educando 8	“Na realidade eu tenho um diário. A experiência é muito boa.”

Fonte: Elaborado pela autora

Os comentários dos adolescentes sobre suas experiências com diários refletem sentimentos positivos e pessoais.

O educando 4, descreve sua experiência com um diário de forma nostálgica e positiva. Ele menciona que utilizava o diário para registrar suas atividades diárias, o que indica que o diário servia como um espaço para reflexão e organização de pensamentos. A expressão *bacana* sugere que ele aprecia e valoriza essa prática.

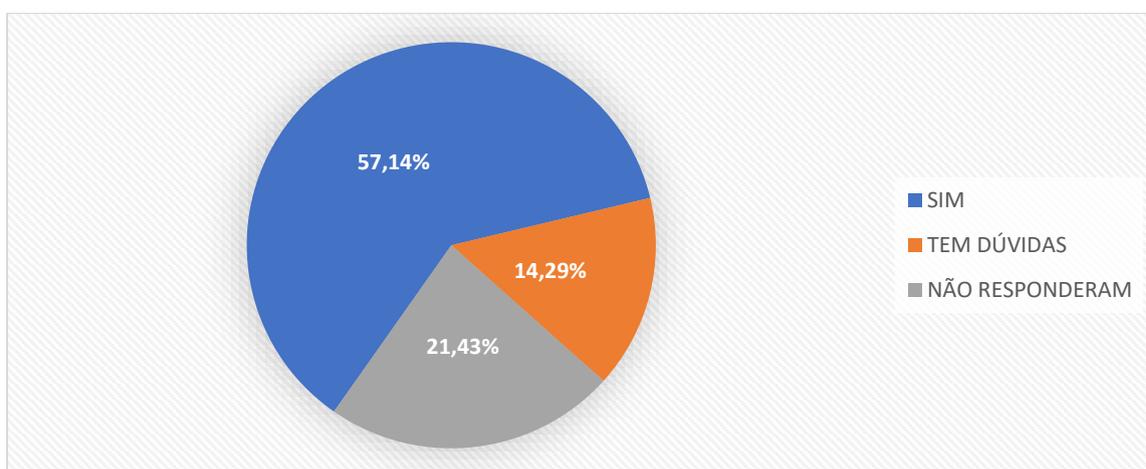
O educando 8 ainda mantém um diário, indicando que essa prática é uma parte ativa de sua vida. Ele descreve a experiência como *muito boa*, o que reforça a ideia de que o diário é

uma ferramenta valiosa para ele, talvez oferecendo uma forma de expressão pessoal, alívio emocional ou simplesmente uma maneira de registrar memórias e eventos importantes.

Apesar da maioria dos adolescentes não terem essa prática de escrita. O que os dois adolescentes narraram mostra que a escrita de diários pode desempenhar um papel importante, servindo como um meio de autoexpressão e reflexão. Ambos os comentários destacam aspectos positivos, mostrando que o hábito de manter um diário pode ser uma experiência gratificante e enriquecedora para os jovens.

Questão 2: Você concorda com Marco Aurélio, um diário pode nos ajudar a nos conhecermos?

Figura 16 – Percentuais da questão 2 (3º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que responderam sim, estes comentaram:

Quadro 17 - Respostas da questão 2 - 3º círculo

<b>Você concorda com Marco Aurélio, um diário pode nos ajudar a nos conhecermos?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“Sim, pois no diário você relata seus pensamentos, emoções...”
Educando 2	“Sim um diário ajuda a nos conhecermos, mas eu não gosto de escrever sobre mim, não me sinto bem escrevendo sobre mim não”
Educando 4	“Sim concordo com Marco Aurélio e sim um diário pode nos ajudar a ser amigo de si mesmo”
Educando 5	“Sim pois a gente escrever sobre nossas emoções e nos ajudaria”

Quadro 17 - Respostas da questão 2 - 3º círculo (continuação)

Educando 6	“Sim pois ele tem razão que isso serviria para muitos”
Educando 7	“Sim porque nos ajuda a melhorar mais”
Educando 8	“Sim, isso nos ajuda e muito a, nos conhecer melhor”
Educando 10	“Sim eu concordo, pois com isso pode ser mais fácil nos conhecermos”
Educando 13	“Concordo, pois seria como alinhar nossos pensamentos e a mente mais aberta sobre o que estamos sentindo e pensando”

Fonte: Elaborado pela autora

Os adolescentes forneceram respostas variadas, mas a maioria concorda com a ideia de que um diário pode ajudar no autoconhecimento.

O educando 1 enfatiza que escrever em um diário permite a expressão de pensamentos e emoções, o que contribui para o autoconhecimento.

O educando 2, embora reconheça os benefícios de manter um diário para o autoconhecimento, este adolescente revela uma preferência pessoal por não escrever sobre si mesmo, indicando que essa prática não é universalmente confortável ou atraente para todos.

O educando 4, sugere que um diário não só ajuda no autoconhecimento, mas também pode promover uma relação amigável e positiva consigo mesmo, reforçando a importância do auto acolhimento.

O educando 5, destaca a escrita sobre emoções como uma prática que auxilia no autoconhecimento, embora a ortografia e gramática não estejam corretas.

O educando 6, concorda com a utilidade geral do diário, reconhecendo que pode ser uma ferramenta valiosa para muitas pessoas.

O educando 7 vê o diário como um meio para o crescimento pessoal e a melhoria contínua.

O educando 8, reforça a ideia de que manter um diário é significativamente benéfico para o autoconhecimento.

O educando 10 concorda com a premissa, sugerindo que o diário facilita o processo de autoconhecimento.

O educando 13, vê o diário como uma forma de alinhar e clarificar pensamentos e emoções, ajudando a manter uma mente aberta.

Podemos observar que a maioria dos adolescentes concorda que manter um diário pode ser uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento. Eles mencionam vários benefícios, como a expressão de emoções, o alinhamento de pensamentos, e o crescimento pessoal. No entanto, também é importante reconhecer que essa prática pode não ser confortável para todos, como indicado pelo educando 2. No geral, a prática de escrever em um diário é vista como uma forma de se entender melhor e promover um relacionamento positivo consigo mesmo, isso foi refletido com os adolescentes, bem como foi esclarecido que em nenhum momento haveria socialização da escrita dos diários, caso algum adolescente iniciasse essa prática.

Dos que disseram terem dúvidas, estes comentaram:

Quadro 18 - Respostas da questão 2 - 3º círculo

<b>Você concorda com Marco Aurélio, um diário pode nos ajudar a nos conhecermos?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 9	“Eu acho que sim não tenho certeza”
Educando 11	“Nem tanto porque muitas pessoas não se sentem bem com isso”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos 9 e 11 oferecem perspectivas que reconhecem a utilidade potencial dos diários, mas também apresentam dúvidas e limitações.

O educando 9 mostra uma atitude aberta, mas cautelosa, em relação ao uso de diários para autoconhecimento. Ele reconhece a possibilidade de que um diário pode ajudar, mas não tem certeza completa sobre sua eficácia ou talvez não tenha experiência suficiente para afirmar com convicção. Isso reflete uma atitude ponderada e curiosa. Ele ainda representa aqueles que estão indecisos ou ainda explorando a ideia, reconhecendo o potencial benefício, mas sem um julgamento definitivo.

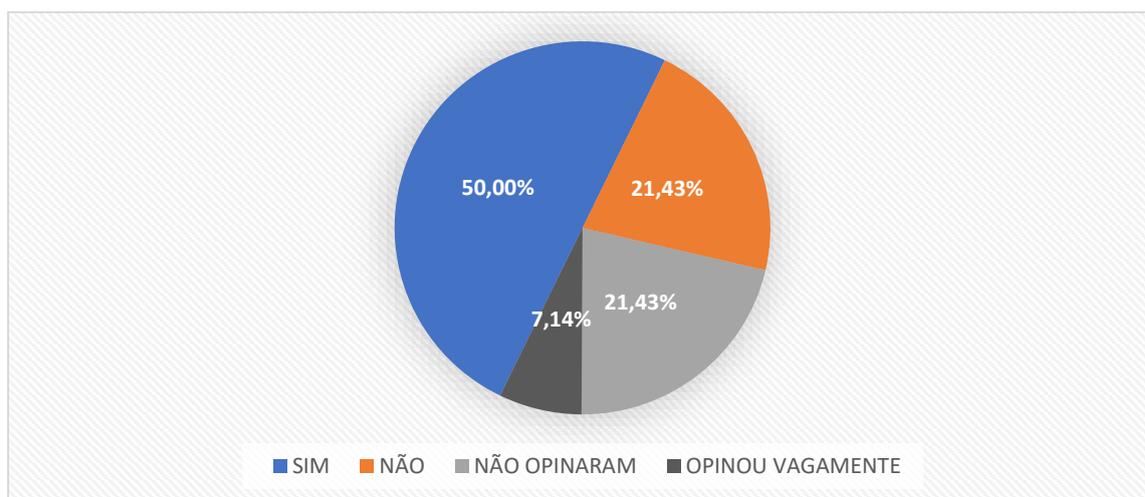
O educando 11, apresenta uma perspectiva que considera a diversidade de experiências pessoais. Ele reconhece que, embora um diário possa ser útil para alguns, não é uma solução universal. A menção de que muitas pessoas não se sentem bem com isso sugere uma compreensão empática de que a escrita introspectiva pode ser desconfortável ou ineficaz para certas pessoas. Este educando traz à tona a consideração de que nem todos se sentem à vontade ou se beneficiam da prática de manter um diário, sugerindo a necessidade de alternativas para o autoconhecimento para aqueles que não se adaptam bem a essa prática.

As respostas dos educandos 9 e 11 acrescentam uma dimensão importante à discussão sobre o uso de diários para autoconhecimento. Enquanto muitos dos outros educandos expressaram opiniões fortemente positivas, essas respostas destacam que a eficácia de manter um diário pode variar de pessoa para pessoa. Essas respostas ainda ilustram que, embora os diários possam ser uma ferramenta poderosa para muitos, eles não são uma solução única e devem ser considerados como parte de um leque mais amplo de práticas de autoconhecimento e expressão pessoal.

A técnica de escrita de um diário foi analisada no Círculo Filosófico como uma possível alternativa no processo de conhecimento de si, porém a prática ficou a critério de cada adolescente como veremos na próxima questão.

Questão 3: Você toparia escrever um diário filosófico como meio para se conhecer a si mesmo?

Figura 17 – Percentuais da questão 3 (3º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que disseram sim estes comentaram:

Quadro 19 - Respostas da questão 3 - 3º círculo

<b>Você toparia escrever um diário filosófico como meio para se conhecer a si mesmo?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“Sim, acho que poderia nos ajudar”
Educando 4	“Sim porque fazer um diário seria uma experiência”

Quadro 19 - Respostas da questão 3 - 3º círculo (continuação)

Educando 5	“Sim pois me ajudaria muito a me conhecer”
Educando 6	“Sim pois tem muita coisa para falar e me ajudaria a me conhecer”
Educando 8	“Sim, na realidade tenho um e eu gosto bastante”
Educando 11	“Acho que sim mais não para as pessoas lerem”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos adolescentes refletem diferentes perspectivas e atitudes em relação à proposta de escrever um diário filosófico como meio para se conhecer a si mesmo.

O educando 1 está aberto à ideia de escrever um diário filosófico como uma ferramenta para o autoconhecimento. Ele reconhece o potencial e benefício dessa prática.

O educando 4 valoriza a experiência de escrever um diário filosófico, indicando que vê isso como uma oportunidade de aprendizado e crescimento pessoal.

O educando 5 acredita que escrever um diário filosófico seria altamente benéfico para o autoconhecimento pessoal.

O educando 6, reconhece que tem muito a dizer e acredita que escrever um diário filosófico seria útil para se conhecer melhor.

O educando 8 já tem um diário e desfruta da prática, indicando uma apreciação pessoal pela expressão filosófica e pelo processo de autoconhecimento que acompanha essa atividade.

O educando 11, expressa disposição para escrever um diário filosófico, mas talvez prefira mantê-lo privado, sugerindo que sua principal motivação é o autoconhecimento pessoal, não a exposição pública. Aproveitando dessa resposta se enfatizou mais uma vez que a técnica de escrita de um diário é apenas uma sugestão possível para o autoconhecimento e que, no entanto, a privacidade de cada um jamais seria violada, ou seja, não haveria de forma alguma socialização dos diários no Círculo Filosófico.

Em geral as respostas dos adolescentes demonstram uma receptividade geral à ideia de escrever um diário filosófico como meio para se conhecer melhor. Eles reconhecem a importância da autoexpressão e reflexão filosófica como ferramentas para o crescimento pessoal. No entanto, algumas respostas também destacam a importância da privacidade e da autonomia na prática de escrever um diário, sugerindo uma sensibilidade em relação à exposição pública de pensamentos pessoais e reflexões íntimas.

Entre os que disseram que não escreveriam um diário, estes comentaram:

Quadro 20 - Respostas da questão 3 - 3º círculo

<b>Você toparia escrever um diário filosófico como meio para se conhecer a si mesmo?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 2	“Não, porque não tenho vontade de escrever sobre mim e muito menos sobre minha vida”
Educando 9	“Não, eu prefiro me conhecer com minhas experiências na vida”
Educando 10	“Eu não gosto nem sinto vontade de fazer, mas posso tentar”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos 2, 9 e 10 refletem uma resistência ou falta de interesse em escrever um diário filosófico como meio de conhecimento de si.

O educando 2 expressa uma falta de vontade em se envolver na prática de escrever um diário filosófico. Ele parece desconfortável com a ideia de refletir sobre si mesmo e sua vida dessa maneira.

O educando 9 indica uma preferência por aprender sobre si mesmo através das experiências vividas, em vez de através da introspecção filosófica registrada em um diário. Ele valoriza a aprendizagem prática e acredita que isso é suficiente para seu autoconhecimento.

O educando 10, expressa uma falta de interesse inicial em escrever um diário filosófico, mas está disposto a considerar a possibilidade de tentar. Sua resposta sugere uma abertura relutante à ideia, talvez indicando uma disposição para explorar novas experiências, mesmo que inicialmente não se sinta motivado.

As respostas dos educandos 2, 9 e 10 destacam que a prática de escrever um diário filosófico nem sempre é atraente ou adequada para todos. Enquanto alguns adolescentes estão abertos e receptivos à ideia, outros preferem explorar o autoconhecimento de maneiras diferentes, como através das experiências vividas. A diversidade de respostas ilustra a importância de reconhecer e respeitar as preferências individuais quando se trata de desenvolvimento pessoal e autoconhecimento.

Em geral nosso objetivo foi alcançado no 3º Círculo Filosófico, pois pretendíamos refletir junto com os educandos algumas técnicas de autoconhecimento praticado por Sócrates ou seus discípulos e foi isso o que fizemos. Selecionamos no primeiro Círculo a autorreflexão, no segundo a meditação e no terceiro o diário, cujo objetivo não era impor aos adolescentes

essas práticas, mas de sugerir estas a eles, como possibilidades de autoconhecimento. No quarto Círculo voltamos a técnica da autorreflexão a partir da teoria de Michel Foucault.

#### **4.4.2.4 4º Círculo Filosófico**

Após explorarmos duas técnicas de autoconhecimento no segundo e terceiro Círculo Filosófico, neste quarto encontro abordaremos o último pilar desse processo: a percepção e a autorreflexão sobre como somos moldados pelo neoliberalismo na era contemporânea, conforme a teoria de Michel Foucault.

Para tanto foi elaborado pela pesquisadora um texto que reflete a essência do pensamento de Foucault adaptado para a realidade do 9º ano do ensino fundamental, o qual foi trabalhado no dia 28/08/2023 com o tema gerador: Identidade e história. (Anexo 4)

Após a leitura e reflexão da temática debatemos como Michel Foucault, um dos filósofos mais influentes do século XX, desenvolveu uma série de análises sobre a maneira como as estruturas de poder moldam indivíduos e sociedades. A percepção e a autorreflexão sobre nosso condicionamento pelo neoliberalismo na era contemporânea constituem um assunto rico e complexo, que abrange diversos aspectos da vida social, política e econômica.

Mesmo porque a percepção e autorreflexão são processos fundamentais para entender como nossas identidades e comportamentos são influenciados por forças externas. A percepção envolve a consciência de como certos ideais e práticas são disseminados na sociedade, enquanto a autorreflexão exige um exame crítico de como esses ideais se manifestam em nossas vidas diárias e em nossas próprias atitudes e ações.

O neoliberalismo é uma ideologia que enfatiza a importância do livre mercado, a desregulamentação e a diminuição do papel do Estado na economia. Desde a sua ascensão na década de 1970, o neoliberalismo tem reconfigurado não apenas as economias, mas também as relações sociais e as subjetividades individuais. E é por isso que Margarethe Rago (2018), vai dizer que “a condução da conduta diz Foucault – tem muito mais a ver com o neoliberalismo”.

Para trabalhar essa questão, Foucault introduziu o conceito de governamentalidade “um poder de conduzir a conduta do outro” (RAGO, 2018), para descrever as formas de governança que emergem na era neoliberal. Segundo Foucault, a governamentalidade neoliberal se caracteriza por um conjunto de práticas e discursos que incentivam os indivíduos a se comportarem como “empresários de si mesmos” (*ibidem*). Isso significa que as pessoas são

encorajadas a verem suas vidas como um projeto empresarial, onde o sucesso é medido em termos de eficiência, produtividade e capital humano.

Sob a influência do neoliberalismo, o indivíduo é moldado para ser autossuficiente, competitivo e responsável pelo seu próprio sucesso ou fracasso. As instituições, como a educação, o mercado de trabalho e até mesmo a saúde, são estruturadas de maneira a promover esses valores. A responsabilidade individual é enfatizada, muitas vezes à custa de uma compreensão mais ampla das desigualdades estruturais e dos fatores sociais que influenciam a vida das pessoas.

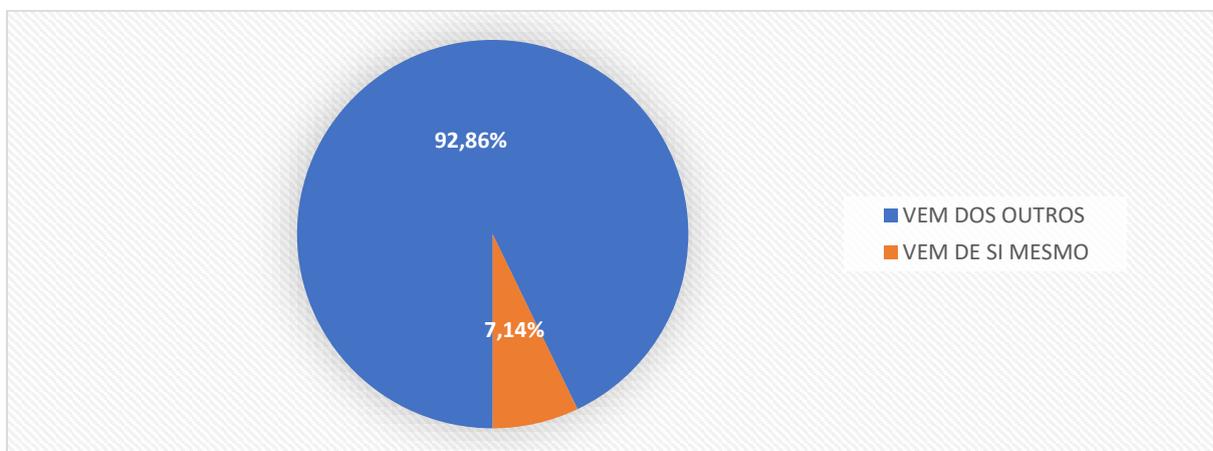
Refletir criticamente sobre como somos moldados pelo neoliberalismo implica questionar essas estruturas e discursos. Isso inclui reconhecer como os valores neoliberais permeiam nossas decisões, nossas relações e até mesmo nossa autoimagem. A autorreflexão permite uma maior compreensão de como participamos, consciente ou inconscientemente, na reprodução dessas dinâmicas de poder.

A análise foucaultiana do neoliberalismo nos fornece ferramentas poderosas para entender a complexidade das relações de poder na contemporaneidade. Ao perceber e refletir sobre essas influências, não só nos conhecemos, como podemos começar a desafiar e, possivelmente, transformar as práticas e ideais que moldam nossas vidas.

Com isso demos continuidade ao debate a partir das questões do texto:

Questão 1: De onde vem suas crenças e valores? Por que você acha certas coisas importantes? Essas ideias são realmente suas ou foram ensinadas por sua família, amigos ou sociedade?

Figura 18 – Percentuais de respostas da questão 1 (4º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que disseram que suas crenças e valores vem da família e amigos estes comentaram:

Quadro 21 - Respostas da questão 1 - 4º círculo

<b>De onde vem suas crenças e valores? Por que você acha certas coisas importantes? Essas ideias são realmente suas ou foram ensinadas por sua família, amigos ou sociedade?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“Foi de todo lugar. No meu ponto de vista a maioria das coisas são super importantes. Por trás de qualquer coisa sempre tem seu significado, gosto de pensar assim. Foram por mim, família, amigos, redes sociais, sociedade e tudo, mas maioria é eu.”
Educando 2	“Minhas crenças e valores vem de diferentes influências ao longo de minha vida. Alguns foram passados pela minha família, outros aprendi com amigos, experiências pessoais e até mesmo pela sociedade em que vivo. Com o tempo fui moldando minhas próprias ideias e convicções, filtrando o que faz sentido para mim e o que realmente acredito ser importante.”
Educando 3	“Essas ideias vêm da minha família que ensina isso desde criança e da sociedade também”
Educando 4	“Essas ideias vêm do mundo família que ensina isso desde criança e da sociedade”
Educando 5	“Boa parte dela vem de família a outra parte eu mesma que criei eu acho isso importante porque me ensinaram assim e eu vejo que não é ruim mas ao contrário é muito bom e importante mesmo. E como eu disse anteriormente eu aprendi com minha família e outras coisas eu mesmo criei na minha cabeça, mas pra mim todas são legais.”
Educando 6	“Vem de meus objetivos e algo é importante porque a “sociedade” concorda o que é realmente importante é ser nós mesmos e tudo que eu aprendo vem da minha família”
Educando 7	“Vem da minha família e ela me ensina muitas coisas importantes eu aprendo muito com ela e principalmente com a crença minha família mim ensinou que a crença religiosa é muito importante.”
Educando 8	“Minhas crenças e valores vem de minha família, acho certas coisas importantes pois em minha família e na sociedade sempre buscaram me mostrar no que devo acreditar e o que devo seguir.”
Educando 9	“Minhas crenças e valores vem de minha família. Me ensinaram a ser da forma que eu sou. Acho importante para podermos sobreviver na sociedade. Algumas de minhas ideias vem de minha família, porém muitas vem de mim mesma.”
Educando 10	“Eu concordo com Michel Foucault porque a maioria das ideias são ensinadas pela família e pela sociedade do que nós mesmos.”
Educando 11	“Bom, essas ideias não são minhas pois eu aprendi com minha família e com a sociedade”

Quadro 21 - Respostas da questão 1 - 4º círculo (continuação)

<b>De onde vem suas crenças e valores? Por que você acha certas coisas importantes? Essas ideias são realmente suas ou foram ensinadas por sua família, amigos ou sociedade?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 12	“Minhas crenças e valores vem de pessoas próximas como familiares, foi ensinadas por eles mais também a sociedade nos ensina muitas coisas”
Educando 13	“Minhas crenças vieram de minha mãe, desde pequena sigo a mesma crença que ela, meus valores vieram de mim, sei o que valorizo, sei as coisas que são importantes para mim, eu sempre tento seguir meu pensamento e o que vem de dentro de mim, aliás nunca sigo o que as pessoas falam para seguir, pois eu sei o que é melhor pra mim.”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos revelam uma interessante diversidade de perspectivas sobre a origem de suas crenças e valores apesar de todos estes educandos serem unânimes em dizer que essa origem e influência vem mais dos outros do que de si mesmos.

O educando 1 enfatiza que suas crenças e valores vêm de uma combinação de influências, incluindo família, amigos, redes sociais e sociedade. Acredita que a maioria dessas ideias são, em última análise, moldadas por si mesmo.

O educando 2, reconhece a influência de várias fontes ao longo da vida, como família, amigos, experiências pessoais e a sociedade. Afirma que com o tempo foi filtrando e moldando suas próprias ideias.

O educando 5, destaca que suas crenças e valores são uma mistura do que foi ensinado pela família e do que criou por conta própria. Considera essas influências importantes e positivas.

Os educandos 3 e 4, afirmam que suas ideias vêm principalmente da família e da sociedade, com pouca menção à influência de suas próprias experiências ou pensamentos.

Os educandos 7, 8 e 9, sublinham a forte influência da família na formação de suas crenças e valores, com algumas menções à influência da sociedade e à própria contribuição para essas ideias.

O educando 6, destaca a importância dos objetivos pessoais e a concordância social na determinação do que é importante, mas reconhece que a maioria do que aprende vem da família.

O educando 10, concorda com Michel Foucault, apontando que a maioria das ideias são ensinadas pela família e pela sociedade, em vez de serem autônomas.

O educando 11, afirma claramente que suas ideias são aprendidas com a família e a sociedade, sem reivindicar originalidade pessoal.

O educando 12, reconhece a influência de pessoas próximas, especialmente familiares, e a sociedade como fonte de aprendizado.

O educando 13, afirma que suas crenças religiosas vêm de sua mãe, mas seus valores foram desenvolvidos por si mesma. Valoriza a independência de pensamento e a resistência à conformidade social.

Em geral as respostas demonstram que, enquanto muitos educandos reconhecem a forte influência da família e da sociedade na formação de suas crenças e valores, alguns destacam a importância de suas próprias experiências e reflexões na construção de suas convicções. Esta diversidade de respostas reflete a complexidade do processo de formação de identidade, onde múltiplas fontes e experiências contribuem para o desenvolvimento pessoal.

A discussão sobre as origens das crenças e valores, especialmente à luz da teoria de Foucault, convida a uma reflexão crítica sobre a governamentalidade e a autonomia. As respostas mostram que muitos educandos têm consciência das influências externas, mas também estão empenhados em definir e moldar suas próprias crenças, o que é crucial para a construção de uma identidade crítica e autônoma.

Já o educando 14 não concordando que suas crenças e opiniões vem da família ou sociedade, respondeu:

Quadro 22 - Respostas da questão 1 - 4º círculo

<b>De onde vem suas crenças e valores? Por que você acha certas coisas importantes? Essas ideias são realmente suas ou foram ensinadas por sua família, amigos ou sociedade?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 14	“Minha crença vem de mim, pois eu escolho no que acreditar. Eu não procuro acreditar no que o povo acredita e sim no que eu acredito. Acho que certas coisas são importantes para nos lembrar algo, essa ideia foi ensinada por mim.”

Fonte: Elaborado pela autora

A fala do educando 14, revela uma perspectiva de autonomia e autossuficiência em relação às suas crenças e valores. Ele expressa a ideia de que suas crenças são resultado de suas próprias escolhas e não simplesmente influenciadas pela sociedade ou pelas pessoas ao seu redor.

Embora o educando acredite que suas ideias foram auto ensinadas, é possível que ele não reconheça completamente as influências indiretas da família, amigos ou sociedade. Todos nós somos influenciados, em algum grau, pelo ambiente em que crescemos e pelas interações que temos.

Contudo o educando destaca a importância de fazer suas próprias escolhas e acreditar naquilo que ele mesmo considera válido. Isso sugere um forte senso de individualidade e independência.

Ao afirmar que não segue as crenças populares, o educando indica uma resistência à conformidade social. Ele prefere definir seus próprios padrões e valores, em vez de seguir os ditames da maioria.

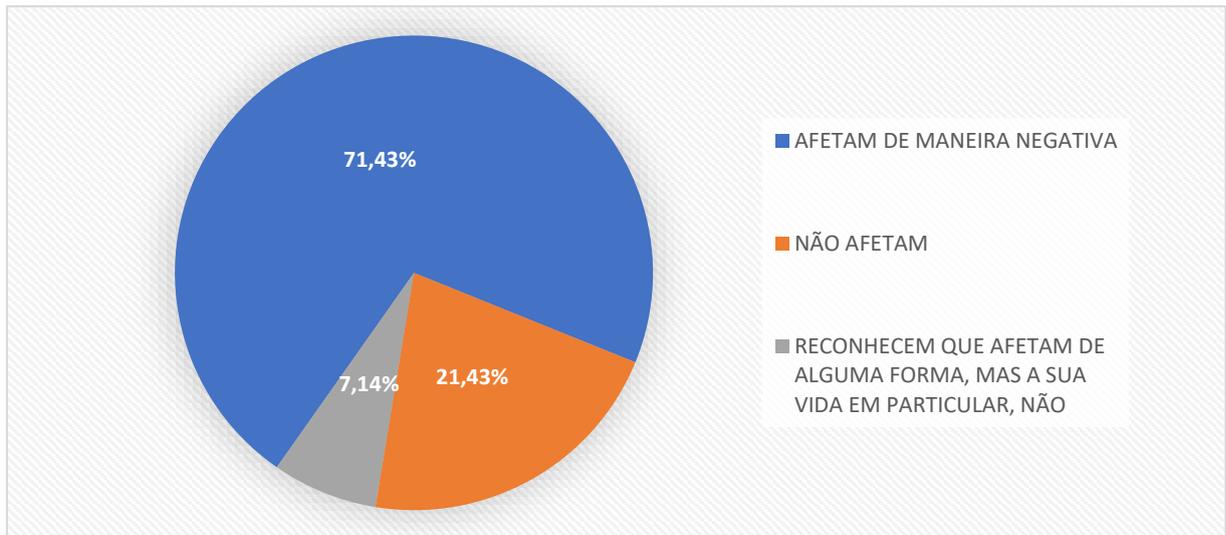
Sua fala ainda implica que ele valoriza a reflexão pessoal na formação de suas crenças. Ao dizer que certas coisas são importantes para lembrar algo, ele sugere que suas crenças têm um propósito e um significado pessoal, que ele mesmo desenvolveu, o que transmite confiança e segurança nas próprias convicções. Ele acredita firmemente na capacidade de discernir e escolher no que acreditar.

Essa postura reflete um estágio de desenvolvimento da identidade onde a pessoa começa a questionar e definir suas próprias crenças, diferentemente das que foram simplesmente transmitidas ou impostas por outros.

Em suma, a fala do educando 14 mostra uma postura de independência e autossuficiência em relação às suas crenças e valores, valorizando a reflexão pessoal e a autonomia na formação de suas convicções. No entanto, é importante reconhecer que, mesmo inconscientemente, as influências externas sempre desempenham algum papel na construção de nossas ideias e valores.

Questão 2: Como as redes sociais e a publicidade afetam a maneira como você se vê? Como as expectativas de ser produtivo e bem-sucedido afetam sua autoestima e seus objetivos?

Figura 19 – Percentuais da questão 2 (4º círculo)



Fonte: Elaborado pela autora

Dos que responderam que as redes sociais e publicidade afetam a maneira como estes se veem, bem como sua autoestima, estes comentaram:

Quadro 23 - Respostas da questão 2 - 4º círculo

<b>Como as redes sociais e a publicidade afetam a maneira como você se vê? Como as expectativas de ser produtivo e bem-sucedido afetam sua autoestima e seus objetivos?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“Elas me afetam na comparação de vida através de uma tela. Elas me deixam triste e pensativa em pensar que não devo ter nada disso e ter um futuro miserável e terrível. Acho que tenho muitas expectativas e isso acaba afetando muito.”
Educando 2	“As redes sociais e a publicidade podem exercer uma grande influência na forma como nos vemos, nossas expectativas de produtividade e sucesso. Muitas vezes somos bombardeados com imagens e mensagens que promovem um padrão inatingível de perfeição levando-nos a comparar nossas vidas e conquistas com as outras pessoas o que afeta negativamente nossa autoestima.”
Educando 3	“Afeta em algumas coisas, afeta muito minha autoestima que algumas pessoas são mais bonitas e eu não.”
Educando 4	“Afeta, não me sinto bonita.”
Educando 5	“Afetam muito na base de comparação certas vezes umas coisas que nos deixam inseguras e até mesmo comentários. A questão de ser bem sucedido nos levam a fazer coisas boas mais também afetam em questão de fazer estragos com o nosso corpo e nossa psicológico.”

Quadro 23 - Respostas da questão 2 - 4º círculo (continuação)

Educando 7	“Eles reforçam muito sobre como a pessoa deve agir e o que devemos querer e as vezes tem muitas pessoas que faz coisas que não gosta só pra agradar outras pessoas e não devemos ser assim devemos ser como a gente quer.”
Educando 8	“As redes sociais e a publicidade interferem na vida de todos nós, pois as vezes elas fazem a gente se sentir mal com nosso ser, e essa expectativa que jogamos em cima de nós mesmos nos afetam de modo que achamos que não vamos conseguir.”
Educando 12	“As redes sociais as vezes nos afeta com a comparação, mas também vemos o jeito de se diferenciar de muitas pessoas até porque ninguém é igual a ninguém.”
Educando 13	“As redes sociais e a publicidade só querem reforçar o que devemos querer ou agir, fazendo assim com essas influências moldar o que pensamos. Por isso eu acho que não devemos seguir ou se importar com as opiniões das redes sociais.”
Educando 14	“Fazendo nós se compararmos com a vida, corpo e outras coisas de quem vamos ver nas redes sociais.”

Fonte: Elaborado pela autora

As respostas dos educandos revelam uma compreensão clara dos efeitos negativos das redes sociais e da publicidade na autoestima e nas expectativas pessoais.

O educando 1, revela uma visão profundamente negativa sobre a influência das redes sociais e da publicidade, expressando sentimentos de tristeza e ansiedade em relação ao futuro. A comparação constante com vidas idealizadas mostradas na tela parece minar a sua autoestima e alimentar expectativas irrealistas. Esse relato sugere uma necessidade de intervenção no sentido de desenvolver habilidades de autoconhecimento e autonomia, o que estamos fazendo no Círculo Filosófico.

A resposta do educando 2, aponta para a pressão das redes sociais e da publicidade em estabelecer padrões inalcançáveis de perfeição. A comparação constante com esses padrões pode prejudicar a autoestima e criar expectativas distorcidas sobre sucesso e produtividade. Como tentativa de responder a essa realidade no Círculo Filosófico se procura fomentar a consciência crítica para que os alunos reconheçam a natureza fabricada dessas imagens e mensagens.

O educando 3, menciona que a autoestima é afetada ao ver pessoas que ele considera mais bonitas. Isso destaca a superficialidade da comparação estética nas redes sociais e a

necessidade de fortalecer a autoestima baseada em qualidades intrínsecas e não apenas na aparência física.

O educando 4, respondeu de forma breve, mas poderosa, indicando que não se sente bonito devido à influência das redes sociais.

O educando 5, reconhece o impacto das redes sociais e da publicidade na criação de inseguranças e compara as próprias conquistas com as de outros. Eles também mencionam o lado positivo de buscar sucesso, mas alertam para os danos psicológicos e físicos que podem surgir.

O educando 7, percebe que as redes sociais impõem normas sobre comportamento e desejos, e menciona que muitas pessoas acabam fazendo coisas apenas para agradar os outros. Ele sugere a importância da autenticidade e de viver conforme os próprios valores e desejos. Este é um ponto crucial para promover a autoaceitação e autenticidade nos jovens.

O educando 8, destaca a interferência das redes sociais na autopercepção e nas expectativas que colocamos sobre nós mesmos, levando a sentimentos de incapacidade. A resposta sugere a necessidade de desenvolver habilidades de autogestão emocional e realismo nas expectativas pessoais, o que buscamos no Círculo Filosófico.

O educando 12, reconhece a dualidade das redes sociais: embora incentivem a comparação, também oferecem oportunidades de diferenciação. Isso mostra uma abordagem mais equilibrada, onde a individualidade é valorizada. No Círculo discutimos que essa perspectiva pode ajudar os jovens a utilizar as redes sociais de forma mais saudável.

O educando 13, é crítico quanto à influência das redes sociais e publicidade, sugerindo que não devemos nos importar com as opiniões dessas plataformas. Essa visão crítica é positiva e foi incentivada como meio de promover uma mentalidade independente e menos influenciada pelas redes sociais.

Por fim o educando 14, enfatiza a comparação constante promovida pelas redes sociais em relação à vida e aparência de outras pessoas. Isso reforça a importância de abordar o tema da comparação social e desenvolver uma compreensão saudável de si mesmo.

É perceptível neste Círculo, um reconhecimento generalizado da pressão para se conformar a padrões irrealistas e da tendência a comparações prejudiciais. As respostas sugerem que o percurso trilhado nestes quatro círculos foi positivo, pois fomentaram a necessidade de intervenções educativas focadas em desenvolver habilidades de pensamento crítico, autorreflexivo, autoconhecimento, autoestima e autenticidade, para que os jovens

possam conduzir suas vidas com autonomia, seja quando navegam pelas redes sociais, seja nos demais aspectos da vida, se conduzindo assim de maneira mais saudável e equilibrada.

Dos que disseram que as redes sociais não os afetam, estes responderam:

Quadro 24 - Respostas da questão 2 - 4º círculo

<b>Como as redes sociais e a publicidade afetam a maneira como você se vê? Como as expectativas de ser produtivo e bem-sucedido afetam sua autoestima e seus objetivos?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 9	“As redes sociais e a publicidade não me afetam em nada, aprendi a amar a mim mesma sem comparações. Eu as vezes tenho esse pensamento e me dá medo “Será que vou ser alguém no futuro?” me pego pensando muito e as vezes não sei se vou conseguir.”
Educando 10	“Muitas das vezes não porque sei que aquilo é só uma forma de influência e não é verdadeiro aquilo que eles mostram, afetam a forma de como vou conseguir se vou tornar meus objetivos em realidade.”
Educando 11	“Não, porque se eu tenho objetivo a publicidade não pode me parar, e nem as expectativas não vão mudar quem eu sou.”

Fonte: Elaborado pela autora

O educando 9, apresenta uma atitude resiliente em relação às redes sociais e à publicidade, afirmando que aprendeu a amar a si mesma sem se comparar com os outros. No entanto, expressa incerteza e medo sobre o futuro e se questiona sobre sua capacidade de alcançar seus objetivos. Essa resposta mostra um equilíbrio saudável em relação à autopercepção, mas também aponta para a ansiedade comum entre os jovens sobre o futuro.

O educando 10, demonstra uma compreensão crítica das redes sociais e da publicidade, reconhecendo que essas plataformas são ferramentas de influência e que nem tudo o que mostram é verdadeiro. No entanto, admite que essas influências ainda afetam suas expectativas sobre alcançar objetivos. Este educando tem uma base sólida para resistir às pressões externas, mas poderia se beneficiar de estratégias adicionais para manter o foco em seus objetivos pessoais sem se deixar abalar por essas influências.

O educando 11, exibe uma postura determinada e confiante, afirmando que nem a publicidade nem as expectativas externas têm o poder de alterar seus objetivos ou quem ele é. Esta atitude é positiva e mostra uma forte autoidentidade e resistência à pressão externa.

As respostas dos educandos 9, 10 e 11 revelam uma gama de reações às redes sociais e à publicidade, desde uma resiliência saudável até a influência crítica. Enquanto todos demonstram uma forma de resistência às comparações e expectativas externas, cada um enfrenta desafios específicos relacionados à confiança no futuro e na realização de seus objetivos.

E quanto ao que respondeu que reconhece que as redes sociais afetam a identidade das pessoas, porém a sua em particular não afeta, este comentou:

Quadro 25 - Respostas da questão 2 - 4º círculo

<b>Como as redes sociais e a publicidade afetam a maneira como você se vê? Como as expectativas de ser produtivo e bem-sucedido afetam sua autoestima e seus objetivos?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 6	“As redes sociais só moldam quem você é, eu devo ser o que eu quero ser, você sendo influenciado pelas redes sociais não muda quem você é, e sim uma pessoa que se importa com o que a sociedade pensa.”

Fonte: Elaborado pela autora

O educando 6 demonstra uma compreensão clara de como as redes sociais podem moldar a identidade de uma pessoa. Ele reconhece que permitir que as redes sociais influenciem seus pensamentos e comportamentos significa se preocupar excessivamente com as opiniões da sociedade.

O educando ainda enfatiza a importância de ser autêntico e fiel a si mesmo, expressando a ideia de que ele deve ser quem realmente deseja ser, independentemente das pressões externas. Essa perspectiva é positiva, indicando uma resistência saudável às influências externas e uma forte autoestima.

Ele faz uma distinção importante ao afirmar que ser influenciado pelas redes sociais não altera a verdadeira essência de uma pessoa, mas sim revela uma preocupação excessiva com a opinião alheia. Isso demonstra uma capacidade de pensamento crítico sobre a natureza das influências sociais.

Em geral a resposta do educando destaca um senso de identidade e autonomia, sugerindo que ele valoriza a independência de pensamento e a autoaceitação. Ele parece entender que ceder às pressões das redes sociais compromete a autenticidade pessoal.

Ao afirmar sua intenção de ser quem deseja ser, o educando 6 sugere que mantém seus objetivos e autoestima intactos, sem permitir que as expectativas externas interfiram. Essa atitude pode ser extremamente benéfica para seu bem-estar mental e emocional, ajudando-o a focar em metas pessoais autênticas e alcançáveis.

A resposta do educando 6 revela uma abordagem madura e saudável em relação às redes sociais e à publicidade. Ele demonstra uma forte capacidade de resistir às influências externas e manter a autenticidade, o que é essencial para desenvolver uma autoestima robusta e objetivos pessoais claros.

Questão 3: Como você pode criar sua própria história e viver de uma maneira que seja verdadeira para você, em vez de simplesmente seguir o que a sociedade espera?

Todos os educandos responderam essa questão e fizeram os seguintes comentários:

Quadro 26 - Respostas da questão 3 - 4º círculo

<b>Como você pode criar sua própria história e viver de uma maneira que seja verdadeira para você, em vez de simplesmente seguir o que a sociedade espera?</b>	
<b>EDUCANDO</b>	<b>RESPOSTA</b>
Educando 1	“Não ligar para os outros, nem o que eles acham, pensam ou deixam de fazer, porque independente de tudo vai ser sempre você! Eu não posso fazer minha história por causa da maioria, se for assim vai ser apenas uma história copiada. Vou fazer a minha história”
Educando 2	“Para criar minha própria história e viver de uma maneira autêntica, procuro me conhecer profundamente identificando minhas paixões, valores, objetivos pessoais.”
Educando 3	“Eu posso criar minha história viver mais aproveitando, realizando sonho, conseguindo realizar meus objetivos.”
Educando 4	“Eu vou realizar meu sonho”
Educando 5	“Minha história já começou a ser escrita, sempre aprendi desde pequeno que nunca devemos ligar pro que a sociedade pensa e é dessa forma que eu vivo feliz e sem opiniões desnecessárias apenas seguindo minha vida escrevendo novos capítulos da minha história.”
Educando 6	“Sendo eu mesma e ser o que eu quero me conhecer sobre o que eu gosto, meus objetivos, a sociedade não pode mudar quem eu sou, a não ser que eu mim importe com algo, eu até posso mudar quem sou pelos outros mais lá no fundo eu sempre vou querer ser eu.”
Educando 7	“Eu quero que minha vida seja diferente da sociedade de hoje, porque tem muitas pessoas má hoje em dia quero ser diferente, pensando sempre o melhor pra mim e agir de forma sim correta.”

Educando 8	“Independente da sociedade posso criar minha própria história descobrindo o que eu quero para meu futuro, pois só conhecendo a mim mesmo posso ter uma vida feliz e me sentir realizado.”
Educando 9	“Não olhando pra trás, e seguindo em frente sem medo do que vão opinar sobre sua vida! Quando sabemos apreciar a vida, nada mais nos abala!! Confiança e fé no que se acredita! Viver sem se importar com o que falam.”

Quadro 26 - Respostas da questão 3 - 4º círculo (continuação)

Educando 10	“Não me importando com o que a sociedade define e me importando com o que eu quero e gosto e somente me importando com meu autoconhecimento.”
Educando 11	“Bom, eu posso pensar como eu vou fazer minha própria história.”
Educando 12	“Eu posso criar minha história primeiro pensando em mim e viver minha vida como quero de uma maneira verdadeira ao em vez de me preocupar com o que a sociedade vai pensar.”
Educando 13	“A minha história é viver bem do lado das pessoas que eu amo, seguir meus pensamentos o que é melhor pra mim e não me importar com certas opiniões da sociedade, e sim seguir o que me faz bem e não me moldar com opiniões.”
Educando 14	“Fazendo minhas próprias escolhas e ações, e não a dos outros.”

O educando 1, demonstra uma forte independência e determinação em viver de acordo com suas próprias crenças e desejos, rejeitando a pressão social, o que demonstra um senso de autenticidade e autossuficiência, crucial para a construção de uma identidade sólida.

O educando 2, valoriza o autoconhecimento como fundamento para a autenticidade. A busca por compreender suas paixões e valores é essencial para estabelecer um caminho de vida que reflete verdadeiramente quem ele é.

O educando 3, enfatiza a realização de sonhos e objetivos pessoais como meios de criar uma história própria. O foco na realização pessoal é uma abordagem positiva para a construção de uma vida significativa.

O educando 4, direto e determinado. A simplicidade e a clareza de sua meta de realizar seu sonho refletem um foco intenso e uma abordagem prática para alcançar a autenticidade.

O educando 5, demonstra uma consciência precoce sobre a importância de ignorar as opiniões sociais e viver de acordo com suas próprias regras. Essa mentalidade pode promover uma vida feliz e autenticamente direcionada.

O educando 6, reconhece a importância do autoconhecimento e da autenticidade, mesmo admitindo que pode haver influências externas. Essa autoanálise crítica reflete uma compreensão profunda das pressões sociais e uma forte vontade de manter sua essência.

O educando 7, expressa um desejo de diferenciar-se das normas sociais negativas, buscando viver com integridade e boas intenções. Esse idealismo pode ser uma força motriz para escolhas de vida positivas.

O educando 8, reforça a ideia de autoconhecimento como chave para a realização pessoal. Ele acredita que descobrir seus próprios desejos é essencial para viver uma vida autêntica e satisfatória.

O educando 9, destaca a importância de seguir em frente com confiança e fé, ignorando as opiniões alheias. Essa perspectiva de apreciação da vida promove uma atitude resiliente e positiva.

O educando 10, enfatiza o autoconhecimento e a prioridade dos próprios desejos sobre as expectativas sociais. Essa abordagem é central para construir uma vida autêntica.

O educando 11, responde de forma introspectiva e aberta, indicando que está refletindo sobre os meios de criar sua própria história. Essa abertura para reflexão é o primeiro passo para a autodescoberta.

O educando 12, valoriza a autenticidade e a priorização de seus próprios desejos sobre as opiniões sociais, uma abordagem essencial para uma vida verdadeira e satisfatória.

O educando 13, valoriza relacionamentos significativos e a busca pelo bem-estar pessoal. Esta perspectiva holística inclui tanto a autenticidade quanto a importância dos laços afetivos.

O educando 14, destaca a importância da autonomia e da independência nas escolhas e ações, rejeitando as influências externas. Esta é uma base sólida para a autenticidade e formação de sua identidade.

As respostas dos educandos demonstram uma consciência clara da importância de viver de maneira autêntica e independente das expectativas sociais. Essas respostas também refletem o resultado positivo do Círculo Filosófico com o destaque para os temas:

- Autoconhecimento: Muitos educandos enfatizam a necessidade de se conhecer profundamente para viver uma vida autêntica.
- Resiliência: A resistência às opiniões e pressões sociais é um tema recorrente.

- **Determinação:** A clareza de objetivos pessoais e a determinação em alcançá-los são destacadas.
- **Valorização de Relacionamentos:** Alguns educandos destacam a importância de viver bem com aqueles que amam.

Essas respostas refletem uma maturidade e uma compreensão profundas do que é necessário para criar e viver uma história pessoal autêntica. E foi possível constatar que este programa educacional que incentivou o autoconhecimento, a reflexão crítica e a resiliência ajudaram esses jovens a fortalecerem ainda mais suas perspectivas e habilidades para viver de maneira verdadeira.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa, nosso objetivo fora trabalhar o autoconhecimento para adolescentes no ensino de filosofia. E como vimos encontramos essa possibilidade na tradição socrático-platônica e nas ideias de Michel Foucault. A abordagem socrático-platônica, bem como a de seus seguidores, oferece técnicas que facilitam o processo de autoconhecimento para adolescentes, através de práticas como meditação, autorreflexão e a escrita de um diário. Em Michel Foucault, encontramos um excelente comentador dessa tradição, que propunha, além dessas técnicas, a necessidade de perceber a influência do contexto histórico-social na formação da identidade dos sujeitos modernos.

Assim, o autoconhecimento filosófico que estamos propondo nesta pesquisa, diferente do autoconhecimento no sentido psicológico do termo, possui as seguintes características:

1. O autoconhecimento filosófico consiste em conhecer-se para melhorar-se e transformar-se em um sujeito ético;
2. Para trabalhar o autoconhecimento é necessário identificar e superar a stutitia;
3. Só me conheço se pratico a filosofia;
4. O autoconhecimento filosófico é para superar a governamentalidade e desenvolver o governo de si;
5. Não há autoconhecimento filosófico sem parresía;
6. É necessário um mestre parresiasta no processo de autoconhecimento;
7. O autoconhecimento filosófico é praticado na escola e na direção individual.

De acordo com essas características, o autoconhecimento não para no conhecimento, ele vai além, é necessário que culmine na transformação de si. O que por sua vez implica na

constituição de um sujeito ético. Para isso é necessário o reconhecimento do estado de stutitia, que como já vimos é esse estado de não relação consigo. Assim para que se inicie o processo de autoconhecimento, antes é preciso identificar que não me conheço. E como se trata de autoconhecimento no sentido filosófico, só vou percorrer esse caminho através da filosofia.

Para Foucault, o objetivo desse tipo de autoconhecimento é para a superação da governamentalidade, o que seria de forma clara o modo como o poder é exercido não apenas através das instituições de governo, mas também em como os indivíduos são conduzidos, ou seja, estar sob a dominação de outrem. E superar esse estado é ser capaz de governar-se a si mesmo, não se deixar conduzir, manipular... E quando isso acontece o sujeito é capaz de dizer a verdade sobre si, é capaz de elaborar um discurso verdadeiro sobre si, o que se chama parresía, e o que o leva a superar o discurso, ou, a identidade imposta pelo sistema dominante. Contudo esse processo não pode ser feito de forma isolada pela sujeito, ele precisa de um mestre parresiasta, que também lhe diga a verdade que ele precisa ouvir, o que se dará, seja numa direção de consciência individual ou coletiva na escola, como acontecia com os estoicos, epicuristas e outros, e onde será possível trabalhar as técnicas de si.

Com essa teoria em mãos, desenvolvemos um projeto prático em sala de aula, estruturando quatro aulas que resumiram o conteúdo pesquisado. O público-alvo foram os adolescentes do 9º ano C da Unidade de Educação Básica Cônego Nestor Cunha. A escolha do tema foi resultado de uma discussão prévia com os adolescentes, que manifestaram a necessidade de autoconhecimento durante a adolescência, período da formação de suas identidades. A partir dessas discussões, percebemos um acolhimento curioso e positivo em relação à temática, mostrando que os alunos se sentiam atendidos nessa necessidade.

Nossa pretensão nunca foi que os educandos alcançassem um autoconhecimento pleno. O que fizemos, e temos plena consciência disso, foi dar o pontapé inicial. Sabemos que quatro aulas são insuficientes para um projeto tão complexo como o autoconhecimento. No entanto, nosso objetivo foi alcançado. Além de apontarmos um caminho possível rumo ao autoconhecimento filosófico, descobrimos que essa é uma temática necessária e viável através do ensino de filosofia.

Para isto, foi preciso mergulhar na filosofia socrático-platônica, principalmente na figura de Sócrates como o mentor de uma filosofia do autoconhecimento a qual detalhamos nesta pesquisa principalmente através da obra *Alcebiades I*. Porém, convém esclarecer de antemão que assim com Foucault, o resgate dos gregos não é na tentativa de trazê-los para hoje

e sim de destacar essa filosofia do autoconhecimento e trazê-la para nosso contexto, segundo Salma Tannus (2022), essa era a intenção de Michel Foucault.

Como vimos ao decorrer da pesquisa essa filosofia do autoconhecimento foi definida como a filosofia do cuidado de si, na qual Foucault destaca “três condições que determinam, a um tempo, a razão de ser e a forma do cuidado de si” (2006, p. 101), através da obra *Alcebiades I*, em que a primeira condição é que o cuidado de si implica no ocupar-se consigo, e segundo Foucault “o texto do *Alcebiades* é totalmente claro: devem ocupar-se consigo os jovens” (*ibidem*, p.102), os adolescentes como Alcebiades. “A segunda determinação, ligada evidentemente a primeira, é que o cuidado de si tem um objetivo, uma justificação precisa: trata-se de ocupar-se consigo a fim de poder exercer o poder”, ou seja, o cuidado de si implica o cuidado com o outro, o que se traduz no cuidar da cidade. “Enfim, terceira limitação, claramente exposta no final do diálogo, o cuidado de si tem por forma principal, senão exclusiva, o conhecimento de si: ocupar-se consigo é conhecer-se” (*ibidem*).

Quando Foucault cita o texto do Alcebiades dizendo que “é totalmente claro: devem ocupar-se consigo os jovens”. Ele sublinha que para Sócrates a importância do autoconhecimento se concentra nos jovens. Sócrates, no diálogo com Alcebiades, enfatiza que a juventude deve dedicar-se ao cuidado de si, ao conhecimento de sua própria natureza e capacidades. O que é essencial para a formação de uma identidade sólida e para o desenvolvimento pessoal.

No Círculo Filosófico desenvolvemos essa ideia como uma abordagem extremamente relevante para o contexto contemporâneo, pois incentivamos os adolescentes a refletirem sobre si, suas ações, pensamentos e emoções, promovendo um desenvolvimento integral e consciente.

Quando Foucault fala da “segunda determinação, ligada evidentemente à primeira, é que o cuidado de si tem um objetivo, uma justificação precisa: trata-se de ocupar-se consigo a fim de poder exercer o poder”. Ele destaca que o autoconhecimento para Sócrates não é um fim em si mesmo, mas um meio para exercer poder de maneira ética e responsável. No contexto da Grécia Antiga, isso significava preparar-se para governar a cidade-estado e cuidar dos cidadãos. No Círculo Filosófico trabalhamos o autoconhecimento no sentido que permitisse aos adolescentes entenderem melhor suas motivações e ações, capacitando-os a tomar decisões justas e a contribuir positivamente para a sociedade. Assim também os incentivamos para assumirem papéis de liderança e responsabilidade em suas comunidades.

E a terceira condição que Foucault vê como limitação, “o conhecimento de si: ocupar-se consigo é conhecer-se”, reforça que o cerne do cuidado de si é o autoconhecimento. Para Foucault, Sócrates argumenta que, para verdadeiramente cuidar de si, é necessário um entendimento profundo de quem somos. Esse processo envolve uma introspecção contínua e crítica.

O que também podemos constatar tanto na aula de 20 de janeiro de 1982, quando Foucault delinea a diferença entre o autocuidado proposto por Sócrates e o cuidado de si nos séculos I e II de nossa era. Foucault deixa claro que, na filosofia socrático-platônica, o cuidado de si é essencialmente o conhecimento de si, quanto na aula do dia 17 de março de 1982, quando Foucault conclui:

É neste sentido que, no seu desdobramento, o diálogo do *Alcebíades* mostra, ou melhor, efetua o que se poderia chamar de “recobrimento” propriamente platônico, recobrimento da *epiméleia heautôu* pelo *gnôthi seautón* (do cuidado de si pelo conhecimento de si) É o conhecimento de si, é o imperativo “conhece-te a ti mesmo” que recobre inteiramente e ocupa todo o lugar liberado pelo imperativo “cuida de ti mesmo”. “Cuida de ti mesmo” quererá finalmente dizer: “conhece-te a ti mesmo”. (FOUCAULT, 2006, p. 508)

E é justamente isso uma limitação para Foucault, essa redução do cuidado de si ao autoconhecimento, o que irá ser em parte diferente com os romanos, já que estes buscavam o cuidado de si para enfrentar o futuro.

Contudo buscamos desenvolver os dois aspectos no Círculo Filosófico, que foi criar espaços onde os adolescentes pudessem explorar suas identidades, questionar suas crenças e valores, e desenvolver uma consciência crítica de si mesmos e do mundo ao seu redor, onde irão construir seu presente e futuro.

Essa interpretação do *Alcebíades*, nos mostra que o autoconhecimento é uma prática fundamental para o desenvolvimento pessoal e para o exercício ético do poder. No Círculo Filosófico traduzimos isto em práticas pedagógicas que incentivaram a autorreflexão, o questionamento crítico e a responsabilidade social. Incentivamos os jovens a se conhecerem não apenas como uma forma de promover seu crescimento individual, mas também de prepará-los para serem cidadãos ativos e conscientes, capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

Assim como na época grega, onde os jovens eram preparados para o exercício da cidadania, nossa legislação educacional também prevê, no artigo 2º da LDB, que uma das

finalidades da educação é “[...] o preparo para o exercício da cidadania” (BRASIL, 2024, art. 2º). Portanto, cada adolescente tem um papel como cidadão a desempenhar em sua realidade. E, para contribuir melhor com a vida na pólis, é necessário que se conheçam e que a educação escolar leve mais em consideração um ensino para o autoconhecimento.

A necessidade desse tipo de reflexão é manifesta, já que os adolescentes estão em uma fase crucial de formação de suas identidades. Erik Erikson descreve esse período como marcado pela “confusão de identidade” (1972, p.17), onde o adolescente não compreende plenamente suas próprias emoções e pensamentos. O autoconhecimento pode ser determinante na formação da identidade, pois, através do processo de conhecimento de si ocorre a transformação do sujeito. E Foucault vai reforçar essa ideia ao afirmar: “Tal conhecimento de si [...] seu objetivo é controlar o processo pelo qual adquirimos discursos verdadeiros, nos integramos com nós mesmos, transformamos a nós mesmos” (2022, p. 115).

Ao longo desta pesquisa, vimos como Michel Foucault, em sua vasta obra, explorou a relação entre conhecimento, poder e sujeito. A citação em questão aborda um aspecto central de seu pensamento: a forma como o conhecimento de si é um mecanismo de controle. Foucault argumenta que o autoconhecimento para os gregos não era apenas uma questão de introspecção neutra, e ele próprio dirá que é um processo profundamente entrelaçado com as estruturas de poder e controle. Quando adquirimos “discursos verdadeiros” sobre nós mesmos, estamos nos submetendo a formas específicas de saber que são, em última análise, reguladas por sistemas de poder. Esses discursos moldam nossa percepção e comportamento, influenciando nossa identidade e ações.

O objetivo do conhecimento de si, segundo Foucault, é controlar o processo de aquisição desses discursos. Ao internalizar certos conhecimentos sobre nós mesmos, disciplinamo-nos de acordo com as normas e expectativas sociais e culturais, transformando nossa subjetividade e integrando-nos em um sistema maior de controle social. Foucault sugere que o autoconhecimento é uma ferramenta que tanto empodera quanto subjuga. Ele nos permite entender e transformar a nós mesmos, mas ao mesmo tempo, nos insere em uma rede de relações de poder que moldam nossas percepções e ações. Foucault nos desafia a questionar essas dinâmicas e a refletir criticamente sobre como o autoconhecimento pode ser utilizado tanto para emancipação quanto para controle.

No Círculo Filosófico, fora perceptível a receptividade dos adolescentes em trabalhar o autoconhecimento. Desde o início, notamos uma curiosidade genuína dos educandos em relação

ao tema. À medida que o Círculo Filosófico progredia, foi perceptível um aumento significativo na confiança dos educandos, tanto em relação à pesquisadora quanto aos outros professores.

Esse crescimento na confiança refletiu-se diretamente no desempenho dos educandos. Observamos um interesse crescente nas aulas e uma participação mais ativa nas atividades escolares. Os adolescentes não apenas se envolveram mais com o conteúdo, mas também demonstraram um desejo maior de compartilhar suas experiências e reflexões.

Essa mudança no comportamento sugere que os educandos se sentiram acolhidos e valorizados pelo interesse da pesquisa em ajudá-los a compreender melhor a si mesmos. A sensação de serem ouvidos e apoiados parece ter despertado um sentimento de gratidão, que se manifestou no aumento do engajamento e na melhoria do desempenho escolar. Foi notável que, o trabalho com o autoconhecimento não só contribuiu para o crescimento pessoal dos adolescentes, mas também criou um ambiente mais colaborativo e positivo na sala de aula.

Apesar do interesse dos educandos, enfrentamos um desafio significativo no início do Círculo Filosófico: o problema do mutismo. Nossos adolescentes, majoritariamente provenientes de classes baixas e de uma sociedade onde a participação popular é limitada, apresentavam grande dificuldade em se expressar. Paulo Freire definiu esse fenômeno como mutismo, caracterizado pelo bloqueio em dizer sua palavra e em dizer-se. (FREIRE, 2022, p. 99).

O Círculo Filosófico foi concebido como um espaço para o debate de ideias e discussões, porém antes de iniciar o Círculo se percebeu que os adolescentes tinham dificuldades para dialogar. Tinham dificuldade em escutar e, pior ainda, em verbalizar seus pensamentos. Posteriormente, alguns relataram que sentiam como se qualquer coisa que dissessem estivesse errada.

Para enfrentar esse desafio, seguimos as indicações dos estoicos, adotando uma prática de leitura acompanhada pela meditação e escrita das questões do texto, atividades que deveriam ser realizadas em casa. Na sala de aula, realizávamos uma leitura coletiva, seguida de comentários por parte de uma pequena parcela dos educandos que conseguiam se expressar com maior facilidade. Em seguida, partíamos para as questões onde cada um se posicionava, culminando em um debate aberto.

No início, a participação era limitada, mas gradualmente observamos uma melhoria. O ambiente de apoio e a prática constante ajudaram os adolescentes a ganharem confiança. No último encontro do Círculo Filosófico, alcançamos uma participação integral de toda a turma.

Esse progresso foi um indicativo claro de que, apesar das dificuldades iniciais, os adolescentes deram passos rumo a superação do mutismo, como se engajar ativamente nas discussões. Essa evolução não apenas enriqueceu o debate filosófico, mas também contribuiu significativamente para o desenvolvimento pessoal e social dos educandos, mostrando o impacto positivo do autoconhecimento e da reflexão crítica em suas vidas, o que reforça a importância desses educandos terem se apropriado dos discursos verdadeiros sobre si, como disse acima Foucault.

Em sua obra *A coragem da verdade*, Foucault define esses discursos como a prática da “*parresía* [...] tipo de ato pelo qual o sujeito, dizendo a verdade, se manifesta, e com isso quero dizer: representa a si mesmo e é reconhecido pelos outros como dizendo a verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 4). Para Foucault, isso representa o ápice do autoconhecimento. O sujeito que deseja se conhecer precisa se apropriar desses discursos verdadeiros e ter a “coragem da verdade” (ibidem, p. 73), ou seja, a *parresía*. Esse conceito implica que a verdade do sujeito seja dita por ele mesmo ou por seu mestre parresiasta, alguém que o conhece e pode auxiliá-lo no processo de autoconhecimento. Esse era um ponto fundamental no Círculo Filosófico para o processo de autoconhecimento dos adolescentes: para se conhecerem, eles precisavam primeiro alcançar a *parresía*, a coragem de dizer para si mesmos a sua verdade, pois só através dos discursos verdadeiros poderiam se conhecer.

Também trabalhamos a importância desse discurso verdadeiro sobre o sujeito contrapondo os discursos ideológicos formulados pela sociedade capitalista, que tendem a moldar as condutas e a identidade dos indivíduos. No último Círculo Filosófico, discutimos como esses discursos ideológicos fazem parte da governamentalidade, um tipo de governo que se impõe e domina os indivíduos. Vimos como Foucault propõe uma alternativa a essa governamentalidade ao sugerir que o indivíduo deve governar a si mesmo, pois através do autoconhecimento, ele pode reconhecer como a sociedade tenta moldá-lo.

Essa proposta de autogoverno, baseada na coragem de dizer a verdade sobre si mesmo, foi o que também tentamos desenvolver no Círculo Filosófico, visando empoderar os adolescentes contra as forças externas que tentam impor identidades e comportamentos. Trabalhamos a *parresía*, não apenas como um ato de expressão pessoal, mas um ato de resistência contra a conformidade social e a dominação ideológica.

No contexto educacional, especialmente no Círculo Filosófico, essa abordagem foi crucial. Incentivar os adolescentes a praticar a *parresía*, num contexto de mutismo e ajudá-los a desenvolver uma consciência crítica sobre si mesmos e sobre a sociedade foi mais um desafio

em direção do qual temos consciência que só demos os primeiros passos. Esse processo de autoconhecimento, segundo Foucault, é um caminho para a emancipação, permitindo que os jovens não apenas compreendam a si mesmo, mas também critique e desafie as estruturas de poder que tentam controlar e definir sua existência.

No Círculo Filosófico buscamos levar os adolescentes a se apropriarem de discursos verdadeiros para resistirem às pressões externas e afirmar suas próprias identidades de maneira autônoma e consciente. Isso não só enriqueceu o debate filosófico, mas também fortaleceu o desenvolvimento pessoal e a cidadania ativa dos educandos, alinhando-se com os objetivos da educação contemporânea que busca preparar indivíduos para uma participação plena e crítica na sociedade. O que podemos constatar com os resultados da pesquisa que segue abaixo:

Antes de detalhar cada Círculo, é importante esclarecer que a sequência dos quatro Círculos é apenas uma sugestão de continuidade. Por exemplo, no 1º Círculo, escolhemos um texto filosófico e trabalhamos a técnica da autorreflexão; no 2º, a meditação; no 3º, a escrita de um diário; e, no 4º, a contextualização com a realidade. No entanto, em cada Círculo, os quatro passos eram integrados, formando o modelo do exercício filosófico. Assim, a progressão dos Círculos deve seguir estas etapas: 1º, a escolha de um texto filosófico; 2º, a meditação sobre esse texto; 3º, a escrita de trechos que se deseja aplicar, como sugeriam os estoicos e epicuristas, que viam esses textos como ferramentas de autotransformação; e, por fim, a contextualização do texto com a realidade atual.

Assim o resultado da pesquisa participante realizada com os adolescentes no 1º Círculo Filosófico, cujo tema gerador era “Sócrates e o autoconhecimento”, trouxe contribuições importantes sobre a percepção e os desafios dos jovens em relação ao autoconhecimento e à autoestima.

Na 1ª questão: O que me chamou a atenção no texto?

- 57,14% dos adolescentes mostraram interesse, questionamento e valorização das ideias de Sócrates sobre o autoconhecimento, além de uma busca por entender e aplicar essas ideias na prática cotidiana.

Com isso podemos concluir que os adolescentes demonstraram uma necessidade clara de conhecer e entender a si mesmos, o que destaca a relevância de temas filosóficos em suas vidas.

Na 2ª questão: Eu posso dizer que sou amigo de mim mesmo?

- 42,86% disseram que não são amigos de si mesmos, mencionando a autossabotagem como justificativa.
- 28,57% disseram ser amigos de si mesmos.
- 28,57% não opinaram.

Com essa questão concluímos que as respostas foram preocupantes e revelaram uma forte autocrítica, baixa autoestima e dificuldade em cultivar uma relação positiva consigo mesmos. A maioria expressa sentimentos de inadequação, culpa ou rejeição pessoal, indicando desafios significativos no desenvolvimento de uma autoimagem saudável, e que, portanto, trabalhar o autoconhecimento era uma questão necessária.

Na 3ª questão: Eu consigo dialogar comigo mesmo?

- 42,86% dos adolescentes disseram que sim.
- 21,43% disseram ter dúvidas.
- 28,57% não opinaram.
- 7,14% disseram que não conseguem conversar consigo.

Com essa questão podemos concluir que, enquanto alguns adolescentes utilizam o diálogo interno de forma construtiva, outros enfrentam desafios como sentimento de culpa e autocrítica. Isso destaca a importância do Círculo Filosófico e a pedagogia da filosofia socrática e foucaultiana, que promovem técnicas de diálogo e estratégias de reflexão positiva.

Na 4ª questão: O autoconhecimento é importante para você? Por quê?

- 57,14% responderam que sim.
- O restante não quis responder.

Com essa questão concluímos que o Círculo Filosófico e a proposta da filosofia socrático-platônica promoveram ambientes de diálogo aberto, permitindo que os jovens compartilhassem suas experiências e aprendessem uns com os outros sobre suas jornadas de autoconhecimento. Essas estratégias ajudaram a aprofundar o autoconhecimento dos jovens, potencializando benefícios para uma vida mais equilibrada e realizada.

Avaliação do Resultado do 2º Círculo Filosófico de 14/08/2023, cujo tema gerador era: Sócrates e a Meditação. No qual trabalhamos a primeira prática, ou técnica de si, chamada *anakhóresis*, que significa meditação.

Na 1ª questão: O que você entende por meditação?

Resultados:

- 71,43% dos educandos responderam e comentaram.

- 28,57% não quiseram comentar.

Nessa questão concluímos que cada resposta reflete uma faceta diferente da meditação, indicando que os adolescentes percebem esta prática não apenas como uma técnica de relaxamento, mas também como um meio profundo de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal. Essas percepções são consistentes com as abordagens tradicionais e contemporâneas da meditação, e enfatizam que os adolescentes podem trabalhar com essa técnica com o objetivo de conhecerem a si mesmos.

Na 2ª questão: Explique o que Sêneca quis dizer na obra *Sobre a brevidade da vida* ao dizer: “não te envergonhas de destinar para ti somente as sobras da vida e destinar à meditação somente aquela idade que já não serve mais pra nada”.

Tivemos como resultados, que:

- 71,43% dos educandos comentaram.

E chegamos à conclusão, de que os educandos, em geral, captaram a essência do conselho de Sêneca: a importância de dedicar tempo à meditação e ao autoconhecimento desde cedo, sem se deixar influenciar por opiniões externas ou esperar que a vida passe. Eles reconhecem que a prática da meditação é crucial para o equilíbrio e o bem-estar, e que deve ser integrada à rotina diária independentemente da idade.

Na 3ª questão: Sócrates desde jovem praticou a meditação como meio para se conhecer. Você praticaria meditação com o mesmo objetivo de Sócrates?

Tivemos como resultados, que:

- 64,29% disseram sim.
- 28,57% não quiseram responder.
- 7,14% responderam não.

Com isso concluímos que as respostas indicam que os jovens reconhecem a importância da meditação. Eles veem a prática como um caminho não só para o autoconhecimento, mas também para a saúde e o bem-estar geral, refletindo uma compreensão abrangente e integrada da importância da meditação. Os resultados mostraram um alto nível de engajamento e uma compreensão profunda dos benefícios da meditação entre os adolescentes. A maioria dos adolescentes viram a meditação como uma prática valiosa para o autoconhecimento e o bem-estar geral, alinhada tanto às tradições filosóficas quanto às práticas contemporâneas. Esses resultados obtidos neste Círculo reforçam a importância de integrar práticas de meditação e

filosofia no currículo educacional para promover o desenvolvimento pessoal e o equilíbrio emocional dos alunos.

Avaliação do Resultado do 3º Círculo Filosófico de 21/08/2023, cujo tema gerador: O diário de Marco Aurélio: uma jornada de autoconhecimento.

Na 1ª questão: Você já teve um diário? Como foi essa experiência?

Tivemos como resultados:

- 64,29% dos educandos disseram que nunca tiveram um diário.
- 14,29% disseram que sim.
- 21,43% não quiseram responder.

Com essa questão concluímos que apesar de a maioria dos adolescentes não ter a prática de escrever diários, os relatos dos educandos 4 e 8 que tiveram essa experiência mostram que a escrita de diários pode desempenhar um papel importante. Servem como um meio de autoexpressão e reflexão, com ambos os comentários destacando aspectos positivos. Isso indica que manter um diário pode ser uma experiência gratificante e enriquecedora para os jovens.

Na 2ª questão: Você concorda com Marco Aurélio, um diário pode nos ajudar a nos conhecermos?

Tivemos como resultados, que:

- 57,14% disseram sim.
- 14,29% disseram terem dúvidas.
- 21,43% não quiseram responder.

E com essa questão concluímos que a técnica de escrita de um diário foi analisada no Círculo Filosófico como uma possível alternativa no processo de autoconhecimento. No entanto, a prática ficou a critério de cada adolescente, refletindo uma abordagem flexível e personalizada para o autoconhecimento.

Na 3ª questão: Você toparia escrever um diário filosófico como meio para se conhecer a si mesmo?

Tivemos como resultados:

- 50% disseram que sim.
- 21,43% disseram que não.
- 21,43% não quiseram responder.
- 7,14% deram uma resposta vaga.

E com essa questão concluímos que o objetivo do 3º Círculo Filosófico foi alcançado ao refletirmos com os educandos sobre técnicas de autoconhecimento praticadas por Sócrates ou seus discípulos. As práticas foram sugeridas como possibilidades de autoconhecimento, sem imposição. As respostas dos adolescentes mostraram um interesse significativo na escrita de diários como uma ferramenta para o autoconhecimento, embora tenha havido uma parcela que não se mostrou interessada ou que ainda tem dúvidas. Em geral os resultados mostraram uma diversidade de experiências e opiniões sobre a prática de manter um diário, refletindo diferentes níveis de familiaridade e conforto com a escrita reflexiva. Contudo, nossa abordagem foi flexível, permitindo que os adolescentes escolhessem por adotar ou não a prática do diário. Para aqueles que se engajaram com a prática do diário, a experiência foi vista como enriquecedora e gratificante, destacando o potencial dessa técnica como uma ferramenta eficaz de autoconhecimento.

Avaliação do 4º Círculo Filosófico de 28/08/2023, cujo tema gerador foi: Identidade e História.

Na 1ª questão 1: De onde vem suas crenças e valores? Por que você acha certas coisas importantes? Essas ideias são realmente suas ou foram ensinadas por sua família, amigos ou sociedade?

Tivemos como resultado, que:

- 92,86% dos educandos responderam que suas crenças e valores vêm de suas famílias, amigos e da sociedade.
- 7,14% responderam que suas crenças e valores vêm de si mesmos.

E com essa questão pudemos concluir que a discussão sobre as origens das crenças e valores, especialmente à luz da teoria de Foucault, incentiva uma reflexão crítica sobre governamentalidade e autonomia. A maioria dos educandos reconheceram as influências externas em suas crenças e valores, mas também mostraram estarem empenhados em definir e moldar suas próprias crenças, o que é crucial para a construção de uma identidade crítica e autônoma. A consciência dessa influência externa é um passo importante para que os jovens possam questionar e eventualmente transformar suas crenças e valores de maneira mais autêntica e pessoal.

Na 2ª questão: Como as redes sociais e a publicidade afetam a maneira como você se vê? Como as expectativas de ser produtivo e bem-sucedido afetam sua autoestima e seus objetivos?

Tivemos como resultado, que:

- 71,43% dos educandos responderam que as redes sociais e a publicidade afetam sua maneira de se ver, majoritariamente de forma negativa.
- 21,43% disseram que as redes sociais não os afetam.
- 7,14% responderam que reconhecem que as redes sociais afetam a identidade das pessoas, mas não a sua em particular.

E com essa questão concluímos que as respostas revelaram uma gama de reações às redes sociais e à publicidade, desde resiliência saudável até influência crítica. A maioria dos educandos perceberam os impactos negativos das redes sociais e da publicidade em sua autoestima e na definição de seus objetivos. No entanto, todos demonstraram algum nível de resistência às comparações e expectativas externas. Essa consciência crítica é essencial para que possam desenvolver uma visão mais saudável e autônoma de si mesmos, apesar das pressões sociais.

Na 3ª questão: Como você pode criar sua própria história e viver de uma maneira que seja verdadeira para você, em vez de simplesmente seguir o que a sociedade espera?

Tivemos como resultado, que:

- Todos os educandos responderam a esta questão.

E suas respostas refletem maturidade e compreensão profundas do que é necessário para criar e viver uma história pessoal autêntica. Os educandos demonstraram uma capacidade de reflexão crítica e uma determinação em viver de acordo com seus próprios valores e crenças. A participação integral nesta questão sugere um alto nível de engajamento e uma forte vontade de resistir às pressões sociais para conformidade.

O Círculo Filosófico, ao incentivar o autoconhecimento, a reflexão crítica e a resiliência, ajudou esses jovens a fortalecerem suas perspectivas e habilidades para viver de maneira verdadeira e autêntica.

Com isso concluímos que o 4º Círculo Filosófico foi bem-sucedido ao promover uma discussão significativa sobre identidade, crenças e valores. A maioria dos educandos mostraram ter consciência das influências externas em suas vidas, mas também demonstraram um desejo de desenvolver uma identidade autônoma e crítica. As discussões sobre as redes sociais e a publicidade revelaram uma compreensão dos desafios contemporâneos, enquanto a reflexão sobre a criação de uma história pessoal autêntica mostrou uma maturidade crescente. Este

círculo, alinhado à teoria de Michel Foucault, contribuiu significativamente para o autoconhecimento e a autonomia dos educandos.

Em geral foi isso o que procuramos trabalhar no Círculo Filosófico, a filosofia do autoconhecimento, filosofia esta que prioriza a consciência de si, de quem é o sujeito e como este pode se transformar para agir socialmente. Consciência essa, crucial para que o adolescente ou sujeito em geral possa diferenciar sua identidade daquela imposta pelo neoliberalismo, que, segundo Michel Foucault, tem moldado as condutas dos sujeitos modernos.

Assim trabalhamos o autoconhecimento filosófico através tanto de uma via individual quanto uma social, levando os educandos a se conhecerem de forma individual, enfatizando a importância destes se aproximarem de si mesmo, de terem consciência de si, de se apropriarem dos discursos verdadeiros sobre si, bem como de suas emoções e pensamentos. Com os gregos e romanos trabalhamos as técnicas de si como um caminho possível para essa auto aproximação.

E com Michel Foucault trabalhamos a via coletiva do autoconhecimento, de como somos determinados socialmente, ou seja, como a conduta dos adolescentes é moldada pelo contexto social em que vivem. E que para se conhecerem verdadeiramente, precisam não apenas da consciência de si obtida através das técnicas de si, mas também de reconhecer a influência exercida pelo meio social.

Trabalhando essas duas vias no Círculo Filosófico, de uma consciência plena de si e da influência social que sofre o sujeito, buscamos no sentido tanto socrático como foucaultiano, trabalhar o conhecimento de si em vista da transformação de si, ou seja, que os adolescentes de sujeitos governado e dominado, passassem, ou melhor despertassem para a importância do governo de si mesmo, superando a governamentalidade descrita por Foucault, dando assim passos necessários no sentido de tornarem-se sujeitos autônomos e livres.

O uso da pesquisa participante fez toda a diferença para o objetivo que a pesquisa se propunha de no contexto educacional, como já foi dito, extrair um possível ensino de filosofia para o autoconhecimento de adolescentes. Ao promover um envolvimento profundo e significativo dos participantes, esta abordagem não só enriqueceu a qualidade dos dados coletados, mas também contribuiu para a construção do autoconhecimento que é relevante, aplicável e transformador para os educandos-adolescentes envolvidos.

A pesquisa participante se desenvolveu em círculos filosóficos, por ser uma metodologia inovadora e eficaz no processo de autoconhecimento dos adolescentes, oferecendo um espaço estruturado para a reflexão crítica e o diálogo profundo. Inspirados em práticas filosóficas

antigas, como as discussões socráticas e as comunidades de investigação, bem como os círculos de cultura de Paulo Freire, esses círculos promoveram um ambiente de aprendizagem colaborativa onde os jovens foram incentivados a explorar questões filosóficas relevantes para suas vidas e experiências.

No contexto dos adolescentes, os círculos filosóficos desempenharam um papel vital ao criar um espaço seguro e aberto para a expressão de pensamentos e sentimentos. Ao discutir temas filosóficos, os jovens desenvolveram habilidades essenciais de pensamento crítico, argumentação e autorreflexão. Essas discussões não só estimularam a curiosidade intelectual, mas também ajudaram os adolescentes a compreender melhor suas próprias identidades, valores e crenças.

Ao participarem dos diálogos filosóficos, os adolescentes aprenderam a questionar e a refletir profundamente sobre questões fundamentais, como as técnicas de si e a influência externa na formação de suas identidades. Esse processo de reflexão crítica foi essencial para o desenvolvimento de um entendimento mais profundo de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Os círculos filosóficos incentivaram a escuta ativa e o respeito pelas perspectivas dos outros. Ao ouvir atentamente e considerar diferentes pontos de vista, os adolescentes desenvolveram empatia e uma maior compreensão das experiências e sentimentos alheios, o que enriqueceu seu próprio processo de autoconhecimento.

Participar das discussões filosóficas ajudou os adolescentes a se tornarem mais autônomos em seus pensamentos e decisões. Eles aprenderam a assumir responsabilidade por suas opiniões e a justificar suas posições com base em argumentos racionais e reflexivos.

As discussões filosóficas frequentemente abordaram questões de identidade, valores e propósito de vida. Ao explorar esses temas, os adolescentes tiveram a oportunidade de investigar e afirmar suas próprias crenças e valores, contribuindo para a formação de uma identidade mais coerente e autêntica.

O ambiente dos círculos filosóficos promoveu o desenvolvimento de habilidades de comunicação eficazes. Os adolescentes aprenderam meios de articular suas ideias de maneira clara e persuasiva, a debater respeitosa e a colaborar na construção de entendimento coletivo.

A implementação dos círculos filosóficos requereu uma abordagem cuidadosa e facilitadora. Foi fundamental criar um ambiente inclusivo onde todos os participantes se sentissem valorizados e seguros para expressar suas ideias. A pesquisadora desempenhou um

papel crucial ao guiar as discussões, estimular a reflexão crítica e garantir que todos tivessem a oportunidade de participar ativamente.

Em suma, os círculos filosóficos ofereceram uma abordagem poderosa e transformadora para o autoconhecimento dos adolescentes. Ao envolverem-se em diálogos filosóficos significativos, os jovens desenvolveram uma compreensão mais profunda de si mesmos e de seu lugar no mundo, preparando-se para enfrentar os desafios e as complexidades da vida com maior clareza, empatia e responsabilidade.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hanna. **A vida do Espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ARRIANO, Flávio. **O manual de Epicteto**. Tradução de Aldo Dinucci; Alfredo Julien. São Cristovam - SE. Ed. UFS, 2012.

AURÉLIO, Marco. **Meditações**. Brasília: Ed. Kiron, 2011.

BARROS, Igor Corrêa. A emergência da população como problema político: o conceito de governamentalidade em Michel Foucault. Existência e Arte – **Revista Eletrônica do Grupo PET** – Ciências Humanas, Estética da Universidade Federal de São João Del-Rei – ANO XI – Número XI – Janeiro a Dezembro de 2018 e Janeiro a Dezembro de 2019. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/02\\_A\\_emergencia\\_da\\_populacao\\_como\\_problema\\_politico\\_o\\_conceito\\_de\\_governamentalidade\\_em\\_Michel\\_Foucault-convertido.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/02_A_emergencia_da_populacao_como_problema_politico_o_conceito_de_governamentalidade_em_Michel_Foucault-convertido.pdf)  
Acesso em: 21 de Fev. 2024.

BARROS, R. Uma análise da Lei 13.415/17: o novo Ensino Médio e o lugar da Filosofia no Currículo. REFILO: **Revista digital de ensino de filosofia**. Santa Maria - RS, v. 07, p. 01-31, 2021.

BLOOM, Harold. *Gênio: Os 100 escritores mais criativos da história da literatura*. [tradução José Roberto O'Shea; revisão de Marta M. O'Shea]. Rio Janeiro: Objetiva, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 30 jun. 2024.

CARTOLANO, M. T. P. **Filosofia no ensino do 2º grau**. São Paulo: Cortez, 1985.

COSTA, Cruz. **Panorama da história da filosofia no Brasil**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1960.

ERIKSON, Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FÁVERO, Altair Alberto et al. O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. **Caderno Cedes**, Campinas, v.24, n.64, p.257-284, set./dez.2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da liberdade**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Dizer a verdade sobre si**. São Paulo: Martins Fontes, 2022a.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2022b.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, ed. 2, 2023.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, ed.42, 2014.

GHIRALDELLI, Paulo. **Sócrates: pensador e educador**. São Paulo: Cortez, 2022.

HORN, G. B. **Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos**, 2.ed. Curitiba: CRV, 2017.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur, M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Kirk, G. S *et al.* **Pré-Socráticos**. 7ed. Tradução de Carlos Alberto Fonseca. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010.

KOHAN, Walter. **Sócrates e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011A.

KOHAN, Walter. **Infância: Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011B.

KOHAN, Walter. **Filosofia**: O paradoxo de aprender e ensinar. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, Walter. **Ensino de Filosofia**: Perspectivas. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LEBELL, Sharon. **A arte de viver**: O manual clássico da virtude, felicidade e sabedoria. Tradução de Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2018

LYOTARD, Jean-François. **Por que filosofar?**: Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

MONDOLFO, Rodolfo. **Sócrates**. Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1972.

MONTERO, M. F. **O ensino de filosofia no ensino médio brasileiro**: Antecedentes e perspectivas. São Paulo: Ed. Porto de idéias, 2014.

MUCHAIL, Salma Tannus. **40 anos de A hermenêutica do sujeito, de Michel Foucault** - Dia 1. YouTube, 2022. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=C3eGouhQvz0&t=351s>. Acesso em 08 de Ago. de 2023.

PAIVA, J. M.; PIOL, A. S. O ensino de filosofia na educação brasileira: das origens históricas a experiência de pensamento. **SOFIA**: Equador, núm. 19, p. 227-249, 2015.

PETERS, F. E. **Termos Filosóficos Gregos**: Um Léxico Histórico. Tradução Beatriz Rodrigues Barbosa. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, 1983.

PIEPER, Josef. **Só quem ama canta**: Arte e contemplação. São Paulo: Quadrante, 2021.

PLATÃO. **Alcíbiades I e II**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2015.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates – Critão – Menão – Hípias Maior** e outros. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª. Edição. Belém: Ed. UFPA, 1980a.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3ª. Edição. Belém: Ed. UFPA, 2000.

PLATÃO. **Crátilo – Cármites – Laques – Ion – Menexeno**. Tradução de Edson Bini. São Paulo, Edipro, 2016.

PLATÃO. **Critão – Menão – Hípias Maior** e outros. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª. Edição. Belém: Ed. UFPA, 2007.

PLATÃO. **O banquete – Fédon – Sofista - Político**. Tradução de José Cavalcante de Souza. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO. **Fedro – Cartas – Alcibiades I**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1975.

PLATÃO. **Protágoras – Górgias – O banquete – Fedão**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1980b.

PLATÃO. **Sofista – Político – Apócrifos**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1980c.

PLATÃO. **Teeteto – Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 1973.

RAGO, Margareth. **Foucault: a filosofia como modo de vida**. YouTube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIocII&t=657s>.

SÊNECA, L. A. **Sobre a brevidade da vida**. São Paulo, Penguin - Companhia das letras, 2017.

SILVA, Ademar Jr. Sobre alma. **Saber Humano**: Revista científica da faculdade Antonio Meneghetti, Edição especial: Cadernos de ontopsicologia, p. 35-48, fev.2016. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/102/230>. Acesso em: 02 mai. 2022.

SOARES, Leandro; FERREIRA, Mário. **Pesquisa participante como opção metodológica para investigação de práticas de assédio moral no trabalho**. rPOT, v. 6, nº 2, p. 85-110, julho-dezembro, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v6n2/v6n2a05.pdf>. Acesso em: 14 Ago. 2023.

SOUZA, Eduardo Boaventura. **O retorno do velado: radicalidade filosófica e autoconhecimento como fundamentos da educação libertadora**. 111p. Educação – UFBA, 2010.

## **ANEXO A: Sócrates e o autoconhecimento**

**UEB Cônego Nestor Cunha**

**Disciplina: Filosofia**

**Professora: Nívia Maria Rocha Dutra**

**Data: 07/08/2023**

**Educando:**

**1º CÍRCULO FILOSÓFICO**

### **TEMA GERADOR: SÓCRATES E AUTOCONHECIMENTO**

Sócrates, um filósofo grego do século V a.C., era conhecido por seu método filosófico que buscava a autorreflexão e o autoconhecimento. Ele acreditava que o verdadeiro conhecimento e sabedoria surgia a partir do reconhecimento da própria ignorância. Para conhecer-se a si mesmo, Sócrates praticava o que hoje é conhecido como “exame de consciência” ou “conhecimento de si”.

Ele não deixou nenhum registro escrito de suas ideias, mas suas filosofias foram transmitidas principalmente através dos escritos de seus discípulos, especialmente Platão.

O método socrático envolvia diálogos intensos e questionamentos profundos, nos quais Sócrates discutia questões morais, éticas e filosóficas com outras pessoas. Ele fazia perguntas provocativas para expor as contradições e as incertezas nas crenças das pessoas, fazendo com que elas confrontassem suas próprias ideias e ignorância.

No diálogo platônico, *Hípias Maior*, Sócrates nos mostra que o requisito primordial para o autoconhecimento é a amizade consigo mesmo. Pois aquele que deseja se conhecer precisa antes de tudo ser amigo de si mesmo, o que significa um diálogo constante consigo mesmo.

Segundo a perspectiva socrática a amizade consigo mesmo é uma jornada de autoexploração, autodescoberta e autotransformação. É uma aliança que transcende as superficialidades e mergulha nas profundezas de nossa essência. Com Sócrates como nosso guia, somos encorajados a nos tornarmos os confidentes mais íntimos de nossos pensamentos e ações, trilhando um caminho de crescimento pessoal e autoconhecimento que ecoa ao longo das eras

Sócrates acreditava que a reflexão constante sobre si mesmo e sobre suas ações levaria a uma vida mais virtuosa e justa, proporcionando uma maior compreensão do mundo e dos outros seres humanos. O lema socrático “conhece-te a ti mesmo” ainda é considerado relevante até os dias de hoje como um incentivo para a busca do autoconhecimento e do crescimento pessoal.

Nívia Maria Rocha Dutra

### **REFLEXÃO**

1. O que me chamou atenção no texto?
2. O que eu acho da ideia de Sócrates de que devemos ser amigos de nós mesmos para nos conhecermos?
3. Eu posso dizer que sou amigo de mim mesmo?
4. Eu consigo dialogar comigo mesmo?
5. O autoconhecimento é importante para você? Por quê

## **ANEXO B: Sócrates e a meditação**

**UEB Cônego Nestor Cunha**

**Disciplina: Filosofia**

**Professora: Nívia Maria Rocha Dutra**

**Data: 14/08/2023**

**Educando:**

**2º CÍRCULO FILOSÓFICO**

**TEMA GERADOR: SÓCRATES E A PRÁTICA DA MEDITAÇÃO**

Livro: O Banquete de Platão

Sócrates...

Uma vez que se pôs a meditar e ficou em pé, no mesmo lugar, desde a madrugada, como se não encontrasse solução para o que pensava, não desistiu, mas continuou imóvel, absorvido pela reflexão.

Veio o meio-dia, e os soldados o observavam. E diziam uns aos outros, pasmados, que Sócrates desde a alvorada se conservava naquela posição, pensando.

Enfim, uns jônios, já era pelo entardecer e todos haviam jantado, arrastaram para fora suas esteiras, para dormir ao relento, pois era verão, e também para observar se Sócrates passaria ali imóvel a noite inteira.

Pois ali permaneceu, naquela mesma posição, até a aurora e o nascer do Sol; e então fez sua prece a Hélios, e se foi.

**REFLEXÃO:**

1. O que você entende por meditação?
2. Explique o que Sêneca quis dizer na obra: Sobre a brevidade da vida ao dizer: “Não te envergonhas de destinar para ti somente as sobras da vida e destinar à meditação somente aquela idade que já não serve mais pra nada”
3. Sócrates desde jovem praticou a meditação como meio para se conhecer. Você praticaria meditação com o mesmo objetivo de Sócrates?

## **ANEXO C: O diário de Marco Aurélio: Uma jornada de autoconhecimento**

**UEB Cônego Nestor Cunha**

**Disciplina: Filosofia**

**Professora: Nívia Maria Rocha Dutra**

**Data: 21/08/2023**

**Educando:**

**3º CÍRCULO FILOSÓFICO**

**TEMA GERADOR: O DIÁRIO DE MARCO AURÉLIO: UMA JORNADA DE AUTOCONHECIMENTO**

Marco Aurélio, o famoso imperador romano e filósofo estoico, encontrou no ato de escrever um diário um poderoso instrumento para o autoconhecimento. Em suas reflexões diárias, ele desvendava os mistérios de sua própria mente e descobria os caminhos para a sabedoria e a serenidade.

Nas páginas do seu diário, Marco Aurélio explorava suas emoções, seus pensamentos e seus conflitos internos com sinceridade e coragem. Ele se questionava sobre suas ações, buscando identificar onde poderia ter agido com maior virtude ou coerência. Ao registrar suas experiências, ele encontrava padrões comportamentais que precisavam ser corrigidos e fortalecia seus princípios éticos. (Nívia Dutra)

### **DO LIVRO MEDITAÇÕES – MARCO AURÉLIO**

6. Se você encontrar na vida humana algo melhor do que justiça, verdade, temperança, fortaleza e, em uma palavra, algo melhor do que a autossatisfação de sua própria mente nas coisas que ela lhe permite fazer de acordo com a razão, e na condição que é designada a você sem sua própria escolha; se, eu digo, você vir algo melhor do que isso, volte para isso com toda sua alma, e aproveite o que você encontrou como sendo o melhor. Mas se nada parece ser melhor do que a divindade que está plantada em si, que submeteu a si mesmo todos os seus apetites, e cuidadosamente examina todas as impressões, e, como Sócrates disse, se separou das persuasões do sentido, e se submeteu aos deuses, e se preocupa com a humanidade; Se você achar tudo o mais menor e de menor valor do que isso, não dê lugar a mais nada, pois se você uma vez divergir e inclinar-se para aquilo, não mais poderá, sem distração, dar preferência àquela coisa boa que é sua própria posse e sua propriedade; pois não é certo que algo de qualquer outro tipo, tal como louvor de muitos, ou poder, ou gozo de prazer, deva entrar em competição com aquilo que é racional e politicamente bom. Todas essas coisas, mesmo que pareçam se adaptar [às melhores coisas] em um pequeno grau, obtêm a superioridade uma vez só, e nos levam para longe. Bem, então, se for útil para você como um ser racional, mantenha-se fiel a ele; mas se for útil para você apenas como um animal, afirme-o, e mantenha seu julgamento sem arrogância: apenas assegure-se que você faça a análise por um método seguro.

### **REFLEXÕES**

1. Você já teve um diário? Como foi essa experiência?
2. Você concorda com Marco Aurélio, um diário pode nos ajudar a nos conhecermos?

3. Você toparia escrever um diário filosófico como meio para se conhecer a si mesmo(a)?

## **ANEXO D: Identidade e história**

**UEB Cônego Nestor Cunha**

**Disciplina: Filosofia**

**Professora: Nívia Maria Rocha Dutra**

**Educando:**

**Data 28/08/2023**

**4º CÍRCULO FILOSÓFICO**

### **TEMA GERADOR: IDENTIDADE E HISTÓRIA**

Você já parou para pensar sobre quem você realmente é? O que faz você ser você? Muitas pessoas acreditam que existe algo dentro de nós que define quem somos, algo único e pessoal. Mas o filósofo Michel Foucault nos oferece uma ideia diferente e interessante sobre isso.

Quem é Michel Foucault?

Foucault foi um importante pensador do século XX. Ele estudou como as sociedades moldam as pessoas. Segundo Foucault, não existe algo fixo e imutável dentro de nós. Em vez disso, ele diz que a nossa maneira de nos vermos e entendermos é influenciada por forças externas, especialmente pelo capitalismo neoliberal.

O que é Subjetividade e Capitalismo Neoliberal?

Vivemos em uma época onde o capitalismo neoliberal, um sistema que valoriza a competição, a produtividade e o consumo, domina. Esse sistema não só controla a economia, mas também afeta profundamente a maneira como pensamos e agimos. Desde pequenos, somos expostos a muitas mensagens sobre o que significa ser bem-sucedido, bonito, inteligente ou feliz.

Redes sociais, publicidade, escolas, amigos e familiares, todos reforçam certas ideias sobre o que devemos querer e como devemos agir. Essas influências moldam a nossa subjetividade, ou seja, nossa identidade e nossos desejos.

Entender que nossa subjetividade é moldada por forças externas nos dá poder. Isso nos permite ver que não somos apenas produtos passivos do nosso ambiente, mas agentes ativos capazes de mudar nossa própria vida. Não significa que o processo seja fácil, mas é um passo importante para uma vida mais consciente e autêntica.

Para Foucault, o autoconhecimento é um processo de reflexão contínua e resistência às forças que tentam nos moldar. É descobrir que não há algo fixo dentro de nós, mas uma identidade em constante construção. E, ao nos tornarmos mais conscientes dessas influências, podemos começar a criar uma identidade que realmente reflete quem queremos ser, e não apenas o que o capitalismo neoliberal espera de nós.

O que isso significa para o autoconhecimento? Se não temos algo fixo dentro de nós, como podemos nos conhecer? Para Foucault, autoconhecimento é um processo contínuo de questionamento e reflexão sobre essas influências externas.

### **REFLEXÕES**

1. De onde vêm suas crenças e valores? Por que você acha certas coisas importantes? Essas ideias são realmente suas ou foram ensinadas por sua família, amigos ou pela sociedade?
2. Como as redes sociais e a publicidade afetam a maneira como você se vê? Como as expectativas de ser produtivo e bem-sucedido afetam sua autoestima e seus objetivos?
3. Como você pode criar sua própria história e viver de uma maneira que seja verdadeira para você, em vez de simplesmente seguir o que a sociedade espera?

**ANEXO E: Solicitação de autorização para pesquisa – Secretaria Municipal de Santa Quitéria**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO**



**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.**

Eu, Nívia Maria Rocha Dutra, Matrícula/UFMA N° 2022101498, responsável principal pelo Projeto de Pesquisa e Intervenção para dissertação de Mestrado em Filosofia do PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, venho solicitar autorização da Secretaria Municipal de Educação de Santa Quitéria do Maranhão - MA, localizada na Avenida Santos Dumont, para a realização da pesquisa na UEB Cônego Nestor Cunha, localizada na rua João de Deus n° 12, bairro Multirão em Santa Quitéria do Maranhão – MA, na turma do 9º ano “C”, matutino.

Tenho ciência de que a pesquisa tem como proposta realizar investigações qualitativas (observação participante, questionários, uso de mídias audiovisuais etc.) com os educandos, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “Do conhecedor a si mesmo à parresia: O ensino de filosofia na UEB Cônego Nestor Cunha”.

Entendo que essa pesquisa tem finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos (as) participantes e assegurando assim sua privacidade. Portanto, requeremos a permissão da secretária de educação do município de Santa Quitéria do Maranhão - MA para realização do trabalho para conclusão do mestrado da aluna Nívia Maria Rocha Dutra.

  
Wilmairene S. C. An. S. L. Mesquita  
Secretaria Municipal de Educação  
Santa Quitéria do Maranhão  
PORTARIA N° 425/2024

Assinatura da secretária de educação

Santa Quitéria do Maranhão - MA, 01 de 08 de 2023

## ANEXO F: Solicitação de autorização para pesquisa – U.E.B. Cônego Nestor Cunha



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS -CCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA - PROF-FILO



### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA.

Eu, Nívia Maria Rocha Dutra, Matrícula/UFMA N° 2022101498, responsável principal pelo Projeto de Pesquisa e Intervenção para dissertação de Mestrado em Filosofia do PROF-FILO da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, venho solicitar autorização da Unidade de Educação Básica Cônego Nestor Cunha, localizada na Rua João de Deus, nº 12, Bairro Mutirão, Município de Santa Quitéria do Maranhão - MA.

Tenho ciência de que a pesquisa tem como proposta realizar investigações qualitativas (observação participante, questionários, uso de mídias audiovisuais etc.) com os educandos, visando, por parte da referida aluna a realização de um trabalho de conclusão de curso intitulado “Conhece-te a ti Mesmo: O ensino de filosofia na UEB Cônego Nestor Cunha”.

Entendo que essa pesquisa tem finalidade de investigação acadêmica, que os dados obtidos poderão ser divulgados em meios científicos, preservando o anonimato dos (as) participantes e assegurando assim sua privacidade. Portanto, requeremos a permissão da diretora geral da Unidade Básica De Educação Cônego Nestor Cunha para realização do trabalho para conclusão do mestrado da aluna Nívia Maria Rocha Dutra.

Assinatura da diretora

GILDAMARA LEÃO NUNES

CPF: 904988873-91

GESTOR GERAL

Santa Quitéria do Maranhão - MA, 01 de 08 de 2023